

CLAUDIO MARCELO DE ALMEIDA

**OFICINAS DO JOGO E A REPRESENTAÇÃO GRÁFICA DOS
CONTOS DE FADAS PRODUZIDAS POR ALUNOS DO ENSINO
FUNDAMENTAL**

FLORIANÓPOLIS – SANTA CATARINA

2010

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA - UDESC
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE E DO ESPORTE – CEFID
MESTRADO EM CIÊNCIAS DO MOVIMENTO HUMANO**

CLAUDIO MARCELO DE ALMEIDA

**OFICINAS DO JOGO E A REPRESENTAÇÃO GRÁFICA DOS
CONTOS DE FADAS PRODUZIDAS POR ALUNOS DO ENSINO
FUNDAMENTAL**

Dissertação de Mestrado apresentada ao curso de Pós-Graduação *Stricto-Senso* em Ciências do Movimento Humano, da Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC como requisito parcial à obtenção do grau de mestre em Ciências do Movimento Humano.

Orientador: Prof. Dr. João Batista Freire

FLORIANÓPOLIS – S.C.

2010

CLAUDIO MARCELO DE ALMEIDA

**OFICINAS DO JOGO E A REPRESENTAÇÃO GRÁFICA DOS
CONTOS DE FADAS PRODUZIDAS POR ALUNOS DO ENSINO
FUNDAMENTAL**

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de mestre,
no curso de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano pela Universidade
do Estado de Santa Catarina - UDESC

Banca examinadora:

Orientador: _____
Prof. Dr. João Batista Freire da Silva
Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC

Membro: _____
Prof. Dr. Daniel Vieira da Silva
Universidade Federal do Paraná – UFPR

Membro: _____
Prof. Dr. Alexandre Andrade
Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC

Membro: _____
Prof. Dr (a). Thais Silva Beltrame
Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC

Florianópolis, março de 2010

A minha esposa Jeisa
e aos meus filhos
Gabriela e Heitor.

AGRADECIMENTOS

Agradeço...

Aos meus avôs, José Felix Borges (in memorian) e Maria Olinda Borges (in memorian) pela dedicação na educação dos netos, pelos inesquecíveis e afetuosos sorrisos e carinhos.

Aos meus amados pais, pelo amor, atenção e dedicação. Sempre fizeram além do possível pela educação dos filhos e hoje pela educação dos netos.

Aos meus queridos irmãos pelo carinho e apoio recebido durante esta jornada. Aos meus sobrinhos pelos sorrisos e alegria de serem crianças.

Ao meu sempre companheiro, conselheiro e estimado professor, Tio Silvio, quem muito me ensinou nesta jornada da vida. Ao estimado professor e amigo Icracir, dedicado à tarefa de educar.

Ao estimado Professor e orientador João Batista Freire, pessoa de imenso carinho e dedicação, que muito contribui para formação acadêmica e pessoal de seus alunos.

A professora Maria Ferreira Ferrazza, sempre dedicada à educação de seus alunos.

Aos queridos alunos daquele terceiro ano do ensino fundamental que muito nos ensinaram no dia a dia da escola.

Aos amigos Ciro e Olguinha pelo carinho, atenção e dedicação. Sempre dispostos em colaborar.

A minha querida amiga Atagy, por incentivar sempre de maneira afetuosa.

Aos amigos e amigas do grupo Oficinas do Jogo, que sempre grandiosamente colaboram para o aprendizado, através dos debates e depoimentos.

A minha amiga e companheira de mestrado Giselly, sempre pronta para colaborar de maneira generosa.

Aos meus muitos amigos que sempre de alguma forma colaboraram.

A minha amada esposa Jeisa, por sua dedicação e amor, a mim e aos nossos filhos, pilar fundamental de toda esta jornada. Sem seu fundamental apoio certamente este momento não seria possível.

Aos meus filhos Gabriela e Heitor, crianças que iluminam a minha vida, que me deram forças pra nunca desanimar.

MUITO OBRIGADO!

Numa folha qualquer
Eu desenho um sol amarelo
E com cinco ou seis retas
É fácil fazer um castelo...

Corro o lápis em torno
Da mão e me dou uma luva
E se faço chover
Com dois riscos
Tenho um guarda-chuva...

Se um pinguinho de tinta
Cai num pedacinho
Azul do papel
Num instante imagino
Uma linda gaivota
A voar no céu...

Vai voando
Contornando a imensa
Curva Norte e Sul
Vou com ela
Viajando Havai
Pequim ou Istambul
Pinto um barco a vela
Branco navegando
É tanto céu e mar
Num beijo azul...

Entre as nuvens
Vem surgindo um lindo
Avião rosa e grená
Tudo em volta colorindo
Com suas luzes a piscar...

Basta imaginar e ele está
Partindo, sereno e lindo
Se a gente quiser
Ele vai posar...

Aquarela, TOQUINHO

RESUMO

Esta pesquisa-ação teve como objetivo verificar se contos de fadas ouvidos em sala de aula e, em seguida, vivenciados nas ações lúdicas das Oficinas do Jogo, sofrem repercussão quando, após isso, forem representados graficamente pelos alunos de uma turma do terceiro ano do Ensino Fundamental. A pesquisa de cunho qualitativo foi realizada em uma escola da rede pública de ensino do município de Jaraguá do Sul – SC. Os instrumentos da coleta de dados foram os registros gráficos das crianças e o diário de campo. A análise dos dados foi realizada mediante a técnica de análise de conteúdo. No processo de análise foi comparado o conto tal como contado pela professora em sala de aula e a representação desse conto escritas pelas crianças. Os registros escritos das crianças após serem categorizados, juntamente com o conteúdo do diário de campo, compõem de maneira articulada e fundamenta teoricamente a análise e discussão dos dados. Por fim concluímos que nas práticas pedagógicas das Oficinas do Jogo, as crianças tornaram-se co-autoras e autoras de suas histórias. No momento de redigir, elas já tinham assumido uma posição de autoria que foi amplamente reforçada com as Oficinas do Jogo.

Palavras chaves: Contos de Fadas, Oficinas do Jogo, representação

ABSTRACT

The objective of this action-research was to verify if fairy tales listened in the classroom, and , right after, performed in Game Workshops, undergo any backwash when acted out graphically by a 3rd year primary school classroom. The qualitative research was conducted in a public school in Jaraguá do Sul, Santa Catarina State. The instruments used for data collection were the children graphic records and the field diary. The data analysis was done by the content analysis technique. In the process of analyzing, a comparison was made between the fairy tale told in the classroom by the teacher, and the representation of the same fairy tale written by the children. After being categorized, the written records of the children, along with the field diary content, compose in an articulate manner and in theory state, the analysis and data discussion. Concluding, it can be said that in the practice of Game Workshop tasks, children became co-authors and authors of their own stories. In the rewriting moment, they had already assumed the role of authors, which was totally supported through the Game Workshop.

Key Words: Fairy tales, Game Workshop, Acting-out

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Dados referentes a incidência de acréscimos	64
Tabela 2 – Dados referentes a incidência de interpretações	65
Tabela 3 – Média de acréscimos por conto.....	66
Tabela 4 – Diferenças percentuais entre médias de acréscimos de contos brincados e ouvidos.....	72
Tabela 5 – Média de interpretações por conto.....	75
Tabela 6 – Diferenças percentuais entre média de interpretações de contos brincados e ouvidos.....	76
Tabela 7 – Incidência de histórias inusitadas.....	82

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Média dos acréscimos.....	68
Gráfico 2 – Média das interpretações.....	77

LISTA DE APÊNDICES

APÊNDICE 1– Histórias escritas criança A.....	93
APÊNDICE 2 – Histórias escritas criança B.....	126
APÊNDICE 3 - Histórias escritas criança C.....	140
APÊNDICE 4 – História escritas criança D.....	159
APÊNDICE 5 – Histórias escritas criança E.....	178
APÊNDICE 6 – Histórias escritas criança F.....	194
APÊNDICE 7 – Histórias escritas criança G.....	209
APÊNDICE 8 – Histórias escritas criança H.....	236
APÊNDICE 9 – Histórias escritas criança I.....	251
APÊNDICE 10 – Tabelas.....	287
APÊNDICE 11 – Diário de campo do contos brincados.....	289

LISTA DE ANEXOS

ANEXO 1 – A Bela Adormecida - conto ouvido.....	297
ANEXO 2 – Peter Pan – conto ouvido.....	302
ANEXO 3 – Branca de Neve – conto ouvido.....	303
ANEXO 4 – João e Maria – conto ouvido.....	311
ANEXO 5 – O Gato de Botas – conto ouvido.....	317
ANEXO 6 – O Patinho Feio – conto ouvido.....	321
ANEXO 7 – A Princesa da Ervilha – conto ouvido.....	329
ANEXO 8 – A Raposa e os Gansos – conto ouvido.....	331
ANEXO 9 – O Rei Barba Horrenda.....	333
ANEXO 10 – O Ganso Dourado.....	337

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	15
1 O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO.....	22
1.1 UM OLHAR SOBRE A EDUCAÇÃO FÍSICA.....	31
1.2 AS OFICINAS DO JOGO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA.....	36
2 ENTRE O CONTO E A REPRESENTAÇÃO GRÁFICA.....	44
3 MÉTODO.....	51
3.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA.....	51
3.2 CENÁRIO DA PÊSQUISA.....	53
3.3 PARTICIPANTES.....	54
3.4 OS PROCEDIMENTOS DA PESQUISA.....	55
3.5 INSTRUMENTOS DA COLETA DE DADOS.....	57
3.5.1As Histórias escritas pelas crianças.....	58
3.5.2 Diário de campo.....	59
3.6 CONSTRUINDO AS CATEGORIAS DE ANÁLISE.....	59
4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS.....	62
4.1 CATEGORIA DE ACRÉSCIMOS.....	66
4.2 CATEGORIA DE INTERPRETAÇÃO.....	74
4.3 CATEGORIA DE HISTÓRIA INUSITADA.....	81
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	86
REFERÊNCIAS.....	89

INTRODUÇÃO

Se uma criança brincar a história que ouve, escrevendo-a, em seguida, que alfabetizado resultará?

Foi pensando nisso que sugerimos à professora de sala investigarmos essa questão. Habitualmente, na escola em que realizamos esta pesquisa, a professora recorria a contos de fadas para alfabetizar seus alunos. As crianças ouviam o conto, em seguida pegavam papel e lápis e escreviam a história. Desta forma, muitas histórias eram contadas e escritas ao longo do ano letivo. No segundo semestre do ano de 2008, sugerimos um trabalho em conjunto, a professora de sala e o professor de Educação Física. A proposta foi que, após alguns contos lidos pela professora e antes que o escrevessem, os alunos do terceiro ano escolar brincassem com eles, realizando construções com os recursos dos materiais das Oficinas do Jogo, uma prática pedagógica lúdica desenvolvida pelo Grupo de Estudos Oficinas do Jogo, de Florianópolis.

Prontamente a professora aderiu à idéia, de modo que, em alguns casos, isto é, após ouvir histórias e brincar com elas, as crianças construiriam um texto sobre elas; em outros casos, construiriam os textos sobre as histórias sem brincar com elas, apenas ouvindo-as.

Essa proposta de pesquisa teria que estar de acordo com os objetivos colocados para aquele terceiro ano do Ensino Fundamental. A alfabetização, que já era realidade para muitos alunos, porém, insipiente ainda, precisava ser realizada, tornando os alunos competentes na leitura e na escrita.

A proposta de contribuir com o processo de alfabetização, mais particularmente, na aquisição da linguagem escrita, em momento algum teve a intenção de refutar os métodos utilizados pela professora desse terceiro ano. Também não era objetivo transformar as aulas de Educação Física em auxiliar de outra disciplina, mas inseri-la como participante da proposta de alfabetizar, o que implicava em ampliar a prática tradicionalmente observada nessa disciplina, alargando os objetivos para além do saber fazer, para além do simples e puro movimento. A ideia é ampliar o alcance da Educação Física, na perspectiva de uma educação de corpo inteiro, onde as ações motoras resultem, entre outras coisas, em compreensão e tomadas de consciência. (FREIRE, 2003).

Nas práticas escolares, muitos esforços têm sido realizados por professores alfabetizadores, com a utilização de variadas formas pedagógicas, para tornar seus alunos competentes na leitura e na escrita. Porém, o que tradicionalmente vemos são práticas restritas às quatro paredes da sala de aula, como se ler e escrever não pudessem ser contextualizados em outro ambiente. Afinal, leitura e escrita são um processo de comunicação e relações entre sujeitos, assim como várias outras atividades corporais. “[...] ignorar ou limitar a totalidade lingüística e empobrecer a expressão inteligente.” (COLELLO, 2004, p.13).

Brincar com o conto certamente não garantiria à criança escrever mais bonito, ou escrever frases mais bem elaboradas do ponto de vista da gramática ou de qualquer outra regra da língua portuguesa. Esse não era o objetivo de nosso trabalho. O que fizemos foi criar um ambiente pedagógico, no qual as crianças puderam, nas brincadeiras de faz-de-conta, construir o conto ouvido, com liberdade de diálogo e expressão corporal, visando estabelecer relações entre o conto ouvido, o brincar com o conto e a produção da escrita.

De um lado temos o conto, de outro a escrita das crianças; entre elas, as brincadeiras de faz-de-conta com os materiais pedagógicos das Oficinas do Jogo, que transformaram o que foi ouvido em ações que re-viveram a história, dando-lhe sentido concreto na relação com os materiais e nas trocas com os amigos. Desta maneira, as habilidades motoras não representavam o objetivo final, e sim, meio de estabelecer relações entre o campo perceptual e o intelectual.

De acordo com Freire (2003, p. 81),

Não se passa do mundo concreto à representação mental senão por intermédio da ação corporal. A criança transforma em símbolos aquilo que pode experienciar corporalmente: o que ela vê, cheira, pega, chuta, aquilo de que corre e assim por diante

Nas aulas de Educação Física entrepostas ao conto ouvido e a escrita, as crianças, em grupos de três ou quatro, estabeleciam acordos e, em seguida, iniciavam suas construções. Nelas, cada conto ouvido na sala de aula adquiria, nas Oficinas do Jogo, forma, cor e animação. Caixas transformaram-se em castelos, pirâmides em torres, cordas em lagos, garrafas em florestas, tampinhas viravam animais, príncipes, rainhas, bruxas, muros, flores; bastões viravam escadas, pontes. Quando gostavam do que tinham construído, tudo era mantido; caso contrário, reconstruíam até ficar como queriam.

Esta vivência lúdica tinha por objetivo causar repercussões nas representações escritas. Para Bakhtin (2006), quem escreve fala de algo, fala sobre um determinado tema, o que implica na esfera sociocultural, ou seja, nas experiências ligadas ao que se fala. Quanto mais familiar for o tema, mais recurso terá o autor para desenvolver seu texto. Redigir não se limita à reprodução de palavras vazias, que nada significam para o autor. A redação deve refletir uma relação de sentido.

Os contos de fadas foram utilizados por estabelecer relações de sentido com o mundo infantil, uma vez que as crianças e os contos se aproximam pela fantasia, facilitando e aproximando, assim, a criança do ato da escrita. O conto em si proporciona “[...] novas dimensões à imaginação da criança, que ela seria incapaz de descobrir por si só de modo tão verdadeiro.” (BETTELHEIM, 1998, p.14). Porém, ao ouvi-lo, habitualmente a criança encontrava-se em sala de aula, sentada à frente de uma carteira. Nesse momento, a imaginação alimentava-se do conto ouvido e da subjetividade da criança, que acrescentava a ele suas experiências anteriores. A imaginação restringia-se a isso.

Consideramos o fato de que, para a criança, a imaginação é desenvolvida na dependência de suas ações corporais, na relação com o mundo concreto. Ouvir um conto certamente é um estímulo para imaginação, pois o ato de ouvir é uma ação corporal. No momento de escrever sua história, o que foi ouvido estabelece uma relação de sentido para a criança. Em contrapartida, brincar com o conto, construindo-o em ações práticas, é uma possibilidade de ampliar as relações de sentido pelas ações corporais, é interagir de corpo inteiro com o que foi ouvido, estimulando ainda mais a imaginação e dando mais sentido na produção da escrita.

Ao sair da sala de aula, o conto que até então tinha sido vivenciado apenas pela percepção auditiva, na brincadeira ganhou outras dimensões, era escrito, mas não com lápis e papel, e sim com os materiais pedagógicos das Oficinas do Jogo. As crianças ouviam, falavam, representavam, inventavam, acrescentavam e interpretavam. As brincadeiras proporcionavam entre outros, dois grande ganhos. O primeiro, ao enriquecer a imaginação, “[...] base de toda atividade criadora, manifesta-se, sem dúvida, em todos os campos da vida cultural, tornando também possível a criação artística, a científica e a técnica.” (VIGOTSKI, 2009 p. 14).

O segundo grande ganho proporcionado nas brincadeiras de faz-de-conta foi o de oportunizar novas relações de sentido. Durante as brincadeiras, palavras e cenas do conto ouvido, ao serem materializadas, permitiram às crianças transportarem o conto para o mundo delas, possibilitando novas compreensões e interpretações. A questão fundamental é que “[...] sentido é, antes de mais nada uma relação que se cria na vida, na atividade do sujeito.” (LEONTIEV, 1964 p. 103).

O jogo, ao estabelecer novas relações de sentido, certamente possibilitou um maior enriquecimento do imaginário, pois ele tem, em si, a propriedade de mediar o concreto e o imaginário, permite que os jogadores se apropriem da cultura humana e construam os equivalentes internos, as representações mentais, que enriquecem a imaginação. O símbolo desenvolvido no jogo permite, também, a intervenção no mundo real, ajudando a estruturar o pensamento e redimensionar as ações. (Freire, 2002).

No caso desta pesquisa, o que investigamos consiste em elucidar, conferir se as brincadeiras de faz-de-conta no contexto das Oficinas do Jogo interferiram na produção de histórias escritas pelas crianças. Alguns estudos investigando os efeitos das Oficinas do Jogo sobre a aprendizagem de crianças do Ensino Infantil e Ensino Fundamental, fundamentam esta pesquisa, alguns dos quais são mencionados a seguir.

Freire, no início dos anos 80, realizou um estudo com crianças que apresentavam problemas de aprendizagem. Organizou um programa em Educação Física com conteúdos que primavam pela produção, nas situações pedagógicas, de contradições e conflitos. As atividades propostas durante as aulas mobilizavam as noções de classificação, seriação e conservação. Ao final do programa constatou 80% de evolução na resolução de problemas de seriação e classificação,

comparando o pós-teste com o pré-teste. O autor concluiu que, “A educação Física não se põe a serviço de outras disciplinas, como auxiliar, mas, trabalhando seus conteúdos típicos, repercute fortemente no aprendizado de outras matérias.” (FREIRE, 2005, p.24).

Goda (2005), realizou um estudo tendo como objetivo principal avaliar o potencial das Oficinas do Jogo como prática pedagógica, e produzir aprendizagens em outros planos não previstos pela escola tradicional, a partir de temas de aulas gerados pelos próprios alunos. O autor concluiu que o programa Oficinas do Jogo contribui para a assimilação dos conteúdos escolares; os professores da turma de alunos envolvida foram unânimes em reconhecer o avanço obtido. Entre outras coisas aprenderam a ler e escrever. “Ao final, todas demonstraram progresso nesses quesitos. Para crianças moradoras desses bairros, agredidas diariamente pela violência urbana varrida para a periferia, incorporar instrumentos como leitura e escrita é fundamental.” (GODA, 2005, p. 130).

Os estudos realizados por Freire, Goda, entre outros, evidenciam a rica contribuição para o aprendizado das crianças, quando se cria um ambiente de aprendizagem contextualizado no plano concreto da realidade social do aluno. Também é evidente nos estudos, que a aprendizagem envolve diferentes áreas do conhecimento, e, sendo a Educação Física uma disciplina do currículo escolar, ao considerar a criança integralmente, a aprendizagem vai muito além das habilidades motoras, alcançando o desenvolvimento das estruturas cognitivas, sociais e morais, entre outras. Os fatos aqui elencados nos permitem levantar um novo questionamento: Intervenções lúdicas das Oficinas do Jogo causam repercussão na representação escrita dos Contos de Fadas, de alunos do terceiro ano do Ensino Fundamental?

Tendo como meta averiguar a questão levantada, o presente estudo tem como objetivo, verificar se contos de fadas ouvidos em sala de aula e, em seguida, vivenciados nas ações lúdicas das Oficinas do Jogo, sofrem repercussão quando, após isso, forem representados graficamente pelos alunos de uma turma do terceiro ano do Ensino Fundamental.

Para isso analisamos as escritas produzidas pelos alunos mediante a confrontação com o conto que as antecedeu, destacando:

Acréscimos, os quais são frases, palavras e nomes, que passaram a compor as histórias escritas a partir da criatividade da criança.

Interpretações, identificadas em frases e trechos escritos pelas crianças de maneira a interpretar partes do conto ouvido.

Contos inusitados, os quais são histórias escritas que pouco ou nenhum vínculo mantêm com o conto ouvido.

O presente estudo limita-se a investigar se contos de fadas ouvidos em sala de aula e, em seguida, vivenciados nas ações lúdicas das Oficinas do Jogo, sofrem repercussão quando, após isso, forem representados graficamente pelos alunos de uma turma do terceiro ano do Ensino Fundamental. A investigação foi realizada em uma escola da rede municipal de ensino de Jaraguá do Sul – SC.

1 O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO

É hora da redação. Inicialmente a professora pega um livro e solicita que todos fiquem atentos. Ela vai contar uma história. As crianças sentadas em suas carteiras cessam as conversas, voltam-se para a frente, fixam o olhar e mantêm os ouvidos atentos à professora, que não demora para começar a leitura. Enquanto lê, caminha lentamente de um lado para o outro da sala. Com as mãos, ensaia algumas gesticulações, o tom da voz varia a cada trecho, admira-se, questiona, contempla, utiliza-se de vários trejeitos na tentativa de reter a atenção dos alunos. Na passagem de algumas ações e emoções, o conto chega ao fim. Ela então solicita às crianças que escrevam a história ouvida. Com lápis e papel, alguns parecem paralisados diante da tarefa. De tempos em tempos alguém pergunta: “é para usar parágrafo?”, “tal palavra é escrita com x ou com ch?” Aos poucos arriscam-se a escrever uma frase ou outra. Quando a atividade é dada por encerrada, ela constata que alguns escreveram, outros tentaram, há aqueles que pouco produziram e aqueles que escreveram algo que pouco se entende.

A leitura de contos de fadas e a produção de textos, a partir deles, como meio de atribuir sentido ao processo de apropriação da escrita e da leitura, durante algum tempo foi um dos principais recursos usados naquele terceiro ano do Ensino Fundamental. Utilizar a produção de textos para promover a autonomia na leitura e na escrita, tem sido prática bastante utilizada no processo de alfabetização. Com a difusão, no Brasil, das teorias construtivista e sociointeracionista de ensino/aprendizagem, assim como outras, exige-se da escola a inserção do aluno

na cultura escrita, de maneira que ele a utilize como meio de expressão. (ALBUQUERQUE & MORAIS, 2008).

Os contos fascinam as crianças. Neles, expressões como, “era uma vez”, “num reino distante”, “há muitos e muitos séculos”, por si, já transportam ao mundo da fantasia, onde sapos viram príncipes, bruxas transformam-se em senhoras bondosas, animais em plantas, plebeus em reis. Nele, tudo pode acontecer.

Nas escolas, a prática de ensino da linguagem escrita e da leitura tem garantido às crianças a aprendizagem da codificação e decodificação de sons e letras, como também das técnicas básicas de redação. Porém, o domínio desses conhecimentos não tem sido suficiente para que elas superem o desafio de escrever textos com autonomia. As crianças que frequentam os primeiros anos do Ensino Fundamental são competentes para reproduzir oralmente uma história ouvida, mas nem sempre para representá-las pela escrita. Para muitos, na hora da redação, parecem faltar palavras, sentem dificuldade na transposição da fala para a escrita, dificuldades que muitas vezes não decorrem de algum problema ou distúrbio que possam apresentar, sendo apenas um processo normal de transição entre a linguagem oral e escrita. É necessário considerar que as duas formas de linguagem são complementares, porém, a escrita não é apenas uma representação da fala. Entre outras diferenças, a fala se realiza na presença de um interlocutor, se concretiza em um contexto de diálogo, enquanto a escrita se dá na ausência do interlocutor, o que implica recuperar fatos e sentidos que na fala estão implícitos. Escrever implica num esforço adicional de reflexão, de imaginação, e deve ser realizado organizadamente para ser compreendido pelo leitor. (VYGOTSKY 1979).

Para a criança, os problemas excedem o simples registro das palavras. Não se duvida do fascínio exercido pelos contos, da atenção enquanto ouvem, mas isto

não lhes garante a compreensão, a interpretação e a redação, pois, entre o conto ouvido e a construção do texto, há um hiato que precisa ser preenchido. São necessários instrumentos que permitam a transição do campo perceptual ao intelectual. A percepção auditiva permite a interiorização e a reflexão, mas ela, por si não basta. Gonçalves (1998) afirma que, falar, ler, escrever e movimentar-se são ações corporais diferentes, mas não desconectadas. Negar a importância de uma na constituição da outra é anular o potencial humano que pode avançar em ações conjuntas.

O que se faz então necessário para redigir?

Dar sentido, talvez. E isso pode ser facilitado pela ampliação das relações com o mundo, sentindo, tocando, cheirando, manuseando, correndo, pulando, falando, ouvindo, se emocionando, isto é, aprendendo integralmente, corporalmente. É a maneira de a criança interiorizar as percepções e gerar transformações internas. O aprender corporalmente é uma possibilidade de preencher o vazio entre o plano sensível e o pensamento. “É preciso considerar que os ingredientes básicos para a construção da língua escrita estão disponíveis [...] no meio ou nas múltiplas experiências dos indivíduos com os outros ou com as coisas.” (COLLELO, 2004, p. 37).

A leitura e a escrita não se reduzem à simples reprodução de palavras memorizadas; são, na realidade, um mecanismo de interpretação do mundo. Para escrever, o indivíduo apóia-se em fenômenos sociais que foram internalizados, transformados em fenômenos psicológicos, através dos signos. (VIGOTSKI, 2003). Ora, a criança, para redigir a sua história, apóia-se nas lembranças presentes em sua memória, decorrentes das mais variadas experiências vividas.

É necessário, portanto, compreender que as ações motoras agem sobre dois planos: o externo, das realizações concretas, e o interno, onde as experiências são convertidas em representações mentais. Sendo assim, as ações corporais são tão essenciais para a atividade intelectual quanto para a locomoção. Se, de um lado, há a escrita como atividade intelectual de representação e expressão, por outro temos o mundo concreto que precisa ser incorporado. “Ligando-os, está a atividade corporal.” (FREIRE, 2003, p. 81).

A criança, desde o nascimento, vive em constante comunicação com o mundo. As sensações fazem a mediação dela com o mundo, favorecendo interações que produzirão os conhecimentos. Ao ingressar na escola, a criança tem uma história rica de produção de conhecimentos, e isso não pode ser desconsiderado. No entanto, com muita frequência isso ocorre, e só o que vale é a transmissão do conhecimento sistematizado de cada disciplina. As práticas pedagógicas, em sua grande maioria, ainda tendem a privilegiar a dimensão intelectual, em detrimento das demais dimensões. À atividade motora, ao corpo (do modo como ele é entendido pela escola) fica reservado um espaço mínimo, o necessário para se imobilizar as crianças nas carteiras. Para aprender nesse formato escolar, é necessário desenvolver outros mecanismos de aprendizagem, pois o corpo que possibilitaria experiências e descobertas no mundo, fica imobilizado. “O divórcio entre as manifestações humanas e o pensamento impossibilita a construção da mensagem, a possibilidade da efetiva comunicação.” (COLELLO, 2004, p. 12).

Talvez, para o modelo tradicional de ensino, negar o corpo em favor de um espírito superior detentor da inteligência, seja o suficiente para educar, pois nesse formato escolar “[...] se aprendem nomes, não se aprendem as coisas a que eles se referem.” (ALVES 2003, p. 23).

Frequentemente, na escola, a aprendizagem das crianças é tratada de forma sucessiva e fragmentada. No caso da alfabetização, primeiro se ensina o aspecto técnico da escrita, a composição das letras e das palavras. No segundo momento se dá ênfase à leitura, à criança é designada a tarefa de ler textos previamente indicados pela professora. Só posteriormente a essas duas tarefas, chega-se à produção de textos. (TEBEROSKY & TOLCHINSKY, 2002).

Há uma outra questão, tão pertinente à aprendizagem quanto às ações corporais: as relações afetivas. Maturana (2005) diz não ser a razão que leva à ação, e sim à emoção. O argumento do autor é confirmado no domínio escolar, quando muitas crianças não veem significado algum nas práticas de leitura e escrita. O modo como a matéria escolar é ensinada, não produz uma emoção que motive a criança para aprendê-la. Partindo do pressuposto teórico de Maturana e da realidade escolar, alfabetizar significativamente requer estabelecer laços afetivos entre a criança e as práticas sociais.

Nota-se que o acesso à cultura letrada nem sempre está presente na vida da criança em outro ambiente que não seja a escola. Esse fato não é raro, porém, acentua-se nas escolas públicas. Há crianças que não têm hábito de brincar de ler, de escrever, de ouvir e contar histórias, que não convivem e nem mesmo são estimuladas à leitura e à escrita no ambiente familiar. Para estas famílias ler e escrever são aprendizados de responsabilidade da escola, sobre os quais elas não se sentem capazes de atuar. As crianças provenientes desses meios culturais são passíveis de enfrentar uma série de dificuldades com a aprendizagem escolar. Para elas, ler e escrever são atividades sem vínculos afetivos, que não estabelecem relações com o dia-a-dia. A competência comunicativa é influenciada pelas diversas situações de práticas comuns. “No entanto, a realidade diversificada de situações

comunicativas coloca em evidência as diferenças entre os falantes.” (TEBEROSKY & TOLCHINSKY 2002, p.90).

Os acessos e as restrições à cultura letrada é uma realidade que não pode ser ignorada pela escola. As crianças já familiarizadas com a língua falada e escrita, certamente não terão grandes problemas de aprendizagem, porém, a realidade não é a mesma para as crianças que não tiveram as mesmas oportunidades de acesso. Sendo assim, observa-se que a reversão deste processo seja talvez obtida ao se ampliar o olhar sobre a aprendizagem e transcender a educação intelectual, promovendo a educação com base nas relações afetivas e motoras. Ou seja, mais que ensinar a ler e escrever é preciso cativar as crianças e estimular seu gosto por essas práticas. Cabe à escola promover um ambiente pedagógico com atividades afetivamente relacionadas à leitura e à escrita, onde a produção do aluno seja motivada, apreciada e incentivada. Para Leite (2002), a afetividade é determinante nas relações estabelecidas entre os alunos e o conteúdo escolar. Dessa relação resultará a qualidade de mediação, e os efeitos repercutirão em nível cognitivo e, simultaneamente, afetivo, sendo ambos determinantes para futuras relações entre o sujeito e os conteúdos.

Madalena Freire (1983) evidenciou, em relatos de atividades, uma abordagem sobre a prática educativa em que a criança era vista como sujeito que constrói, no seu dia-a-dia escolar, seu próprio conhecimento do mundo. Para este fim, as atividades propostas, a mediação da professora e o ambiente escolar, buscavam estabelecer uma relação dinâmica e prazerosa entre o campo cognitivo e o afetivo.

A leitura do mundo, à qual se referiu Madalena Freire, não diz respeito à leitura realizada a partir do olhar criterioso do pedagogo, que já a realiza na sua forma mais intelectualizada. Diz respeito à maneira de ler da criança, que ainda não

a desenvolveu dessa maneira, mas compreende e interpreta o mundo a partir de sua existência física, ao seu modo, desde o nascimento.

Quanto aos métodos utilizados para alfabetizar, ainda se verifica em práticas pedagógicas, a imposição de um modelo no qual as crianças são alfabetizadas no cenário típico da sala, cuja arquitetura mantém-se fiel à mais antiga tradição educacional: salas fechadas, carteiras enfileiradas, crianças sentadas, movimento corporal restrito à tarefa de escrever e, raramente, levantar da cadeira; o silêncio é obrigatório, há ausência de beleza, de ações corporais, de interações sociais, de estímulos sensoriais. Cagliari (2007) observa que, nas práticas pedagógicas, muitas vezes se escreve e se lê coisas que não fazem o menor sentido para as crianças, coisas que nada têm a ver com a cultura infantil na qual estão inseridas.

O fracasso da alfabetização ainda é uma realidade na educação brasileira. A diferença é que, alguns anos atrás, era revelado por altos índices de reprovação e pela evasão escolar. Atualmente revela-se pelas avaliações dos órgãos governamentais, as quais demonstram altos índices de precário desempenho nas provas de leitura, o que denuncia um grande contingente de alunos semi-alfabetizados, após passarem quase uma década no Ensino Fundamental. (SOARES, 2004).

Goulart (2000), levanta a questão de que os processos educativos em classes de alfabetização não se têm mostrado suficientes para o desenvolvimento de leitores e escritores proficientes. A autora defende uma postura educativa em que a aquisição da escrita deve ser encarada como um processo de continuidade do desenvolvimento lingüístico, de maneira que as condições de produção da linguagem assumam papel relevante em sua constituição. Ela conclui o estudo afirmando que o processo de alfabetização deve permitir que os escritores “[...]”

desenvolvam suas próprias formas de captar o simbólico social nos textos, a partir de sua subjetividade, com sua assinatura.” (GOULART, 2000, p. 173).

Garantir um ambiente de interações, considerando o corpo em sua plenitude como sujeito da aprendizagem, é a possibilidade de transcender a dimensão intelectual, e até de favorecê-la, permitindo conexões com o campo afetivo, social e motor. É a possibilidade de se estabelecer uma relação de sentido do conteúdo com as coisas que mais interessam à criança, ao mesmo tempo em que se constitui um espaço de compreensão de suas características culturais e sociais. Dessa maneira, a criança pode absorver as múltiplas formas de leitura, de compreensão, de simbolização, de interpretação, presentes em seu cotidiano. Infelizmente, a instituição escolar ainda desconhece seus alunos, suas capacidades e habilidades, e continua a negar a implantação de um projeto político pedagógico comprometido com as classes populares, comprometido em reformular as ideologias educacionais. (SAWAYA 2000).

O objetivo da escola é que todos aprendam. Para a criança, a dúvida é: Aprender para quê? Essas questões em torno da alfabetização fazem lembrar a obra de Paulo Freire, que nos ensinou que a função do educador não é a de transmissão de algo pronto, acabado, mas sim a de permitir que, a partir de certos conteúdos, de um olhar sobre o mundo que considera a liberdade de expressão do educando, o aluno possa construir um novo conhecimento ainda mais elaborado e significativo. (FREIRE, 2006). Portanto, se a aprendizagem for constituída de coisas importantes apenas para o futuro, para ser alguém na vida, ela não fará sentido algum à criança. Mesmo que o educador saiba da importância da aprendizagem para o futuro, ele precisa levar em conta que, em se tratando de crianças, significativo é o que tem ligação com sua vida, com seu presente imediato. Ler e

escrever, só terá sentido para a criança se preencher a necessidade imediata, se for um espaço de expressão e liberdade, proporcionando prazer e não apenas um sentimento de obrigatoriedade em torno de reproduções de palavras e textos muitas vezes incompreensíveis. Ler e escrever é para toda a vida; no entanto, para a criança, ele tem que ser algo que se liga à sua vida num dado momento do presente.

O fato é que a aprendizagem das outras disciplinas é decorrente do domínio sobre a linguagem escrita e falada. Como aprender matemática, geografia, história sem dominar essas linguagens a ponto de compreender o que se aprende? Como responder um questionário sem interpretar? A criança tem o direito de fazer e compreender, de ter consciência do que produziu; tem o direito de incorporar e se apropriar do conhecimento produzido, desde a primeira palavra.

O que esperava a professora das produções das crianças, quando trabalhava os contos ainda sem o envolvimento da Educação Física?

A estratégia pedagógica da professora em utilizar os contos de fada, tinha por objetivo inicial, fugir das técnicas tradicionais utilizadas em alfabetização, quais sejam, as cópias, os ditados, as práticas ortográficas repetitivas, tomadas de leituras e outras. Ao utilizar contos de fadas, concretizava uma mediação de múltiplas possibilidades, onde não se preconizava apenas o produto final, a escrita, mas valorizava um processo com maior amplitude, envolvendo a leitura, a interpretação, a criatividade e a redação.

Ao ler o conto, a professora pretendia estimular o ato de ouvir, de interpretar, e motivar a prática da leitura. Em um segundo momento, quando solicitava, “Escrevam suas próprias histórias”, ela reservava, para os alunos, autonomia para produzirem seus próprios textos. Para ela, no processo de ensino/aprendizagem, a

redação não pode ser reduzida à formalidade de produzir um texto com objetivos restritos à ortografia e à gramática. Redigi-lo deve ser uma tarefa motivadora e facilitadora de expressões pessoais e criativas. Uma rica fonte dos indícios da relação sujeito/linguagem. E quando torna a fazê-lo, logo após brincar com o conto, ela vai além das próprias limitações e transforma o aluno em um co-autor, dá a ele a possibilidade e a liberdade de transpor para a escrita, as vivências que se tornaram pessoais, íntimas e principalmente, relacionadas com seus conhecimentos, levando a se ter um verdadeiro sentido.

A prática pedagógica até então utilizada pela professora, soma-se a várias outras que tentam fugir da tradição escolar de transmitir conhecimentos, e procuram possibilitar momentos ricos de aprendizagem criativa, neste caso, viabilizando a possibilidade do aluno se apropriar de maneira prazerosa da leitura e da escrita. Uma prática que nos faz retornar a Paulo Freire, lembrando quando ele afirma que “[...] ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para sua própria produção ou a sua construção.” (FREIRE, 2005 p. 47).

1.1 UM OLHAR SOBRE A EDUCAÇÃO FÍSICA

A Educação Física, por ser realizada em um ambiente diferente daquele que é mais tradicional na escola, isto é, a sala de aula, rompe com a parcial imobilidade corporal daquele espaço e proporciona um ambiente pedagógico com maior liberdade de expressão. Isso tende a gerar algumas expectativas nas crianças, que não estão diretamente ligadas à aprendizagem formal, isto é, aquela que se refere a caderno, escrita, leitura, cálculos, etc. O interesse da criança pelas aulas de

Educação Física é tão maior quanto mais os jogos constituem os conteúdos principais dessas aulas. É possível que as crianças não saibam tudo o que de fato aprendem nas aulas de Educação Física, porquanto o que fica na consciência delas é o que foi mais diretamente focado por sua atenção. Aprendizagens que se referem às noções de tempo, de espaço, de quantidades, regras morais, entre outras, constituem, de modo geral, meios de ação, para chegar ao que de fato interessa à criança, que são os objetivos dos jogos.

Quando bem articulados, os elementos que constituem as aulas planejadas de Educação Física, criam um ambiente pedagógico extremamente propício à aprendizagem. Referimos-nos às aulas de Educação Física que têm como foco o lúdico, porém, orientadas segundo uma metodologia que privilegie também o saber compreender da criança, e não apenas o saber fazer.

Porém, nas práticas escolares nem sempre esse potencial é bem explorado nas aulas de Educação Física. Se, por um lado, as demais disciplinas negam a ação corporal, por outro, a Educação Física, costumeiramente, nega o potencial do movimento corporal para a aprendizagem em outras dimensões, que não a motora.

Atualmente, o que se observa no início do Ensino Fundamental, com mais frequência, são aulas contempladas com grande variedade de conteúdos, os quais vão desde atividades lúdicas a exercícios pré-desportivos, todos abundantes em movimentos corporais. O jogo é um recurso pedagógico habitualmente utilizado por professores de Educação Física, porém, muitas vezes, por desconhecerem a dimensão desse fenômeno, acabam restringindo seu potencial pedagógico, limitando seus efeitos à diversão, ao prazer imediato, o que não deixa de ser importante, mas não indo, além disso. A falta de domínio de metodologias que transcendam o plano motor, impede ao aluno compreender algo além dos objetivos

imediatos do jogo. Dificilmente, nesses casos, chegarão ao plano da consciência, elementos que estão, não na periferia das ações, aquilo que é mais visível, tais como os conhecimentos relativos às dimensões intelectual, moral ou social. Em sua maioria, as aulas de Educação Física estão fundamentadas apenas em bases teóricas biológicas, voltadas para o desenvolvimento e manutenção de hábitos de saúde, para o desenvolvimento das habilidades motoras e das atividades esportivas. Ou seja, acabam ficando restritas ao ensino dos movimentos e ao desenvolvimento de hábitos saudáveis, privilegiando a dimensão motora e anulando o potencial de aprendizagem corporal para o desenvolvimento integral da criança. O corpo humano não se reduz a uma máquina produtora de movimentos. Para Moreira (1995, p. 171),

[...] o homem é um ser que se move, e seu movimento ultrapassa os limites das simples atividades mecânicas. O movimento humano não pode ser reduzido a deslocamentos físicos padronizados, ritmados ou gesticulações produtivas, pois a visão mecanicista reduz os movimentos do homem a simples atividades motoras, desprovidas de sentido humano.

A Educação Física deveria ser compreendida como tão importante para o desenvolvimento de dimensões como a intelectual ou a social, quanto para o desenvolvimento físico. Para tanto é preciso romper com o pensamento cartesiano reducionista, que vê a inteligência como elemento puramente racional e as atividades corporais apenas como manifestações motoras e exteriores. É preciso entender que as ações motoras, ao mesmo tempo em que permitem a estruturação física da criança, também permitem a organização das estruturas internas. Nas crianças que freqüentam os primeiros anos do Ensino Fundamental, os processos de pensamento são balizados por ações concretas: “As suas representações gerais do mundo baseiam-se na lembrança de exemplos concretos, não possuindo, ainda, o caráter de uma abstração.” (VIGOTSKI, 2003, p. 67).

O argumento teórico de Vigotski faz pensar na riqueza para a aprendizagem, que constituem as aulas de Educação Física, ao serem realizadas no plano das

ações concretas. Cabe, portanto, ao professor de Educação Física, organizar as intervenções pedagógicas de modo a explorar o potencial da disciplina, visando uma aprendizagem corporal pelas ações motoras, mas com objetivos estendidos a outros campos como o afetivo, o cognitivo e o social, comprometendo-se, desse modo, com uma educação plena, o que não significa educar para isto ou para aquilo, mas educar para a vida. De acordo com o que propõe João Batista Freire (2003), uma Educação Física que considera a criança em sua integralidade, proporciona uma educação de corpo inteiro. Uma prática que, ao propor movimentos, também proponha compreensão e interpretação do mundo, assim como reorganização do pensamento, tomada de consciência e construção de conhecimentos.

Ao se educar de corpo inteiro, em momento algum se nega a especificidade da Educação Física; ao contrário, faz-se uso da inteligência corporal para se comunicar com o mundo, com os outros e para se apropriar da cultura humana, de forma que seus conteúdos primordiais, os movimentos, não se encerrem em ações puramente motoras, mas alcancem a reflexão, promovendo a passagem das ações concretas para as simbólicas. “O ser humano tem o direito de fazer e compreender. A tarefa fundamental da escola é promover o fazer juntamente com o compreender.” (FREIRE, 2003, p. 27).

Nesta perspectiva, a prática da Educação Física não deve se relacionar apenas com execuções de movimentos estereotipados, obedecendo a padrões a serem seguidos por todos. Nas aulas, as ações motoras devem ser intensas, erros devem ser reparados, corrigidos, mas sem perder de vista a subjetividade, as possibilidades e singularidades da criança. Que não se confunda esta ação pedagógica com negligência para com o campo motor; entendemos que as ações motoras poderão ainda ser mais bem executadas se compreendidas.

Assim como dizem Venâncio & Martins (2005, p. 111),

À medida que a criança é capaz de compreender a sua ação corporal, conseqüentemente melhora o desenvolvimento de suas habilidades motoras, pois é uma estrutura a mais que possui para contribuir com o seu desenvolvimento. Assim, a criança deve ser estimulada desde cedo a refletir sobre a ação realizada, potencializando essa competência, o que permitirá alocar maiores recursos para o enfrentamento de sua vivência cotidiana.

A questão, porém, não se resume apenas a ampliar o olhar para além das questões motoras, que são fundamentais para a formação das crianças. Para contemplar objetivos visando o desenvolvimento pleno da criança, faz-se necessário entender o movimento como meio de relação com o mundo e mediador na apropriação da cultura. O professor precisa ter à mão, atividades que despertem a atenção, agucem a curiosidade e motivem a participação nas aulas. Que essas atividades sejam contextualizadas na realidade social das crianças, estabelecendo relações de sentido com o mundo delas. O jogo, como atividade típica da infância, contempla as necessidades pedagógicas do professor, além de que, “[...] tem a propriedade de trazer as experiências do mundo exterior para o espírito humano, de maneira que jogando com elas, a cultura possa ser criada, revista, corrigida, ampliada, garantindo o ambiente de nossa existência.” (FREIRE, 2002, p.88).

Como já mencionado acima, o jogo é atividade pedagógica bastante presente nas séries iniciais do Ensino Fundamental, mas sua contribuição pedagógica merece ser redimensionada. Com freqüência, nas aulas de Educação Física, o que vemos são práticas de jogos com fins meramente recreativos, ou, como atividades pré-desportivas. No primeiro caso são realizados, propondo não mais que entretenimento, desconsiderando as mediações e relações educacionais que pode proporcionar, como se jogar fosse apenas um relaxante para as atividades consideradas sérias e importantes. Há ocasiões em que jogar é visto como descarga de energias contidas, que, quando não liberadas, acabam atrapalhando no

andamento das atividades consideradas sérias. Por outro lado, é considerado sinônimo de esporte, sendo utilizado com o objetivo de ensinar as técnicas e estratégias esportivas, em muitos casos, visando o rendimento esportivo de alto nível. (CELANTE, 2005).

Ao ampliar a Educação Física para além dos objetivos biológicos, o jogo como recurso pedagógico deve ter seu prisma educativo alargado para além dos habituais já aqui identificados. A questão fundamental não está em descaracterizá-lo, utilizando-o como mediador de algo que seja a ele agregado, na tentativa de viabilizar a aprendizagem. Mas, isso sim, identificá-lo como portador de vasto caráter educativo, e não apenas com fins recreativos.

1.2 AS OFICINAS DO JOGO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Oficinas do Jogo é um conjunto de procedimentos e recursos pedagógicos que, por meio de estudos, debates, pesquisas e experimentações práticas, objetivam a formação continuada de professores e a produção de práticas pedagógicas que possam fortalecer os instrumentos de aprendizagem de crianças na Educação Infantil e no Ensino Fundamental. Integram as Oficinas do Jogo professores atuantes na rede oficial de ensino, estudantes de faculdades de Educação Física, Educação, Psicologia, Fisioterapia ou quaisquer outras pessoas interessadas em educação. Essas pessoas procuram o grupo, colocam suas experiências e, a partir delas, e confrontando-as com as opiniões das pessoas do grupo e diversas teorias, podem complementar, rever e, ou aprimorar seus conhecimentos. Por outro lado, verifica-se a possibilidade de levar essas pessoas a

praticarem nas escolas onde trabalham, uma pedagogia lúdica, aulas que chamamos Oficinas do Jogo. Quanto às pesquisas, quando realizadas, visam verificar os efeitos dessa pedagogia denominada Oficinas do Jogo na aprendizagem de escolares. Os pesquisadores são todos integrantes do grupo.

As práticas pedagógicas durante as aulas das Oficinas do Jogo são voltadas para crianças de Educação Infantil, e do Ensino Fundamental. Os conteúdos são em sua maioria lúdicos, isto é, os jogos constituem os conteúdos das aulas. De acordo com Freire (2002, p. 87),

O jogo é, como vemos, uma das mais educativas atividades humanas, se o considerarmos por esse prisma. Ele educa não para que saibamos mais matemática ou português ou futebol; ele educa pra sermos mais gente, o que não é pouco.

Ao aplicar o conteúdo, sempre quando as crianças já realizam com certo domínio o que foi proposto, o professor gradativamente produz variações na brincadeira. As variações, quando propostas, exigem uma nova reorganização para mais, seja do ponto de vista da organização do grupo, das idéias, das emoções, da moral, ou das coordenações motoras. De acordo com Freire (2003) o professor durante a prática pedagógica não deve fornecer soluções para as dificuldades encontradas no jogo, deve apenas dar pistas que possam levar a soluções ainda mais complexas. As alterações, quando assimiladas a partir de variações produtoras de conflitos, desequilíbrios, contradições, podem se tornar matéria consciente nas crianças, resultando em compreensão e importantes conceitos. Se o professor trabalhar de forma estimulante, eficaz, e criativa com os jogos, qualquer brincadeira pode ensinar a cooperar, a construir regras, a tomar consciência, etc.

Há outros momentos de ação pedagógica no contexto das Oficinas que exigem reflexão por parte dos alunos e possibilitam a tomada de consciência, como, por exemplo, no início e no final das atividades práticas, quando o professor solicita

que todos sentem em círculo e realiza reflexivas perguntas pedagógicas. Curiosas perguntas pedagógicas são aquelas que, dirigidas ao aluno faz com que ele se pergunte. Por exemplo: Do que foi que você mais gostou na aula? Para você, o que foi mais difícil de fazer? As crianças, cada uma, à sua maneira, e de acordo com a participação na aula, falam sobre suas atividades, como as realizaram, porque as realizaram, sobre as dificuldades e as facilidades encontradas. Dessa forma, as coordenações ou conhecimentos, que se revelam no plano do fazer, chegam ao plano da consciência. Aquilo, o que fazemos na prática são fortemente limitadas ao espaço e ao tempo da ação, ou seja, são localizadas e tornam-se prisioneiras do contexto onde ocorrem. Se puderem chegar ao plano da compreensão, rompem esses limites e espalha-se, não se sabe até onde, mas se tornam fonte de novos conhecimentos.

A intenção é que quando a aula seja encerrada, a criança tenha agregado algo a mais ao seu conhecimento. Com essas características, as Oficinas constituem uma ação pedagógica que cria um espaço privilegiado de aprendizagem, algo semelhante ao que Vigotski chamou de zona de desenvolvimento proximal. De acordo com Vigotski (2003, p. 112),

Esta é a distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes.

Os ganhos da atividade mental por intermédio do jogo estendem-se à atividade imaginária. No caso deste estudo, brincar de faz-de-conta utilizando os materiais pedagógicos das Oficinas do Jogo, permitiu que a representação mental de ser materializada e alicerçada pela atividade concreta, uma maneira corporificada e socializada de fertilizar a imaginação, pois o conto que era representação individual, nas Oficinas concretizava-se em social. As construções representavam a

subjetividade de cada criança ao tempo que as enriquecia pelas relações estabelecidas. “O fato é que precisamos imaginar e, para que a imaginação progrida precisamos jogar.” (FREIRE, 2002, p. 42).

Feijó (2005) realizou um estudo com o objetivo de envolver as crianças em atividades motoras lúdicas, através das Oficinas do Jogo, que aumentem suas possibilidades de promover o desenvolvimento no plano motor, intelectual, moral, afetivo, social e estético, além de fortalecer os instrumentos de compreensão da realidade em que estavam inseridas. Segundo Feijó (2005, p. 87),

Percebemos durante a nossa atuação que as crianças participavam com muito entusiasmo nas atividades das Oficinas do Jogo, convivendo em relações conflituosas e superando as diferenças entre elas, e evoluindo não somente no aspecto intelectual, mas também auxiliando nas relações sociais entre as crianças. Estes conflitos puderam ser vividos nas suas ações como normais, trabalhando as diferenças nas diversidades de formas, pesos, tamanhos e cores dos materiais utilizados nas Oficinas do Jogo.

Santana (2008) realizou um trabalho de pesquisa tendo como objetivo verificar a eficácia pedagógica das Oficinas do Jogo para o desenvolvimento da imaginação de alunos da Educação Infantil. Em seu estudo, a pesquisadora apontou a importância de um ambiente lúdico para o desenvolvimento infantil. Ao final concluiu que “[...] uma pedagogia lúdica, tal como a praticada nas Oficinas do Jogo, fortalece e desenvolve aquela que, para nós, é a maior das habilidades humanas: a imaginação.” (SANTANA, 2008, p. 143).

Morin enfatizou a importância de desenvolver a inteligência geral, de modo que: “A educação deve contribuir para a autoformação da pessoa (ensinar a assumir a condição humana, [...]) e ensinar como se tornar cidadão.” (MORIN, 2004, p. 65). Nas Oficinas do Jogo, os objetivos perseguem algo semelhante, pois as ações motoras são vistas como meio de desenvolvimento integral, considerando que, através delas, o indivíduo aprende e se desenvolve nas dimensões motora, afetiva, social, moral e cognitiva.

Nas atividades pedagógicas das Oficinas, as ações motoras prolongam-se em ações de ordem cognitiva, afetiva e social. Para que isto seja possível, o foco educativo direciona-se no sentido de propiciar situações que possibilitem aprendizagem significativas. Neste caso, as relações de sentido ocorrem pelas atividades típicas da infância, o jogo. Tratando-se da pesquisa que realizamos, as brincadeiras de faz-de-conta com os materiais das Oficinas visavam, entre outras coisas, estabelecer relações de sentido da criança com a produção escrita dos textos. Brincar de construir o conto ouvido, fez com que a criança atuasse no conto. De uma ação imaginária restrita ao campo mental no ato de ouvir, a criança passou a uma ação imaginária constituída também de ações motoras, dinâmicas, ao brincar com o conto. Desta maneira, ao chegar o momento da redação, como fonte de imaginação, juntava-se ao conto ouvido o que também foi construído com os materiais, no qual a criança fez parte da história, dando forma, cor, etc.

Nas intervenções pedagógicas das Oficinas do Jogo, são utilizadas como atividades pedagógicas, brincadeiras populares e um conjunto de materiais especificamente construídos para as Oficinas, os quais foram utilizados nas brincadeiras de faz-de-conta, onde as crianças representavam os contos de fadas. Na confecção do material pedagógico são utilizados produtos re-aproveitáveis, como caixas de papelão, meias velhas, bastões de madeira, garrafas pet, tampinhas de garrafas, cordas, tubos de plástico, latas, panos, etc. Esses produtos recebem um tratamento estético adequado para serem, então, considerados materiais das Oficinas do Jogo. As caixas de papelão viram figuras como pirâmides, paralelepípedos, cubos, etc., as meias tornam-se bolas de tamanhos e pesos diferentes, os bastões são cortados em tamanhos diferentes, e assim por diante. Posteriormente, todo o material é pintado nas cores, amarelo, vermelho, verde e

azul. As descrições detalhadas dos materiais pedagógicos das Oficinas do jogo encontram-se no livro de autoria de João Batista Freire, Educação de Corpo Inteiro.

Freire (2003) afirma que as variações em cor, forma, peso e tamanho, encontradas nos materiais pedagógicos são estimulantes para que a criança desenvolva o pensamento. Para Freire (2003, p. 55),

[...] o bom uso do material pedagógico é fundamental para que a escola atinja seu objetivo de estimular o desenvolvimento da capacidade de raciocínio da criança. Como o único objetivo da escola não é desenvolver o pensamento lógico-matemático, é bom lembrar que o uso de materiais (...) tem diretamente a ver com o desenvolvimento de outros componentes humanos, como afetividade e a motricidade.

Os materiais pedagógicos das Oficinas do Jogo, quando disponível às crianças, tornam-se por elas e para elas, brinquedos, além de possibilitar atividades lúdicas, contribui para a aprendizagem.

Na pesquisa que realizamos, para desenvolver as atividades das Oficinas do Jogo, as crianças eram previamente organizadas em grupos de três ou quatro. Posteriormente, brincavam com os materiais pedagógicos, reelaborando, fazendo a releitura dos contos de fadas ouvidos em sala de aula. Logo após as brincadeiras, o professor passava em cada um dos grupos e fazia perguntas sobre o que haviam construído. As crianças, cada uma à sua maneira, faziam seus relatos. Esse momento constituía-se em um espaço singular na educação, pois, ao ver as construções, o professor não poderia afirmar exatamente o que ali estava representado; elas representavam a subjetividade das crianças, portanto naquele momento, o conhecimento era de domínio delas e não do professor.

Diário de campo, A Bela Adormecida

Após algum tempo nos deslocamos com os alunos até a área aberta no piso térreo, espaço já destinado a diversas práticas pedagógicas. No local os materiais pedagógicos das Oficinas do Jogo estão organizados para a aula. São caixas de papelão de vários tamanhos e formas, bastões de tamanhos diferentes, cordas, tampas e garrafas petts, bolas com pesos e tamanhos diferenciados, todo esse material nas cores verde, amarelo, vermelho e azul. É o primeiro contato dos alunos com o material das Oficinas. No momento em que o material é avistado, há, naturalmente, uma exclamação

em coro, resultado do espanto delas em ver tanta coisa bonita disponível para brincar.

Após os alunos, satisfazerem suas curiosidades manipulando o material, solicitamos que sentem em círculo, em seguida instruímos que o material está disponível para que brinquem de construir contos. Optamos em pedir que formem pequenos grupos de três ou quatro integrantes e conversem sobre o que gostariam de construir.

Nada demorou e os grupos estão formados. Alguns tentam pular a parte da discussão e ir direto à construção, neste momento como vir, comunicamos que é necessário primeiro a conversa no grupo, para depois iniciar as construções. Sem muitas delongas, as crianças em seus respectivos grupos sentam em pequenos círculos e estão conversando.

Logo alguém questiona: “*Professor podemos começar?*”

- Se já discutiram o necessário para trabalhar em grupo, podem iniciar com os materiais. Respondeu o professor. Neste momento e sem mais demora os grupos dão início ao resgate de material para suas construções. Isto mais parece uma bagunça generalizada, são crianças correndo, conversas em tom de voz alta, todos querem angariar o maior número de material possível para seu grupo.

As caixas são as que mais despertam a atenção. Acredito que elas impressionam pela diversidade de tamanhos, todos querem tocá-las com as mãos, tatear para descobrir do que são feitas e se são pesadas. Algumas crianças admiram-se com as caixas grandes e leves. Com o decorrer dos minutos, o restante do material também foi procurado para as construções.

Após alguns minutos de brincadeira observamos que as construções giram em torno do castelo e na composição da mata ao seu redor. Detalhes são acrescentados com maior requinte, entre várias representações nota-se a Bela Adormecida (tampas amarelas); o rei, representado com tampas de cor azul; a rainha representada com tampas de cor vermelha; garrafas de cor verde são os guardas pelo jardim; um conjunto de tampinhas representam o jardim, o príncipe que ali adentrava após 100 anos de sono profundo para despertar sua amada, está representado em tampas de cor azul.

Após uns 20 minutos de atividade comunicamos aos grupos que deveriam encerrar suas construções e, que para isso, eles teriam apenas mais 5 minutos. Neste momento há uma certa euforia, uma correria em busca de certos materiais que podem acrescentar um detalhe na construção, uma tampinha de certa cor e tamanho para compor a rosa no jardim, uma garrafa vermelha será guarda, uma corda verde para ser a mata em torno do castelo. Todos querem caracterizar suas construções. Após os 5 minutos anunciados, alguns grupos ainda dão o toque final, neste instante anunciamos restar apenas mais dois minutos para o fim, alguns alunos quase entram em desespero, eles trabalham freneticamente e não se cansam em embelezar suas construções. Se permitido, certamente passariam horas e mais horas construindo.

Ao final do tempo anunciado, afastamo-nos de onde estão as construções e solicitamos que todos venham ao nosso encontro. Esta medida é tomada apenas com a intenção de preservar as construções de possíveis incidentes, procuramos evitar que alguém distraidamente derrube alguma construção. Sugerimos aos grupos passar visita nas construções e que as crianças expliquem o que construíram.

Em uma das representações, as crianças que construíram passam à frente e aguardam que alguém pergunte algo. Ensaiei uma pergunta, mas, logo um aluno questionou. “*O que são essas cordas?*” As crianças que construíram entreolharam-se e uma delas respondeu, “*É a estrada do castelo*”, uma outra criança apontou com o dedo e perguntou, “*e aqui*”, o que víamos era uma tampa de tamanho maior, bem mais alta que as de garrafas petts, outra criança respondeu, “*É o príncipe entrando no castelo*”, etc.

Seguimos para uma outra representação, pedi aos alunos que não perguntassem antes do grupo apresentar as construções. São quatro

crianças, uma delas inicia, “*este é o castelo da Bela adormecida, aqui na frente é o jardim e esses são os guardas*” (a criança aponta garrafas verdes). Vemos o castelo, em cima de uma das caixas, algumas tampas organizadas. Outra criança explica que ali é o quarto onde está a Bela Adormecida, diz também que ela está deitada na cama.

Todos os grupos fazem o relato de suas construções, cada um com detalhes específicos. O interessante é que ao olhar, parece-nos algo, porém nem sempre se confirma, pois ali está representada a subjetividade das crianças.

Nas brincadeiras de faz-de-conta realizadas com os materiais pedagógicos das Oficinas não houve o objetivo de tornar o jogo condutor de um ensino que a ele foi agregado. A alfabetização não estava ali inserida como tarefa para ser cumprida através do jogo. Para as crianças não havia a obrigação nem a necessidade de, naquele momento, aprenderem a ler e escrever, ou cumprir qualquer outra tarefa escolar; para elas, a tarefa resumia-se apenas a jogar. Eram movidas apenas pela satisfação de brincar. Porém, a aula era orientada por uma metodologia que, produtora de determinados conflitos, chamava a atenção, também, para os meios da ação e levava as crianças a realizar interpretações, e não apenas a repetir na brincadeira, o conto ouvido em sala de aula.

2 ENTRE O CONTO E A REPRESENTAÇÃO GRÁFICA

As crianças estavam sentadas, os olhos fixos na professora, vez por outra reações que se podiam verificar no semblante, e as reações corporais características de quando se está muito atento a algo. A professora, entusiasmada com sua aula, utilizava-se de variadas expressões corporais enquanto lia o conto. As crianças pareciam estar viajando, realmente vivenciando o conto, o que certamente ocorria na imaginação de cada uma delas.

Imaginar, de uma certa forma, é essa capacidade humana de produzir imagens mentais, que se formam a partir das experiências com o mundo exterior, apesar de não estarem presas a ele (inclusive porque, mais tarde, as imagens podem ser formadas a partir das próprias experiências interiores). “É exatamente a atividade criadora que faz do homem um ser que se volta para o futuro, erigindo e modificando o seu presente.” (VIGOTSKI, 2009, p.14).

No entanto, é necessário estar consciente de que a capacidade criadora não está limitada a grandes feitos, a grandes obras da ciência, da arte ou de qualquer outra área. A atividade criadora não se restringe a grandes gênios da humanidade, os que criaram obras imortalizadas, gênios como Albert Einstein, Aleijadinho, Beethoven, Graham Bell, Santos Dumont, Thomaz Edison, Van Gogh, e muitos outros. A imaginação é uma atividade comum a qualquer ser humano, que se faz presente no cotidiano permitindo, mesmo que de forma simples, romper os limites da rotina.

É durante a primeira infância que a atividade imaginária se forma (até mais ou menos seis, sete anos de idade). Nesse período de vida, a brincadeira é atividade constante. Um pedaço pequeno de madeira pode representar um carro, se for um cabo de vassoura pode ser um cavalo, com qualquer objeto circular, como a tampa de uma panela, a criança brinca de dirigir, com uma boneca brinca de mãe, de professora, etc. Utilizar um objeto como representante de outro, é possível pela atividade imaginária que se faz presente e possibilita a criatividade.

Sobre o símbolo interno, Freire afirma o seguinte (2002, p. 32),

[...] o símbolo interno é alguma coisa como a revelação de um negativo. A princípio como um a fotografia, pois as coisas reveladas Formam-se na nossa mente quadro a quadro, foto a foto. Mais tarde essas imagens ganham dinâmica e mostram-se como um filme.

Tendo como referência o exemplo de Freire, e realizando uma analogia, é como se as atividades fossem geradoras das cenas, para serem registradas pelas lentes de uma máquina fotográfica, que estaria no cérebro humano.

As experiências que alimentam a imaginação são provenientes das variadas formas de percepção: visual, auditiva, motora, tátil, etc. Ao serem internalizadas, convertidas em representação mental, ganha dinâmica. A atividade imaginária tem a propriedade de deformar, desconstruir, reformular, reinventar, etc., o mundo real em níveis diferentes de combinação da realidade, porém a imaginação ocorre a partir da atividade concreta. (VIGOTSKI, 2009). É onde se constitui um espaço de liberdade, onde as barreiras impostas pela realidade são violadas, transpostas. Na imaginação o impossível torna-se possível, o proibido torna-se permitido.

De acordo com Bachelard (1990, p.1),

Pretende-se sempre que a imaginação seja a faculdade de formar imagens. Ora, ela é antes a faculdade de deformar as imagens fornecidas pela percepção, é sobretudo a faculdade de libertar-nos das imagens primeiras, de mudar as imagens. Se não há mudança de imagens, união inesperada das imagens, não há ação imaginante. Se uma imagem presente não faz pensar numa imagem ausente, se uma imagem ocasional não determina uma prodigalidade de imagens aberrantes, uma explosão de imagens, não

há imaginação. Há percepção, lembrança de uma percepção, memória familiar, hábito das cores e das formas. O vocábulo fundamental que corresponde à imaginação não é imagem, mas imaginário. O valor de uma imagem mede-se pela extensão de sua auréola imaginária. Graças ao imaginário, a imaginação é essencialmente aberta, evasiva.

A possibilidade dinâmica da imaginação permite a combinação de diversos elementos e eventos internalizados. Ao vermos apenas uma parte de um determinado objeto, a imaginação nos permite completá-lo com base nas vivências anteriores. Se o objeto não possui cor, a imaginação nos permite colori-lo. O sol ao ser avistado de pequena janela, possibilita-nos fazer uma idéia de como está o dia. Estes exemplos se concretizam na “ação imaginante” dita por Bachelard (1990) e é reforçada pelo neurocientista Ramachandran (2004), ao comentar que a imaginação é capaz de completar as lacunas de nossa visão, preencher o que falta. Permite uma criação a partir de fragmentos da realidade. “Um coelho olhado atrás de uma cerca de ripas, por exemplo, não é visto como fatias de coelho, mas como um coelho por trás das barras verticais da cerca; sua mente aparentemente preenche os segmentos desaparecidos do coelho.” (p. 125).

Outra forma de relação entre fantasia e realidade, que muito tem a ver com esta pesquisa, é a formação de imagens, a criação de cenas e cenários a partir de uma narrativa. O contexto de um conto ou de um fato real ao ser narrado, são acontecimentos que não fazem parte da experiência direta de quem ouve, mas possíveis de serem imaginados, com base nas experiências anteriores. Um cenário desconhecido é construído na imaginação a partir dos elementos já internalizados anteriormente. Ou seja, a narrativa desencadeia novas combinações, reelaborações das experiências anteriores, despertando a imaginação, ao mesclar fantasia e realidade, instigando o interesse e permitindo extrapolar o limite da própria existência. Possibilita a apropriação das experiências sociais e históricas alheias. (VIGOTSKI, 2009). Portanto, a imaginação é produto da subjetividade, no entanto,

ancorada no social. Segundo o autor russo, toda criação, por mais individual que pareça, sempre contém um componente social, que, por fim, interfere e direciona a atividade imaginária do indivíduo.

Destaca-se que a imaginação é atividade mental que ocorre na dependência de processos internos. As percepções, quando convertidas em símbolos, apenas dão início a um processo. Da mesma forma, quando se vê o resultado da imaginação, o redimensionamento da realidade ou, ainda, a criação do inédito, constata-se apenas o produto final. Entre a percepção e a criação, ocorrem diversas interferências internas, que modificam o que foi suprido da realidade. Após as percepções, tem-se o início do processo destacado por Ribot apud Vigostski (2009), como período de “incubação”, o qual pode demorar anos: “Ele durou 17 anos para Newton, que, quando finalmente confirmou sua descoberta em cálculos, foi tomado por um sentimento tão forte que precisou confiar a outra pessoa a tarefa de concluí-los” (p. 22).

A atividade imaginária da criança diferencia-se da atividade imaginária do adulto; inicialmente, por haver interesses diferentes nessas duas distintas fases da vida. O adulto tem um repertório de experiências maior, porém, sua imaginação é cerceada pela consciência e a racionalidade social. A criança, por ser menos controlada, exerce a atividade imaginária com menos limitações. Elas “[...] tendem a se envolver, a se entregar mais livre e intensamente à fantasia do que os adultos.” (OLIVEIRA, 2007, p. 76). Portanto, ela inventa, cria situações imaginárias, muitas vezes, quase completamente desconectadas da realidade. Mais que o adulto, ela vive inventando situações, fatos; parece viver transitando entre o mundo real e o mundo da fantasia. Neste contexto, o jogo, para a criança, possibilita um acúmulo de experiências, uma troca de informações nas relações estabelecidas, dando vazão à

imaginação, ao mesmo tempo em que mantém um vínculo com a realidade. Por exemplo: na brincadeira de faz de conta, um castelo era representado com caixas, mas ela sabe que se trata de caixas e não de castelos, pois ela conhece as propriedades e o uso que é possível fazer delas. Quanto ao elo entre jogo, imaginação e realidade, observa-se em Freire (2001),

Predomina, nesse ambiente, a subjetividade, embora possam permanecer âncoras objetivas da realidade, como a criança que escolhe, para brincar de cavalinho, um bastão comprido em vez de uma mesa, por exemplo, porque o bastão, mais que a mesa, assemelha-se a um cavalo, e é essa semelhança que constitui o vínculo com a realidade. (p. 51)

No jogo a criança se apropria da realidade, reelaborando-a de maneira a suprir suas aspirações e anseios. No espaço lúdico, dirige-se carros, pilota-se aviões, a criança é príncipe ou a princesa dos Contos de Fadas, o castelo imaginário ganha vida, ganha animação.

No plano subjetivo, a imaginação contribui, por sua atividade criadora, no surgimento de novas idéias, de pensamentos, na formação de novos conceitos, possibilitando a ampliação da complexidade mental. (VIGOTSKI, 2009).

Segundo Egan (2007, p. 13): “A originalidade em termos de idéias quase sempre está relacionada com a capacidade imaginativa de ver as soluções para os problemas.” Vendo por este prisma, o autor não determina a imaginação como uma das atividades da mente, mas sim, como um estado da mente, que permeia todas as demais funções mentais. Ela não se distingue da razão, mas é o que lhe dá plasticidade, possibilitando a ousadia na criação. “Ser imaginativo, então, não é ter uma função específica altamente desenvolvida, mas é ter capacidade aprimorada em todas as funções mentais” (p. 34).

Ora, tais argumentações, vistas até o presente momento, levam a crer que, do ponto de vista pedagógico, a atividade imaginária da criança deve ser

constantemente estimulada. A escola deveria constituir um ambiente propício para o enriquecimento da atividade imaginária.

Assim como o jogo, que possibilita a expressão da imaginação, a escrita também se constitui em espaço que permite a expressão imaginária, a fantasia. Pela escrita a realidade é deformada, reconstruída, os personagens presentes na imaginação ganham vida, a realidade é interpretada. Na escrita, a imaginação ao ganhar vida, também ganha enredo. (COLELLO, 2007).

Na infância, a criança encontra dificuldades em se expressar pela linguagem escrita, que diferentemente da fala, exige maior grau de abstração, maior concentração, além do que, geralmente a criança não compreende a necessidade, o significado, a importância da escrita, para ela, isto é, não há uma relação de sentido entre ela e a linguagem escrita. Blonski apud Vigotski (2009) enfatiza a necessidade pedagógica de incentivar a criança à criação literária, partindo de temas que estejam diretamente ligados com a realidade dela, com liberdade de expressão, assim estimulando a imaginação. Tolstoi, também colaborador de Vigotski, a partir de seu estudo sobre a criação literária de crianças camponesas, argumenta da necessidade para a criação literária, de possibilitar meios para que as crianças construam a própria expressão literária, ao invés de tentar impor a elas, as formas mais intelectualizadas usadas pelos adultos. É necessário, diz este autor, estímulo e material para a criação. Vigotski, fazendo referência ao estudo realizado por Tolstoi, conclui que, mais que ensinar a compor, é necessário estimular na criança uma forma de expressão.

Segundo Colello (2007), “Aprender a escrever não garante necessariamente a possibilidade de se aventurar na escrita da imaginação” (p. 219). O fato de ouvir um conto propõe por si, certo grau de imaginação, no entanto, ao redigir um texto, a

criança para ser criativa, imaginativa, dependerá de seu nível de abstração, para superar a simples reprodução. A referida autora realizou um estudo analisando a produção escrita de crianças de 1ª a 5ª série do ensino fundamental. Tinha como objetivo, evocar a fantasia para avaliar o grau de imaginação dos alunos. A pesquisadora verificou que alunos de 1ª a 2ª série tendem a escrever sobre seus interesses, sobre elementos de seu contexto imediato, sem muito se aventurar pela fantasia. Para a pesquisadora, a elas faltava maior grau de abstração. Diante de tal constatação, ela levantou a hipótese de que a maneira como a escrita é tradicionalmente trabalhada na escola, contribui para os baixos índices de abstrações dessas crianças.

Diante das questões teóricas aqui elencadas, torna-se possível compreender, como as experiências vivenciadas pelas crianças são fundamentais no desenvolvimento da imaginação e da linguagem escrita. Percebe-se também, o quanto o jogo é enriquecedor da atividade imaginária. Compreende-se, portanto, que quanto mais ricas forem as vivências, as relações estabelecidas, maiores serão as abstrações das crianças, maiores serão também as possibilidades de expressão da fantasia pela linguagem escrita, o que justifica a importância pedagógica de enriquecer as experiências das crianças no contexto da cultura infantil, na atividade lúdica. A linguagem escrita para criança, assim como o jogo, deve ser um espaço de expressão, de imaginação, possibilitando a interpretação e reelaboração da realidade.

3 MÉTODO

3.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

Por se tratar de uma pesquisa realizada dentro de um contexto pedagógico, que visa averiguar a repercussão das ações lúdicas das Oficinas do Jogo na representação escrita dos alunos do terceiro ano do ensino fundamental, portanto, envolvendo relação entre sujeitos, de maneira a provocar uma alteração de comportamento, uma análise qualitativa nos parece ser pertinente. Pois, de acordo com método qualitativo, este estudo busca identificar a relação entre dois eventos sociais, as atividades lúdicas e as representações escritas. No entanto, para melhor visualização dos dados será também realizada uma análise quantitativa.

A modalidade de pesquisa qualitativa supõe, de acordo com Bodgan & Biklen (1994, p. 28) um pesquisador que “[...] mantenha contato direto e prolongado com o meio ambiente da situação que está sendo investigada, a fim de que sejam compreendidos os significados das ações de um sujeito ou grupo de sujeitos inseridos no ambiente de um contexto social concreto.”

Segundo Martins (2004, p 289),

A pesquisa qualitativa é definida como aquela que privilegia a análise de microprocessos, através do estudo das ações sociais individuais e grupais, realizando um exame intensivo dos dados, e caracterizada pela heterodoxia no momento da análise.

A inabilidade das crianças em compor textos durante o processo de alfabetização gerou a disposição de incluir a Educação Física como disciplina participante do processo de alfabetização, tendo como finalidade fertilizar a imaginação das crianças pelas brincadeiras de faz-de-conta, com os materiais

pedagógicos das Oficinas do Jogo. Optamos, então, por investigar qual seria a repercussão desta intervenção pedagógica na representação gráfica das crianças.

Ao se estabelecer relações sociais que possam interferir no processo de representação gráfica das crianças, com anseio de transformação da realidade pedagógica e sendo o pesquisador o próprio professor que ministra aulas de Educação Física para os alunos envolvidos na investigação, a modalidade de pesquisa mais indicada para tal caso é a pesquisa-ação.

A pesquisa-ação se constitui em um método de pesquisa que possibilita ao pesquisador assumir duas dimensões, a de sujeito participante da ação e a de pesquisador. Porém, exige do pesquisador ou grupo de pesquisadores, um olhar muito mais criterioso sobre a realidade que se deseja investigar, exige uma tomada de distância, necessária para melhor compreender sua ação, o que permite ampliar o olhar sobre a prática e seu entorno, a fim de assumir uma posição de observador consciente e crítico. Ou seja, o professor no contexto escolar assume duas posições: a de professor, sujeito da pesquisa e a de pesquisador de seu fazer. (FRANCO, 2005).

“Essa imbricação entre pesquisa e ação faz com que o pesquisador, inevitavelmente, faça parte do universo pesquisado, o que de alguma forma anula a possibilidade de uma postura de neutralidade e de controle das circunstâncias de pesquisa.” (FRANCO 2005, p. 490). No entanto, como pesquisa-ação, o saber produzido durante o estudo é transformador dos sujeitos e das circunstâncias. A essência desse tipo de pesquisa se constitui em processos de ação-reflexão/reflexão-ação, um “ir e vir” de ações, as quais se constroem de acordo com as necessidades do processo, com o objetivo de resolver um determinado “problema”, resultando numa prática pedagógica mais consciente.

Segundo Desroche (2006, p. 44): “[...] de acordo com o significado atribuído ao hífen que caracteriza a marca pesquisa-ação, trata-se de: ou sair da ação para entrar na pesquisa, ou partir da pesquisa para entrar na ação.” Neste caso saímos da ação prática para entrar na pesquisa.

Neste estudo, as reações, as falas, os gestos e as histórias escritas não apenas serviram de registro para posterior análise, mas como orientação no processo, sendo percebido como consequência deste. No decorrer da pesquisa, à medida que realizávamos as atividades práticas das Oficinas do Jogo, tanto as crianças pesquisadas, quanto os pesquisadores, passaram a aumentar o nível de consciência sobre as atividades, refletindo nas práticas posteriores e nas representações gráficas das crianças.

Segundo Desroche apud Colin (2006, p. 70),

Dar aos homens a possibilidade de se expressar, de perder suas inibições, de deixar de acreditar que eles são feitos somente para executar tarefas, ao passo que outros são feitos para pensar. Estes homens, que querem pensar sua ação, tratá-la, argumentá-la, distanciar-se dela, criticá-la, estendê-la, dominá-la, prolongá-la, redigi-la, apresentá-la, transmiti-la, têm um excelente material [...]. É isso que eu denomino ‘pesquisa permanente’, que precisamos entender como ‘pesquisa-ação’.

3.2 O CENÁRIO DA PESQUISA

A pesquisa foi realizada em uma escola da rede pública de ensino, do município de Jaraguá do Sul – SC, localizada no bairro Águas Claras, periferia da cidade. A comunidade deste bairro é constituída por famílias de classe média baixa, na maioria operária. A escola, localizada logo na entrada do bairro, atende as crianças da comunidade, desde o jardim de infância até o quinto ano do ensino

fundamental. É uma escola de pequeno porte, atendendo em média duzentos alunos por ano letivo.

A estrutura física desta escola, adequada para as práticas pedagógicas, contém seis salas de aula, uma biblioteca pequena, uma sala de informática com seis computadores para atender as crianças, um pequeno parque de diversões, uma quadra destinada às atividades esportivas. Sob a edificação que abriga no piso superior, três salas de aula e um almoxarifado, há um espaço amplo e aberto, onde são realizadas algumas atividades pedagógicas e eventos que reúnem os alunos da escola, como as homenagens cívicas. Neste local foram desenvolvidas as práticas das Oficinas do Jogo. No entanto, por ser local destinado a várias atividades pedagógicas, em uma das atividades programadas não foi possível realizar as Oficinas do Jogo, mediante este imprevisto adaptamos e a realizamos em sala de aula.

3.3 PARTICIPANTES

Os participantes - crianças matriculadas na escola, alunos do terceiro ano matutino do ensino fundamental. A turma era composta por 14 crianças, na faixa etária entre oito e nove anos, provenientes da comunidade onde se localiza a escola. A maioria delas, alunos da escola desde o jardim de infância.

Entre as crianças participantes desta investigação, algumas apresentavam maior interesse e facilidade com a linguagem escrita, outras compunham textos com mais dificuldades e uma delas apresentava um processo de alfabetização aquém das

demais. No ambiente escolar, mesmo diante a subjetividade delas, todas estavam familiarizadas com as tarefas de leitura e escrita.

3.4 OS PROCEDIMENTOS DA PESQUISA

A pesquisa seguiu um roteiro previamente organizado. Inicialmente foi conversado com a professora de sala do terceiro ano sobre a possibilidade de realizar um trabalho em conjunto, ela e o professor de Educação Física. Em seguida foi consultado o diretor da escola sobre a viabilidade desse estudo. Posteriormente foi solicitada autorização à Secretaria de Educação do município. Por se tratar de uma pesquisa que envolve seres humanos, foi encaminhado solicitação de pareceres ao Comitê de Ética e pesquisa da UDESC, o qual deu parecer de aprovação.

Antes de iniciar o processo de pesquisa, foi realizado contato com os pais, explanando sobre a pesquisa e solicitando a autorização para a participação das crianças.

As aulas destinadas à coleta de dados foram organizadas previamente pelo professor/pesquisador e a professora de sala. Dez Contos de Fadas foram selecionados para a coleta de dados, trabalhados um por semana.

Neste estudo caracterizaram-se três momentos distintos: a leitura do conto, realizada pela professora na sala de aula, as brincadeiras de faz-de-conta realizadas pelas crianças e coordenadas pelo professor de Educação Física, nas intervenções pedagógicas das Oficinas do Jogo as quais tinham como tema, os contos ouvidos em sala, e o momento da produção escrita das crianças.

A cada semana, um conto era trabalhado, porém as práticas pedagógicas das Oficinas do Jogo eram intercaladas (semana sim, semana não), isto é, alguns contos antecediam as Oficinas e as produções escritas, outros contos apenas antecediam as produções escritas. No Quadro 1 é possível visualizar a organização da coleta de dados.

Quadro 1 – Organização dos Contos de Fadas

A Bela Adormecida	Ouvido	Brincado	Escrito
Peter Pan	Ouvido	___	Escrito
Branca de Neve	Ouvido	Brincado	Escrito
João e Maria	Ouvido	___	Escrito
O Gato de Botas	Ouvido	Brincado	Escrito
Patinho Feio	Ouvido	___	Escrito
A Princesa da Ervilha	Ouvido	Brincado	Escrito
A Raposa e os Gansos	Ouvido	___	Escrito
O Rei Barba Horrenda	Ouvido	Brincado	Escrito
O Ganso Dourado	Ouvido	___	Escrito

A coleta de dados era realizada nas sextas feiras. Os Contos de Fadas eram lidos em sala de aula pela professora, logo no início da manhã. Os alunos ouviam os contos sentados, cada um em sua carteira, as quais sempre estavam enfileiradas.

As intervenções pedagógicas das Oficinas do Jogo, quando ocorriam de acordo com a Tabela acima, eram realizadas logo após o conto, ocupavam em média o tempo de uma hora/aula, 45 min. Inicialmente, os alunos organizados em grupos de três ou quatro, realizavam uma conversa preliminar sobre o que construiriam. Em

seguida, utilizavam os materiais pedagógicos das Oficinas do Jogo para realizarem suas construções nas brincadeiras de faz-de-conta. Nestas práticas tinham a liberdade de estabelecer diversas relações com os demais e com o material. As Oficinas do Jogo eram geralmente realizadas em um espaço aberto e amplo, adequado para atividades motoras.

As redações eram produzidas em sala de aula, os alunos redigiam sentados individualmente, cada um em sua carteira escolar. Elas duravam em média 90 minutos. Algumas produzidas logo depois da leitura dos contos e outras produzidas logo após as Oficinas do Jogo.

3.5 INSTRUMENTOS DA COLETA DE DADOS.

Para o propósito deste estudo, foi utilizado como instrumento de coleta o diário de campo. O qual foi composto pelo registro dos acontecimentos nas intervenções das Oficinas do Jogo e pelas histórias escritas pelas crianças após duas situações distintas, a primeira, após ouvirem um conto de fadas e representarem esse conto em uma brincadeira de faz-de-conta com os materiais pedagógicos das Oficinas do Jogo; a segunda, imediatamente após ouvirem os contos, contados pela professora em sala de aula.

Os acontecimentos e as interações verbais ocorridas durante as Oficinas do Jogo, eram anotadas pelo pesquisador ao tempo que também eram filmadas e registradas pelo áudio de uma máquina fotográfica digital. Após as aulas, era construído com base nestes registros, o texto do diário de campo referente às práticas das Oficinas do Jogo. “[...] os dados observados são peças de informação

coletadas por meio da observação sistemática de pessoas vivendo seu cotidiano ou de eventos enquanto acontecem.” (LANKSHEAR & KNOBEL, 2008 pg. 152).

Os registros escritos das crianças, são histórias elaboradas, redigidas por elas, individualmente em sala de aula, utilizando papel e lápis. O tempo para produção do texto não foi pré-determinado; geralmente as crianças demoravam entre sessenta e noventa minutos para fazê-lo. Os textos produzidos pelos alunos são dados fundamentais neste estudo, e foram analisados para constituir um revelador individual das representações geradas na linguagem escrita sobre os Contos de Fadas que ouviram.

Para Lankshear & Knobel (2008 pg. 209),

Os dados escritos, portanto, referem-se a textos e documentos produzidos para transmitir informações, idéias, pensamentos e reflexões, lembranças, visões, procedimentos, objetivos, intenções, aspirações, prescrições, etc, por meio de sinais e símbolos que outras pessoas possam ler ou ver.

Ao ouvir um conto, há, por parte da criança, uma ação sensorial, seguida de uma organização perceptiva, para, num próximo passo, remetê-la para a imaginação, onde ganha uma animação peculiar. Claro que isto depende do quanto ela prestou atenção ao conto que ouviu, de experiências anteriores, e da fertilidade e riqueza de sua imaginação, entre outros fatores. A linguagem escrita depende, entre outros fatores, do domínio da técnica de escrever em Português, porém, de qualquer maneira, a criança procura, com maior ou menor técnica, colocar no papel o que está em sua imaginação. Nunca saberemos exatamente como a história foi construída em sua imaginação, mas apenas o que ela conseguiu escrever.

3.6 CONSTRUINDO AS CATEGORIAS DE ANÁLISE

De acordo com os dados desta pesquisa, as histórias escritas pelas crianças e os registros do diário de campo, a análise do conteúdo, ao tratar do que está contido no texto, parece-nos como técnica adequada para a interpretação dos dados. “[...] a análise de conteúdo aparece como um conjunto de técnicas de análise das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens.” (BARDIN, 2004, p.33). A análise teve como objetivo ir além das aparências vistas em uma leitura flutuante e atingir uma significação profunda dos textos. O interesse centrou-se no que os conteúdos dos textos nos revelaram após serem tratados.

As análises foram realizadas de maneira a comparar o conto, tal como contado pela professora em sala de aula e as representações desse conto escritas pelas crianças. Focamos a atenção de nossa análise num fato característico dessas representações: boa parte do que é ouvido pela criança, é esquecido por ela. Essas lacunas são preenchidas parcialmente de várias maneiras. As crianças participantes, nas duas situações, com brincadeira e sem brincadeira, esqueciam boa parte dos contos na hora de escrevê-los. O modo como resolviam esses esquecimentos foi o que mais chamou a atenção. Numa análise inicial, pudemos perceber que nas representações escritas pelas crianças, o preenchimento das lacunas mostrava características diferentes, de forma que pudemos inscrevê-los em quatro grupos diferentes, os quais, por semelhanças, formaram o que chamamos de categorias. Na abordagem qualitativa do conteúdo considera-se “[...] a presença ou ausência de uma cada característica de conteúdo ou conjunto de características de conteúdo num determinado fragmento da mensagem.” (CAREGNATO & MUTTI, 2005, p 682).

Identificamos quatro categorias diferentes, quais sejam, a categoria de interpretação, a categoria de acréscimo, a categoria de substituição e a categoria de história inusitada.

Na categoria de interpretação, incluímos aquelas partes das histórias em que as crianças, sem escreverem exatamente o que foi contado pela professora, realizam uma interpretação de cunho e vivência pessoal, sem fugir da história. Mostram que, mesmo não lembrando as palavras ouvidas, são capazes de substituí-las por palavras e frases que representam aquilo que estava na história original. É como se elas dissessem: “aquilo que está no conto quer dizer isto”.

Identificamos na categoria de acréscimo, aquelas representações escritas, em que a criança acrescenta em sua história frases ou pedaços de frases, algo novo, inusitado, que passou a compor o texto partindo da criatividade da criança. Ou seja, o que a criança escreve, nesse caso, não existia no conto original, foi criação pessoal. E essa sua criação acaba ficando no lugar daquilo que ela esqueceu do conto original.

Na categoria de substituição, um trecho é escrito de maneira apenas a substituir uma certa parte do conto, não de maneira interpretativa. Na substituição, é como se a criança dissesse: “aquele trecho do conto também pode ser escrito assim”.

História inusitada: verificada quando a história da criança tem pouco vínculo com o enredo do conto que ouviu. É quando a partir do conto ouvido ela cria uma nova história, diferente. Essa nova história nada tem a ver, aparentemente, com o conto original.

De acordo com Franco (2005, p. 58),

Formular categorias, em análise de conteúdo, é, via de regra, um processo longo, difícil e desafiante. Mesmo quando o problema está claramente definido e as hipóteses (explícitas ou implícitas) satisfatoriamente

delineadas, a criação das categorias de análise exige grande dose de esforço por parte do pesquisador. Não existem “formulas mágicas” que possam orientá-los, nem é aconselhável o restabelecimento de passos apressados ou muito rígidos. Em geral, o pesquisador segue seu próprio caminho, baseado em seus conhecimentos e guiado por sua competência, sensibilidade e intuição.

Foram utilizadas tabelas e gráficos para melhor visualização dos dados obtidos na análise das representações gráficas das crianças. Os registros do diário de campo e as histórias escritas pelas crianças compõem uma discussão dos dados, articulada com os autores que fundamentam este estudo. As categorias apontadas serão retomadas no capítulo seguinte.

4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS

No processo de análise dos dados, foi verificado que nas histórias escritas pelas crianças há uma grande quantidade de palavras escritas com ausência de letras, palavras apenas iniciadas e não terminadas e outras com troca de letras, assim como algumas falhas gramaticais. Como exemplo, utilizaremos um trecho de umas das histórias da análise de dados.

Trecho da história João e Maria da criança D,

Uma noite sua mulher falou
_ Ce você dace conta sutemta agente a ce focê so nos dois vamos
abadonalor o so tem mais um pedaso de pão ceco o aproposta e dalo a eles
um pedaco de pão e acedeu uma fogueira apurfavor tabom diceo marido.

Considera-se que a análise não foi realizada de maneira a analisar o domínio do código ortográfico e suas regras e sim, apenas de forma a identificar o que as crianças, na posição de escritores, produziram em suas histórias. Em síntese, avaliando apenas a relação entre o brincar de faz-de-conta e a produção textual.

Das catorze crianças do terceiro ano matutino do Ensino Fundamental, que integraram esta pesquisa, nove delas tiveram suas histórias analisadas. As seis outras crianças não tiveram suas histórias analisadas pelos seguintes motivos: ausência de algumas delas em várias aulas em que foram realizadas as escritas, uma das crianças, logo no início do processo de pesquisa, mudou de escola, e algumas histórias que não foram analisadas por serem registros ilegíveis.

As nove crianças que tiveram suas histórias analisadas, escreveram em média, cada uma delas, dez histórias, sendo cinco em seguida às brincadeiras de

faz-de-conta com os materiais pedagógicos das Oficinas do Jogo, e cinco logo após terem ouvido os contos em sala de aula.

Para melhor identificação, as histórias escritas após as brincadeiras de faz-de-conta, serão denominadas de contos brincados. Os contos brincados, na respectiva ordem foram: A Bela Adormecida, Branca de Neve, Gato de Botas, A princesa da Ervilha e O rei Barba Horrenda.

Já as histórias escritas, logo após serem ouvidos os contos, serão denominadas de contos ouvidos. As histórias escritas após os contos ouvidos foram: Peter Pan, João e Maria, O Patinho Feio, A Raposa e os Gansos e O Ganso Dourado.

A análise dos dados foi realizada abrangendo um universo de noventa histórias, sendo que, das noventa, quatorze delas não foram redigidas. Das quatorze, sete pertencentes ao grupo dos contos brincados e outras sete pertencentes ao grupo dos contos ouvidos. Portanto, o número final de histórias analisadas totalizou setenta e seis.

Entre as setenta e seis histórias analisadas, sessenta e oito foram analisadas no contexto das categorias de acréscimos, interpretação e substituição. As oito histórias que não foram analisadas por essas categorias, foram classificadas na categoria de história inusitada, ou seja, elas alcançaram uma dimensão que está além do enredo dos contos, o que impossibilitou a análise mediante comparação com o conto que as crianças ouviram. Das sessenta e oito histórias analisadas, trinta e três delas são oriundas dos contos brincados, e as demais trinta cinco, são oriundas dos contos ouvidos.

Dessas quatro categorias, as que mais chamaram a atenção pelas diferenças entre os registros feitos pelas crianças foram as de acréscimo,

interpretação e de história inusitada. Na categoria de substituição, as diferenças não foram relevantes. Vale ressaltar, que essas categorias são aquelas que mais traduzem o modo como as crianças imaginavam o conto ouvido.

Quanto a categoria de acréscimos, os dados obtidos na análise são visualizados na Tabela 1.

Tabela 1 - Dados referentes a incidência de acréscimos

	Contos	Hist. escritas	Hist. analisadas	Acrésc.	Média de acrésc. por conto	Média de acrésc. por escrita
Contos Brincados	05	38	33	107	21,4	3,24
Contos ouvidos	05	38	35	70	14,0	2,0
Diferença percentual					34,57%	38,27%

Observação: A diferença entre histórias escritas e as analisadas, são as histórias inusitadas que não aparecem na tabela

Na tabela acima, podemos verificar que a incidência maior de acréscimos ocorreu nos contos brincados. Há uma diferença de 34,57% a mais de acréscimos nos contos brincados, diferença esta que chega a 38,27% quando realizado o cálculo percentual sobre a média de acréscimos por história escrita.

Os dados obtidos na análise da categoria de interpretação são visualizados na Tabela 2.

Tabela 2 - Dados referentes a incidência de interpretações

Contos	Hist. Escritas	Hist. Analisadas	Total interpret.	Média por conto	Média por escrita
--------	----------------	------------------	------------------	-----------------	-------------------

Contos brincados	05	38	33	73	14,6	2,21
Contos ouvidos	05	38	35	45	09	1,28
Diferença percentual					38,35%	42,08%

Obs. A diferença entre histórias escritas e as analisadas, são as histórias inusitadas que não aparecem na tabela

Os dados apresentados na Tabela 2 revelam que a incidência de interpretações nos contos brincados é superior à incidência nos contos ouvidos. O cálculo percentual mostra uma diferença de 38,35% a favor dos contos brincados, em comparação com os contos ouvidos, e esta diferença sobe para 42,08% ao ser calculada a diferença percentual da média de interpretações por história escrita.

Os primeiros resultados obtidos na análise dos dados das categorias de acréscimos e interpretação, sinalizam a existência de uma relação entre o brincar e a atividade de redigir textos. Longe de querermos ser precipitados e anteciparmos uma conclusão, em uma análise inicial, nos parece que a brincadeira de faz-de-conta ocasionou um certo impacto sobre as histórias escritas pelas crianças. De maneira generalizada, neste início de análise, observamos que o brincar foi atividade que contribuiu para a dimensão cognitiva do escrever.

De acordo com Colello (2007, p. 168),

Entre os estudiosos da linguagem, há um consenso de que a redação é influenciada pela identidade dos sujeitos envolvidos (emissor e receptor), a motivação relacionada ao trabalho e sua situação no tempo e no espaço. Desse modo, os elementos do contexto na produção da escrita estão profundamente intrincados, emergindo sob formas de representações presentes ou passadas. Extrapolando a dimensão meramente cognitiva, eles se configuram também em dimensões sociocultural, afetiva, pedagógica e lingüística.

A categoria de substituição não teve os dados computados e analisados, por não haver diferenças relevantes entre o grupo de contos brincados e o grupo de contos ouvidos. A substituição corresponde a uma categoria que se revelou abundante em todas as histórias escritas pelas crianças, pois ao escrevê-las, o vocabulário encontrado nos contos foi constantemente substituído pela maneira de escrever de cada criança.

Ao observarmos atentamente os dados da Tabela 3, verifica-se que não são diferentes do que apresenta a Tabela 1, porém, cabe uma discussão.

4.1 A CATEGORIA DE ACRÉSCIMOS

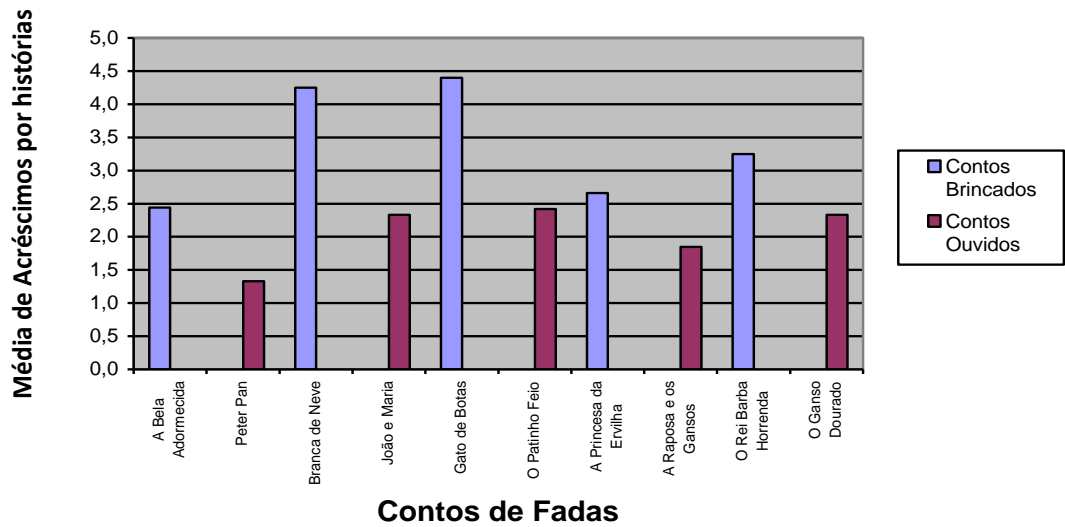
Tabela 3 - Média de acréscimos por conto

		Hist. escritas	Acréscimos	Média	Hist. Inusitadas
A Bela Adormecida	Brincado	9	22	2,44	
Peter Pan	Ouvido	9	12	1,33	
Branca de Neve	Brincado	8	34	4,25	
João e Maria	Ouvido	9	21	2,33	
Gato de Botas	Brincado	5	22	4,40	
O Patinho Feio	Ouvido	7	17	2,42	2
A Princesa da Ervilha	Brincado	7	16	2,66	1
A Raposa e os Gansos	Ouvido	7	13	1,85	1
O Rei Barba Horrenda	Brincado	4	13	3,25	2
O Ganso Dourado	Ouvido	3	07	2,33	

Vemos na Tabela 3, que os contos brincados sempre antecederam os contos ouvidos na coleta de dados. Ao visualizarmos a quantidade de acréscimos por conto, vemos um aumento do primeiro para o segundo conto brincado, o que também é verificado se visualizarmos a incidência de acréscimos nos contos ouvidos, do primeiro para o segundo. Em contrapartida, é visível uma redução constante dos acréscimos, tanto nos contos brincados como nos contos ouvidos, a partir do conto Gato de Botas. Porém, o número de histórias escritas não é o mesmo em todos os contos; sendo assim, a análise será mais fidedigna se realizada sobre a média de acréscimos por conto.

Ao observarmos a média de acréscimos por conto, é notório que todos os contos ouvidos, apresentaram uma média de acréscimos sempre menor que os contos brincados. No entanto, também percebemos que os acréscimos nos contos ouvidos, aumentaram gradativamente do primeiro para o terceiro, notou-se uma redução no quarto conto e, logo em seguida, no quinto conto ouvido volta a aumentar a incidência de acréscimos. A mesma variação também é vista nos contos brincados. Os dados apresentados são melhores visualizados no Gráfico 1. Nele podemos visualizar uma considerável diferença entre contos brincados e contos ouvidos. A diferença percentual da soma das médias de acréscimo por conto, entre contos brincados e ouvidos, corresponde a 52,10%. Porém, ao observarmos atentamente, notaremos que a diferença de acréscimos entre os dois tipos de representação tende a diminuir. Analisaremos a redução desta diferença mais adiante na Tabela 4.

Gráfico 1 Média dos Acréscimos



As histórias infantis, como sabemos, quando ouvidas pelas crianças, excitam sua imaginação, de forma a produzir uma atividade mental de representação bastante intensa, dependendo do interesse causado por esta ou aquela história. Provavelmente, essa atividade representativa liga-se a vários outros acontecimentos inscritos na história da criança, levando a uma atividade imaginária imprevisível. De forma que é bem possível, também, que a criança que ouve o conto vá além dele. “Escutar uma história envolve ir à frente da história, antecipando a ação e produzindo sentidos” Grainger apud Girardello (1998, p. 41). No entanto, no caso dos contos apenas ouvidos, e não brincados, as experiências ficaram restritas à fantasia, ao plano mental, pouco afetando o plano da ação motora.

Quando a criança teve a oportunidade de brincar de faz-de-conta com o conto que foi ouvido, isto é, de ir à prática motora, manipulando os objetos das Oficinas do Jogo e interagindo com os colegas, ela pode, durante a brincadeira, materializar suas imaginações sobre o conto, além do que, ao se relacionar com os amigos no contexto da brincadeira, ela pôde conversar sobre o conto que ouviu, pôde falar de suas fantasias e ouvir o que os amigos tinham para falar. Em suma, o

que estava restrito à atividade mental pôde ser produzido pela atividade corporal, numa espécie de reescrita da história, desta vez, com um envolvimento integral da criança, isto é, não só com sua atividade mental, mas igualmente com sua atividade motora.

Diário de campo, Branca de Neve,

Com os grupos organizados com quatro integrantes, os trabalhos reiniciam. Não demora muito para as crianças trabalharem intensamente em suas construções. O falatório é grande, mas no contexto de cada grupo, os conflitos ocorrem apenas no sentido de discussão dos fatos do conto. Mesmo assim ainda é possível visualizar uma grande desordem, crianças correndo, materiais espalhados, conversas em tom de voz alto. Estas atividades seriam inconcebíveis em uma aula tradicional. Com o tempo a desordem inicial está tomando corpo e sentido na construção de cada grupo. Começa a transparecer uma riqueza singular com as construções acabadas e com o relato dos grupos.

Todas as relações vividas corporalmente puderam novamente ser reproduzidas, reelaboradas no plano mental, possibilitando novas situações e comportamentos de imaginação. Para Vigotsky, as experiências da criança são primordiais para o desenvolvimento da imaginação. Lemos em Vigotski (2009, p. 23),

A conclusão pedagógica a que pode chegar com base nisso consiste na afirmação da necessidade de ampliar a experiência da criança, caso se queira criar bases suficientemente sólidas para a sua atividade de criação. Quanto mais a criança viu, ouviu e vivenciou, mais ela sabe e assimilou; quanto maior a quantidade de elementos da realidade de que ela dispõe em sua experiência – sendo as demais circunstâncias -, mais significativa e produtiva será a atividade de sua imaginação.

As brincadeiras de faz-de-conta no contexto das Oficinas do Jogo foram estimulantes para a fantasia. Nelas, o que estava na mente pode ser concretizado, a imaginação ganhou forma, tamanho, ganhou cor. De leitor ouvinte do conto, a criança passou a autora, a personagem de suas histórias. Brincar com o conto ouvido, além de ter sido uma atividade agradável, possibilitou a ela escrever sua história, não com lápis e papel na mão, mas com os materiais das Oficinas do Jogo e com as próprias ações motoras.

Nas brincadeiras de faz-de-conta, o material das Oficinas do Jogo ganhou *status* de brinquedo pelas crianças, ganhando vários sentidos ao ser manipulado. As crianças construíram casas, castelos, floresta, personagens; assim como a imaginação, o brinquedo foi manipulado livremente.

Diário de campo, A Bela Adormecida,

Após uns 20 minutos de atividade comunicamos aos grupos que devem encerrar suas construções e, que para isso eles têm apenas mais 5 minutos. Neste momento há uma certa euforia, uma correria em busca de certos materiais que podem acrescentar um detalhe na construção, uma tampinha de certa cor e tamanho para compor a rosa no jardim, uma garrafa vermelha será guarda, uma corda verde para ser a mata em torno do castelo. Todos querem caracterizar suas construções. Após os 5 minutos anunciados, alguns grupos ainda dão o retoque final, neste instante anunciamos restar apenas mais dois minutos para o fim, alguns alunos quase entram em desespero, pois trabalham freneticamente e não se cansam em embelezar suas construções.

Assim como vimos em Brougère (2004), o brinquedo, ao fornecer à criança essa possibilidade de agir, de manipular, fornece também símbolos para serem manipulados. Desta maneira, o brinquedo age tanto na dimensão funcional como na dimensão simbólica.

Para Freire (2003, p. 43),

Durante o ato de imaginar, nada se interpõe à fantasia infantil mas, durante a ação corporal que o acompanha, verifica-se uma busca de ajustamento ao mundo exterior, uma espécie de acomodação, para usar um termo piagetiano. Por outro lado, a ação imaginada não tem origem na mente apenas, mas na relação concreta da criança com o mundo.

De acordo com este autor, o ambiente onde predominantemente ocorre o jogo é o ambiente interior, na subjetividade de cada sujeito, tendendo para o imaginário, para o mundo da fantasia. Jogar possibilita transformar as coisas do mundo real em representação mental, podendo assim gerar novas dimensões sobre a realidade. O jogo de faz-de-conta, onde foram brincados os Contos de Fadas, proporcionou às crianças uma reconstrução do conto, uma reconstrução com acréscimos, com interpretações, um outro tipo de leitura e escrita, um modo rico de fertilizar ainda mais a imaginação.

De um lado temos a imaginação, esta atividade interna que se desenvolve apoiada nas atividades externas. De outro, a atividade de redação, uma representação gráfica do que está no pensamento, permitindo a expressão no sentido de reprodução ou recriação da realidade e do entendimento. Entre elas, a brincadeira de faz-de-conta, que, entre outras, permitiu a concretização do conto ouvido. A brincadeira, como vimos, tende a enriquecer a imaginação, que por sua vez tende a ser um campo de fertilidade para a expressão criativa. Para Colello (2007, p. 209), “[...] a escrita como forma de linguagem, é um meio privilegiado para a expressão e fantasia.”

As Oficinas do Jogo propiciaram um espaço discursivo, a exemplo do que é visto em Smolka (2001). Para esta autora, a utilização da literatura infantil é uma forma de promover a interdiscursividade, que pode ser implementada com outras formas de linguagem, entre elas, a corporal, que amplia e revela um espaço discursivo, ao incluir outros interlocutores, criando condições para a criação e troca de saberes, possibilitando a leitores e escritores serem protagonistas no diálogo estabelecido.

Diário de campo, A Princesa de Ervilha,

Em outro grupo que também construiu castelo, em volta das caixas que representam o castelo, há algumas garrafas, todas na cor azul, quando questiono, duas crianças me respondem, “*É guardas professor*”. Neste mesmo grupo, há outras duas garrafas bem próximas a uma das caixas que forma o castelo, dialogando com as crianças, sem titubear falo que são guardas. Um dos meninos, muito espantado, responde rapidamente, “*Não, é a porta de entrada.*”

Os números extraídos da análise dos dados desta pesquisa indicam uma forte relação entre a atividade lúdica e a produção textual das crianças, tanto de forma direta, no caso dos contos brincados, como indireta nos contos ouvidos. Observamos a Tabela 4.

Tabela 4 - Diferenças percentuais entre médias de acréscimos de contos ouvidos e brincados

		Média	Diferenças percentuais
A Bela Adormecida	Brincado	2,44	45,40%
Peter Pan	Ouvido	1,33	
Branca de Neve	Brincado	4,25	48,22%
João e Maria	Ouvido	2,33	
Gato de Botas	Brincado	4,40	45,00%
O Patinho Feio	Ouvido	2,42	
A Princesa da Ervilha	Brincado	2,66	30,45%
A Raposa e os Gansos	Ouvido	1,85	
O Rei Barba Horrenda	Brincado	3,25	28,30%
O Ganso Dourado	Ouvido	2,33	

A Tabela 4 permite-nos a visualização da diferença percentual de acréscimos, comparados os contos brincados com os contos ouvidos. Os dados deixam claro que a margem de diferença de acréscimos, nos quatro últimos contos, isto é, comparando, A Princesa da Ervilha (conto brincado) com A Raposa e os Gansos (conto ouvido), e ainda, O Rei Barba Horrenda (conto brincado) com O Ganso Dourado (conto ouvido), diminui bastante. Ora, estes dados nos indicam que, embora as crianças continuassem a incluir muitos acréscimos nos contos brincados, tendiam a incluir também mais acréscimos nos contos ouvidos. Portanto, as brincadeiras de faz-de-conta, que a princípio enriqueciam muito os contos brincados, provavelmente, passaram também a repercutir nos contos ouvidos.

Consideremos algumas argumentações teóricas. A primeira, fornecida por Vigotski (2009), ao dizer que a imaginação é base da criatividade, podendo se manifestar em qualquer campo cultural. Outra colaboração teórica é de Colello (2007), ao registrar que a representação gráfica é propícia à expressão da fantasia. Por fim, a contribuição teórica de Freire (2003), ao argumentar a respeito do brinquedo simbólico, e neste caso, a brincadeira de faz-de-conta. Diz o autor, que as constantes idas e vindas entre pensamento e ação, possibilitam a modificação da representação, assim repercutindo na expressão do sujeito. As práticas socioculturais não paralisam as constantes trocas da ação e da representação, ao contrário, possibilitam constantemente o refinamento das representações que o indivíduo faz do mundo.

Quando a proposta é escrever uma história após o conto ouvido, a criança assimila a esta atividade o que está representado em sua mente, que, de alguma maneira, conecta-se com a redação a ser produzida; neste caso, o conto recém ouvido e experiências anteriores como as brincadeiras de faz-de-conta. Ora, com o passar do tempo, a imaginação encontra-se cada vez mais fertilizada, ela ganha complexidade, até chegar o momento em que as histórias escritas após os contos ouvidos terão tantos acréscimos como as escritas após contos brincados. Certamente, conseqüência de uma imaginação fertilizada.

Grandes autores, gênios da literatura, matemática, música e de várias outras áreas do conhecimento, certamente compuseram suas obras à custa de uma imaginação fértil. Quanto a terem ou não brincado muito, não vem ao caso. O que de fato nos interessa é o quanto a imaginação se faz importante para a atividade humana e o quanto podemos fertilizá-la na criança utilizando a cultura infantil, o lúdico.

“Na verdade, a imaginação, base de toda atividade criadora, manifesta-se, sem dúvida, em todos os campos da vida cultural, tornado também possível a criação artística, a científica e a técnica.” (VIGOTSKI, 2009, p. 14).

Passemos agora à categoria de interpretação, cujos dados já visualizamos na Tabela 2.

4.2 A CATEGORIA DE INTERPRETAÇÃO

Lembramos, que nos contos brincados, as interpretações foram em média 40% mais freqüentes que nos contos ouvidos. Para melhor entendimento, passaremos a uma análise mais detalhada dos dados referentes a esta categoria.

Na Tabela 5 podemos observar que a média de incidência de interpretações por história escrita apresentou um alto índice de variações. Porém, ao observarmos na respectiva ordem, contos brincados antecedendo os ouvidos, vemos que os brincados em todos os pares apresentam uma média de interpretação mais elevada que os contos ouvidos. É bem provável, de acordo com os dados da Tabela 5, que o fato de brincar com o conto, tenha exercido uma função tão importante para as interpretações como para os acréscimos.

Interpretar é, num certo sentido, dar uma representação própria a determinado evento, nesta pesquisa, em alguns casos sobre o conto ouvido e em outros sobre o conto brincado. Para a ilustração das interpretações as quais compuseram a categoria de interpretação, citaremos um trecho de uma das histórias escrita.

Tabela 5 - Média de interpretações por conto

		Hist. escritas	Interp.	Média	Hist. Inusitadas
A Bela Adormecida	Brincado	9	31	3,44	
Peter Pan	Ouvido	9	11	1,22	
Branca de Neve	Brincado	8	17	2,12	
João e Maria	Ouvido	9	18	2,0	
Gato de Botas	Brincado	5	14	2,80	
O Patinho Feio	Ouvido	7	08	1,14	2
A Princesa da Ervilha	Brincado	7	05	0,71	1
A Raposa e os Gansos	Ouvido	7	03	0,42	1
O Rei Barba Horrenda	Brincado	4	06	1,50	2
O Ganso Dourado	Ouvido	3	05	1,25	

Na história, Branca de Neve, escreveu a criança l

“[...] a Rainha ficou batendo a cabeça sem saber o que fazer com Branca de Neve.”

Este registro escrito interpreta do conto que ouviu o seguinte trecho:

A rainha estremeceu. Ficou amarela, depois verde de inveja! E a partir daquele dia, cada vez que avistava branca de neve, seu coração se contorcia no peito. Como uma erva daninha, sua inveja e seu orgulho não pararam mais de crescer, sem lhe dar sossego, nem de dia nem de noite.

Quanto à incidência de interpretações, queremos também voltar a atenção para a redução da diferença entre contos brincados e ouvidos. Observamos a Tabela 6.

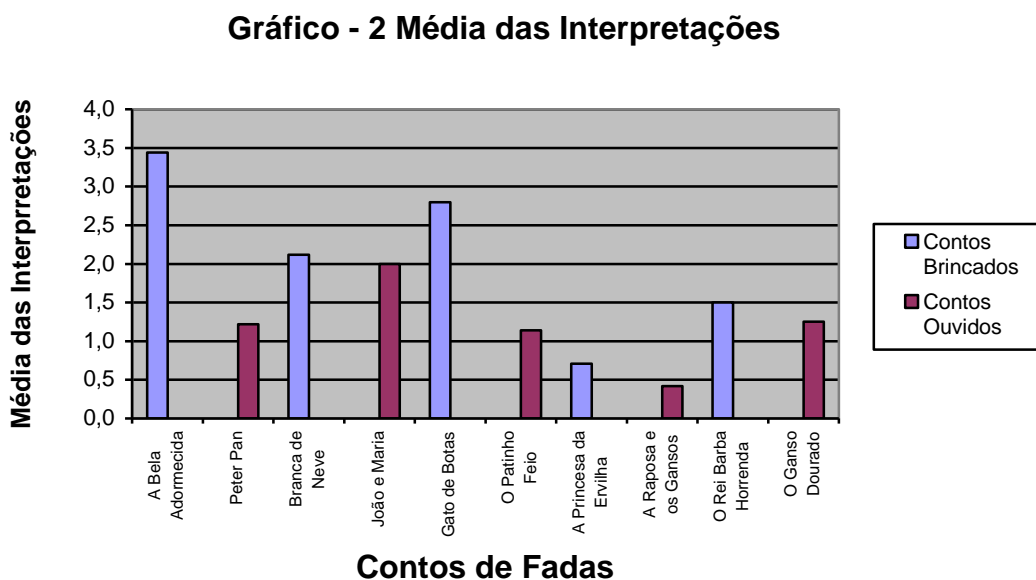
Tabela 6 - Diferenças percentuais entre média de interpretações de contos brincados e ouvidos

		Média	Diferenças percentuais
A Bela Adormecida	Brincado	3,44	64,53%
Peter Pan	Ouvido	1,22	
Branca de Neve	Brincado	2,12	5,66%
João e Maria	Ouvido	2,00	
Gato de Botas	Brincado	2,80	59,28%
O Patinho Feio	Ouvido	1,14	
A Princesa da Ervilha	Brincado	0,71	40,85%
A Raposa e os Gansos	Ouvido	0,42	
O Rei Barba Horrenda	Brincado	1,50	16,66%
O Ganso Dourado	Ouvido	1,25	

Podemos ver na Tabela 6, que a diferença da média de interpretações entre contos brincados e contos ouvidos, a exemplo do que visualizamos na categoria de acréscimos, indica uma tendência de redução ao longo do tempo. Porém, percebe-se que, no segundo par, isto é, na média entre Branca de Neve e João e Maria, há uma discrepância em relação aos outros pares. Diante desta observação nota-se que João e Maria, entre os contos ouvidos, é o que obteve o maior índice de interpretações.

Observando os dados da Tabela 6, podemos supor que, caso a coleta de dados fosse realizada por mais algum tempo, a tendência seria de os contos ouvidos ficarem muito próximos dos contos brincados, em incidência de interpretações. Ao longo do tempo, as crianças, além de escreverem de forma interpretativa nos contos brincados, também passaram a interpretar mais nos contos ouvidos. Porém, de

maneira geral, parece-nos, que nos contos brincados, a brincadeira de faz-de-conta foi mediadora entre o que foi ouvido e a redação da criança, possibilitando maiores interpretações. Para melhor visualização da incidência de interpretações observamos o Gráfico 2.



O Gráfico 2 representa as médias das interpretações nos contos brincados e nos contos ouvidos. Nele podemos visualizar os dados apresentados pela Tabela 5 e Tabela 6.

Ao escrever uma história, com base em um Conto de Fadas, a criança tem a opção, entre outras, de imitar, reproduzindo com suas palavras a leitura que fez do conto. Ainda de acordo com suas possibilidades, ela pode interpretar, registrando sua própria representação a respeito do tema. Mesmo sendo os Contos de Fadas um gênero da literatura que muito se aproxima da cultura infantil, mantendo uma larga relação com a infância, ao possibilitar a fantasia, interpretá-los dependerá da relação da criança com o conto. A exemplo do que vemos em Madalena Freire

(1983), a criança poderá melhor ler, compreender e interpretar a partir de seus recursos mais apurados na infância, isto é, de sua percepção sensorial e motora.

Quanto mais próxima for a relação criança e conto, mais possível será, a ela, redigir de forma interpretativa. É necessário dar condições para que as crianças “[...] desenvolvam suas próprias formas de captar o simbólico social nos textos, a partir de sua subjetividade, com sua assinatura.” (GOULART, 2000, p. 173).

Pesquisas realizadas investigando a influência das práticas das Oficinas do Jogo na aprendizagem das crianças, apresentaram dados que demonstram o quanto as crianças aprenderam a partir de uma pedagogia lúdica. É o que vemos em Freire (2005), Goda (2005), Feijó (2005), Santana (2008) entre outros.

Depois de ouvir o conto, as crianças fizeram uma primeira interpretação dele, realizada a partir da subjetividade e de maneira individual. Nas Oficinas do Jogo, o conto ouvido foi materializado, as crianças manusearam, interferiram, criaram novas versões, re-escreveram ao modo delas e com os materiais pedagógicos, o conto ouvido. O que tinha sido contado pela professora ganhou uma outra vida, uma interpretação com acréscimos e subtrações. Além disso, a brincadeira era coletiva, desta forma, todo o conjunto de relações estabelecidas, certamente permitiu tornar mais familiar o que se ouviu de mais interessante, o que mais chamou a atenção. Nas brincadeiras, as frases ganharam sentido, elas foram interpretadas de corpo inteiro, de acordo com a subjetividade de cada criança, e com os acordos coletivos, portanto não se tratava só da imaginação de uma criança e sim, da imaginação de todos, o que resultou também em maiores ganhos interpretativos.

Diário de campo, O Rei Barba Horrenda,

Após algum tempo já brincando, sugiro a eles que vão terminando as construções. Mais algum tempo, peço para que cada grupo realize uma conversa entre os seus integrantes, apenas para falarem sobre o que

construíram. Mais algum tempo e pedi para que explanassem para os demais colegas o que tinham construído. Cada grupo a sua vez.

Em um dos grupos há uma construção com poucas caixas de cor azul e verdes, representam um castelo, as torres são com garrafas de cor vermelhas. Na frente há várias tampas de cores diferentes espalhadas dentro de um pequeno círculo feito com uma corda azul. As crianças dizem ser a floresta do Rei Barba Horrenda. Ao lado há outro castelo bem maior, pergunto a eles que castelo é aquele, "*Este é o castelo do Rei, o pai da princesa*", responde uma das crianças. Entre os castelos vemos algumas tampas, são oito, organizadas duas a duas, elas estão sobrepostas uma a outra. Uma criança de outro grupo pergunta o que é aquelas tampas, as crianças que tinham realizado esta construção respondem, "*é o rei, a princesa, o rei barba horrenda e o mendigo.*"

Nas Oficinas do Jogo, a brincadeira de faz-de-conta estabeleceu para a criança uma relação que deu sentido ou modificou o sentido de muitas das cenas dos contos ouvidos. Para melhor compreender, relembremos Leontiev (1964), que diz que as relações de sentido estabelecidas promovem assimilações de maneira diferente.

Vejamos como isso pode ter ocorrido nas Oficinas do Jogo. Ao ouvir sobre uma princesa, um castelo, uma fada má, um príncipe, ou qualquer outra coisa desse gênero, tudo isso, de alguma maneira, com mais ou menos intensidade, fez algum sentido para criança, gerou uma certa representação interna. No momento em que ela pôde materializar, brincar com isso, os personagens ganharam corpo, feição, o castelo ganhou formato, tamanho, cor, a mata ganhou árvores, flores, as estradas tinham comprimentos e largura. A partir disso as relações de sentido certamente se alargaram ou se modificaram. Depois de toda esta vivência, o que estava na imaginação já não eram mais as cenas do conto ouvido e sim, a cenas do conto construído, o que, para as crianças, produzia um sentido diferente; prova disto, é o quanto elas interpretaram nos contos brincados.

Pode-se ainda pensar as Oficinas do Jogo como um espaço que permitiu tradução, assim como textos que são traduzidos de uma língua para outra. Os contos eram traduzidos de uma linguagem codificada em signos verbais para uma

linguagem corporal ou seja, não verbal. Se o conto para criança era apenas uma história, a partir do momento em que foi brincado, ele passou a ter uma identidade com a criança. Como exemplo, podemos tomar o texto escrito em uma língua não dominada, quando ele apenas é um objeto, até então sem muito valor. No entanto, ao ser traduzido, podemos nos identificar mais com sua leitura. Na brincadeira, como já dissemos, a criança passou a fazer parte do conto, sendo personagem e autora. Assim, ela o interpretou a partir de sua representação construída no plano subjetivo, porém, de maneira mais objetiva, de corpo inteiro.

Para Freire (2003, p. 46),

No brinquedo simbólico, na sua construção imaginada e corporificada, a criança vive e representa um sem-número de relações. [...] são atividades que materializam, na prática, a fantasia imaginada, e que retornarão depois da prática em forma de ação interiorizada, produzindo e modificando conceitos, incorporando-se às estruturas de pensamento.

Quanto ao fato de a média de interpretações evoluir gradativamente, também nos contos ouvidos, atribuímos isso a um possível desenvolvimento da habilidade cognitiva de compreensão e interpretação aumentada, à medida que as crianças ganhavam riqueza imaginativa durante as brincadeiras de faz-de-conta nas seções das Oficinas do Jogo.

Quando nos referimos à incidência de acréscimos nos contos ouvidos, fizemos valer os argumentos teóricos de autores como Vygotsky, Colello e Freire. Com outras palavras, podemos dizer que a intervenção pedagógica interferiu positivamente na atividade psíquica das crianças, e isso pode ser observado nas suas histórias. Tais argumentações apóiam-se em Leontiev (1964, p. 99),

Todo o reflexo psíquico resulta de uma relação ação, de uma interação real entre um sujeito material vivo, altamente organizado e a realidade material que o cerca. Quanto aos órgãos do reflexo psíquico, eles são ao mesmo tempo os órgãos desta interação, os órgãos da atividade vital.

Tanto na categoria de acréscimo, quanto na categoria de interpretação, observamos que a brincadeira de faz-de-conta, realizada com os materiais

pedagógicos das Oficinas do Jogo, exerceu funções essenciais, porém distintas para cada categoria. Se, por um lado, brincar foi subsídio para o enriquecimento da imaginação, da criatividade, possibilitando à criança escrever com mais propriedade, ousando acrescentar elementos, dados a partir de sua imaginação, facilitando a elas assumir a autoria da história escrita, por outro, permitiu dar sentido ao que já era conhecido e ao que ouviu de mais interessante. Brincar, neste caso, fez com que a criança transportasse para sua realidade, para seu mundo concreto, contos que até então tinha vivenciado apenas no plano interno, na imaginação, nas representações mentais, por fim, a brincadeira mediou uma aproximação entre a literatura dos Contos de Fadas e a habilidade de interpretação das crianças.

Seguiremos analisando a categoria denominada história inusitada.

4.3 A CATEGORIA DE HISTÓRIA INUSITADA

Na Tabela 3, assim como na Tabela 5, visualizamos na última linha a incidência de histórias inusitadas no decorrer da coleta de dados. Observamos a Tabela 7.

Nota-se na Tabela 7, que a incidência de histórias inusitadas ocorre somente a partir do sexto conto. Na tabela, facilmente identificamos, que das oito histórias inusitadas, três delas foram redigidas após contos ouvidos e outras cinco após contos brincados.

Tabela 7 - Incidência de histórias inusitadas

		Hist. Inusitadas
A Bela Adormecida	Brincado	
Peter Pan	Ouvido	
Branca de Neve	Brincado	
João e Maria	Ouvido	
Gato de Botas	Brincado	
O Patinho Feio	Ouvido	2
A Princesa da Ervilha	Brincado	1
A Raposa e os Gansos	Ouvido	1
O Rei Barba Horrenda	Brincado	2
O Ganso Dourado	Ouvido	

Nota-se na Tabela 7, que a incidência de histórias inusitadas ocorre somente a partir do sexto conto. Na tabela, facilmente identificamos, que das oito histórias inusitadas, três delas foram redigidas após contos ouvidos e outras cinco após contos brincados.

Lembramos que as histórias inusitadas são aquelas que muito se distanciam do enredo do conto, isto é, os conteúdos dessas histórias não apresentam grandes semelhanças, ou ainda, uma identificação significativa com o conto. Ao redigi-las, as crianças, em certo sentido, parecem ter se libertado dos limites colocados pelos enredos, dando vazão à imaginação. Ao mesmo tempo, tomaram posse da história que redigiam, escrevendo com mais propriedade, firmando-se na posição de autoras. Isto não significa que as histórias são mais ou menos criativas que os contos, são apenas diferentes. Quando analisamos essas produções, observamos

que elas não eram os contos de Grimm, de Andersen, ou de qualquer outro autor do gênero. Vimos que eram histórias praticamente inéditas, de autoria daquelas crianças.

Não vem ao caso procurar diferenças entre histórias inusitadas escritas após contos ouvidos ou após contos brincados, apesar de verificarmos uma diferença expressiva na quantidade de histórias inusitadas após contos ouvidos comparativamente aos contos brincados. No entanto, cabem algumas argumentações.

Nas atividades das Oficinas do Jogo, as crianças tiveram autonomia para brincar e construir suas histórias com os materiais pedagógicos. O professor/pesquisador coordenava a aula, apenas no sentido da organização inicial dos trabalhos. Logo no início das atividades, solicitava às crianças que formassem pequenos grupos e conversassem sobre como brincariam com os materiais. Em seguida, elas podiam brincar, manusear, construir, desconstruir, dialogar, trocar materiais, realizar consensos, tudo com liberdade de expressão. Uns participavam com mais empenho, outros nem tanto, mas cada criança participava à sua maneira. Ao final da brincadeira elas tinham o compromisso de relatar aos demais grupos o que haviam construído, o que não se resumia à pura e simples descrição superficial do conto que ouviram; as crianças descreviam o que elas tinham feito com detalhes. As construções representavam a subjetividade do grupo. No momento do relato não tinham receio de errar, pois elas falavam do que tinham construído, e isso elas dominavam. Brincar de faz-de-conta, nas Oficinas do Jogo, constituiu-se em um espaço de livre criação, onde as histórias eram escritas respeitando-se a individualidade de cada criança.

Na sala de aula, após os contos brincados ou ouvidos, a professora falava às crianças, “escrevam suas histórias”, com esta única frase e sem maiores interferências. Elas tinham plena liberdade para se manifestarem na redação, ou seja, assim como nas brincadeiras de faz-de-conta, havia um espaço de livre expressão. As crianças tinham autonomia para redigirem suas histórias. Com o tempo, algumas das crianças sentiram-se à vontade e com segurança para se livrarem das amarras do enredo, e redigiram assumindo a autoria de suas redações. Nestes casos, as crianças não se limitaram à reprodução e interpretações, elas foram além, chegando à transformação completa do conto. Utilizavam a escrita como canal de expressão da imaginação.

Vemos na análise dos dados, que as histórias escritas pelas crianças não se resumiram a reproduções dos contos que ouviram. Observamos no processo de análise, que elas acrescentaram, interpretaram, substituíram e até mesmo escreveram histórias totalmente diferentes do enredo dos contos que ouviram, as histórias inusitadas. Nesta pesquisa, também é evidente o quanto as práticas pedagógicas das Oficinas do Jogo contribuíram para a incidência de acréscimos, interpretações e histórias inusitadas. Acreditamos que as atividades lúdicas das Oficinas do Jogo constituíram-se em um espaço de fertilização da imaginação.

Para finalizar, faremos algumas considerações no contexto da teoria da linguagem. Em uma perspectiva bakhtiniana, a união entre a língua e as estruturas extralingüísticas é o que compõe a obra, isto é, o sentido de um texto é dado pelas diversas relações estabelecidas no meio social cotidiano. Para Bakhtin, a composição do autor-criador “[...] dá forma ao conteúdo: ele não apenas registra passivamente os eventos da vida.” (BRAIT, 2008, p. 39), e consiste em um processo de apropriação, tomando uma obra em seu poder, interpretando-a e completando-a

a partir de sua subjetividade. Dá a ela, portanto, um sentido contextualizado na sua realidade.

Nas Oficinas do Jogo, como já dissemos, as crianças escreviam suas histórias, brincando de faz-de-conta com os materiais pedagógicos. Esta atividade proporcionava uma grande quantidade de relações e diálogos estabelecidos com os outros e com o conto ouvido. Por fim, constituía-se em um espaço de interlocução, facilitador de apropriação e reelaboração do conto. Nestas práticas pedagógicas, as crianças tornaram-se co-autoras e autoras de suas histórias. No momento de redigir a história elas já tinham assumido uma posição de autoria que foi amplamente reforçada nas Oficinas do Jogo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas Oficinas do Jogo muitas coisas foram vivenciadas, criadas, reelaboradas a partir do conto. As relações foram múltiplas, de nível interpessoal, intrapessoal, mediadas pelos materiais pedagógicos. As atividades eram vivenciadas de corpo inteiro, num ambiente pedagógico favorável, porque lúdico, e sob a supervisão do professor de Educação Física. O montante de experiências vividas pelas crianças resultou em registros escritos de histórias. Outros registros escritos decorreram dos contos ouvidos e não foram vividos nas Oficinas. Uma vez ouvidos os contos, eles constituíam atividades internas, porém, pouco a pouco tais atividades tornavam-se mais e mais fertilizadas pelas práticas das Oficinas do Jogo. Muitas outras experiências vividas nas Oficinas não foram registradas diretamente nas escritas, mas nem por isso deixaram de reverter em ganhos para as crianças. Por fim, pode-se dizer que essas vivências, de alguma maneira, ficaram registradas nas representações mentais, enriquecendo a atividade imaginária, algo que escapa muito às nossas observações, exceto naquilo que pudemos perceber nas histórias escritas.

Não restam dúvidas de que as brincadeiras foram atividades que resultaram em vultosos ganhos para a imaginação. Além disso, ao serem as histórias contextualizadas no ambiente pedagógico das Oficinas do Jogo, tal contextualização propiciou às crianças autonomia para, através das histórias, construir o próprio conhecimento. A aprendizagem foi desenvolvida a partir do conhecimento delas, a partir da subjetividade de cada criança e da construção imaginária coletiva. Os

contos, quando brincados, foram construídos, desconstruídos e reinventados no plano concreto e no mental, propiciando momentos de reflexão, de crítica, de elaboração e re-elaboração de conhecimentos. As Oficinas propiciaram o diálogo, a autonomia, as mais diversas expressões motoras. Errar era apenas uma possibilidade que poderia sempre ser corrigida, sem punição.

Os materiais pedagógicos das Oficinas do Jogo, quando na posse das crianças, deixaram de ser simplesmente materiais e tornaram-se brinquedos. Como brinquedos, possibilitaram momentos lúdicos que prenderam a atenção, que exigiram acordos e possibilitaram a ampliação das relações sociais. As diversidades contidas no material possibilitaram as mais diversas combinações, fertilizando a imaginação ao mesmo tempo em que a ampliava, mas garantindo o vínculo com o mundo real.

Nesse ambiente pedagógico lúdico, as vivências deram sentido a fatos, a cenas dos contos, a palavras, a frases, permitindo a apreensão de múltiplas formas de leitura, compreensão e interpretação. As mesmas Possibilitaram a incorporação/apropriação dos contos e, com eles, o diálogo contextualizado na cultura infantil, o que proporcionou às crianças maiores condições para o desenvolvimento das escritas, fazendo com que assumissem uma posição de autoria e distanciando-se das reproduções mecânicas. Conseqüentemente, contribuindo para o desenvolvimento da alfabetização.

O presente estudo, a exemplo de outros, apresenta resultados que contribuem para a educação, ao se levar a uma reflexão, tendo em foco dimensões humanas que podem somar-se ao plano intelectual na aprendizagem da leitura e da escrita. Ao evidenciar que ler e escrever são aprendizagens que podem e devem ser contextualizadas na cultura infantil, contribui para a evolução dos processos de

alfabetização que ainda se encontram restritos à tradição da sala de aula. Ao mesmo tempo, questiona os currículos escolares e planos políticos pedagógicos a respeito da maneira como interpretam, visualizam, subestimam, vêem de forma arcaica a disciplina Educação Física.

Neste estudo, a Educação Física, enquanto disciplina participante da proposta de alfabetização, em momento algum perdeu sua identidade, nem mesmo esteve a serviço de outras disciplinas, apenas engajou-se no projeto maior de educação, educando integralmente, com vistas à emancipação do aluno. Os resultados verificados neste estudo somam-se aos de vários outros já realizados, ao evidenciar que o plano motor, quando bem explorado, proporciona aprendizagens que se estendem as demais dimensões humanas. No Ensino Fundamental, negar o potencial pedagógico da Educação Física é impedir às crianças de desenvolverem, a partir da motricidade, suas habilidades de aprendizagem, seu poder de reflexão, suas possibilidades de tomar consciência, sua imaginação.

Nossa ideia, ao investirmos neste trabalho, não era apenas contribuir para alfabetizar as crianças no sentido tradicional do termo, do modo como, habitualmente, tem sido feito na escola, mas sim, contribuir para um projeto maior de educação, que a entende como um processo de emancipação. Queremos, fazendo a criança contextualizar aquilo que escreve, fazer com que ela ganhe em autonomia, que ela seja capaz de ser autora de suas próprias ações.

Por fim, as Oficinas do Jogo tornaram ainda mais evidente que as atividades lúdicas, quando bem conduzidas e exploradas pelo professor, tornam-se um importante instrumento de educação, especialmente naquilo que diz respeito ao enriquecimento da imaginação.

REFERÊNCIAS

ALVES, Ruben. **Conversas sobre educação**. 8 ed. Campinas, SP: Verus Editora, 2003.

ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia de; MORAIS, Artur Gomes de; FERREIRA, Andréa Tereza Brito. As práticas cotidianas de alfabetização: o que fazem as professoras?. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 38, ago. 2008 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782008000200005&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 25 out. 2009. doi: 10.1590/S1413-24782008000200005.

BACHELARD, Gaston. O ar e os sonhos: ensaio sobre a imaginação do movimento. Trad. Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 12 ed. São Paulo: Editora Hucitec, 2006.

BARDIN, Laurence. **Análise do Conteúdo**. 3. ed. Lisboa: Edições 70, 2004.

BETTELHEIM, Bruno. **Psicanálise dos Contos de Fadas**. 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

BOGDAN, R.C e BICKEN, S.K. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e métodos**. Porto, Portugal: Porto Editora, 1994.

BRAIT, Beth. **Bakhtin: Conceitos-chave**. São Paulo: Editora Contexto, 2008.

BROUGÈRE, Gilles. Brinquedo e cultura. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2004.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização & Linguística**. São Paulo: Editora Scipione, 2007.

CAREGNATO, Rita Catalina Aquino; MUTTI, Regina. Pesquisa qualitativa: análise de discurso versus análise de conteúdo. **Texto contexto - enferm.**, Florianópolis, v.15, n. 4, dez. 2006 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072006000400017&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 12 fev. 2010. doi: 10.1590/S0104-07072006000400017.

CELANTE, Adriano R. Pinóquio e a experimentação pessoal na infância: reflexões sobre o jogo no processo educativo. In VENÂNCIO, S. & FREIRE, J.B. (ORGS). **O Jogo dentro e fora da escola**. São Paulo: Campinas. Editora: Autores Associados. 2005.

COLELLO, Silvia M. **Alfabetização em questão**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2004.

COLELLO, Silvia M. G. **A escola que (não) ensina a escrever**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2007.

COLIN, Roland. Henri Desroche e as raízes da pesquisa-ação. In THIOLENT, Michel. **Pesquisa-ação e projeto cooperativo na perspectiva de Henri Desroche**. São Carlos: EDUFSCAR, 2006.

DESROCHE, Henri. Pesquisa-ação: Dos projetos de autores aos projetos de atores e vice-versa. In THIOLENT, Michel. **Pesquisa-ação e projeto cooperativo na perspectiva de Henri Desroche**. São Carlos: EDUFSCAR, 2006.

EGAN, Kieran. Por que a imaginação é importante na educação. In FRITZEN, Celdon & CABRAL, Gladir S. **Infância Imagem e Educação em Debate**. São Paulo: Papyrus Editora, 2007.

FEIJÓ, Atagy Terezinha Maciel. **Oficinas do Jogo: uma abordagem pedagógica transdisciplinar nas séries iniciais do ensino fundamental**. 2005. 165f. Dissertação (Mestrado) – Centro de Ciências da Saúde e do Esporte, UDESC, Florianópolis, 2005.

FRANCO, Maria Amélia Santoro. **Pedagogia da pesquisa-ação**. Educação e Pesquisa, vol. 31, n 3, p. 483-502, set/dez. 2005.

FREIRE, Madalena. **A paixão de conhecer o mundo**. São Paulo: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, João Batista. **Investigações preliminares sobre o Jogo**. tese (Livre docência) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.

_____ **Entre o Riso e o Choro**. Campinas: Autores Associados, 2002.

_____ **Educação de corpo inteiro: teoria e prática da educação física**. 4ª ed. São Paulo: Scipione, 2003.

FRIRE, J. B. Da escola para a vida. In VENÂNCIO, S. & FREIRE, J.B. (ORGS). **O Jogo dentro e fora da escola**. São Paulo: Campinas. Editora: Autores Associados. 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. 31 ed. São Paulo: editora Paz e Terra, 2005.

_____ **Pedagogia do Oprimido**. 43. ed. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2006.

GIRARDELLO, Gilka. **Televisão e imaginação infantil: histórias da Costa da Lagoa**. Tese de Doutorado em Jornalismo, ECA – USP, 1998.

GODA, Ciro. *Fabrincando: As Oficinas do Jogo como uma proposta educacional nas séries iniciais do Ensino Fundamental*. **Movimento**, Porto Alegre, v. 14 n. 01, p. 111-134, Janeiro/abril de 2008.

GOULART, Cecília Maria. A apropriação da linguagem escrita e o trabalho alfabetizador na escola. **Cad. Pesqui.**, São Paulo, n. 110, jul. 2000. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742000000200007&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 25 set. 2009. doi: 10.1590/S0100-15742000000200007

GONÇALVES, Clésio J. S. & SANTOS, Silvana S. Ler e escrever também com o corpo em movimento. In NEVES, Iara C. B. et al. **Ler e escrever compromisso de todas as áreas**. Porto Alegre: Editora da Universidade, 1998.

LANKSHEAR, Colin & KNOBEL, Michele. **Pesquisa Pedagógica, Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

LEITE, Sergio A. S. O processo de Alfabetização Escolar: revendo algumas questões. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 24, n 2, p. 449-474, jul/dez. 2006.

LEONTIEV, Alexis. **O Desenvolvimento do Psiquismo**. 2. ed. São Paulo: Editora Moraes, 1964.

MARTINS, Heloisa Helena T. de Souza. Metodologia qualitativa de pesquisa. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 30, n. 2, ago. 2004. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022004000200007&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 13 fev. 2010. doi: 10.1590/S1517-97022004000200007.

MATURANA, Humberto, **Emoções e Linguagem na Educação e na política**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

MOREIRA, Wagner WEY. *Educação Física Escolar, uma abordagem fenomenológica*. 3 ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1995.

MORIN, Edgar. **A Cabeça Bem Feita: repensar a reforma reformar o pensamento**. 9. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

OLIVEIRA, Alessandra M. R. de. Escultura e imaginação entre as crianças pequenas. In FRITZEN, Celdon & CABRAL, Gladir S. **Infância Imaginação e Educação em Debate**. São Paulo: Papirus Editora, 2007.

RAMACHANDRAN, V. S. **Fantasma no cérebro: uma investigação dos mistérios da mente humana**. 2 ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

SAWAYA, Sandra Maria. Alfabetização e fracasso escolar: problematizando alguns pressupostos da concepção construtivista. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 26, n. 1, jan. 2000. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022000000100005&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 25 set. 2009. doi: 10.1590/S1517-97022000000100005.

SANTANA, Geisa M. L. **Oficinas do Jogo: O Desenvolvimento da Imaginação na Educação Física da Primeira Infância**. 2008. 175 f. Dissertação (Mestrado) – Centro de Ciências da Saúde e do Esporte, UDESC, Florianópolis, 2008.

SMOLKA, Ana Luiza. In VIGOTSKI, Lev S. **Imaginação e criação na infância: ensaio psicológico: livro para professores**. Apresentação e comentário Ana Luiza Smolka; trad. Zoia Prestes. São Paulo: Ática, 2009.

SMOLKA, Ana Luiza B. **A criança na fase inicial da escrita: a alfabetização como processo discursivo**. São Paulo: Cortez, 2001.

SOARES, Magda. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, n. 25, abr. 2004. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782004000100002&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 25 out. 2009. doi: 10.1590/S1413-24782004000100002.

TEBEROSKY, Ana & TOLCHINSKY, Liliana. **Além da Alfabetização: a aprendizagem fonológica, ortográfica, textual e matemática**. 4. ed. São Paulo: Editora Ática, 2002.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da Pesquisa**. 13. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2004.

VENÂNCIO, S. & MARTINS, I. C. Salvando a Rapunzel: o jogo simbólico na escola. In VENÂNCIO, S. & FREIRE, J.B. (ORGS). **O Jogo dentro e fora da escola**. São Paulo: Campinas. Editora: Autores Associados. 2005.

VIGOTSKI, L. S. **Pensamento e linguagem**. Lisboa: Antídoto, 1979.

_____ **A formação social da mente**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____ **Imaginação e criação na infância: ensaio psicológico: livro para professores**. Apresentação e comentário Ana Luiza Smolka; trad. Zoia Prestes. São Paulo: Ática, 2009.

APENDICE 1 – Histórias escritas da criança - A

A Bela Adormecida, conto brincado – criança A

Era uma vez um casal muito ricos e poderosos eles estavam muito tristes porque eles queriam porque queriam ter uma filha e estavam muito triste. Ela foi tomar um banho no rio e logo saltou uma ram. E um de seus cavaleiros falou: - não fique assim daqui um ano você vai dar alus a uma menina. E passar de alguns meses ela deu alus a uma menina e o pai deu o nome de Flor Graciosa. E o rei logo fez uma festa para comemorar o nascimento da filha. E convidou treze fadas e o seu empregado falou: - minha magestade fauta um prato de ouro para asfada. Então convida so doze fada então o empregado foi so com doze convite e convidou so doze fadas. E forão a festa e elas forão até o beso e derão o seu presente. E a primeira de o seu presente e quando chegou a vês da ultima a fada que nem tinha sido convidada entrou na frente e disse baichinho: - quando completa quize anos morera e foi embora. E a ultima fada que não tinha falado ainda falou: - você não morera dormira cem anos. E quando completou quize anos ela ficou tonta e foi subindo a escada e chegou até um quartinho e viu uma velinha com os cabelos branco e ela estava fiando com o fuzo e ela furou o dedo.

Análise da história

Quando escreve, “[...] um casal...”, ela simplesmente faz uma SUBSTITUIÇÃO da frase, “um rei e uma rainha” isto nada mais é que um casal.

Quando utiliza a frase, “[...] estavam muito tristes...”, esta frase SUBSTITUI outra com a mesma lógica, “pouco felizes”.

Quando a criança escreve a frase, “queriam porque queriam” isto nos parece mais ser uma INTERPRETAÇÃO do texto, exatamente logo no início onde a passagem esta escrita assim: “- Se pudessemos ter um filho! – suspirava o rei
- E Deus queira que nascesse uma menina! – Animava-se a rainha.
- E por que não gêmeos? – Acrescentava o rei.”

Quando a aluna escreve a frase, “Ela foi tomar um banho no rio” esta frase faz vez de SUBSTITUIÇÃO da frase do texto original, “...a rainha foi banhar-se no riacho...”

Na frase, “um de seus cavaleiros falou: - não fique assim daqui um ano você vai dar alus au uma menina”, esta frase apenas é uma reprodução do texto original, porém o que tem de novo aqui é que, quem à disse foi a própria rã, portanto no conto, não há participação de nenhum cavaleiro, o que caracteriza um ACRÉSCIMO, colocar um cavaleiro como coadjuvante no texto.

Quando a criança escreve em seu texto, “e o rei logo fes uma festa para comemorar o macimento” isto muito me parece como uma frase INTERPRETATIVA, pois no texto original temos a seguinte passagem, “...para a festa de batizado, convidou uma multidão de súditos: parentes, amigos, nobres do reino e,”

No texto há mais uma frase INTERPRETATIVA quando a criança descreve a frase, “minha magestade faulta um prato de ouro para asfada”, pois no conto que ouviam se lê a seguinte passagem, “- Magestade, as fadas são treze, e nos só temos doze pratos de ouro!”

Na sequência da frase anterior, escrita pela criança, temos, “Então convide so doze fada” esta me parece ser mais uma SUBSTITUIÇÃO da frase, “- Não convidaremos a décima terceira fada...”

Quando escreve a frase, “E forão a festa e elas forão até o beso e derão o seu presente” ela me parece PREENCHER UMA LACUNA, com a primeira parte desta frase (e forão a festa) há um trecho no conto que assim é, “No dia da festa, cada uma delas chegou perto do berço onde dormia Flor Graciosa e ofereceu a recém-nascida um presente maravilhoso.”

Quando utiliza a frase, “entrou na frente” parece haver aqui uma INTERPRETAÇÃO, pois no texto original temos: “onze fadas já tinham desfilado em frente ao berço, faltava somente uma (...) quando chegou a décima terceira, aquela que não tinha sido convidada.”

Quando assim escreve, “E a autima fada que não tinha falado ainda falou:”, isto me parece SUBSTITUIR a frase, “então aproximou-se a décima segunda fada, que devia, ainda, dar o seu presente.”

Peter Pan, conto ouvido – Criança A

O wuendi sempre contava istoria antes do dormir Peter Pan perguntou para umas crianças se queriao conhecer a terra do nunca e eles aseitarão.

E eles forão até que chegarão perto de uma ilha e desidirão construir uma cas para dormir.

E os pais deles estavam muito preucupada não sabia porque eles tinha somido. E o cpitam gancho deu uma água envenenada para Peter pan e quando acordou tentou bebe a água mas sininho evitou e acabou envenenada.

Mas Peter pam com sigui fazer que ela morese. E foi etras dos seus amigo que o gancho tinha levados e ele teve uma briga com o gacho com espadas e venceu. E levou seus amigos para casa e seus amigos folara para seus pais que não ia mas sair de casa e Peter pam foi para casa mas muito triste porque deixou seu amigos.

Análise da história

Ao utilizar em seu texto a frase, “Peter Pan perguntou para umas crianças se queriao conhecer a terra do nunca” esta frase SUBSTITUI outra frase do texto, “Peter PAN e a fada Sininho apareceram na janela do quarto dos meninos e convidaram todos eles para visitar a terra do nunca.”

Na frase, “E eles forão até que chegarão perto de uma ilha” ela apenas SUBSTITUI a frase que assim está no texto, “aceitaram e, com a magia da fada todos voaram até uma ilha.”

Quando utiliza a frase, “Mas Peter pam com sigui fazer que ela morese.” Ela apenas faz uma SUBSTITUIÇÃO da frase, “Peter Pan não se deixou vencer e conseguiu salvar a doce Sininho.”

Na frase, “e ele teve uma briga com o gacho com espadas e venceu.” A criança SUBSTITUI a frase, “Ele enfrentou o malvado bandido com valentia e conseguiu vencê-lo com um golpe de espada.”

Branca de Neve, conto brincado – criança A

Um lindo dia uma rainha que estava tricotando na sua janela escura de ébano.

E comesou a cair neve e ela espetou seu dedo e comesou a sair sangue e caiu três gotas de sangue e caiu na neve.. E ela ficou olhando a quele vermelho com branco lindo. E ela estava grávida e ela pode fazer um desejo e ela falou:

- Eu quero que a pele dela seja branca como neve, os cabelos negro como ébano e a boca vermelha quanto sangue. E sua filha deu a luz e logo que ela deu a luz a rainha morreu. E depois de um ano o rei se casou com outra rainha que mesmo parecia uma bruxa e ela era muito mauvada. Ela tinha um espelho mágico que não mentia e ela falou:

-Espelho querido existe alguém mais bonita do que eu neste reino e ele responde:

- Não minha rainha você é a mais bela de todo este reino. E se alguém fosse mais bonita e bela do que ela ficava brava e não gostava. E a menina se chamava Branca de Neve e ela ia cada vez ficando mais bonita. E a rainha perguntou de novo:

- Espelhinho querido existe alguém mais bonita que eu neste reino e o espelho respondeu

- Minha rainha você é linda mas soque mil vezes mais bonita é Branca de Neve. E a Rainha ficou batendo a cabeça sem saber o que fazer com Branca de Neve. E ela teve uma ideia de mandar um caçador leva ela para a floresta e tirar os pulmões e os fígados dela. E ele levou ela para a floresta e ela falou:

- Por favor me deixe viver e ele observou a beleza dela e deixou ela viver e tirou os pulmões e os fígados de um filhote recém nascido de um javali. E levou a rainha e ela comeu pensando que era de Branca de Neve. E a Branca de Neve correu ela olhava para trás de todas as folhas. E ela correu até as suas pernas aguentarem e até que ela achou uma casinha. E pequenininha mas soque limpinha.

E ela entrou e na mesa tinha uma toalha branca 7 pratos, 7 garfinhos, 7 faquinhas, 7 canequinhas e 7 cadeirinhas.

E ela comeu e bebeu tudo o que tinha na mesa. E ela viu 7 camas e deitou e deitou em cada uma soque uma era grande de mais outra era pequena de mais e uma doze tamanha. E que morava lá era 7 anões e ele chegou. E um disse:

- algen tomou na minha canequinha algen comeu no meu pratinho alque comeu com o meu garfinho e a minha faquinha. E eles virão Braca de Neve dormindo la. E a rainha foi perguntar ao espelho e ela dice:

-Espelho querido me existe alguém mas bela do que eu neste reino e o espelho respondeu:

- Minha querida rainha você é a mas bela deste reino ma nil vezes é Branca de Neve que esta na casa dos 7 anoins jentis. E ela ficou vermelha de calera e resolve iso sosinha.

E ela semaquiou de velha e foi até a casinha e bateu na porta e falou:

- Tudo do bom e do melhor ela estava vendendo fitas coloridas e corpeti. E Braca de neve resolveu comprar e deichou ela entra. E Braca de Neve conprou um corpeti e a velha dice:

- Minha filha como voce é deis ajeitada. deichime arunala. E a velha apertou e a Branca de Neve moreu. E o anoins chegarão e viu Branca de Neve caída. E rapidamente eles tirarão o corpete ela abriu os olhos e eles dícerão:

- so pode ter sido a rainha. E no outro dia eles falarão traque bem a porta e no deiche ningen entrar. E a rainha foi perguntar ao espelho:

- Espelho querido meu esiste algem mas bonita do que eu neate reino e o espelho respondeu:

- Minha querida você e a mas bela deste reino mas mil vezes Branca de neve que esta na casa dos 7 anos. E ela agora fez um pente maldisuado. E foi até a casinha e falou:

- tudo do bom e do melhor. E branca de neve dice baichinho eu mão poso deichar voce emtra. E ela não agentou não deixar uma velhinha entra. E ela entrou de ela pentohou o cabelo dela e ela moreu.

E os anoins chegarão e virão Branca de neve morta e tirarão o pente do cabelo dela e ela acordou. E na manhã seginte eles forão trabalhar e falarão a mesma coisa. E a brucha folou ao espelho:

- Espelho querido meu existe alquen mas bonita do que eu neste reino e o espelho responde:

- Minha querida rainha você é a nas bela de todas mas mil vezes Branca de Neve que esta na cas dos anoins. E ela foi para sua salinha e preparou uma macã envenenada. E foi até a casinha e folou tudo o bon e do melhor. E branca de neve não agentou não deichar uma velhinha emtra. E ela comeu a maçã envenenada e

moreu. E os 7 anoinos chegarão e viu a Branca de Neve morta. E resouverão fazer um caixão trasparente para ela. E eles levarão ela para o meio das árvores. E um prisipe pasou e viu ela e pediu o caixão para eles mas eles não derão.

E ele pediu como presente e eles dera e ele mandou os seus enpregados levaren soque um caiu e Branca de neve acordou e o prinsipe pediu ela em casamento e a rainha foi convidada para o casa mento e eles fiserão ela dançar até morer e eles viverão felizes para sempre.

Análise da história

A aluna que escreveu este conto, percebo que tende a acrescentar em seus contos um adjetivo de beleza, como na frase, “Um lindo dia”, neste conto em especial a palavra lindo é algo que não esta no conto original é algo pessoal da criança vem de sua criatividade para o conto , portanto é um ACRESCIMO.

Na frase, “comesou a cair neve” ela parece SUBSTITUIR a frase, “vendo flocos de neve esvoaçarem” como a palavra esvoaçarem certamente não faz parte de seu vocabulário ela modifica esta palavra por outra de seu conhecimento, talvez até realizando uma interpretação de que esvoaçarem seria o mesmo que neve caindo.

Quando a aluna escreve a frase, “E se algen fose mas bonita e bela doque ela ficava brava e não gontava (agüentava).” Esta é uma frase que não esta explicita no conto original,mas certamente é uma INTERPRETAÇÃO realizada pela criança de duas faces do conto, primeiro pela atitude da bruxa ao saber que Branca de Neve é a mais bela. E segundo por ser este o ponto chave gerador de todo o conto de Branca de Neve.

Na frase, “a Rainha ficou batendo a cabeça sem saber o que fazer com Branca de Neve.” Vejo como uma frase INTERPRETATIVA da seguinte sentença:

“A rainha estremeceu. Ficou amarela, depois verde de inveja! E a partir daquele dia, cada vez que avistava branca de neve, seu coração se contorcia no peito. Como uma erva daninha, sua inveja e seu orgulho não pararam mais de crescer, sem lhe dar sossego, nem de dia nem de noite.”

Quando utiliza a frase, “ela teve uma idéia” de forma muito sutil ela tende a fazer um ACRESCIMO no conto, vejamos porque; no original temos a frase, “Não agüentando mais, a rainha mandou chamar um caçador e lhe ordenou:” portanto esta frase no meu ver apenas revela uma atitude da rainha, já quando a criança

escreve “ela teve uma idéia”, esta é uma frase que deixa a entender que a rainha ficou pensando em busca de uma solução e lá pelas tantas teve uma idéia. Isto é algo diferente que não fazia parte do conto e que foi acrescentado partindo da criatividade da criança.

Na frase, “ele obiservou a belesa dela e deixou ela viver”, a criança realiza uma SUBSTITUIÇÃO de frase, “como ela era tão linda, o caçador teve dó e lhe disse: -Fuja, pobre menina!” ela apenas escreveu de forma diferente um trecho do texto.

Quando escreve a frase, “tirou os pumoins e os fígados de um filhote resem nasida de um Javali”, há nesta frase de forma muito sutil uma INTERPRETAÇÃO no momento em que é acrescentado a sentença “recém nascido” pois no texto original há a seguinte frase:

“Vendo um filhote de javali que vinha saltitando em sua direção, o caçador matou-o, tirou seus pulmões e seu fígado...”

Quando a criança em seu texto escreve a frase, “ela comeu e bebeu tudo o que tinha na mesa” mais uma vez de forma sutil a criança realiza um ACRESCIMO, pois no conto original temos a frase, “Como estava morrendo de fome e de sede, ela comeu um pouco dos legumes de cada pratinho, partiu um pedacinho de cada pãozinho, bebeu uma gota de vinho de casa canequinha.” Como vemos em momento algum é dito que ela bebeu e comeu tudo, apenas afirma que ela pegou um pouquinho de cada coisa.

Quando ela escreve em seu texto a frase, “E ela viu 7 caminhas e deito e deito encada uma soque uma era grande de mais outra era pequena de mais e uma doseu tamanha.” Vemos como INTERPRETAÇÃO do trecho, “Tão cansada estava que quis se deitar. Mas ela não cabia em nenhuma cama: uma era grande demais, outra estreita demais. A sétima era do seu tamanho.” Vejo com interpretativa pelo fato que na frase do texto original em momento algum diz que ela experimentou as camas, mas lendo a frase é possível interpretá-la desta maneira.

Quando a aluna escreve a frase, “resolve iso sosinha.” Vemos como frase de INTERPRETAÇÃO de todo o contexto do conto, se o caçador não fez o que era

para ser feito então farei isto sozinha, este seria o pensamento da rainha má, possivelmente interpretado pela criança.

Na frase, “rapidamente eles tirarão o corpete ela abriu os olhos” temos aqui uma SUBSTITUIÇÃO da frase, “Eles cortaram rapidamente o cordão. Branca de Neve voltou a respirar e pouco a pouco foi se recuperando.”

Na frase, “branca de neve dice baixinho”, isto é um ACRESCIMO da aluna pois em momento algum do texto há algo que faça menção que a menina tenha falado baixinho.

Vemos mais uma SUBSTITUIÇÃO quando a aluna escreve a frase, “ela foi para sua salinha” que vem a substituir, “Ela se trancou num quarto secreto,...”

Quando escreve a frase, “eles levarão ela para o meio das árvores” esta é uma frase que não tem no texto original, lá temos a frase, “Depois levaram a urna para montanha ...”, vemos como uma frase INTEPRETATIVA, pois a criança deduz, por isso interpreta que na montanha há arvores.

João e Maria, conto ouvido – criança A

Era uma vez um pobre leizador. Que morava no meio da floresta. E ele tinha a segundo mulher. E como eles eram pobre que no guarda comidas tinha um pedaso de pão seco. E eles tinham dois filhos e a mulher falou:

- Ai meu pobre marido você não cosege sustentar nos todos com esa pobre inxada. E ele concordou e dice:

- Ai é mesmo. E anoiteseu e mulher falou:

- Vamos lervar eles para a floresta e asender uma fogueira e o marido respondeu:

- Nunca. Mas ela até que ensistiu ao marido. E o João escutou tudo e Maria comesou a chorar e o João falou:

- Não chore eu vou cuidar de você. E quando o casal foram dormir. João foi até a porta e abril a porta e pegou um puncado de pedra brilhantes e colocou dentro dos bousos e foi para o quarto pois ele era muito esperto. E no outro dia de manhã. o pai e madrasta elvaram eles para a floresta e João ficou para tras jogando as pedras. E o pai falou:

- Vamos João e o João falou:

- Eu estou me despedindo do gato branco ensima do telhado. E a madrasta dice:

- Não e gato e o sol brilhando no telhado molhado. E eles foram e pararam no meio da floresta. E os pais asenderam a fogueira e deram um pedaso de pão para cada um e falaram:

- Fiquem aqui nos vamos fazer um serviso aqui perto. E comesou a escurecer e Maria comesou a chorar. E as vezes eles escutavão um machado batendo ne um madeira mas era um galho quebrado batendo e um tronco quebrado. E a lua foi surgindo e eles voutaram para casa. E eles viram como o pai ficou felis. E a madrasta dice:

- Aonde voceis estavam. E a madrasta dice: tudo denovo ao marido para eles irem para a floresta. E a Maria comesou a chorar. E João falou:

- Não chore eu vou cuidar de você e como estivese com coraje. E João foi até a porta mas estava trancada. E na manhã eles foram de novo para a floresta. E a madrasta deu um pedaso de pão. E o João ficou para tras e comesou picar o pão e jogar no chão. E o pai dice:

- Vamos João e ele falou:

- Eu estou me despedindo do pasaro branco ensima do telhado e a madrasta falou:

- Não e o pasaro branco e o sol brilhando no telhado molhado. E eles chegaram e os pais falarão a mesma coisa. E forão e Maria comesou a chorar e comesou a escurecer. E João lenbrou que tinha deichado migalhas de pão mas e os pasaros comeram. E eles segiram pela frente e chegaram au meio da floresta. E chegaram a uma casa de doces o telhado de bolo e João e Maria não resistiram e encherão a boca de bolo e Maria estava cavucando o asuca da batenti das portas e das janelas e saiu uma vós de dentro da casinha falando:

- Quem esta ai e Maria falou:

- É só o ár soprando. E saiu de La uma velhinha mancando e ela falou ai que crianças lindas estam com fome. Entrem e ela fes para eles lasanha bolo suco. E eles não tinham persebido(...) que ela tinha feito esa casa para destrair as crianças. E a velha prendeu o João ne uma gaiola e fez Maria como empregada.

E a velha falou va buscar comida e fasa uma comida bem gostosa para a janta. E a velha queria que o João ficase gordo todos os dias ele comia três pratadas de comida. E Maria não comia nada quase.

E a velha não enchergava muito bem porque era brucha. E ela pediu para Maria limpar o forno e ela persebeu o que ela ia fazer. E ela falou:

- Menina Tonga retardada. E foi mostrar e Maria foi e fesou o forno. E soutou João. E eles acharam um baude ouro e pegaram o ouro e foram embora.

E quando eles chegaram em casa virão o pai feliz e o pai falou que a madrasta tinha morido. E eles combinaram que iam repartir tudo que eles tinham e assim viveram felizes para sempre.

Análise da história

Iniciando a escrita a criança escreve: “Era uma vez um pobre leizador. Que morava no meio da floresta. E ele tinha a segundo mulher. E como eles eram pobre que no guarda comidas tinha um pedaso de pão seco. E eles tinham dois filhos e a mulher falou:

- Ai meu pobre marido você não cosege sustentar nos todos com esa pobre inxada.

A criança escreve sua história de forma a traduzir para uma linguagem sua o conto que ouviu, no contexto substitui algumas palavras como, “orla de uma grande floresta”, por, “no meio da floresta”, “vivia com sua segunda mulher”, por, “ele tinha a segunda mulher”, “não adianta marido”, por, “- Ai meu pobre marido”, “machado”, por, “inchada”. Apenas SUBSTITUI, escrevendo com sua linguagem.

O trecho escrito pela criança que citaremos é apenas uma SUBSTITUIÇÃO de acordo com suas possibilidades.

“- Ai é mesmo. E anoiteseu e mulher falou:

- Vamos lervar eles para a floresta e asender uma fogueira e o marido respondeu:

- Nunca. Mas ela até que ensistiu ao marido. E o João escutou tudo e Maria comesou a chorar e o João falou:

- Não chore eu vou cuidar de você. E quando o casal foram dormir. João foi até a porta e abril a porta e pegou um puncado de pedra brilhantes e colocou dentro dos bousos e foi para o quarto pois ele era muito esperto.”

Observa-se que no final ela escreveu “pois ele era muito esperto” isto sim, de maneira sutil é um ACRESCIMO.

Sobre a sentença: “E o João escutou tudo e a Maria comesou a chorar..”, a aluna faz um resumo de maneira a PREENCHER UMA LACUNA do trecho; “João e Maria estavam acordados no quarto ao lado, pois não conseguiam dormir, de tanta fome. Quando Maria ouviu o que o pai e a madrasta estavam planejando, começou a chorar amargamente, abafando seu soluços com o cobertor.”

Na sequencia a criança escreveu:

“E no outro dia de manhã. o pai e madrasta elvaram eles para a floresta e João ficou para tras jogando as pedras. E o pai falou:

- Vamos João e o João falou:

- Eu estou me despedindo do gato branco ensima do telhado. E a madrasta dice:

- Não e gato e o sol brilhando no telhado molhado. E eles foram e pararam no meio da floresta. E os pais asenderam a fogueira e deram um pedaso de pão para cada um e falaram:”, o que analisamos apenas como SUBSTIUIÇÃO do conto ouvido.

Na continuidade também o que vemos é uma **SUNSTITUIÇÃO** do conto ouvido antes da escrita. Observa-se que criança reproduz com suas palavras as sua lembranças e não a integra, vejamos:

“- Fiquem aqui nos vamos fazer um serviso aqui perto. E comesou a escurecer e Maria comesou a chorar. E as vezes eles escutavão um machado batendo ne um madeira mas era um galho quebrado batendo e um tronco quebrado. E a lua foi surgindo e eles voutaram para casa. E eles viram como o pai ficou felis. E a madrasta dice:”

Sobre a sentença: “E a lua foi surgindo e eles voutaram para casa”. É **SUBTITUIÇÃO** do trecho; “- Não chore – disse João, abraçando-a. – Logo a lua vai se levantar, e então você vai ver!

Devagarinho a lua foi surgindo acima das árvores da floresta. João se levantou e mostrou as pedrinhas que tinha jogado.

- Veja como elas brilham! – exclamou Maria.

As pedrinhas cintilavam, mostrando-lhes o caminho de casa, como se fosse um trilho de prata à sua frente, brilhando como moedas novas”, portanto **SUBSTITUI**.

Em continuidade temos a sentença:

“- Aonde voceis estavam. E a madrasta dice: tudo denovo ao marido para eles irem para a floresta. E a Maria comesou a chorar. E João falou:

- Não chore eu vou cuidar de você e como estivese com coraje. E João foi até a porta mas estava trancada. E na manhã eles foram de novo para a floresta. E a madrasta deu um pedaso de pão. E o João ficou para tras e comesou picar o pão e jogar no chão.”

No início vemos uma **SIBSTITUIÇÃO**, ao escrever, “a madrasta dice: tudo denovo ao marido”, substitui do conto, “...João e Maria ouviram a madrasta novamente fazendo seus planos”, no restante, assim como na frase anterior, é apenas uma **SUBSTITUIÇÃO**.

Dando continuidade temos:

“- Vamos João e ele falou:

- Eu estou me dspedindo do pasaro branco ensima do telhado e a madrasta falou:

- Não e o pasaro branco e o sol brilhando no telhado molhado. E eles chegaram e os pais falarão a mesma coisa. E forão e Maria comesou a chorar e

comesou a escurecer. E João lembrou que tinha deitado migalhas de pão mas e os passaros comeram”, também SUBSTITUI de acordo com as lembranças da criança, observa-se no entanto que ao escrever “os pais falarão a mesma coisa”, há uma INTERPRETAÇÃO do desenrolar do conto, lemos no conto:

“Agora João e Maria não estavam com tanto medo, pois já tinham encontrado o caminho de volta uma vez e achavam que poderiam fazer a mesma coisa de novo. Sentaram-se perto da fogueira e ficaram esperando a **lua aparecer**. Então João saiu em busca da sua trilha de migalhas. Só que os milhares de passarinhos **famintos** da floresta tinham comido todas, uma por uma. As marcas do caminho para casa tinham sumido.”

Em sequência a criança escreveu,

“E eles seguiram pela frente e chegaram ao meio da floresta. E chegaram a uma casa de doces o telhado de bolo e João e Maria não resistiram e encherão a boca de bolo e Maria estava cavucando o asuca da batenti das portas e das janelas...”, há uma SUBSTITUIÇÃO do conto ouvido pelas palavras da criança, sem modificar o enredo ela escreve com o mesmo sentido, porém com palavras diferentes.

Ao escrever, “saiu uma vós de dentro da casinha falando:

- Quem esta ai e Maria falou:

- É só o ar soprando. E saiu de La uma velhinha mancando e ela falou ai que crianças lindas estão com fome. Entrem e ela fez para eles lasanha bolo suco. E eles não tinham percebido (...) que ela tinha feito esa casa para destrair as crianças. E a velha prendeu o João ne uma gaiola e fez Maria como empregada”, reproduz o enredo do conto, mas SUBSTITUI ao escrever que a velhinha fez lasanha, bolo e suco, quando no conto foi apenas “uma refeição com leite, panquecas, açúcar e nozes.” Ao escrever que fez Maria de empregada, entendemos como INTERPRETAÇÃO do trecho:

“Então foi buscar Maria. Deu-lhe um chacoalhão e gritou:

- levante, preguiçosa, vá buscar água e cozinhe alguma coisa boa para seu irmão. Quero vê-lo gordo, o mais gordo possível, e assim que isso acontecer vou comê-lo no jantar.”

A última parte em suma também é uma substituição do conto ouvido, vejamos:

“E a velha falou va buscar comida e fasa uma comida bem gostosa para a janta. E a velha queria que o João ficase gordo todos os dias ele comia três pratadas de comida. E Maria não comia nada quase.

E a velha não enchergava muito bem porque era brucha. E ela pediu para Maria limpar o forno e ela persebeu o que ela ia fazer. E ela falou:

- Menina Tonga retardada. E foi mostrar e Maria foi e fesou o forno. E soutou João. E eles acharam um baude ouro e pegaram o ouro e foram embora.

E quando eles chegaram em casa virão o pai feliz e o pai falou que a madrasta tinha morido. E eles combinaram que iam repartir tudo que eles tinham e assim viveram felizes para sempre”, de forma sutil identificamos no final um ACRESCIMO, quando ela escreveu, “- Menina Tonga retardada”, quando no conto lemos, “_ Bobona – guinchou a bruxa.”

O Gato de Botas, conto brincado - criança A

Era uma vez um homem muito trabalhado.

Que trabalhava de moleiro. E ele deichou seus três filhos. E cada um ficou com uma coisa. O mas novo ficou com o Gato falou:

- O que que eu vou fazer com um gato se matar ele vou morer de fome e o Gato dice:

- Fasa um par de botas para mim e mede um saco assim não se arependera de sua erança.

E o gato colocou comidas de coelho dentro do saco. E se deitou-se no chão fingindo que estava morto. E assim chegou um jovem coelho e o gato abril os olhos. E matou o coelho e levou para um rei e falou:

- minha majestade o senhor Marques de Carabas. Mandou isso para o senhor e ele ficou agradecido pois adorava carne de coelho.

E o gato emganando ele. E no outro dia ele fez a mesma coisa mas com outros dois animais 2 perdizes e o rei ficou agradecido mas ainda. E um dia o gato jogou o sinor Marque na água e gritou socoro osinhor Marque esta seafogando. E o rei rápida mente mandou seus inpregados tirasen ele da água e ir buscar a sua melhor e mais linda roupa no guarda roupa. Pois o gato tinha escondido a roupa de baixo da pedra. E um dia o rei convidou eles para andar de caruajen e lês aseitaram. E eles foran e o gato senpre na frente. E até que eles o gato chegou ne uma colheita e falou para eles falarem que era do sinor Marques de Carabas serian muidos.

E quando o rei pasou porali quis saber dequem que era do sinor Marques de carabas.

E o gato pasou por uma colheita e dice a mesma coisa para eles falare que era do sinor Marques de Carabas sinao serião moídos. E o rei chegou ali e perguntou de quem que era tudo aquilo e eles disseran do sinor Marques de Carabas. E o gato pasou poroutra colheita e dice para eles falarem que tudo aquilo era do sinor Marques de Carabas. E eles falara que era do sinor Marques de Caraba. E o gato viu um castelo o castelo mas lindo do mundo. Que mora um ogro que tinha poderes. E o gato conversou com o ogro e pediu para ele se transform em leão. E o gato dice:

_ Eu apotu que voce não si transforma em um animal piqueno. E ele virou um rato e o gato ouviu o rei chegando e rapidamente comeu o ogro. E o rei chegou e falou de quem que e este castelo e do sinor Marques de Carabas e o castelo era do ogro e as colheitas também. E asin o rei mandou que o sinor Marque se casase com sua filha a prinseza mas linda do mundo e no mesmo dia eles se casaram.

Análise da história

Iniciando a análise da escrita da criança. Logo em sua primeira frase, escreve:

“Era uma vez um homem muito trabalhado.

Que trabalhava de moleiro. E ele deichou seus três filhos. E cada um ficou com uma coisa. O mas novo ficou com o Gato falou:”, a criança parece fazer uma INTERPRETAÇÃO do que ficou marcado para ela do início do conto ouvido, no entanto ela ACRESCENTA o fato o homem ser muito trabalhado.

Vemos a escrita, “- O que que eu vou fazer com um gato se matar ele vou morer de fome e o Gato dice:

- Fasa um par de botas para mim e mede um saco assim não se arependera de sua erança.

E o gato colocou comidas de coelho dentro do saco. E se deitou-se no chão fingindo que estava morto. E assim chegou um jovem coelho e o gato abril os olhos. E matou o coelho e levou para um rei e falou:”, o que não passa de uma SUBSTITUIÇÃO, porém ao final faz um ACRESCIMO ao escrever que “o gato abril os olhos”.

Em seguida a criança escreve, “- minha majestade o senhor Marques de Carabas. Mandou isso para o senhor e ele ficou agradesido pois adorava carne de coelho.

E o gato emganando ele. E no outro dia ele fez a mesma coisa mas com outros dois animais 2 perdizes e o rei ficou agradesido mas ainda.”, dá início SUBSTITUINDO o conto ouvido. No final da primeira frase escreve de maneira INTERPRETAR uma parte do conto, ao escrever “...adorava carne de coelho.” No conto temos a seguinte frase, “Diga a seu dono”, respondeu o rei, que fico muito grato e que ele me dá um grande prazer”

Na sequencia escreve de maneira a INTERPRETAR todo o contexto do conto, ao escrever, “o gato enganando ele. Quando escreve. “E no outro dia ele fez a mesma coisa.” Também faz uma INTERPRETAÇÃO da frase: “por dois ou três meses, continuou a levar de quando em quando ao rei alguma caça que dizia ser dos campos do seu amo.”

Na frase seguinte: “E um dia o gato jogou o sinor Marque na água e gritou socoro osinhor Marque esta seafogando.” Realiza um ACRESCIMO ao escrever que jogou o senhor marques na água.

Quando escreve: “E o rei rápida mente mandou seus inpregados tirasen ele da água e ir buscar a sua melhor e mais linda roupa no guarda roupa. Pois o gato tinha escondido a roupa de baixo da pedra. E um dia o rei convidou eles para andar de caruajen e lês aseitaram”, sua escrita transparece mais uma SUBSTITUIÇÃO. Ao final faz uma INTERPRETAÇÃO ao escrever, “e lês aseitaram”. No conto se lê a frase:

“O rei quis que o marquês fosse passear com eles na carruagem real. O gato, todo satisfeito de ver que seu plano começava a dar certo, passou na frente...”

Ao escrever: “E eles foran e o gato senpre na frente. E até que eles o gato chegou ne uma colheita e falou para eles falarem que era do sinor Marques de Carabas serian muidos.

E quando o rei pasou porali quis saber dequem que era do sinor Marques de carabas.

E o gato pasou por uma colheita e dice a mesma coisa para eles falare que era do sinor Marques de Carabas sinao serião moídos. E o rei chegou ali e perguntou de quem que era tudo aquilo e eles disseran do sinor Marques de Carabas. E o gato pasou poroutra colheita e dice para eles falarem que tudo aquilo era do sinor Marques de Carabas.” Uma análise de contexto geral observa-se que a criança teve uma tendência em SUBSTITUIR ao seu jeito o texto do conto. Em certa momento desta passagem ela escreveu “...e dice a mesma coisa” o que nos parece PREENCHER UMA LACUNA no espaço em que teria que talvez repetir a conversa com os colheiteiros.

Ao redigir, “E eles falara que era do sinor Marques de Caraba. E o gato viu um castelo o castelo mas lindo do mundo. Que mora um ogro que tinha poderes”, é notório a fidelidade ao enredo do conto. Vejamos no conto esta passagem:

“Mestre Gato chegou enfim a um lindo castelo, cujo o dono era um ogro, o mais rico que já se viu – porque todas as terras por onde o rei tinha passado pertenciam a este castelo. O gato tomou o cuidado de se informar sobre o ogro e sobre o que ele sabia fazer, e pediu para falar como ele, dizendo que não podia passar tão perto do seu castelo sem ter a honra de lhe apresentar seus propósitos a seus respeitos.

O ogro recebeu-o tão educadamente quanto é possível para um ogro, e convidou-o para descansar.

“Garantiram-me”, disse o gato, “que o senhor tinha o dom de se transformar em todo tipo de animais; que, por exemplo, o senhor era capaz de se transformar em leão, em elefante”.

Também sutilmente ao redigir a criança ACRESCENTOU o fato de “o castelo mas lindo do mundo” e depois INTERPRETA do conto a frase: ““Garantiram-me”, disse o gato, “que o senhor tinha o dom de se transformar...”, escrevendo sobre isso em sua história, “um ogro que tinha poderes”.

Na última parte a criança escreveu: “E o gato conversou com o ogro e pediu para ele se transformem em leão. E o gato dice:

_ Eu apotu que voce não si transforma em um animal piqueno. E ele virou um rato e o gato ouviu o rei chegando e rapidamente comeu o ogro. E o rei chegou e falou de quem que e este castelo e do sinor Marques de Carabas e o castelo era do ogro e as colheitas também. E asin o rei mandou que o sinor Marque se casase com sua filha a prinseza mas linda do mundo e no mesmo dia eles se casaram” , o que também não foge ao enredo, porém observando de detalhadamente localizamos as SUBSTITUIÇÕES, localizamos uma delas na seguinte passagem, “o gato ouviu o rei chegando e rapidamente comeu o ogro”, o que nos parece substituir do conto a frase, “Assim que o viu, o gato pulou em cima dele e comeu-o.”

Mais a frente observamos que há uma INTERPRETAÇÃO ao escrever, “o castelo era do ogro e as colheitas também”, pois no conto temos:

“Mestre Gato chegou enfim a um lindo castelo, cujo o dono era um ogro, o mais rico que já se viu – porque todas as terras por onde o rei tinha passado pertenciam a este castelo.”

No fim de sua história a criança ACRESCENTA ao escrever “a prinseza mas linda do mundo”. No conto não esta mencionado sobre a beleza da princesa, muito menos o fato de ser a mais bela do mundo.

Sobre a sentença: “o castelo mas lindo do mundo”, aqui não parece haver uma troca por palavras do cotidiano, mesmo quando há uma sentença muito próxima; “... enfim a um lindo castelo.” Me parece mais uma frase própria da aluna com o objetivo de enbelezar seu texto, portanto ela ACRESCENTA.

O Patinho Feio, conto ouvido – criança A

Imagine um campo lindo com muitas flores com o sol brilhando nas folhas no velho castelo brilhava o sol. E atrás de uma folha morava um simpática pata. Que botava seus lindos ovos e também ficava nervosa porque os seus ovos demoravam para quebrar. E também ela não era costumada a reseber visitas porque o amigos preferiam ficar nadando. E em um em um foi quebrando os ovinhos e ali estava todos os patinhos e eles falava tauves o mundo sega maior que o ovo que nós estávamos. E a mãe deichava eles olha o tanto qu quiser porque o verde faz bem para vista. Mas fautou um ovo e a mamãe pata estava cheia e voutou a botar aquele ovo. E uma simpaica pata velha que as veses ia visitar a mamãe pata. E a pata falou:

- deichi me ver este ovo dice a velha pata. E a velha pata falou eu paresia ovo de perua e a pata disse

Não eu vou continuar botando e velha para dice:

- É você quem sabe dasqedidoce da mamãe pata. E até que aquele enorme ovo se quebrou e o bebe saiu que – que – que. E a mamãe pata falou:

- Vamos ate o galinheiro e cuidado para ninguém pazavane voceis e eles chegaram la e no galinheiro o galos brigando qorua cabeça de engia. E a velha estava la. E a mamãefolo para eles comprimentar ela asim que – que. E eles coprimero ela e ela dice:

- Que lindos pintinhos mas um: E o pitinho que era feio e todo mundo batia nele chingava ele. E teve um dia que ele fujiu e posou por tantas coisas. E ele tambem posou porum sufoco quando duas aves chegou para convidar o pintinho para ir viajar mas quando eles estavam indo ouviram tiros. E duas aves caem no chão. E um cão brabo mostrou a sua língua e seus dentes e não fez nada. E o patinho feio o outono comesou. E o patinho foi para a água e ficou nadando para não conjelar a água.

E um caçador tirou o patinho e levou para sua mulher. E as crianças até brigavam por ele. E ele pensou que elas queriam bater nele e ele ficou com medo. E pulou para dentro da bacia de leite e depois pulo para a basia de farinha. E sorte dele que a porta estava aberta e ele pulou para fora da quela casa e dice:

- Ufa. E ele ontinuar vuando e ele coria. E teve uma hora que ele deu um grito que até ele ficou com medo. Mas ele continuar voando. E ele voava pra lá e pra ca e ate que ele chegou ne um lago que vivia algumas aves que sichamarão cisneis. E ele olhou para a água e viu sua imajen de sua cara. E ele olho para os cisneis.

E ele falou eu não sou tam feio. E ele não era um patinho comum. E os cisneis falaro você é feio demas mas nos não ligamos.

Vem vamos para água. Mas ele na era um patinho ele na verdade era um cisnei.

Que tinha sido abandonado por sua mãe que deixou ele no ninho da mamãe pata.

Mas asim eles viveram felizes para sempre.

Análise da história

O que vemos na primeira parte escrita pela criança em uma análise geral é uma escrita em SUBSTITUIÇÃO ao conto ouvido. Vejamos o que escreveu a criança:

“Imajine um campo lindo com muitas flores com o sol brilhando nas folhas no velho castelo brilhava o sol. E atras de uma folha morava um simpatica pata. Que botava seus lindos ovos e também ficava nervosa porque os seus ovos demoravam para quebrar. E também ela não era costumada a reseber visitas porque o amigos preferiam ficar nadando.” Observa-se que neste contexto de substituição há um ACRESCIMO realizado sutilmente quando ela escreve que botava ovos lindos.

Ao dar sequencia em sua escrita, lemos:

“E em um em um foi quebrando os ovinhos e ali estava todos os patinhos e eles falava tauves o mundo sega maior que o ovo que nós estavamos. E a mãe deichava eles olha o tanto qu quiser porque o verde faz bem para vista. Mas fautou um ovo e a mamãe pata estava cheia e voutou a botar aquele ovo. E uma simpaica pata velha que as veses ia visitar a mamãe pata.” O que não passa de simples SUBSTIUIÇÃO.

No trecho seguinte vemos apenas uma SUBSTIUIÇÃO do conto ouvido. A criança escreveu:

“E a pata falou:

- deichi me ver este ovo dice a velha pata. E a velha pata falou eu paresia ovo de perua e a pata disse

Não eu vou continuar botando e velha para dice:

- É você quem sabe dasqedidoce da mamãe pata. E até que aquele enorme ovo se quebrou e o bebe saiu que – que – que. E a mamãe pata falou:

- *Vamos ate o galinheiro e cuidado para ninguém pazavane voceis e eles chegaram la e no galinheiro o galos brigando qorua cabeça de engia. E a velha estava la. E a mamãefolo para eles comprimentar ela asim que – que. E eles coprimero ela e ela dice:*

- *Que lindos pintinhos mas um: E o pitinho que era feio e todo mundo batia nele chingava ele.”*

Na sequência lemos: *“E teve um dia que ele fugiu e posou por tantas coisas. E ele tambem posou porum sufoco quando duas aves chegou para convidar o pintinho para ir viajar mas quando eles estavam indo ouviram tiros. E duas aves caem no chão. E um cão brabo mostrou a sua língua e seus dentes e não fez nada. E o patinho feio o outono comesou. E o patinho foi para a água e ficou nadando para não conjelar a água.”*

Logo no início ao escrever *“teve um dia que ele fugiu e posou por tantas coisas”*, redigi de maneira a PREENCHER UMA LACUNA. Desta maneira isenta-se de escrever muitos fatos do conto ouvido. Podemos dizer que foi uma opção inteligente. Logo em seguida ao escrever, *“E ele tambem posou porum sufoco”*, realiza uma INTEPRETAÇÃO do conto ouvido, tanto é que em seguida descreve os fatos. No mais se tem apenas uma SUBSTITUIÇÃO do ouvido.

Dando continuidade lemos: *“E um caçador tirou o patinho e levou para sua mulher. E as crianças até brigavam por ele. E ele pensou que elas queriam bater nele e ele ficou com medo. E pulou para dentro da bacia de leite e depois pulo para a basia de farinha. E sorte dele que a porta estava aberta e ele pulou para fora da quela casa e dice:*

- *Ufa”*, A única parte que se ausenta de reprodução e SUBSTIUIÇÃO é quando ela ACRESCENTA “Ufa”.

Na escrita, *“E ele ontinuar vuando e ele coria. E teve uma hora que ele deu um grito que até ele ficou com medo. Mas ele continuar voando. E ele voava pra lá e pra ca e ate que ele chegou ne um lago que vivia alguas aves que sichamarão cisneis. E ele olhou para a água e viu sua imajen de sua cara. E ele olho para os cisneis.”* ACRESCENTA quando escreve, *“teve uma hora que ele deu um grito que até ele ficou com medo”*. PREENCHE UMA LACUNA quando escreve, *“E ele voava pra lá e pra ca”*. Ao invés de ficar descrevendo fatos ouvidos no conto.

Ao escrever o fim de sua história observamos um ACRESCIMO de forma a redigir no fim suas criatividadees, mesmo sem fugir ao enredo.

“E ele falou eu não sou tam feio. E ele não era um patinho comum. E os cisneis falaro você é feio demas mas nos não ligamos.

Vem vamos para água. Mas ele na era um patinho ele na verdade era um cisnei. Que tinha sido abandonado por sua mãe que deixou ele no ninho da mamãe pata. Mas assim eles viveram felizes para sempre.”

A Princesa e a Ervilha, conto brincado - criança A

Imagine um príncipe que queria se casar com uma princesa que fosse de verdade. E ele resolve viajar pelo mundo a procura de uma princesa.

E apareceu algumas princesas. E ele falou:

- Será que são verdadeiras. E voltou para casa. E num dia de chuva com aquelas nuvens pesadas pretas com trovoadas e trovoadas.

E no castelo do príncipe a porta bateu e ninguém foi atender. E o velho rei foi atender. E lá uma princesa os cabelos não paravam de pingar o vestido encharcado e não parava e espirar. E ela jurava ser filha de um rei. E a rainha disse:

- É isso que nós vamos ver.

E ela mandou tirar o cochão e colocar uma ervilha e colocar 20 coelhos 20 coelhos e ela se deitou.

E no outro dia a rainha perguntou você dormiu bem. E ela disse:

- Não até que o meu corpo ficou roxo. E assim provou que era filha de um rei porque ninguém podia ser tão delicada. E o príncipe já quis se casar. E a ervilha foi para o museu da cidade. E eles falaram.

- Vamos ir lá ver se ninguém tiver pegado e eles viveram felizes para sempre.

Análise da história

Manteve-se fiel ao enredo, não ousou em interpretar e acrescentar, apenas reproduziu o que ouviu SUBSTITUINDO por suas palavras.

A Raposa e os Gansos, conto ouvido – criança A

Um dia a raposa foi cair nomeio de gansos gorduchos e buchechudos que estavam atravessando o campo e ela falou.

- Cheguei na hora certa parese que me chamam para comelos um por um sem pena.

E um dos gansos falou:

- Antes de nós comer deicham nós fasermos uma orasam depois que nós fasermos nós fasmus uma fila bem oganisada por favor deicha nós orar. E a raposa dice:

- Tabom eu espero vocês faserem esa orasam. E o primeiro ganso comesou orar ca – ca – ca e o segundo também comesou ca – ca – ca e o terceiro nem esperou sua vez e comesou ca – ca – ca e o cuarto também comesou a ora ca – ca – ca era um ca – ca – ca infinito. Nós vamos poder comtar o finau da istoria quando eles pararem de orar.

Análise da história

ACRESCENTA em sua história ao escrever a palavra “*buchechudos*” que não se encontra no conto.

Volta a acrescentar quando no conto escreve, “[...] *por favor deicha nós orar*”, na escrita da criança há uma insistência pela horação, o que não ocorre no conto.

No mais o que vemos é apenas SUBSTITUIÇÃO de palavras.

O Rei Barba Horrenda, conto brincado – criança A

Um rei muito importante. Que tinha uma linda filha que queria se casar mas todo pretendente que aparecia ela dispensava. E um dia o rei organizou uma festa. E convidou alguns príncipes e eles se sentaram no círculo do trono. E ela chegou e com o primeiro pretendente ela falou:

- Ele é gordo demais e tão redondo que parece um bariú. O segundo ela falou:

- Ele é tão alto que parece um poste. E o outro era baixo de mas o outro era vermelho de mas. E o quinto ela disse:

- Olha o tamanho da barba e tão grande que parecia a aquela vasoura de palha. E o nome dele ficou como o rei barba horrenda e esse homem era um rei. E o pai dela o rei ficou todo envergonhado e levou ela para casa e disse:

- O primeiro mendigo que aparecer e com ele que você vá se casar. E um canto saiu de fora do castelo um mendigo que cantava e o rei mandou ele entrar. E o rei falou cumpri a minha palavra e o rei falou:

- vá se preparando para se mudar aqui você não vai poder morar.

E eles foram e pararam num bosque e ela quis saber de quem que eles falaram:

- É do rei barba horrenda.

E eles chegaram num sítio.

E eles repetiram que era do rei barba horrenda... E eles chegaram num buraco e eles falaram que era ali que eles iam morar e ele disse:

- Acenda o fogo e cozinhe para mim e ela não sabia cozinhar. e eles viverão dias e dias assim. E colocava ela para trabalhar mais ela não conseguia nada. E um dia ela soube que o filho do rei estava chegando e a procura de uma esposa e ela foi.

E ele chamou ela para dançar e foi com ela que ele se casou. E ela ficou desafiada porque era o rei barba horrenda e ele disse:

- Eu era aquele mendigo eu fiz aquilo porque te amo e eles dançaram e ela disse:

- Eu queria que você estivesse dançando comigo.

Análise da história

“Um rei muito importante. Que tinha uma linda filha que queria se casar mas todo pretendente que aparecia ela dispensava”, INTERPRETA do conto, “Um poderoso rei tinha uma filha muito bela, mas tão orgulhosa, arrogante e presunçosa, que nenhum dos príncipes que vinha pedir sua mão em casamento era suficientemente bom para ela, que apenas zombava deles.”

Ao escrever, *“E um dia o rei organizou uma festa. E convidou alguns príncipes e eles se sentarão no círculo do trono...”, ACRESCENTA no final quando lemos, “eles se sentarão no círculo do trono”*

Em seguida ao escrever, *“E ela chegou e com o primeiro pretendente ela falou:*

- Ele é gordo demais e tão redondo que parece um bariú. O segundo ela falou:

- Ele é tão alto que parece um poste. E o outro era baixo de mas o outro era vermelho de mas. E o quinto ela dice:

- Olha o tamanho da barba e tão grande que parecia a quebra-quebra de palha”, escreve SUBSTITUINDO, porém ao escrever, a última frase ACRESCENTA, pois lemos, “[...] tão grande que parecia a quebra-quebra de palha”. No conto em relação ao rei de barba cumprida lemos, “Olhem para ele”, disse ela, “sua barba parece um esfregão velho; ele será chamado de Barba Horrenda”. Desta forma, o rei ganhou o apelido de Barba Horrenda.”

Na frase seguinte ao escrever, *“E o nome dele ficou como o rei barba horrenda e esse homem era um rei. E o pai dela o rei ficou todo envergonhado e levou ela para casa..”, ACRESCENTA no final ao escrever, “[...] levou ela para casa..”*

Logo em seguida ao escrever, “[...] e dice:

- O primeiro mendigo que aparecer e com ele que você vá se casar. E um canto saiu de fora do castelo um mendigo que cantava e o rei mandou ele entrar. E o rei falou cumpri a minha palavra..”, escreve SUBSTITUINDO. Porém INTERPRETA ao escrever, “[...]um canto saiu de fora do castelo”, pois no conto se lê, “Dois dias depois, apareceu por ali um músico ambulante que começou a cantar debaixo da janela, pedindo donativos.”

Na sequência ao escrever, “ e o rei falou:

- *va se preparando para se mudar aqui voce não vai poder morar*”, apenas com suas palavras parte do conto ouvido, SUBSTITUI

Logo em seguida ao escrever, “ *E eles foram e pararam ne um bosque e ela quis saber de quem que eles falaram:*

-*É do rei barba horrenda.*

E eles chegaram ne uma cidade.

E eles repitira que era do rei barba horrenda...”, apenas escreve SUBSTITUINDO.

Na sequência ao escrever, “*E eles chegaram ne um buraco e ele falo que era ali que eles iaô morar e ele dice:*

- *Asenda o fogo e cosinhe para mim e ela não sabia cosinhar. e eles viverã dias e dias asim.*” Apenas SUBSTITUI.

Em seguida ao escrever, “*E colocava ela para trabalhar mais ela não consigia nada*”, INTERPRETA do conto um grande trecho que explana das atividades que fez a princesa e nada dava certo no final.

Quando lemos na história da criança, “*E um dia ela soube que o filho do rei estava estava de chegada e a procura de uma esposa e ela foi*”, esta frase é totalmente nova ACRESCENTADA pela criança.

Ao escrever, “*E ele chamou ela para dansa e foi com ela que ele se casou*”, INTERPRETA do conto o trecho, “*Agora tudo terminou; aprendeste a sabedoria, teus erros se foram e chegou a hora de celebrar nossas bodas!*”

Entraram então, os camareiros trazendo-lhe os mais belos vestidos. Seu pai com toda a corte já estavam ali e a felicitaram por seu casamento. A satisfação brilhava em todas as faces. A festa foi magnífica e todos estavam alegres. *Gostaria que você e eu estivéssemos ali.*”

Ao escrever, “*E ela ficou descofiada porque era o rei barba horrenda e ele dice:*

- *Eu era aquele mendingo eu fiz aquilo porque te amoe eles dasaram e ela dice:*

- *Eu queria que você estivesse dansando comigo*”, quando escreve, “E ela ficou descofiada” realiza um ACRESCIMO, pois no conto não vemos algo em relação a uma possível desconfiança da princesa.

O Ganso Dourado, conto ouvido – criança A

Era uma vez um homem que tinha 3 filho.

O mais novo sempre que tinha oportunidades era despresado pela família. Um dia eles todos tivera oportunidades de ir cortar arvore. O primeiro sua mãe deulhe um pasteu de carne com um vinho delicioso. Equando eles esvava indo um velinho apareseu e lhepediou comida mas ele não deu e segiu em frente e foi para cortar uma arvore se feriu e teve que volutar para casa.

E o segundo irmão foi e sua mãe lhedeu um pasteu de carne e um delicioso vinho e ele segiu em frente e um velinho apareseu e pediu comida mas ele não lhedeu comida e segiu em frente e foi para cortar a árvore acabou firindo sua perna e também foi obrigado voutar para casa. E o filho ma velho pateta falou.

_ Pai eu eu também gostaria de ir cortar árvore. E o pai dele dise.

_ Não seus irmãos já se firiram mas em fim deichou. E sua mãe lhedeu um pão seco e u serveja amarga. E segiu em frente e encontrou um velinho e ele lhe pediu comida e ele dice:

_ Eu so tenho um pedaso de pão seco e serveja amarga. Mas se quiser me acompanha eles se sentarão no chão e o pão seco virou um pateu de carne a serveja um vinho delicioso. E o velho falou depois de repartir tudo comigo tem uma velha árvore ali la vai encontra uma coisa presiosa. E ele foi e cortou e encontrou um ganso de penas de ouro ele pegou o ganso. E levou para um hotel. E o dono do oteu tinha três filhas e elas ficaram curiosas pelo ganso e a primeira foi e ficou presa no ganso a segunda encostou na erma e ficou presa na irma e toda elas ficaram presa e aonde ele ia ela iam atras e acumulou 7 pessoas e até que eles chegaram ne uma sidde que vivia um rei que tinha uma filha que era muito seria e viu os 7 tropesando e o pateta pediu a mão dela em casamento e assim virou o erdeiro da fortuna e pode viver do lado de sua mulher e eles viveram felizes para sempre.

Análise da história

Iniciando sua história a criança escreve, “Era uma vez um homem que tinha 3 filho.

O mais novo sempre que tinha oportunidades era despresado pela família”, SUBSTITUI, do conto o trecho, “Era uma vez um homem que tinha três filhos. O

mais novo chamava-se Pateta e em todas as oportunidades era desprezado e maltratado pela família inteira.”

Ao escrever, “Um dia eles todos tiveram oportunidades de ir cortar árvore”, INTERPRETA, boa parte do enredo do conto, logo no início, quando todos os filhos vão trabalhar de cortadores de árvores.

Ao escrever, “O primeiro sua mãe deu-lhe um pastel de carne com um vinho delicioso. Quando eles estavam indo um velhinho apareceu e lhe pediu comida mas ele não deu e seguiu em frente e foi para cortar uma árvore se feriu e teve que voltar para casa”, SUBSTITUI do conto o trecho:

Aconteceu que o mais velho pôs na cabeça de ir certo dia à floresta cortar lenha; e sua mãe deu-lhe um delicioso pastel de carne e uma garrafa de vinho para se refrescar durante o trabalho. Quando chegou na floresta um velhinho desejou-lhe bom dia e disse, “Dê-me um pedacinho de carne de seu prato e um pouco de vinho de sua garrafa; estou com muita fome e muita sede”. Mas este jovem esperto disse, “Dar-lhe minha carne e meu vinho! Não obrigado; não sobraria o suficiente para mim”; e seguiu em frente. Logo depois ele começou a cortar uma árvore, mas ainda não havia trabalhado muito quando errou o golpe, cortou-se e foi obrigado a voltar para casa e tratar do ferimento.

Quando escreve, “E o segundo irmão foi e sua mãe lhe deu um pastel de carne e um delicioso vinho e ele seguiu em frente e um velhinho apareceu e pediu comida mas ele não lhe deu comida e seguiu em frente e foi para cortar a árvore acabou firindo sua perna e também foi obrigado a voltar para casa. E o filho mais velho Pateta falou”, SUBSTITUI o trecho:

Em seguida, o segundo filho foi trabalhar e sua mãe deu-lhe um pastel de carne e uma garrafa de vinho. E o mesmo velhinho o encontrou também e pediu-lhe algo pra comer e beber. Mas ele também se considerava terrivelmente esperto e disse, “Tudo que você receber eu perderei; por isso, caia fora! O homenzinho cuidou que ele tivesse sua recompensa, e o segundo golpe que ele deu na árvore acertou-lhe a perna, de modo que ele também foi forçado a voltar para casa.

Quando a criança escreve, “Pai eu também gostaria de ir cortar árvore. E o pai dele disse.

_ Não seus irmãos já se feriram mas em fim decidiu

E sua mãe lhe deu um pão seco e um vinho amargo. E seguiu em frente e encontrou um velhinho e ele lhe pediu comida e ele disse”, escreve em SUBSTITUIÇÃO, no

entanto ao escrever, “[...]mas em fim deichou”, nos parece uma INTERPRETAÇÃO, vejamos:

Então Pateta disse, “Pai, eu gostaria de ir cortar lenha também”. Mas o pai respondeu, “Seus dois irmãos se feriram; é melhor você ficar em casa pois não entende nada desse assunto”. Pateta insistiu tanto ate que seu pai falou, “Pois vá; você ficará mais sábio quando tiver sofrido com sua loucura”. E sua mãe deu-lhe apenas um pedaço de pão seco e uma garrafa de cerveja amarga, mas quando ele chegou à floresta, encontrou o velhinho que lhe disse,

Na frase seguinte, lemos, “Eu so tenho um pedaso de pão seco e serveja amarga. Mas se quiser me acompanha”, ACRESCENTA ao escrever no final “Mas se quiser me acompanha”. Na sequencia ao escrever, “[...] eles se sentarão no chão e o pão seco virou um pateu de carne a serveja um vinho delicioso”, apenas SUBSTITUI do conto o seguinte trecho, “Só tenho pão seco e cerveja amarga; se isto lhe convier, nos sentaremos e comeremos juntos”.

Então os dois se sentaram e, quando o rapaz tirou seu pão, vejam! Ele havia se transformado num excelente pastel e sua cerveja amarga, num delicioso vinho.

Em seguida ao escrever, “E o velho falou depois de repartir tudo comigo tem uma velha árvore ali la vai encontra uma coisa presiosa E ele foi e cortou e encontrou um ganso de penas de ouro ele pegou o ganso. E levou para um hotel. Escreve em SUBSTITUI, porém INTERPRETA ao escrever, “vai encontra uma coisa presiosa”, no conto lemos, “o homenzinho disse, “Como você tem um coração bondoso e aceitou dividir tudo comigo, vou lhe conceder uma graça. Ali está uma velha árvore; corte-a e encontrará algo em sua raiz”. E tendo assim falado, ele se despediu e foi embora.

Pateta pôs-se a trabalhar e cortou a árvore; e quando ela caiu, descobriu num vazio embaixo das raízes um ganso com penas de ouro puro. Ele o pegou e o levou a uma hospedaria onde pretendia dormir durante a noite”.

Na sequencia ao escrever, “E o dono do oteu tinha três filhas e elas ficaram curiosas pelo ganso e a primeira foi e ficou presa no ganso a segunda encostou na erma e ficou presa na irma e toda elas ficaram presa e aonde ele ia ela iam atrás”, SUSTITUIÇÃO do conto:

o hospedeiro tinha três filhas, e quando elas viram o ganso, ficaram muito curiosas para descobrir que ave maravilhosa era aquela, desejando muito arrancar uma pena de sua cauda. A mais velha finalmente disse, “Eu quero e vou conseguir uma pena”. Ela esperou ate ele virar-se de costas

e agarrou o ganso pela asa, mas, para o seu grande espanto, ficou presa, pois nem sua mão nem seu dedo conseguiam se desprender. Em seguida veio a segunda Irma decidida a pegar uma pena também, mas, no momento em que ela encostou na irmã, ficou presa também. Enfim veio a terceira e quis uma pena, mas as outras gritaram, “afaste-se! Pelo amor de Deus, afaste-se!” ela, porém, não entendeu o que as irmãs queriam dizer. “Se elas estão ali, pensou, posso perfeitamente estar ali também”. Então no momento em que tocou nas irmãs, ficou grudada no ganso também.

e acumulou 7 pessoas e até que eles chegaram ne uma sidde que vivia um rei que tinha uma filha que era muito seria e viu os 7 tropesando e o pateta pediu a mão dela em casamento e assim virou o erdeiro da fortuna e pode viver do lado de sua mulher e eles viveram felizes para sempre”, SUBSTITUI, no entanto INTERPRETA ao escrever, “assim virou o erdeiro da fortuna”, vejamos no conto:

No meio de um campo, o vigário os encontrou, e vendo o grupo disse, “Vocês não tem vergonha, suas garotas impudentes, de correr atrás de um jovem dessa maneira pelos campos? Isto é lá um comportamento decente?” Então ele pegou a mais nova pela mão para puxá-la, mas, no momento em que tocou nela, também ficou preso e seguiu o grupo. Em seguida foi a vez de um clérigo, que quando viu seu mestre, o vigário, correndo atrás de três moças, ficou muito cismado e disse, “Ei! Ei! Vossa Reverendíssima! Para onde ides vós com tanta pressa? Temos um batismo hoje”. Então ele correu e segurou o vigário pela batina, e num instante estava preso também. Iam os cinco assim se arrastando um atrás do outro, quando encontraram dois trabalhadores com seus enxadões voltando do trabalho. O vigário gritou para eles virem libertá-lo. Mal o tocaram, porém, entraram também na fila formando sete, todos correndo atrás de Pateta e seu ganso.

Finalmente eles chegaram a uma cidade onde governava um rei que tinha uma única filha. A princesa era tão séria e pensativa, que ninguém conseguia fazê-la rir; e o rei havia proclamado para o mundo todo que quem a fizesse rir a receberia por esposa. Quando o jovem ouviu isto, foi ao seu encontro com seu ganso e todo o grupo. Mal ela viu os sete presos uns aos outros, tropeçando, atropelando-se, cada um pisando no calcanhar do outro, não conseguiu se conter e caiu numa prolongada e sono gargalhada. Pateta pediu-a pois em casamento, as bodas foram celebradas e ele se tornou herdeiro do reino, onde viveu alegremente com a esposa muito tempo.

APENDICE 2 – histórias escritas da criança - B

A Bela Adormecida, conto brincado - criança B

Era umavez uma família que morava muito longe e o desejo deles era ter filhos (a). Earainha falou se eu pudese tidar filhos e a rainha suspirou auto eno outro dia arainha foi no rio ce lavar e uma rã le dise daqui 1 mes dara aluz a um bebê. e a quela rã estava certa de pois de um mes colocou o nome dela de flor Graciosa e o rei e arainha comvidarã Paremtes e amigos e as fadas tinha 13 fadas e o cervisau estava apavorado e coreu eteorei rei nos sotemos 12 pratos de oro e a outra fada ficar de somrada a comer em um prato de prata então não a cam vide ea primeir fada falou você cera a mas limda do reino a cegunda falou sua iteligemsia vai brilhar e asim em de amte a fada que não foi comvidada falou quando completar 15 ano es petarar o dedo em um fuso todo o reino adormecera e você morera vai ce pasar 100 ano e florgraciosa com pletou 15 anos e ela espetou o dedo no fuso e todo o reino a dormeseu e pasou 100 anos e aftoria da florgraciosa foi com tada de disavá para disneto o um menino forte e gorajoso foi ate atore e comtrou florgraciosa e deu e ela um beijo e todo o reino despertou e o rei e a rainha forão trocar a roupa e o pricipe pedio a mão de florgraciosa ace itou e eles viverão felizes para cempre.

Análise da história

Iniciando a análise, logo na primeira frase lemos, “*Era umavez uma família que morava muito longe e o desejo deles era ter filhos...*”, inicialmente no trecho “*Era umavez uma família...*”, consideramos uma INTERPRETAÇÃO, pois se é (um rei e uma rainha), não deixa de ser uma família. Já quando ela escreve que “[...] *morava muito longe...*”, observa-se um ACRESCIMO, pois no conto não vemos nada que diga que eles moravam perto ou longe.

Dando sequência:

“*Earainha falou se eu pudese tidar filhos e a rainha suspirou auto*”

Nesta frase a criança realiza modificação em relação ao conto, uma SUBSTITUIÇÃO que modificou o sentido da frase: “- *Se pudéssemos ter um filho! - suspirava o rei.*” Mas não foge ao enredo do conto.

Analisando a frase:

“eno outro dia arainha foi no rio ce lavar e uma rã le dise daqui 1 mes dara aluz a um bebê.”

O que vemos nesta frase é uma sequência de mudanças, inicalmente no trecho *“eno outro dia”*, isto é uma INTERPRETAÇÃO da criança, pois no conto tem-se: *“Mas, numa tarde insolarada de verão...”* onde não se explica em qual tarde foi exatamente. Na sequência, *“[...] arainha foi no rio ce lavar...”*, o uso da palavra (ce lavar) SUBSTITUI a palavra (banhar-se), assim como (bebê) SUBSTITUI (menina). Quando a criança escreve (daqui 1 mês) é possível que ela esteja PREENCHENDO LACUNA de tempo que não lembra mais o exato.

Na frase seguinte: *“[...] a quela rã estava sertã...”*, aparenta ser uma INTERPRETAÇÃO da frase:

“É a profecia da rã se concretizou. Alguns meses depois nasceu uma linda menina.”

Na frase seguinte: *“[...] colocou o nome dela de flor Graciosa e o rei e arainha comvidarãm Parentes e amigos e as fadas tinha 13 fadas...”*, o que vemos é apenas um relato dos fatos do conto, uma reprodução, SUBSTITUINDO. Escrito da maneira da criança.

Quando a criança escreve, *“o cervisau estava apavorado”* ela SUBSTITUI (mensageiro ou camareiro mor) por (serviçal).

Na frase, *“a outra fada ficar de somrada a comer em um prato de prata”* também verificamos uma SUBSTITUI da palavra (ofendida) pela palavra (desonrada), que diz respeito seguinte passagem do texto:

“- Majestade, as fadas são treze, e nos só temos doze pratos de ouro! O que faremos? A fada que tiver de comer no prato de prata, como os outros convidados, poderá se ofender. E uma fada ofendida...”

Dando sequência: *“[...] então não a cam vide ea primeir fada falou você cera a mas limda do reino a cegunda falou sua iteligemsia vai brilhar e assim em de amte a fada que não foi comvidada falou quando completar 15 ano es petarar o dedo em um fuso...”*, logo no início quando a criança escreve, *“então não a cam vide”* ela faz uma SUBSTITUIÇÃO da frase;

“-Não convidaremos a décima terceira fada...”

Na sequência há uma reprodução do conto, a criança reproduz escrevendo a sua maneira, utilizando praticamente as mesmas palavras do conto. No entanto ao final,

quando escreve “...es petarar o dedo em um fuso” esta frase SUBSTITUI do conto a frase, “Aos quinze anos a princesa vai se ferir com o fuso de uma roca e morrerá”

No trecho, “*todo o reino adormecera e você morera*” há uma INTERPRETAÇÃO do conto, pois em nenhum momento a décima terceira amaldiçoou o reino por inteiro ao sono profundo. No conto só se fala em sono depois que Flor Graciosa fura o dedo com o fuso. Vejamos:

“Na mesma hora, aquele sono estranho difundiu-se por todo o palácio.” Portanto, da maneira que a criança escreve em sua história, é uma interpretação do conto ouvido.

Peter Pan, conto ouvido – criança B

Era umavez um menino que ce. Chama Wemdy e cempre com tava uma historia amtes de ceus irmãos dormi. O Peter Pan aparese o Peter Pan e a Dininho e pegutarão quer ir para atera do nunca?

Eles aceitarão e la foi eles. E Wemdey com tinuva acotar historias para ceus irmão. No outro dia o capitao gamcho rapitou Wemdy e ceus irmãos e no copo do Peter Pan veneno e o Peter Pan ia bebêr mas Dininho em pedio e ela tomou. E o Peter Pan foi ate o Capitão gancho e so com um goupe a jogou ao grogodilo que gomeu asua mão e eles aes perava com um bamquete. Os pais de Wendy estava prou cupado com ceus filhos e o Peter Pan levou Wemde e ceus irmão para casa Wemdy e ceus irmãos promterão nucam as fugerim e eles viverao felicidade para cem pre.

Análise da história

A criança escreve apenas de forma a reproduzir o conto ouvido, mas, ao final do primeiro parágrafo vemos uma pequena modificação, quando ela constrói um diálogo entre Peter Pan, sininho e as crianças, veremos, “*O Peter Pan aparese o Peter Pan e a Dininho e pegutarão quer ir para atera do nunca?*” portanto há um ACRESCIMO ao conto, não de palavras novas, mas ao modificar o sentido, realizando um questionamento.

No parágrafo seguinte identificamos uma SUBSTITUIÇÃO quando a criança escreve, “*No outro dia o capitao gamcho rapitou Wemdy*” no lugar de “Uma noite, o Capitão Gancho e seu bando atacaram. Eles raptaram Wendy e seus irmãos.

Ao escrever “*Dininho em pedio e ela tomou*”, o que vemos é uma INTEPRETAÇÃO, no conto não está escrito que sininho havia tomado a água, apenas que, “Mas sininho impediu-o e acabou envenenada.”

João e Maria, conto ouvido – criança B

Era uma vez um velho lenhador que morava no meio da floresta com sua segunda mulher e ele tinha dois filhos e ele não tinha condições de sustentá-los.

Uma noite sua mulher falou

_ Ce você dace conta sutemta agente a ce focê so nos dois vamos abadonalor o so tem mais um pedaso de pão ceco o aproposta e dalo a eles um pedaco de pão e acedeu uma fogueira apurfavor tabom diceo marido.

_ E João e Maria au quarto au lado não estava com ceguindo dormir de tanta fome ouviram tudo e João teve um plano ele foi ate a pota e adriu e foi ate o bosque e em cheu o seus bosos.

E no outro dia eles estão hino para mais loge da floresta e o seu pai uchamou por trais do ombro porque esta demorando muito é que eu estou me despedindo do gato branco em cima dotelhado não é o gato é o sou que esta brilhando no telhado molhado eles chegaram e o seu pai falou

_ Eu e sua mãe amos trabalhar aqui perto e João e Maria esperam e Maria comesou achorar e o seu irmão falou

_ Não tenha medo eu estou aqui quando alua a parecer nos vamos ir para casa e a lua saio e as pedrinhas comesarão a brilhar e eles forma adano e ceguino as pedrinhas brilhentes e o João falou

_ es tamos em casa e o João bateu a porta e o seu para abriu e ele estava muito felis de podelor ver os seu filhos e algum meses pasaram muito bem mas lace vem apobresa e o João ou viu que eles estavam pesnsando em a bamdonalo na floresta e João foi ate a porta e porta estava trancada e no outro dia sua madrasta deu um pedas de pão para cada um e seu pai chamou vamos João eu estau me despedindo do pasaro branco e o João estava jogando migatas e o seu pai a cedeu uma fogueira e eles foram ver os pássaro tinha ...

Análise da história

Na frase de início a história é visto duas situações, a primeira de SUBSTITUIÇÃO e a outra de INTERPRETAÇÃO, seguimos analisando, a criança escreve:

“Era uma vez um velho lenhador que morava no meio da floresta com sua segunda mulher e ele tinha dois filhos e ele não tinha condições de sustenta-los...”

No conto temos: *“Era uma vez um pobre lenhador que vivia com sua segunda mulher e seus dois filhos na orla de uma grande floresta. Era tão pobre, que muitas vezes não havia jantar, nem mesmo uma sopa. Chegou um dia em que não havia nada no guarda comida, a não ser um pedaço de pão.”* Na ordem dada acima, identificamos na escrita da criança em primeiro lugar a substituição e em segundo a interpretação do trecho do conto que destacamos.

Na frase seguinte a criança escreveu:

“Uma noite sua mulher falou

_ Ce você dace conta sutemta agente a ce focê so nos dois vamos abadonalor o so tem mais um pedaso de pão ceco o a proposta e dalo a eles um pedaco de pão e acedeu uma fogueira apurfavor tabom diceo marido...”, esta frase acaba também SUBSTITUINDO no conto o seguinte trecho:

*“- Não adianta, marido. Você não consegue mesmo sustentar quatro pessoas com seu machado. Se fossemos só dois, ainda poderíamos dar um jeito.
- Ai de mim, é verdade - concordou o homem. - O que vamos fazer?
- Vou lhe dizer - disse a mulher. - Amanhã vamos levar as crianças para o meio da floresta e largá-las lá. Podemos acender uma fogueira e deixá-las perto dela com um pedaço de pão. Depois voltamos para casa, só nós dois.”*

No parágrafo seguinte ao escrever a frase:

“_ E João e Maria au quarto au lado não estava com ceguindo dormir de tanta fome ouviram tudo e João teve um plano ele foi ate a pota e adriu e foi ate o bosque e em cheu o seus bosos...”, observamos uma SUBSTITUIÇÃO pelas palavras da criança, a seguinte parte do conto,

“João e Maria estavam acordados no quarto ao lado, pois não conseguiam dormir, de tanta fome. Quando Maria ouviu o que o pai e a madrasta estavam planejando, começou a chorar amargamente, abafando seu soluços com o cobertor.

- Não chore, Maria - disse João, com voz firme. - Vou cuidar de você. Vamos voltar para casa em segurança, prometo.

Ele esperou até os adultos dormirem, levantou devagarinho, abriu a porta e saiu. Era lua cheia, e as pedrinhas a seus pés brilhavam como uma luz branca, parecendo margaridas no campo. João se abaixou e as apanhou aos montes, enchendo os bolsos com elas.”

Ao final deste parágrafo observamos que a criança escreveu “[...] *foi ate o bosque*”, podemos observar no conto não há referencias a bosque, portanto ao escrever a criança sutilmente, sem fugir do enredo, sem grandes alterações ACRESCENTOU em sua história.

Com a escrita “*E no outro dia eles estavam hino para mais loge da floresta e o seu pai uchamou por trais do ombro porque esta demorando muito é que eu estou me despedindo do gato branco em cima dotelhado não é o gato é o sou que esta brilhando no telhado molhado*”, com suas palavras apenas reproduz o conto de maneira a SUBSTITUIR apenas algumas palavras. No conto temos:

“No dia seguinte, ao amanhecer, toda a família saiu caminhando rumo à floresta, e João **ficou para trás**. Seu pai chamou por cima do ombro:

- Depressa, João por que está demorando?

- Estou me despedindo do **gato branco**, que está **sentado no telhado** - respondeu João.

- Não é gato - disse a madrasta. - É o **sol brilhando no telhado molhado!**”

Na frase seguinte da escrita lemos:

“*eles chegaram e o seu pai falou*

_ *Eu e sua mãe amos trabalhar aqui perto e João e Maria esperam e Maria comesou achorar e o seu irmão falou*

_ *Não tenha medo eu estou aqui quando alua a parecer nos vamos ir para casa e a lua saio e as pedrinhas comesarão a brilhar e eles forma adano e ceguino as pedrinhas brilhentes*”

Apenas faz SUBSTITUIÇÕES simples de palavras por outras mais significativas, num todo o que se observa é reprodução. Vejamos o que tem no conto ouvido pelas crianças a respeito dessa passagem.

“- Vamos parar aqui e acender uma fogueira.

Então a madrasta deu um pedaço de pão para cada um e disse:

- Esperem ao lado da fogueira. Seu pai e eu vamos trabalhar aqui por perto.

João e Maria não disseram nada, sentaram-se ao lado da fogueira e ficaram olhando um para o outro. Esperaram um tempão, e de vez em quando tinham a impressão de ouvir o barulho de uma machada. Mas na verdade era algum galho solto que balançava com o vento e batia no tronco de outra árvore.

Começou a escurecer, João e Maria comeram seu pão e puseram mais gravetos no fogo. Logo só havia um pedacinho iluminado em toda a floresta, e era em torno da

fogueira deles. Os animais selvagens uivavam e meio à escuridão. Maria começou a chorar.

- Não chore - disse João, abraçando-a. - Logo a lua vai se levantar, e então você vai ver!

Devagarinho a lua foi surgindo acima das árvores da floresta. João se levantou e mostrou as pedrinhas que tinha jogado."

Na sequência a criança escreveu, "*_ es tamos em casa e o João bateu a porta e o seu para abriu e ele estava muito felis de podelor ver os seu filhos...*", todo o início desta frase, até a descrição do fato do pai abrir a porta, analisamos como acréscimo da criança em sua escrita, com o detalhe de não fugir ao enredo do conto ouvido. No conto não há menção a esses fatos, pode-se pensar na possibilidade de, o início da frase, ao falar João que estavam em casa, ser uma interpretação, porém logo me seguida já se lê algo ACRESCENTANDO "[...] *João bateu a porta e o seu para abriu*". no entanto reforçamos que não dispersão em relação ao enredo do conto.

Vejamos o que nos relata o conto:

"As pedrinhas cintilavam, mostrando-lhes o caminho de casa, como se fosse um trilho de prata à sua frente, brilhando como moedas novas.

- Onde vocês se meteram, crianças levadas? - gritou a madrasta quando eles chegaram em casa, ao amanhecer.

A mulher agiu como se a culpa fosse deles. João e Maria, muito prudentes, não disseram nada e perceberam que o pai ficou muito feliz ao vê-los de volta."

Dando continuidade a escrita a criança escreve: "*algum meses pasaram muito bem mas lace vem apobresa e o João ou viu que eles estavam pesnsando em a bamdonalo na floresta e João foi ate a porta e porta estava trancada...*", a frase num todo está muito próxima do conto ouvido, com atenção observa-se que há modificações sutis, vejamos, "*Algum meses pasaram muito bem mas lace vem apobresa*", escreveu a criança, o que nos parece uma INTERPRETAÇÃO, no conto, os meses passaram, lemos,

"as coisas continuaram como antes, até que a família voltou a enfrentar dificuldades. Mais uma vez, só havia um pedaço de pão seco no guarda-comida".

Vemos apenas uma reprodução SUBSTITUINDO com as palavras da criança de parte do texto, lemos:

“no outro dia sua madrasta deu um pedas de pão para cada um e seu pai chamou vamos João eu estau me despedindo do pasaro branco e o João estava jogando migatas e o seu pai a cedeu uma fogueira e eles foram ver os pássaro tinha”, sendo este o fim da escrita, o parece que ficou a ser terminada pela criança, ficou faltando um fim.

Patinho feio, conto ouvido – criança B

Era uma vez uma mãe pata que estava chocando os seus ovos e até que um dia os seus ovos se abriram os seus ovos e todos os patos eram iguais a e lá menos um e esse patinho todos muito sombava dele ele estava muito triste e ele se escomdeu e ele falou

- Olha essa velha calana e o pato entrou e uma linda velhinha o pegou e o gato sempre fazia ou guma coisa e colocou a cupa no pato e a mulher se pôs o pato e ele foi até uma lagoa e encontrou uns sisnei e ele era igual a eles e por isso só a dona cegonha teve um em ganho e eles viveram felizes para sempre.

Análise da história

Ao escrever: *“todos os patos eram iguais a e lá menos um...”*, nota-se uma INTERPRETAÇÃO de duas partes do conto ouvido. A primeira: *“Mas olhe os outros. São os patinhos mais lindos que já vi!”*

E a segunda, *“Era grande e feioso. A pata olhou bem para ele: “Que patinho enorme!”, pensou. “não se parece com nenhum dos outros!”*

Seguindo a análise observa-se que a criança escreveu sua história apenas de forma a substituir partes do texto por interpretações, palavras suas, não apenas reproduzindo mas escrevendo ao seu jeito, portanto SUBSTITUINDO. Porém observa-se que no final há um ACRESCIMO no momento em que a criança escreveu, *“a dona cegonha teve um em ganho.”*

A Princesa da Ervilha, conto brincado – criança B

Era uma vez um lido pricepe que viajava pror todo o mundo temtando achar uma pricesa para se cazar e todas que ria se cazar com ele e todas falava

Que era pricesa cera que era verdade?

Etodas a queia mulere que ele queria que foce princesa tinha uma descupa e ele resouveu vou tarpara ceu castelo com os sues pai que estava a sua espera e chegou lá estava um tempo chuvoso cobrido com nuvem pretas pezadas com trovuadas e relampago e ate aviram toque toque ops qem cerar uma hora desa ela disia que era uma pricesa molhada do pé a cabeça chegou espirando e o pricepe queria se cazar com ela e sua mãe rezouveu ver se era uma pricesa e a rainha falou

- Colo que evilias e vite coão e vite cochua do com pele de gaso e ela se deitou e no ou tru dia e la falou

- Dormiu bem e a princisa falou

- Esa noite não pre gui o olho tinha uma coisa me pinicano e eles se cazarão e vizerão felezes para cempre.

Análise da história

Na primeira frase a criança escreve de maneira a ACRESCENTAT sutilmente, ao falar que o príncipe era lindo, no demais apenas reproduz o que ficou ou se agradou do conto ouvido.

Ao iniciar a frase seguinte escreve de maneira a INTERPRETAT, em sua escrita lemos, *“Etodas a queia mulere que ele queria que foce princesa tinha uma descupa e ele resouveu vou tarpara ceu castelo com os sues pai que estava a sua espera...”*

No conto lemos:

“Correu então o mundo inteiro para encontrar uma, mas nunca se dava por satisfeito. Princesas é que não deixou de encontrar, mas seriam princesas mesmo? Disso ele nunca conseguia se convencer. Sempre descobria alguma coisa que o deixava em dúvida.

Acabou voltando para casa, triste e desanimado, quase perdendo a esperança de casar um dia.”

A criança continua sua escrita escrevendo, *“chegou lá estava um tempo chuvoso cobrido com nuvem pretas pezadas com trovuadas e relampago e ate aviram toque toque ops qem cerar uma hora desa...”*, o desenvolvimento desta frase é basicamente uma reprodução do texto ouvido, sendo que ao final há um ACRESCIMO quando a criança escreve, *“ops qem cerar uma hora desa”*

Ao terminar sua história escrevendo,

“ela disia que era uma pricesa molhada do pé a cabeça chegou espirando e o pricipe queria se cazar com ela e sua mãe rezouveu ver se era uma pricesa e a rainha falou

- Colo que evilias e vite coão e vite cochua do com pele de gaso e ela se deitou e no ou tru dia e la falou

- Dormiu bem e a princisa falou

- Esa noite não pre gui o olho tinha uma coisa me pinicano e eles se cazarão e vizerão felezes para cempre.”

A criança escreve SUBSTITUINDO o conto ouvido por sua escrita de partes do conto que lhe interessaram. De forma bem sutil a criança realiza um pequeno ACRESCIMO ao escrever, *“[...] tinha uma coisa me pinicano...”*

A Raposa e os Gansos, conto ouvido – criança B

Um dia uma raposa caio la aunde tinha 6 gasos muito gordinhos rechiado ate não querer mais e e eles estavam a travecendo um canpo imenso e o raposa falou

- Eu vou gomer um por um eles comesarão a chorar e a raposa falou

- Não tem geito eu vou comer todos e a mas corajoso falou

- Cenora raposa podemos resar para pedir perdam e o 1° bla bla e o 2° bla bla e o 3° bla bla 4° bla bla 5° bla bla 6° bla bla e a gora só vamos saber o finau quando ele termenar de rsar.

Análise da história

“*Um dia uma raposa caio la aunde tinha 6 gasos*”, vemos um ACRESCIMO, quanto dá quantidade aos gansos, no conto lemos, “Um dia a raposa foi cair no meio de um bando de gansos bem gorduchos e rechonchudos que iam atravessando um campo.”

Na frase seguinte, a criança escreveu, “*muito gordinhos rechiado ate não querer mais e e eles estavam a travecendo um canpo imenso e o raposa falou...*”, escreve em SUBSTITUIÇÃO, porém ACRESCENTA quando escreve, “*rechiado ate não querer mais*”, observa-se a frase do conto já citada acima.

Em seguida se lê, “*Eu vou gomer um por um eles comesarão a chorar e a raposa falou*

- Não tem geito eu vou comer todos...”, SUBSTITUI do conto o seguinte trecho:

- Vejam só! Cheguei na hora certa! Até parece que vocês mandaram me chamar, meus lindos, e que ficaram aí bonitinhos esperando eu chegar para comer todos vocês, um por um!

O bando inteiro começou a grasnar de pavor, espichando a cabeça, e foi uma verdadeira sinfonia de queixas e súplicas para que a raposa tivesse pena deles, para que desistisse de comê-los. A raposa não se comoveu nem um pouco com a choradeira.

- Não tem jeito - disse ela. - A hora de vocês chegou.

Ao escrever, “[...] e a mas corajoso falou

- Cenora raposa podemos resar para pedir perdam e o 1° bla bla e o 2° bla bla e o 3° bla bla 4° bla bla 5° bla bla 6° bla bla e a gora só vamos saber o finau quando ele termenar de rsar”, apenas SUBSTITUI O RESTO DO CONTO.

APENDICE 3 – histórias escritas da criança - C

A Bela Adormecida, conto brincado – criança C

Era uma vez um rei e uma rainha que fizeram uma festa num castelo. E convidaram todas as fadas do reino que fizeram o batizado de uma jovem menina que o rei chamou ela de flor graciosa mas apareceu uma bruxa chamada feiticeira então disse – Quando a jovem completar 15 anos ela vai toca seu dedo no fundo de um palito e morera Uh ah. Quando flor graciosa tinha 15 anos Ela resolveu dar um passeio sozinha. Quando viu um castelo no meio da floresta Ela puxou a porta do castelo nhééc e entrou subiu nos degraus foi até o ultimo degrau e encontrou um quarto que levava numa torre ela entrou e encontrou então ela sento numa cadeira e o o: h ela adormeceu e espetou seu dedo no fundo de um palito e adormeceu então uma coisa rodou em volta do castelo todos adormecera Até os animais um príncipe que viu o castelo ele correu e numa cama de ouro ele viu a jovem mais linda então ele beijou a jovem ela abriu os olhos e sorriu tempos depois casou se e tinha filhos e foram felizes.

Análise da história

A criança inicia sua história, “*Era uma vez um rei e uma rainha que fizeram uma festa num castelo. E convidaram todas as fadas do reino que fizeram o batizado de uma jovem menina que o rei chamou ela de flor graciosa mas apareceu uma bruxa chamada feiticeira então disse*”, ao escrever, “fizeram uma festa no castelo”, isto não está no conto, porém aparenta ser uma INTERPRETAÇÃO, pois no conto lemos:

“[...] para a festa de batizado, convidou uma multidão de súditos: parentes, amigos, nobres do reino e, como convidados de honra, todas as fadas que viviam nos confins do reino”,

Portanto o que a criança escreveu parece ser uma interpretação da frase a acima. Parece ser interpretação pelo fato que, no conto, o rei convida vários súditos para a festa de batizado, a criança escreve no sentido não de futuro, mas de passado, concluindo que houve uma festa de batizado. Tanto é, que ela dá continuidade a frase, escrevendo, “*..convidaram todas as fadas do reino*”

É possível observar a interferência da criança no texto, no seguinte trecho: “[...] fizeram o batizado de uma jovem menina que o rei chamou ...”, o que de fato chama a atenção é a pronúncia “*jovem menina*”, pois no conto, tem a pronúncia “linda menina”, porém em outro contexto que não o descrito por ela, vejamos: “Alguns meses depois nasceu uma linda menina.” A criança em seu texto parece criar uma nova versão para este trecho, o que não se resume a uma simples cópia do ouvido, ela incrementou de acordo com sua imaginação. Em uma ordem, ela substitui (linda menina) por (jovem menina). Enquanto que toda a frase é uma INTERPRETAÇÃO do texto.

No trecho: “[...] *mas apareceu uma bruxa chamada feiticeira*”, isto é totalmente novo, pois no conto original não há bruxa, muito menos nome para ela, no conto trata-se de uma fada, portanto “bruxa feiticeira” é proveniente da subjetividade da imaginação da criança. É o que chamamos de ACRESCIMO.

Analisando a passagem seguinte, lemos, “*Quando a jovem completar 15 anos ela vai toca seu dedo no fundo de um palito e morera Uh ah*”, num todo, aparenta uma INTERPRETAÇÃO de dois trechos do conto, onde ela substitui palavras que talvez não fazem sentido por outras mais significativas. Quanto à interpretação, segue os dois trechos:

“Aos quinze anos a princesa vai se ferir com o fuso de uma roca e morrerá.”

“Flor Graciosa furou o dedo e sentiu um grande sono.”

As palavras substituídas foram “fuso” por “*fundo*” e “roca” por “*palito*”. Portanto é realizado uma SUBSTITUIÇÃO de (fuso de uma roca) por (fundo de um palito) De uma maneira pessoal, e não apenas copiando o ouvido, a criança substitui palavras do texto sem fugir ao enredo. Ao final observamos que é acrescentado algo a mais, original a partir da criança, o que parece ser um efeito sonoro muito comum nas histórias de quadrinhos, porém inovador para o conto ouvido. “*UH ah*”, é o que chamamos de ACRESCIMO.

Analisando a passagem seguinte lemos:

“*Quando flor graciosa tinha 15 anos Ela resolveu dar um passeio sozinha. Quando viu um castelo no meio da floresta Ela puxou a porta do castelo nhééc e entrou subiu nos degraus foi até o ultimo degrau e encontrou um quarto que levava numa torre ela entrou e encontrou então ela sento*

numa cadeira e o o: h ela adormeceu e espetou seu dedo no fundo de um palito e adormeceu”

Quando a criança escreve o trecho “*Ela resolveu dar um passeio sozinha*”, observa-se uma INTEPRETAÇÃO do conto, pois nele lemos, “Flor Graciosa, porém, sozinha, aborrecia-se e começou a andar pelas salas do castelo.” O trecho da história da criança deixa claro que ela resolveu “passear sozinha”, quando que no conto ela foi “andar pelas salas” justamente porque estava só.

Na sequencia lemos, “*Quando viu um castelo no meio da floresta Ela puxou a porta do castelo nhééc e entrou*”, no conto a menina esta dentro do castelo por onde começa a caminhar, como quem deseja explorá-lo, o castelo só passa a ser cercado por floresta após o feitiço cair sobre ele. Portanto mencionar que a menina viu um castelo o qual se localizava no meio da floresta e que ainda a menina puxou a porta do castelo, acrescentando efeitos sonoros, isto tudo é fruto da imaginação da criança, é possível que tenha feito um mix de partes do conto, sendo assim passou a ser sua criatividade. Detalhe, observa-se que a criança acrescenta novamente os efeitos sonoros (Uh ah; nhééc) que não fazem parte do conto, portanto vem de outro lugar, talvez de histórias em quadrinhos que a criança lê, é possível que seja desta fonte. Porém é algo totalmente novo, um ACRESCIMO ao conto por conta do aluno.

Na trecho, “[...] *subiu nos degraus foi até o ultimo degrau e encontrou um quarto que levava numa torre*”, vemos aqui uma parte que não foge ao enredo do conto, mais totalmente escrita da maneira da criança, não sendo apenas cópia do que foi ouvido no conto, vejamos:

“chegando perto de um portãozinho de ferro, que dava acesso à parte de cima de uma velha torre, abriu-o, subiu a longa escada e chegou, enfim, ao quartinho.”

Em momento algum vemos menção a subir degraus, quando a criança fala “*subiu nos degraus foi até o ultimo degrau*” parece ser uma INTERPRETAÇÃO do conto; “Chegando perto de um portãozinho de ferro, que dava acesso á parte de cima de uma torre”

Quando escreve que “*...encontrou um quarto que levava numa torre*”, essas coisas estão no conto original, mas não exatamente desta maneira, no conto temos, “*...abriu-o, subiu a longa escada e chegou, enfim, ao quartinho.*” A criança parece

INTERPRETAR o conto e escrever partes, como esta acima, à sua maneira. Não é a cópia mais a escrita de seu conto.

Ao escrever “[...] *ela entrou e encontrou então ela sento numa cadeira e o o: h*”, toda esta frase é parte da criação da criança, em momento algum no conto é dito que ela entrou, apenas que “... subiu a longa escada e chegou, enfim, ao quartinho.” Podemos dizer que ela faz uma INTERPRETAÇÃO. Ao escrever, “[...] *ela sento numa cadeira*” também é a criatividade aflorando, talvez, a partir de “Flor Graciosa furou o dedo e sentiu um grande sono. Deu tempo apenas para deitar-se na cama que se achava no aposento,...” então ela ACRESCENTA o fato de sentar em uma cadeira. Ao vermos repetidos os efeitos sonoros, vemos portanto, mais um ACRESCIMO. Onde lemos, “[...] *ela adormeceu e espetou seu dedo no fundo de um palito e adormeceu*”, parece ser uma INTERPRETAÇÃO do trecho “Flor Graciosa furou o dedo e sentiu um grande sono”, todas estas interpretações da criança parecem serem realizadas a sua maneira, ela escreve de uma maneira criativa, ou talvez retrate o conto da maneira que fez sentido para ela.

Analisando a passagem seguinte:

então uma coisa rodou em volta do castelo todos adormecera Até os animais um príncipe que viu o castelo ele correu e numa cama de ouro ele viu a jovem mais linda então ele beijou a jovem ela abriu os olhos e sorriu tempos depois casou se e tinha filhos e foram felizes.

No trecho, “*então uma coisa rodou em volta do castelo todos adormecera*” a criança ao escrever a palavra “coisa”, parece substituir outra que no momento da escrita talvez não lembrou, portanto ela PREENCHE UMA LACUNA. A palavra (coisa) parece preencher a ausência da palavra (sono), como motivo para todos dormirem. Portanto ao faltar a palavra sono, ela a substitui por outra que preenche este espaço, a palavra coisa.

No trecho; “... *um príncipe que viu o castelo ele correu e numa cama de ouro ele viu a jovem mais linda então ele beijo a jovem ela abriu os olhos e sorriu tempos depois casou-se e tinha filhos e foram felizes*”

Ao escrever que o príncipe viu o castelo a criança faz uma INTERPRETAÇÃO da seguinte parte:

“Quando o príncipe se encaminhou para o castelo viu que, no lugar de arvores e galhos cheios de espinhos, estendiam-se aos milhares, bem espessas, enormes carreiras de flores perfumadas. E mais, aquela de

fores cheirosas abriu-se frente a ele, como para encorajá-lo a prosseguir, voltando a fechar-se logo atrás da sua passagem.”

Na mesma frase logo em seguida ele ACRESCENTA coisas de sua criatividade, da imaginação da criança. Fatos, detalhes que não constam no conto; o príncipe que corre ao ver o castelo, ver a jovem mais linda em uma cama de ouro, o fato de terem filhos.

Peter Pan, conto ouvido – criança C

Era uma vez um menina chamada Wendy Miguel e João os três adoravam A história do Peter pan um dia Wendi cantou a história do peter pan eles ficaram felizes ouvindo a história mas chego meia noite e era hora de todos dormirem chegando no caminho Peter pan apareceu ele procurou a sombra dele teto e cabou o teto ele fez barulho e acordou todos e disse! Ele chegou-é eu chegei. Então ele levou a turma prara terra do nunca eles saíram voando. Então eles viram o larco piratas então capitão gancho de um tiro Peter pan disse! – cuidado Bentão dilin levou eles para os meninos perdidos então Wendy Se perdeu. Então Eles foram direto paro Barco pirata Peter pan lutou com o capitão gancho e derrubou na água.

Análise da história

Na frase, *“Era uma vez um menina chamada Wendy Miguel e João os três adoravam A história do Peter pan”*, inicialmente observa-se um ACRESCIMO ao dar nomes aos personagens do conto. Em seguida temos uma INTERPRETAÇÃO ao escrever que os três adoravam a história de Peter pan, no conto temos a frase, *“A que mais gostava era de Peter Pan...”*

Na frase seguinte escrita pela criança, *“[...] um dia Wendi cantou a história do peter pan eles ficaram felizes ouvindo a história mas chego meia noite e era hora de todos dormirem”*, quando escreve, *“[...] um dia Wendi contou a historia do Peter pan”* ela realiza uma INTERPRETAÇÃO da mesma frase do conto que foi citada acima, *“A que mais gostava era de Peter Pan...”*

Ao escrever que, *“[...] eles ficaram felizes ouvindo a história”*, ela está sutilmente ACRESCENTADO em sua história, no conto original não há menção de estarem felizes por ouvir.

Na frase, *“[...] chego meia noite e era hora de todos dormirem...”*, também é ACRESCENTADO ao conto sutilmente algo novo, pois não há trechos no conto que falem sobre a hora de dormir.

Na frase seguinte, *“[...] ele procurou a sombra dele teto e cabou o teto ele fez barulho e acordou todos e disse! Ele chegou-é eu chegei...”*, observa-se nesta frase um ACRESCIMO ao conto, porém muito parecido com o que se vê em um filme de Peter pan.

Quando a criança escreve, “*Então ele levou a turma prara terra do nunca eles saíram voando.*” Neste trecho não há nada de novidade, observa-se uma INTERPRETAÇÃO do conto,

“Uma noite, Peter Pan e a fada Sininho apareceram na janela do quarto dos meninos e convidaram todos eles para visitar a Terra do Nunca.

Os meninos aceitaram e, com a magia da fada, todos voaram até uma ilha onde decidiram construir uma casa para viverem juntos”

Continuando a análise, “*Então eles viram o larco piratas então capitão gancho de um tiro Peter pan disse! – cuidado Bentão dilin levou eles para os meninos perdidos então Wendy Se perdeu*”, quando a criança escreve barco piratas, é possível ser a influencia do filme, pois no conto não há menção a um barco, porém é possível sua INTEPRETAÇÃO, na frase,

“Ele enfrentou o malvado bandido com valentia e conseguiu vencê-lo com um golpe de espada. O capitão Gancho caiu na água, onde ferozes crocodilos, os mesmos que já haviam devorado sua mão, esperavam-no para um banquete.”

A criança cria um fato ao escrever “*então capitão gancho de um tiro Peter pan disse! – cuidado Bentão dilin*”, nesta passagem temos um personagem o Bentão, efeito sonoro dilin e o dialogo entre o Peter Pan e o personagem. Portanto temos um ACRESCIMO.

Na frase, “*levou eles para os meninos perdidos então Wendy Se perdeu. Então Eles foram direto paro Barco pirata Peter pan lutou com o capitão gancho e derrubou na água*”, logo no início desta frase, vemos novamente a influência que acreditamos ser do Filme, pois no conto não se fala em meninos perdidos, sendo esta uma passagem do filme. Na sequência vemos apenas um SUBSTIUIÇÃO da frase, “Ele enfrentou o malvado bandido com valentia e conseguiu vencê-lo com um golpe de espada. O Capitão Gancho caiu na água...”

Branca de Neve, conto brincado – criança C

Era uma vez uma velha mal humorada que vivia com um espelho mágico Todos os dias ela perguntava para o espelho – espelho Espelho meu existe um reino mais Bonita do que do meu – não minha Rainha você é a Mais Bela. Num dia lindo vivia uma moça de lábios vermelhos pele Branca como a neve daí ela resolveu sair na floresta mas ela chamou O caçador e levou para a floresta e a matasse Num dia ela viu uma casinha. Aproximou da casa e entrou tudo era pequeno parecia uma casa de Boneca juntou as caminhas que estava nos pratos deitou e dormiu Era A casinha dos setes anões Quando voltarem disse que era ela de onde veio Branca de Neve acordou e contou sua triste historia. – O dia foi passando e a Bruxa se transformou numa vendedora de frutos foi na casa dos anões e deulhe uma maçã Quando desmaiou os anões pediram que ela estava morta um príncipe passou viu lavantou a tampa do caixão e deu Beijo e viveram felizes

Análise da história

A frase com a qual a criança inicia sua historia, “*Era uma vez uma velha mal humorada que vivia com um espelho mágico*” é uma maneira irreverente, um estilo próprio que ela ACRESCENTOU ao conto.

Na sequência ela escreve, “*Todos os dias ela perguntava para o espelho – espelho Espelho meu existe um reino mais Bonita do que do meu – não minha Rainha você é a Mais Bela.*” Ao escrever no início “*todos os dias*”, observa-se uma INTERPRETAÇÃO, no conto se lê, “Ora, ela era um pouco bruxa e possuía um espelho mágico, ao qual costumava perguntar.”

Na sequência a criança escreve o parágrafo, “*Num dia lindo vivia uma moça de lábios vermelhos pele Branca como a neve daí ela resolveu sair na floresta mas ela chamou O caçador e levou para a floresta e a matasse*”, este parágrafo esta escrito de maneira meio que confusa, fugindo a concordância das palavras, de qualquer maneira ele esta mais para o sentido de uma SUBSTITUIÇÃO bastante resumida de partes do conto.

Na continuidade a criança escreveu, “Num dia ela viu uma casinha.

Aproximou da casa e entrou tudo era pequeno parecia uma casa de Boneca juntou as caminhas que estava nos pratos deitou e dormiu Era A casinha dos setes anões”, continuou a escrever de maneira reduzida sem dar sentido completo a frase, não foge ao enredo mas, ACRESCENTA umas coisas que são provenientes de um outro espaço que não seja o conto propriamente, “*parecia uma casa de boneca*, no conto lemos a frase, “Quando não podia mais, avistou uma casinha e entrou para descansar. Nessa cabana tudo era pequeno, mas perfeitamente limpo e arrumado.” mais a frente de forma bem sutil volta a ACRESCENTA a sua história o fato que moça “*juntou as caminhas*”, no conto sobre as caminhas, escreveu o autor, “Tão cansada estava que quis se deitar. Mas ela não cabia em nenhuma cam: uma era grande demais, outra esterita demais. A sétima era do seu tamanho. Branca de Neve adormeceu.”

Ao escrever a frase, “*Quando voltarem disse que era ela de onde veio Branca de Neve acordou e contou sua triste historia.*” Escrevendo de maneira extremamente reduzida ocultando os detalhes vemos uma frase pequena que SUBSTITUI uma boa parte do conto,

“Já fazia noite escura quando os moradores da cabana voltaram para casa. Eram os sete anões da montanha. Eles trabalhavam na mina, manejando a pá e a picareta o dia inteiro. Acenderam suas sete velinhas e logo perceberam que alguém havia entrado ali na ausência deles, porque nada mais estava na ordem em que haviam deixado.

Disse o primeiro: “Quem se sentou na minha cadeira?” O segundo: “Quem comeu no meu pratinho?” O terceiro: “Quem partiu o meu pãozinho?” O quarto: “Quem comeu meus legumezinhos?” O quinto: “Quem espetou com meu garfinho?” O sexto: “Quem cortou com a minha faquinha?” O sétimo: “Quem bebeu na minha canequinha?” depois o primeiro correu até sua cama e exclamou: “Quem entrou na minha caminha?” Os outros foram ver e exclamaram: “Alguém se deitou na minha também!”

Ao olhar para a dele, o sétimo anão percebeu Branca de Neve adormecida. Ele chamou os outros, que vieram correndo, dando gritos de surpresa. Então pegaram as sete velinhas, iluminando Branca de Neve. “Meu Deus!”, exclamaram. “Como esta menina é linda!” A alegria de todos foi tão grande que nem a acordaram: deixaram Branca de Neve dormir na caminha, e o sétimo anão dormiu na cama dos seus companheiros, uma hora em cada uma e assim se passou a noite.

De manhã, Branca de Neve acordou e ficou morrendo de medo ao ver os sete anões. Mas eles lhe perguntaram amavelmente: “Como você se chama?” “Branca de Neve”, ela respondeu. “Como chegou aqui?” então ela lhes contou que a sua madrasta tinha mandado matá-la, mas que o caçador a tinha deixado fugir e ela tinha corrido o dia todo, até finalmente encontrar a cabana deles.”

Quando utiliza a frase, “– O dia foi passando”, com poucas palavras busca preencher uma lacuna do conto, coisa que talvez já não se faça mais presente em

sua mente, ou por ser longo optou por substituí-lo por algo mais simples, pois o aluno dá um salto do trecho em que menciona o primeiro contato com os anões para o momento em que a rainha maquiou-se vendedora. No conto está assim escrito:

“A rainha, que pensava ter comido o fígado e os pulmões de Branca de Neve, acreditava ser de novo a mais bela de todas as mulheres. Ela pegou o espelho e perguntou:

_ Espelhinho, querido espelhinho, responda só para mim, quem é a mulher mais bela de todo esse reino?

E o espelho respondeu:

_ A senhora, minha rainha, é a mais bela daqui. Mil vezes mais bela porém é Branca de Neve, que está nas montanhas, na casa dos sete anõezinhos.

A rainha ficou furiosa, porque sabia que o espelho não podia mentir. Compreendeu que o caçador a enganara e que Branca de Neve continuava viva. Então, tornou a quebrar a cabeça para descobrir um meio de matá-la. Porque, enquanto não voltasse a ser a mais bela do reino, a inveja não lhe daria trégua.

Por fim encontrou um ardiu. Maquiou o rosto e se vestiu de velha vendedora ambulante. Ninguém seria capaz de reconhecê-la. Assim disfarçada, foi até a casa dos sete anões, além das sete montanhas.”

Na história da criança o término foi escrito com a seguinte frase “*Quando desmaiou os anões pediram que ela estava morta um príncipe passou viu lavantou a tampa do caixão e deu Beijo e viveram felizes*” o fato de o príncipe dar um beijo é um fato que foi ACRESCENTANDO ao conto ouvido pelas crianças do terceiro ano, mas não descarta-se a hipótese de estar presente em outros contos e ainda talvez no filme. No conto lido pela professora na sala de aula tem o parágrafo:

“O príncipe mandou seus criados carregarem a urna no ombro. Assim iam, quando um deles tropeçou num arbusto. O solavanco fez branca de Neve cuspir o pedaço de maçã envenenada que estava entalado na sua garganta. A moça abriu os olhos, levantou a tampa da urna e sentou-se, perguntando: “Onde estou?” Todo contente, o príncipe respondeu: “Ao meu lado”. Ele lhe contou o que havia acontecido e acrescentou: “Eu amo você mais que a tudo neste mundo. Venha comigo para o castelo do meu pai, você vai ser minha esposa”. Então Branca de Neve se apaixonou por ele e acompanhou-o. O casamento foi celebrado com muita pompa e circunstância.

A malvada rainha também foi convidada para o casamento. Quanto pôs suas mais lindas roupas, ela pegou o espelho e perguntou:”

João e Maria, conto ouvido – criança C

Era uma vez um lenhador chamado Mateus e uma lenhadora chamada Meri Jean os dois tinha uma casinha cheia de margarida os dois entraram quando João foi deitar a porta trancou e João falou:

- Tenho que abrir a porta comachave.

Então ele pegou a chave e abriu a porta João chamou Maria:

- Maria. Já estou indo : Então João colocou migalhas no chão pra seguir o caminho certo Eles ficaram cansados e fizeram uma fogueira Quando ficou de dia Eles foram para casa mas não tinha nenhuma migalha os passarinhos tinham comido Então eles Avistaram uma casa cheia do doces 4 paredes de Mel e o telhado de bolo e comeram tudinho a casa uma mulher abriu:

- Que crianças lindas.

A mulher ficou surpresa com os dois e resolveu Botar pra cama 9:00 h A mulher foi no quarto e resolveu comelos mas João saiu da boca da Mulher e João e Maria fugiram e se casaram e foram felizes pra sempre

Análise da história

A criança dá início ao seu conto de uma forma singular, desde a primeira frase realizando modificações consideráveis. A primeira frase, assim o escreve, “*uma vez um lenhador chamado Mateus e uma lenhadora chamada Meri Jean os dois tinha uma casinha cheia de margarida*”, do conto original está apenas os personagem lenhador e sua esposa, de resto o que vemos são ACRÉSCIMOS dando nome aos personagens, e o fato de terem uma casinha cheia de margarida.

Na sequencia a criança escreve, “- Tenho que abrir a porta comachave. Então ele pegou a chave e abriu a porta João chamou Maria:”, observa-se novos ACRÉSCIMOS ao detalhar o fato de abrir a porta com a chave e o de pegar a chave e abrir a porta.

Ao escrever, “A mulher ficou surpresa com os dois e resolveu Botar pra cama 9:00 h resolveu Botar pra cama 9:00 h “ verifica-se que a primeira parte é uma INTERPRETAÇÃO da frase, “- Ah! Que criancinhas lindas!”. Já a segunda parte é totalmente um ACRÉSCIMO da criança.

Na sequencia a criança escreve, “A mulher foi no quarto e resolveu comer os melos mas João saiu da boca da Mulher”. Observa-se novamente um ACRÉSCIMO no final, ao dizer que “João saiu da boca da mulher”

Ao escrever que, “João e Maria fugiram e se casaram e foram felizes pra sempre”. Isto é totalmente inusitado para este conto, o fato de João e Maria casarem-se, portanto é um ACRÉSCIMO.

O gato de Botas, conto brincado – criança C

Era uma vez um gato que vivia numa casa cheia de comida pra ele um dia ele saiu de casa e foi visitar uma floresta e encontrou um sacola tinha um monte de coelho e poim pularam pra fora tom pularam pra fora pularam só que lá tinha um morto então o gato de botas foi fala com majestade disse então

- Majestade por favor eu no fundo do meu coração eu sou um guerreiro de paz:

então gato de botas falou para marques de caralas disse então

- Marques de caralas por favor eu insisto ja que eu vi um coelho morto não precisa brigar comigo:

então gato de botas foi embora pra sua casinha e viveu feliz pra sempre.

Análise da história

Mudou todo o conto, utiliza como apoio parte do enredo original mas constrói um conto totalmente diferente. Utiliza coisas criativas, articula bem o conto dando uma sequencia a ele, mas o redige de forma bem curta. HISTÓRIA INUSITADA

O Patinho feio, conto ouvido – Criança C

Era uma vez uma mamãe gança que tava chocando seus ovos ela choco o primeiro ovo e disse:

- Vou te chamar tata:

então ela choco seu segundo ovo e disse:

- vou te chamar de cauê:

então ela choco seu terceiro ovo e disse:

- vou te chamar de renan:

Então eles foram brincar quando saíram um gato chamado malruio:

- Tic miauvir:

Eo gato correu atrás deles:

- Ahhh socorro socorro:

Correram para mãe quando apareceu um ovo quando choco apareceu um patinho feio quando todo mundo zonlava dele

- Olha um patinho feio

- danado - cabeça dura

- Ahhh peguem ele:

Zumm

- Ahhh socorro me ajudam ele correu correu e cancou e encontrou uma gança ela quis dizer uma coisa:

- hum você é feio hum já sei porque não participa de uma nossa 2º campeonato de feios de patos disse o pato.

- Esta bem:

- Sejam bem vindos a 2º campeonato de feios de patos: Enquanto passava os outros patinhos o patinho feio chegou e todo mundo disse:

- Ohh- Ahh:

então o patinho ganhou e viveu feio pra sempre.

Análise da história

Uma escrita totalmente modificada, construída de forma inteligente e com muito humor. Dá nomes a personagens do conto original, cria novos personagens. É muito bom. HISTÓRIA INUSITADA

A Princesa e a Ervilha, conto brincado – criança C

Era uma vez uma princesa e uma Ervilha que morava juntas a princesa tinha um galinheiro que tinha guardas flores, bandeiras e muro e portão um desses objetivos pertencia a princesa e a ervilha A princesa tinha uma cama enorme que tinha escada A princesa foi fala com o rei disse:

- O que tem uma Ervilha no castelo Bela ruído:

A princesa não acredita nele e foi se esconder com a Ervilha e viveram felizes para sempre.

Análise da história

Escreve uma história sem vínculo com o conto ouvido, do que ouviu faz uso dos personagens, princesa, ervilha e o rei. No mais cria um novo enredo, é criativo e humorado, porém falta coerência e sequência em sua escrita. HISTÓRIA INUSITADA

A Raposa e os Gansos, conto ouvido – criança C

Era uma vez uma raposa que caiu no meio de uns ganços que estavam atravessando o riacho:

- Ahhh

Bateu neles disse:

- Ah ah h ainda bem que encontrei vocês: Mais pelo geito a gança organizou uma fila de meninos e de meninas e olhou quem era gordinho ou magrinho disse:

- Vamos rezar :

Enquanto isso eles rezavam e foram felizes para sempre.

Análise da história

A criança inicia sua história escrevendo, “*Era uma vez uma raposa que caiu no meio de uns ganços que estavam atravessando o riacho*”, o que vemos como SUBSTITUIÇÃO, no conto lemos, “Um dia a raposa foi cair no meio de um bando de gansos bem gorduchos e rechonchudos que iam atravessando um campo.”

Na sequencia ao escrever, “*- Ahhh Bateu neles disse*”, observa-se uma ACRESCIMO, pois nada no conto supõe tal interpretação, portanto é algo acrescentado pela criança.

Em seguida se lê, “*- Ah ah h ainda bem que encontrei vocês: Mais pelo geito a gança organizou uma fila de meninos e de meninas e olhou quem era gordinho ou magrinho disse:*

- Vamos rezar :

Enquanto isso eles rezavam e foram felizes para sempre”, apenas SUBSTITUIÇÃO, do conto por palavras próprias da criança, sem nada acrescentar.

O Rei Barba Horrenda, conto brincado, criança C

Num dia lindo de sol, estava um rei passeando depois ele foi no castelo e viu o nome dele ponharam barla horrenda nenhum dos guardas acreditou nele mas pelo jeito pensa que era uma lagartixa gigante deum tamanho de um elefante ogro, cavalo, eguá bicho – papão e outras mas uma regra ele que ele era um gordo do castelo mas nenhuma coisa que ele era uma coisa assustadora um dia ele deu um baile no castelo era afilha dele que estava fazendo casamento a filha dele se casou e viveram felizes para sempre.

Análise da história

Ao escrever a criança escreve o seu conto, que pouco vinculo mantém com o conto ouvido, parece utilizar o personagem do rei de barba horrenda e no final a personagem da filha todo o resto do contexto é outro conto que não o ouvido, nem mesmo a vinculo com o enredo. Portanto o que vemos é uma HISTÓRIA INUSITADA.

O Ganso Dourado, conto ouvido, criança C

Era uma ez um velho homem que parecia um velhinho mas o mais novo era o sapo crocodilo que parecia um crocodilo a floresta estava cheia deles crocodilo, rãs, perereca e outros mas alguns séculos vio um ganço Minas gerais Eles queriam arranca uma pena dele quando apareceu outra menina que era sapeca mas a menina era gorducha dentuça, baixinha e tem um cachorinho de pelúcia mas uma coisa o ganço era um lindo príncipe e viveu feliz para sempre.

Análise da história

Escreveu um outro conto, com coisas totalmente diferentes. HISTÓRIA INUSITADA

APENDICE 4 – histórias escritas da criança - D

A bela Adormecida, conto brincado – criança D

Era uma vez um casal que queria uma filha mas não podia até que a rainha foi ao lago uma ram pulou de lago e dice:

Você tera uma filha a rainha voutou para casa e uma filha que se chama Flor graciosa o rei mandou que fisesem o batismo eles convidaram 13 fada mas só tinha 12 pratos de ouro veio 12 fada ao dormir e acordar a fada que não foi convidada fez um feitico para ela morer mas faltava uma fada dar a bemça e esa fada fez o feitiso para ela dormir 100 anos ela eria despertar se um príncipe dace um beijo dodos adormeseram e creceu espinho em volta do castelo varios omes se aproximava ele se aranhava quando se pasou 100 anos o pricipie foi pasa nos espinhos.

Mas os espinhos viraram.

Flores o principe subiu as escada e vio o portão que leva ele ao quarto que Flor graciosa ta o príncipe foi até la e beijou e fora felizes para sempre.

Análise da história

Vejamos, “*Era uma vez um casal que queria uma filha mas não podia até que a rainha foi ao lago uma ram pulou de lago e dice*”, inicialmente o que se observa é uma substituição de (um rei e uma rainha) por (um casal). Ao se observar a frase por inteiro verifica-se uma SUBSTITUIÇÃO de um longo trecho do conto por uma frase que o sintetiza. Vejamos o trecho do conto:

Era uma vez, há muito tempo, um rei e uma rainha jovens, poderosos e ricos, mas pouco felizes, porque não tinham filhos.

- Se pudéssemos ter um filho! - suspirava o rei.

- e Deus queira que nascesse uma menina! - animava-se a rainha.

- E por que não gêmeos? - acrescentava o rei.

Mas os filhos não chegavam, e o casal real ficava cada vez l. Não se alegravamnem com os bailes da corte, nem com as caçadas, nem com os gracejos dos bufões, e em todo o castelo reinava uma grande melancolia.

Mas, numa tarde ensolarada de verão, a rainha foi banhar-se no riacho que passava no fundo do parque real. E, de repente, pulou pra fora da água uma rãzinha.

Na sequencia a criança escreve, “*Você tera uma filha a rainha voutou para casa e uma filha que se chama Flor graciosa*”, ela SUBSTITUI do conto a palavra (menina) por (filha). Ao escrever que “[...] *a rainha voutou para casa...*”, vemos que a

criança realiza uma INTERPRETAÇÃO do conto ouvido, pois em momento algum é visto que a rainha voltou para casa, no entanto ela interpreta a partir da frase:

“Mas, numa tarde ensolarada de verão, a rainha foi banhar-se no riacho que passava no fundo do parque real.”

Seguindo com a análise, lemos, “[...] *o rei mandou que fisessem o batismo eles convidaram 13 fada mas só tinha 12 pratos de ouro veio 12 fada...*”, logo no início esta frase, ao escrever, “[...] *o rei mandou que fisessem o batismo...*”, o que vemos é uma INTERPRETAÇÃO do seguinte trecho do conto:

“O rei, louco de felicidade, chamou-a Flor Graciosa e, para a festa de batizado, convidou uma multidão de súditos: parentes, amigos, nobres do reino e, como convidadas de honra, todas as fadas que viviam nos confins do reino: treze.”

A criança à sua maneira dá a entender que o rei ordenou que fosse feito, organizado a festa de batizado.

Na sequência, ao escrever, “[...] *ao dormir e acoradar*” ela ACRESCENTA algo próprio seu.

Na frase escrita pela criança, “[...] *a fada que não foi convidada fez um feitiço para ela morrer mas faltava uma fada dar a bemça e esa fada fez o feitiço para ela dormir 100 anos ela eria despertar se um príncipe dace um beijo...*”, há uma SUBSTITUI da palavra (maldição) por (feitiço). Destaca-se que a palavra maldição, aparece no texto somente na fala da 13ª fada:

“- Não posso cancelar a maldição que agora atingiu a princesa.” No mais é apenas uma transcrição dos fatos do conto, não há nada de inovador ou diferente.

Observa-se um hiato na história da criança, em relação ao enredo do conto que ouviu, ela omite um trecho que desde a substituição do feitiço até o fato da tentativa de entrar na mata, realizada por alguns homens. Sendo assim na continuidade da frase anterior, lemos “[...] *dodos adormeseram e creceu espinho em volta do castelo varios omes se aproximava ele se aranhava...*”, de maneira simplificada apenas SUBSTITUI. No conto lemos,

“Alguns, mais audaciosos, tentaram chegar ao castelo, sem êxito. A grande barreira de mato e espinhos, cerrada e impenetrável, parecia animada por vontade própria: os galhos avançavam para cima dos coitados que tentavam passar, seguravam-nos, arranhavam-nos, até fazê-los sangrar, e fechavam até as mínimas frestas. Aqueles que tinham sorte conseguiam escapar, voltando em condições latimáveis, machucados e sangrando. Outros, mais teimosos, sacrificavam a própria vida.”

Na sequência ela escreveu, “[...] *quando se pasou 100 anos o príncipe foi para nos espinhos. Mas os espinhos viraram. Flores o príncipe subiu as escada e viu o*

portão que leva ele ao quarto que Flor graciosa ta..., o que apenas SUBSTITUI uma linguagem mais rebuscada que encontramos no conto ouvido por ela. Nele lemos,

“Quando o príncipe se encaminhou para o castelo viu que, no lugar de árvores e galhos cheios de espinhos, estendiam-se aos milhares, bem espessas, enormes carreiras de flores perfumadas. E mais, aquela de flores cheirosas abriu-se frente a ele, como para encorajá-lo a prosseguir, voltando a fechar-se logo atrás da sua passagem.

O príncipe chegou em frente ao castelo. A ponte levadiça estava abaixada e dois guardas dormiam ao lado do portão, apoiados nas armas. No pátio havia um grande número de cães, alguns deitados no chão, outros encostados nos cantos; os cavalos que ocupavam as estrebarias dormiam em pé.

Nas grandes salas do castelo reinava um silêncio tão profundo, que o príncipe ouvia sua própria respiração, um pouco ofegante, ressonante quietude. E, a cada passo do príncipe, levantavam-se nuvens de poeira.

Salões, escadarias, corredores, cozinha... tudo oferecia o mesmo espetáculo: gente que dormia nas mais estranhas posições. E todos vestindo roupas da moda de, exatamente, cem anos antes.

O príncipe perambulou por longo tempo no castelo. Enfim, achou o portãozinho de ferro que levava à torre, subiu a escada e chegou ao quartinho onde dormia Flor Graciosa.”

Já no final de sua história, ela escreveu, “[...] *o príncipe foi até la e beijou e fora felizes para sempre*”, apenas SUBSTITUI, por suas palavras, a seguinte parte,

“A princesa estava tão bela, com os cabelos soltos, espalhados nos travesseiros, o rosto rosado e risonho. O príncipe ficou deslumbrado. Logo recobrou-se, inclinou-se e a beijou.

Imediatamente Flor Graciosa abriu os olhos e olhou à sua volta, sorrindo:

- Como eu dormi! Agradeço por você ter chegado, meu príncipe.

Na mesma hora em que Flor Graciosa despertava, o castelo todo também acordava. O rei e a rainha correram para trocar os trajes de caça empoeirados, os cavalos na estrebaria relinchavam forte, reclamando suas rações de forragem, os cães no pátio começaram a ladrar, os pássaros esvoaçavam, saindo dos esconderijos debaixo dos telhados, em direção ao céu.

Acordou também o cozinheiro que assava a carne, e o servente, bocejando, continuou lavando as louças, enquanto as damas da corte voltavam a enrolar seus cabelos. Também dois moleques votaram a sorrir-se com força.

O fogo das lareiras dos braseiros subiu aalto pelas chaminés, e o vento fazia murmurar as folhas das árvores.

Logo o rei e a rainha correram à procura da filha e, ao encontrá-la, chorando, agradeceram ao príncipe por tê-la despertado do longo sono de cem anos. E o príncipe, então, pediu a mão da linda princesa, que, por sua vez, já estava apaixonada pelo seu valente salvador.

Poucos dias depois foram celebradas, com muito luxo, as núpcias do príncipe e de Flor Graciosa, e daquele dia em diante viveram sempre juntos, felizes e alegres, como acontece nos contos de fadas.”

Peter Pan, conto ouvido – criança D

Era uma vez uma menina chamada de Wendiy que tinha dois irmãos e ela contava historia para eles toda noite.

Ate que o seu amigo Peter Pan apareceu com a fada Cininho e o Peter Pan convidou Wendiy e seus irmãos para ir até a cidade do nunca e era a cidade do Peter Pan eles voaram e chegaram na cidade do nunca e comtruíram uma casa para eles mararem. Ate que o capitam gancho atacol a cidade e pegol a Wendiy e seus irmãos e o Capitam Gancho dechou um copo de água envenenada para o Peter Pan beber para ele não ir atras deles mas a sininho não queria deichar e a sininho caiu no copo.

O Peter Pan foi atras deles e pegol a Wendiy e seus irmans e o Peter Pan levou a Wendiy para casa e Wendiy prometeu nunca mais sair de casa.

Análise da história

Logo no início do conto vemos, *“Era uma vez uma menina chamada de Wendiy que tinha dois irmãos e ela contava historia para eles toda noite”*, SUBSTITUI do conto a frase, *“Toda noite, antes de dormir, Wendy contava uma história a seus irmãozinhos. A que mais gostava era a de Peter Pan, um menino que vivia junto com as fadas e não queria crescer.”*

Em seguida ao escrever, *“Ate que o seu amigo Peter Pan apareceu com a fada Cininho e o Peter Pan convidou Wendiy e seus irmãos para ir até a cidade do nunca e era a cidade do Peter Pan”*, observa-se 2 INTERPRETAÇÕES, a primeira ao escrever, *“[...] seu amigo Peter Pan...”*, a segunda, quando escreve, *“[...] era a cidade do Peter Pan...”*, no conto lemos na sequencia da frase de cima, *“Uma noite, Peter Pan e a fada Sininho apareceram na janela do quarto dos meninos e convidaram todos eles para visitar a Terra do Nunca.”* Em momento algum lemos que Peter Pan era amigo de Wendy, portanto intepretação, da mesma forma ao se referir a cidade de Peter Pan, o que também não vemos no conto.

Em seguida, escreve a criança, “[...] *eles voaram e chegaram na cidade do nunca e contruíram uma casa para eles mararem*” , apenas escreve SUBSTITUIÇÃO ao texto do conto.

Na sequencia quando escreve, “*Ate que o capitam gancho atacol a cidade e pegol a Wendiy e seus irmãos e o Capitam Gancho dechou um copo de água envenenada para o Peter Pan beber para ele não ir atras deles mas a sininho não queria deichar e a sininho caiu no copo*”, apenas SUBSTITUI

Finalizando escreve, “*O Peter Pan foi atras deles e pegol a Wendiy e seus irmans e o Peter Pan levou a Wendiy para casa e Wendiy prometeu nunca mais sair de casa*”, também SUBSTITUI.

Branca de Neve, conto brincado – criança D

Era uma vez uma rainha que estava grávida de uma menina a rainha estava na janela tricotando até que furou o dedo e pingou sangue na neve branca muito branca.

Então a rainha fez um desejo e falou:

- Que quando ela nascer ela teria lábios vermelho como sangue e a pele como neve e os cabelos negro como ébano bem escuro.

Pasados alguns dias a rainha teve uma filha que se chama Branca de neve mais a rainha morreu e Branca de neve estava crescendo cada dia mais Branca de neve tinha uma Madrasta muito má que maus-tratava até que sua madrasta pediu que o casador matasse Branca de neve para ela comer o pulmão e o fígado de Branca de neve mas o casador deixou ela fugir e Branca de neve foi no bosque e encontrou uma bela casa bem longe quando Branca de neve chegou ela comeu e dormiu quando anoiteceu os 7 anos chegaram viram ela lá e deixaram ela dormir amanheceu os 7 anos foram trabalhar a madrasta ficou sabendo que Branca de neve estava viva e ela queria matá-la mesma a madrasta virou uma velha e estava vendendo carpete a Branca de neve comprou e a velha foi para amarrá-la e Branca de neve desmaiou e depois algumas horas ela acordou a sua madrasta sobre pela segunda vez que Branca de neve estava viva e para matá-la fez um pente mágico e se fez de velhinha e foi vender a Branca de neve comprou o pente e a velha passou no cabelo Branca de neve ela desmaiou por dois dias e ela acordou pela terceira vez a madrasta ficou sabendo e fez uma maçã envenenada e deu para a Branca de neve e ela desmaiou e os 7 anos chegaram e colocaram Branca de neve num caixão transparente e o príncipe estava na floresta e viu Branca de neve e pediu Branca de neve e o anão deu o caixão para o príncipe falou:

- Para os seus homens um tropeço e o caixão abriu e Branca de neve cuspiu o pedaço da maçã e acordou e eles se casaram e viveram felizes para sempre.

Análise da história

Ao iniciar sua história a criança escreve, “*Era uma vez uma rainha que estava grávida de uma menina a rainha estava na janela tricotando até que furou o dedo e*

pingo sangue na neve branca muito branca”, de maneira a simplesmente SUBSTITUI pela sua linguagem o início do conto, vejamos:

“Um dia, em pleno inverno, os flocos de neve caíam do céu como uma suave penugem. Uma rainha estava costurando, sentada a sua janela de ébano negro. Enquanto costurava, vendo os flocos de neve esvoaçarem, espetou o dedo com a agulha. Três gotas de sangue caíram na neve. E aquele vermelho na neve branca era tão bonito que a rainha formulou um desejo”

Assim como a frase anterior esta também não foge ao rigor de SUBSTITUIÇÃO, comparamos: “*Entam a rainha fez um desejo e falou:*

- *Que quando ela naser ela teria labios vermelho como sangue e a pele como neve e os cabelos negro como ébano bem escuro*”, no conto se lê,

“Eu gostaria que a criança de que estou grávida tivesse a pele tão branca quanto a neve, os lábios tão vermelhos quanto o sangue e os cabelos tão negros como a madeira da janela!”

Observa-se que nos dois parágrafos já analisados a criança reforça que a neve é muito branca e que o ébano é bem escuro, este reforço é uma forma dela deixar bem esclarecido o quanto claro um e escuro o outro, estavam presente em sua imaginação, sendo assim de forma sutil ela ACRESCENTA ao conto.

Na sequência a criança escreve, “*Pasados alguns dias a rainha teve uma filha que se chama Branca de neve mais a rainha moreu e Branca de neve estava crescendo cada dia mais Branca de neve tinha uma Madras muito ma que mautratava*”

Não foge a regra das frases anteriores (SUBSTITUIÇÃO), sendo ao final ela faz uma INTERPRETAÇÃO das atitudes da madrasta e escreve que ela “*mautratava*”. Em momento algum no conto se fala de maus tratos, porém ao lermos sobre as atitudes de inveja da madrasta, verificamos que ao interpretar, não passam de maus tratos.

Ainda não fugindo da SUBSTITUIÇÃO, a criança escreve, “[...] *madrasta pedil que o casador matase Branca de neve para ela comer o pumão e o fígado de Branca de neve mas o casador déchou ela fugir e Braca de neve foi nos bosque e encontro uma bela casa bem lomge...*”, observa-se que no final ela escreve com duas conotações a frase “[...] encontro uma bela casa bem longe...”, podemos dizer inicialmente que se trata de uma INTEPRETAÇÃO ao afirmar que casa era bem longe, pois no conto temos a seguinte frase,

“Branca de Neve correu até o anoitecer, enquanto suas pernas agüentaram. Quando não podia mais, avistou uma casinha e entrou para descansar.”

Antecedendo a isto ela ACRESCENTA, ao escrever, “*encontro uma bela casa...*”, pois no conto não se faz menção a estética da casa, em relação a ela descreve-se:

“Nessa cabana tudo era pequeno, mas perfeitamente limpo e arrumado.

Na mesinha coberta com uma toalha branca, contou sete pratinhos, sete colherinhas, sete faquinhas, sete garfinhos e sete canequinhas. Sete caminhas estavam enfileiradas contra a parede, cobertas com lençóis lindos e cheirosos.”

Ao escrever a frase, “*quando Braca de neve chegola ela comeu e dormil quado anoiteceu os 7 anois chegaram viram ele la e deicharam ela dormir amanheseu os 7 anois foram trabalha...*”, ela apenas SUBSTIUI escrevendo as passagens mais importantes ou aquelas que marcaram para ela ao ouvir o conto e não faz menção a outros detalhes do conto ouvido.

Ao escrever “*a madrasta ficol sabemdo que branca de neve estava viva e ela eria matala ela mesma a madrasta virou uma velha e estava ventendo corpete a Branca de neve comprou e a velha foi para amara e Branca de neve desmaiou e depois algumas horas ela acordou...*”, a criança escreve sua história baseada no enredo do conto, porém reescreve ao seu modo algumas passagens e não relata outras, mas também não descaracteriza o conto que ouviu. Portanto ela substitui. Observa-se que no final desta frase ela escreveu, “*depois algumas horas ela acordou*” o que representa ser uma INTERPRETAÇÃO, vejamos no conto lido,

“Mas a velha o apertou tanto que a Branca de Neve não conseguiu mais respirar e caiu no chão, como que morta. “Agora acabou! Você não é a mais bela”, riu a velha fugindo. Quando os sete anões voltaram para a casa, na hora do jantar, qual não foi seu susto ao ver a querida Branca de Neve caída no chão, imóvel, como se estivesse morta!”

Destacamos que o intervalo entre o desmaio e a chegada os sete anões, ela o interpretou como um tempo de horas.

Na sequência e de forma bem cadenciada a criança escreve, “[...] *a sua madrasta sobe pela segunda vez que Branca de neve estava viva e para matala fez um pente mágico e se fez de velinha e foi vender a Branca de neve coprou o pente e a velha mau paso no cabelo Branca de neve ela desmaio poso dias e ela acordou pela tersera vez...*”, de forma geral observamos a substituição, porém, também observamos um ACRÉSCIMO, ao escrever “[...] *poso dias e ela acordou...*” quando no conto lemos,

“[...] *ainda bem que já era quase hora de os sete anões voltarem.*”

Na sequencia, escreve da mesma forma que desenvolveu o conto e sem mais nada acrescentar de novo a sua historia, apenas segue o enredo de maneira a SUBSTITUI por palavras suas às que ouviu no conto lido.

João e Maria, conto ouvido – criança D

Era uma vez um casal que tenha 2 filhos que se- chama João e Mara que eram muitos pobres que só tinha um pedaso de pão seco um dia a sua madrasta falou:

- Oi meu marido com seu machado não comegue sustentar 4 pessoas se fosse só nos 2 todú bem logo ao anoiteser o João escutou a madrasta falando que eria largalo na floresta o João foi de vagarinho e abriu a porta foi ate a floresta para catar pedras brilhante para não se perder ao amanhecer eles levarao eles até a floresta mas o João estava para tras jogando as pedras no caminho e quando anoiteceu eles voutaram para casa o pai de João e Maria ficol feliz mas a madrasta falou:

- Não podemos crialos porque não temos comida vamos largalos de novo eles na floresta João escutou e levantou só que a porta estava fechada ao amanhecer eles levarão eles até a floresta o João estava jogando migalhas de pão pelo caminho o pai de João chamou e dice:

- Porque esta atras João estou vendo uma pomba em sima do telhado a madrasta falou:

- É o sol no telhado molhado dise a madrasta.

Vomos João.

ja estou imdo meu papai vem João quando eles chegaram na floresta os pais de João e Maria foram embora e João e Maria ficaram juntos e se perteram e viram uma casa e foram até la e viram a casa de chocolate e pão de mel o teto de bolo eles comeram até que uma brucha falou:

- Quem esta ai João dice:

- É o vemto a brucha abril a porta e vil João e Maria e fez a voz dose e falou:

_ Enter e trancol João e um ...

Análise da história

Iniciando seu conto a criança escreve de maneira apenas a reproduzir, ou seja, SUBSTIUINDO o conto ouvido da professora, comparamos, a criança escreveu, “*Era uma vez um casal que tenha 2 filhos que se- chama João e Mara que*

eram muitos pobres que só tinha um pedaso de pão seco um dia a sua madrasta falou:

- *Oi meu marido com seu machado não comegue sustentar 4 pessoas se fosse só nos 2 todú bem*”, no conto ouvido pela criança lemos,

“Era uma vez um pobre lenhador que vivia com sua segunda mulher e seus dois filhos na orla de uma grande floresta. Era tão pobre, que muitas vezes não havia jantar, nem mesmo uma sopa. Chegou um dia em que não havia nada no guarda comida, a não ser um pedaço de pão.

Aquela noite, a mulher disse:

- Não adianta, marido. Você não consegue mesmo **sustentar** quatro pessoas com seu **machado**. Se fossemos só dois, ainda poderíamos dar um jeito.”

Na sequencia ela escreve, “*ao anoiteser o João escutou a madrasta falando que eria largalo na foresta o João foi de vagarinho e abriu a porta foi ate a floresta para catar pedras brilhante para não se perder ao amanhecer eles levarao eles até a floresta mas o João estava para tras jogando as pedras no caminho e quando anoiteceu eles voutaram para casa o pai de João e Maria ficol feliz mas a madrasta falou:*”, assim como no trecho anterior, o que vemos é apenas reprodução de maneira a SUBSTITUI o conto ouvido em sala, sendo que a criança apenas escreveu o que ficou registrado em sua memória, ela escreveu. No conto temos a passagem:

João e Maria não disseram nada, sentaram-se ao lado da fogueira e ficaram olhando um para o outro. Esperaram um tempão, e de vez em quando tinham a impressão de ouvir o barulho de uma machada. Mas na verdade era algum galho solto que balançava com o vento e batia no tronco de outra árvore.

Começou a escurecer, João e Maria comeram seu pão e puseram mais gravetos no fogo. Logo só havia um pedacinho iluminado em toda a floresta, e era em torno da fogueira deles. Os animais selvagens uivavam e meio à escuridão. Maria começou a chorar.

- Não chore – disse João, abraçando-a. – Logo a lua vai se levantar, e então você vai ver!

Devagarinho a lua foi surgindo acima das árvores da floresta. João se levantou e mostrou as pedrinhas que tinha jogado.

- Veja como elas brilham! – exclamou Maria.

As pedrinhas cintilavam, mostrando-lhes o caminho de casa, como se fosse um trilho de prata à sua frente, brilhando como moedas novas.

- Onde vocês se meteram, crianças levadas? – gritou a madrasta quando eles chegaram em casa, ao amanhecer.

A mulher agiu como se a culpa fosse deles. João e Maria, muito prudentes, não disseram nada e perceberam que o pai ficou muito feliz ao vê-los de volta.

Na sequência a criança escreve, “- *Não podemos criá-los porque não temos comida vamos largá-los de novo eles na floresta* João escutou e levantou só que a porta estava fechada ao amanhecer eles levarão eles até a floresta o João estava jogando migalhas de pão pelo caminho o pai de João chamou e dice:

- *Porque esta atrás João estou vendo uma pomba em cima do telhado a madrasta falou:*

- *É o sol no telhado molhado disse a madrasta*”, ao escrever, “- *Não podemos criá-los porque não temos comida...*”, observa-se uma INTERPRETAÇÃO. No conto ouvido em sala lemos,

“Mais uma vez, só havia um pedaço de pão seco no guarda-comida.”

O restante da frase escrita pela criança apenas SUBSTITUI, vejamos no conto,

“João e Maria ouviram a madrasta novamente fazendo seus planos. Primeiro o pai não quis ouvir, mas finalmente acabou cedendo e concordou em largar as crianças na floresta no dia seguinte. Assim que o casal adormeceu, João se levantou, mas dessa vez a porta estava trancada. Ele teve de voltar para a cama e pensar num outro plano.

- Não se preocupe – João disse à irmã. – Hei de ter alguma idéia.

No dia seguinte, antes de saírem para a floresta, a madrasta deu um pedaço de pão para cada um. Mais uma vez, João ficou para trás e o pai o chamou:

- Por que está demorando? Venha depressa!

João respondeu:

- Só estou olhando para a pomba branca que pousou no telhado para se despedir!

- Não é pomba! – gritou a madrasta. – É o sol brilhando no telhado molhado!”

Quando a criança escreve, “*Vamos João.*

ja estou imdo meu papai vem João quando eles chegaram na floresta os pais de João e Maria foram embora e João e Maria ficaram juntos e se perteram e viram uma casa e foram até la e viram a casa de chocolate e pão de mel o teto de bolo eles comeram até que uma brucha falou:

- *Quem esta ai João dice:*

- *É o vento a brucha abril a porta e vil João e Maria e fez a voz dose e falou:*

_ *Enter e trancol João e um ...*", novamente o que se observa é uma reprodução de forma a SUBSTITUIR.

O Patinho feio, conto ouvido – criança D

Imagine um campo lindo com muita flores e um belo lago tinha uma pata chocando os seus ovos ela estava chocando ovos faz um tempão e nada dos ovos sair até que os ovos se – quebrão a mãe pata mau esperava para levá-los para nadar mas faltava um ovo para se – quebrar quando o último ovo se – quebrou saiu um pato muito feio a mãe pata falou:

- Vamos cumprimentar os outros patos.

Eles foram cumprimenta – los a pata mais nobre a pata disse:

- Todos são lindos mais só um é feio o patinho feio fugiu ele encontrou uma casa que tinha uma galinha um gato e uma velha que disse:

- Se for pata irá chocar seus ovos o pato fugiu passado dias e a pata estava nadando com os patos e os caçadores comeram atirar os patos fugiram chegou o inverno o pato se – inchou um homem pegou o pato e o homem levou o pato para casa as crianças queriam brincar o pato ficou assustado e fugiu e foi nada e viu o seu reflexo na água e ela estava um cisne.

Análise da história

Logo iniciando lemos, “Imagine um campo lindo com muita flores e um belo lago tinha uma pata chocando os seus ovos ela estava chocando ovos faz um tempão e nada dos ovos sair...” observamos uma INTERPRETAÇÃO quando escreve, “ela estava chocando ovos faz um tempão”, pois no conto lemos, “Mas, como os filhotes demoravam muito para sair, ela já começava a se chatear de estar ali parada sozinha.”

Na sequência lemos, “[...] até que os ovos se – quebrão a mãe pata mau esperava para levá-los para nadar mas faltava um ovo para se – quebrar...” apenas escreve em SUBSTITUIÇÃO do conto ouvido.

Em seguida ela escreve, “[...] quando o último ovo se – quebrou saiu um pato muito feio a mãe pata falou:

- Vamos cumprimentar os outros patos.

Eles foram cumprimenta – los...”, escreve em SUBSTITUIÇÃO, no entanto, vemos uma INTERPRETAÇÃO ao escrever, “- Vamos cumprimentar os outros patos”, no

conto lemos, “Venham comigo, crianças, vou apresentar vocês aos patos do galinheiro. Mas não saiam de perto de mim, para que ninguém pise em vocês, e cuidado com o gato!”

Onde lemos, “ a pata mais nobre a pata disse:

- Todos são lindos mais só um é feio ...” apenas verifica-se SUBSTITUIÇÃO.

Na sequencia lemos “[...] o patinho feio fugiu ele encontrou uma casa que tinha uma galinha um gato e uma velha que disse:

- Se for pata irá chocar seus ovos o pato fugiu pasado dias...”, observamos na última frase deste trecho, uma INTERPRETAÇÃO ao escrever, “Se for pata irá chocar”, no conto lemos, “[...] ela achou que o patinho era uma pata gorda que tinha se extraviado. “Que sorte!”, pensou. “Se não for um pato, vou ter ovos de pata!”

Guardou o patinho três semanas para experimentar, mas ele não pôs um só ovo.”

Também vemos um ACRESCIMO ao escrever, “o pato fugiu pasado dias”, no conto não se fala em fuga, e sim que o pato foi embora daquele lugar.

Na sequencia lemos, “e apta estava nadando com os pato cilverters os casadores comesaram atirar os patos fugiram...”, vemos um ACRESCIMO quando escreve que a pata estava nadando com os animais silvestres, o que não vemos no conto.

Finalizando escreve, “[...] chegou o inverno o pato se – incolheu um homem pegou o pato e o homen levou o pato para casa as crianças queriam brncar o pato ficol asustado e fugil e foi nada e viu o seu refelquisu na água e ela estava um cisnei”, apenas SUBSTITUI.

A Princesa da Ervilha, conto brincado – criança D

Era uma vez um príncipe que queria casar com uma princesa um dia anoite estava chovendo uma princesa chamada Alisabete de Carabas bateu na porta do castelo do príncipe todo ficaram assustados e ninguém abriu a porta o rei em pessoa abriu a porta e era uma princesa que estava encharcada de água o seu vestido pingava sem parar o seu sapato fazia toqui toqui de tanta água que tinha ela dormiu no castelo numa cama com uma ervilha na ripa e 20 couchões esima au amanheser a rainha disse.

- Dormiu bem a princesa disse:

- Não á alguma coisa nos couchões e eu acordei toda rocha Isa pova que ela é princesa eles se casaram o mais rápido puseviel e eles viveram felizes para sempre.

Análise da história

Iniciando a história a criança escreve, “*Era uma vez um príncipe que queria casar com uma princesa...*”, apenas SUBSTITUI do conto, “Imaginem um príncipe que queria se casar, mas queria ter certeza de se casar com uma princesa de verdade.”

Em seguida ela escreve, “[...] *um dia anoite estava chovendo uma princesa chamada Alisabete de Carabas bateu na porta do castelo do príncipe todo ficaram assustados e ninguém abriu a porta o rei em pessoa abriu a porta...*”, observamos um ACRESCIMO ao dar nome a princesa, “*Alisabete de Carabas*”.

Na sequência ao escrever, “[...] *e era uma princesa que estava encharcada de água o seu vestido pingava sem parar o seu sapato fazia toqui toqui de tanta água que tinha...*” apenas SUBSTITUI

“[...] *ela dormiu no castelo numa cama com uma ervilha na ripa e 20 couchões esima...*” SUBSTITUI.

“[...] *au amanheser a rainha disse.*

- *Dormiu bem a princesa disse:*

- *Não á alguma coisa nos couchões e eu acordei toda rocha Isa pova que ela é princesa eles se casaram o mais rápido puseviel e eles viveram felizes para sempre.*
SUBSTITUI.

A Raposa e os Gansos, conto ouvido criança D

Um dia uma raposa caiu dentro de um ninho de gansos e disse:

- Cheguei na hora certa parese que mandaram me chamar o ganso disse:
- Mais antes de nos matar mas primeiro nos deixe nos resar a raposa deixou o primeiro comesou ca – ca – cacaca e o segundu tambem ca – ca – cacaca e nem chegou a vez da 3º ele comesou ca – ca cacaca e nem deu para a raposa come porque eles não acabou de resar.

Análise da história

Ao escrever a criança, *“Um dia uma raposa caiu dentro de um ninho de gansos e disse:*

- *Cheguei na hora certa parese que mandaram me chamar..”* vemos uma INTERPRETAÇÃO quando escreve, *“[...] raposa caiu dentro de um ninho de gansos...”*, no conto lemos, *“Um dia a raposa foi cair no meio de um bando de gansos bem gorduchos e rechonchudos que iam atravessando um campo”*

Ao escrever, *“[...] o ganso disse:*

- *Mais antes de nos matar mas primeiro nos deixe nos resar a raposa deixou...”* apenas SUBSTITUI.

Quando escreve, *“[...] o primeiro comesou ca – ca – cacaca e o segundu tambem ca – ca – cacaca e nem chegou a vez da 3º ele comesou ca – ca cacaca e nem deu para a raposa come porque eles não acabou de resar.”*, num todo vemos SUBSTITUIÇÃO, porém, ao final quando escreve, *“[...] e nem deu para a raposa come porque eles não acabou de resar”*, vemos uma INTERPRETAÇÃO, no conto lemos, *“(E quando eles acabarem de rezar vamos poder contar a vocês o fim da história. Por enquanto não dá, eles ainda estão rezando.)”*

O REI BARBA HORRENDA, conto brincado – criança D

Era uma vez rei que tinha uma filha que era arogante um dia seu pai fez uma festa para sua filha se casar com um homem ela ia pasando em cada um dissia o primeiro é munto gordo parese um bariu o 2º era mais magro era um palito o 3º era munto alto paresia um poste o 4º munto baicho o 5º era barbudo foi chamado de barba horrenda o ai da princesa disse:

- Voce vai casar como o primeiro mendigo que bater na porta ao amanheser um mendigo apareceu e se cansou com ela.

Ele faram para o bosque e ela perguntou de quem era o bosque!

- É do rei barba horrrrenda depois eles foram a sidade a princesa dice:

- Dequem é esta sidade!

- É do rei barba horrenda logo eles foram para casa ele mandou a sua mulher cosinhar depois de comer eles foram para cama e o seu marido disese:

- Que ela tinha que trabalhar ela trabalhou de tudo depois ela se casou e ficou feliz.

Análise da história

“Era uma vez rei que tinha uma filha que era arogante um dia seu pai fez uma festa para sua filha se casar com um homem...” INTERPRETA ao escrever, “[...] seu pai fez uma festa para sua filha se casar...”, quando no conto lemos:

Um poderoso rei tinha uma filha muito bela, mas tão orgulhosa, arrogante e presunçosa, que nenhum dos príncipes que vinha pedir sua mão em casamento era suficientemente bom para ela, que apenas zombava deles.

Certa vez, o rei realizou uma grande festa e convidou todos seus pretendentes que se sentaram alinhados de acordo com sua classe: reis, príncipes, duques e condes.

Na sequencia ela escreve, “[...] ela ia pasando em cada um dissia o primeiro é munto gordo parese um bariu o 2º era mais magro era um palito o 3º era munto alto paresia um poste o 4º munto baicho o 5º era barbudo foi chamado de barba horrenda...” apenas SUBSTITUI.

“[...] o pai da princesa disse:

- *Voce vai casar como o primeiro mendigo que bater na porta ao amanheser um mendigo apareceu e se cansou com ela.*” SUBSTITUIÇÃO

“Ele foram para o bosque e ela perguntou de quem era o bosque!

- *É do rei barba horrenda depois eles foram a cidade a princesa dice:*

- *Dequem é esta cidade!*

- *É do rei barba horrenda logo eles foram para casa...*” SUBSTITUIÇÃO.

Ao escrever, “[...] ele mandou a sua mulher cosinhar depois de comer eles foram para cama e o seu marido disese:

- *Que ela tinha que trabalhar ela trabalhou de tudo depois ela se casou e ficou feliz.*” Apenas substitui.

APENDICE 5 – histórias escritas criança E

A Bela Adormecida, conto brincado – criança E

Era uma vez o rei queria um bebê e a rainha disse: se acalme logo logo logo você vai ter um bebê e nasceu uma garota chamada flor graciosa e as fadas foram ao aniversário da flor graciosa e veio 13 fadas e faltava prato de ouro e só tinha 12 patos e o rei mandou tirar uma fada e quando ninguém estava lá a fada disse – quando você completar 15 anos você morrerá e a fada que não deu o presente falou – eu não posso tirar o feitiço que ela fez e a fada disse – que quando você completar.

Análise da história

A criança escreveu uma história curta que não foge do enredo do conto, porém escreve resumidamente.

O fato do rei querer ter um filho, “*Era uma vez o rei queria um bebê...*” quando no conto o rei e a rainha suspiravam por filhos,

“- Se pudéssemos ter um filho! Suspirava o rei.

- e Deus queira que nascesse uma menina! – animava-se a rainha.

- e porque não gêmeos? Acrescentava o rei.”

A criança parece escrever o que ficou marcada para ela do conto ouvido, porém ao escrever ela não simplesmente faz uma cópia do ouvido, ela escreve do seu jeito SUBSTITUINDO uma coisa pela outra.

A profecia da rainha que vemos no conto;

“- Majestade, não fique tão triste, o seu desejo se realizará logo: daqui a um ano dará a senhora luz a uma menina.”

Na escrita da criança é transformada em uma fala da rainha para o rei “... *se acalme logo logo logo você vai ter um bebê...*”

Desta maneira, neste trecho, ela de uma forma pessoal acaba modificando o sentido, de forma sutil modifica o conto, passando a escrever a sua história e não apenas copiando ou interpretando o ouvido. A frase analisada é um ACRÉSCIMO.

No trecho seguinte a criança escreveu; “[...] e nasceu uma garota chamada flor graciosa” a palavra garota é algo que não faz parte do conto, a palavra que se vê é menina, portanto ela SUBSTITUI (menina) por (garota).

“Alguns meses depois nasceu uma linda menina.”

Analisando outro trecho; “[...] *as fadas foram ao aniversário da flor graciosa...*” do conto é mantido os personagens, “fadas”, no mais há um ACRÉSCIMO, que é o fato do aniversário, fato que não existe no conto, o que há é o batizado.

No trecho “[...] *veio 13 fadas e faltava prato de ouro e so tinha 12 patos e o rei mandou tirar uma fada...*” Nesta parte temos uma série de circunstâncias. Ressaltamos inicialmente que a criança parece escrever o que marcou para ela do conto como treze fadas, prato de ouro e o fato do rei ter dado alguma ordem (mandado). Fatos como “veio...”, “o rei mandou tirar uma fada...” são oriundos da imaginação da criança. O conto não faz menção a ida das fadas e sim ao convite do rei, veja, o rei mandou convidar, “[...] *todas as fadas que viviam nos confins do reino: treze*”

Ao ser informado que só havia 12 pratos de ouro o rei respondeu:

“não convidaremos a décima terceira fada i disse resoluto”

Portanto o que vemos é uma modificação em relação ao conto ouvido, onde a criança ACRESCENTA coisas de sua criatividade escrevendo de forma muito pessoal.

Analisando o trecho

“[...] *quando ninguem estava la a fada ma dicê – quando você completar 15 anos você morrera e a fada que não deu o perente falou – eu não posso tirar o feitiço que ela fez e a fada dicê...*”

O que se observa é uma SUBSTITUIÇÃO de um trecho do conto escrito de maneira mais rebuscada, por uma frase escrita da forma que foi captada e possível de ser escrita pela criança.

Vejamos no conto

Onze fadas já tinham desfilado em frente ao berço; faltava somente uma (entretida em tirar uma mancha do vestido, no qual um garçom desajeitado tinha virado uma taça de sorvete) quando chegou a décima terceira, aquela que não tinha sido convidada, por falta de pratos de ouro.

Estava com uma expressão muito sombria e ameaçadora, terrivelmente ofendida por ter sido excluída. Lançou um olhar maldoso a Flor Graciosa, que dormia tranqüila, e disse em voz baixíssima:

- Aos quinze anos a princesa vai se ferir com o fuso de uma roca e morrerá.

E foi embora, deixando um silêncio desanimador. Então aproximou-se a décima segunda fada, que devia, ainda, dar o seu presente.

- Não posso cancelar a maldição que agora atingiu a princesa. Tenho poderes só para modificá-la um pouco.

Logo em seguida observamos que a criança não terminou sua história, ela acabou ficando sem fim. Mas é observável que tudo o que foi escrito pela criança é um misto de fatos do conto com coisas oriundas da imaginação.

Peter Pan, conto ouvido – criança E

O Peter pan convidou A Medi (Wendy) para visitar a terra do nunca e o capitão gancho raptou os meninos e o capitão gancho deichou um copo de veneno e quando Peter ia tomar Água sininho empedio e o Peter salvou sininho com sua magia e o Capitão Gancho caio na Água com os crocodilos como deichou sua mão cortada e eles foram morar em uma casa e edi contou uma historia e edi nuca mais saio de casa e Peter Pan voltou para terra do nunca mas triste Por sua amiga ter voltado e nunca mais voltou para a terra do nunca assim acaba a história.

Análise do conto

“O Peter pan convidou A Medi (Wendy) para visitar a terra do nunca...”
SUBISTIUICAO

“[...] e o capitão gancho raptou os meninos e o capitão gancho deichou um copo de veneno e quando Peter ia tomar Água sininho empedio e o Peter salvou sininho com sua magia...” SUBTIUIÇÃO

“[...] e o Capitão Gancho caio na Água com os crocodilos como deichou sua mão cortada...” SUBSTITUIÇÃO

“[...] e eles foram morar em uma casa e edi contou uma historia e edi nuca mais saio de casa e Peter Pan voltou para terra do nunca mas triste Por sua amiga ter voltado e nunca mais voltou para a terra do nunca assim acaba a história.” SUBSTITUIÇÃO

Branca de Neve, conto brincado – criança E

Era uma vez uma mulher que estava tricotando e espetou seu dedo em uma agulha e disse:

- Olhando para a neve eu queria ter uma filha que fosse branca como a neve e os lábios vermelhos como usague e o cabelo preto como ébano e um bebe nasceu e colocaro o nome do nenem de branca de neve e a mãe da branca de neve tinha morido e tinha uma brucha ma que disse:

- Espelinho espelinho tem um reino e uma rainha mas limda do que eu não mas a branca de neve é mil vezes mais bonita que vosse e a brucha ficou com raiva e mandou o caçador levalo para a mata e matar a branca de neve e o caçador fez e a branca de neve disse:

- Porfavor não me mate e o caçador não matou ele vio um filhote ele um javali e tirou as tripas do javali e deu para brucha e a brucha falou:

- Espelho espelho meu tem augum reino e uma rainha mais bela do que eu não mas a branca de neve e a brucha teve uma ideia ela se maquiou e trocou de roupa e foi na casa dos sete anões e a brucha disse:

- Compre é tudo do bom e do melhor compre e a branca de neve abriu a parta e comprou um cordão e vestio e a brucha disse:

- Como vosse e desageitada e e a brucha disse:

- Deixa que eu visto em vosse e a branca de neve disse:

- Pode vestir mas froucho e a brucha apertou tanto que a branca de neve moreu e quando os sete anoes chegaram viram a branca de neve no cham e viram que o cordao estava muito apertado e eles tiraram o cordam e a branca de neve acordou e a brucha foi la no espelho e disse:

- Espelho espelho meu tem algama rainha mais perfeita do que eu e o espelho respondeu:

- Sim mas a branca de neve é mil veses mais bonita do que vosse e a rainha ficou com raiva e ela se maquiou e se vestio de baiana e falou:

- compre compre e a brucha bateu na porta e a branca de neve disse:

- quantos que é a brucha disse:

- É de grassa e a branca de neve deu uma mordida e caio e a brucha foi para casa e assim que anoitesseu os sete anões voltaram e eles fiseram de tudo e colocaram ela

no caicham e um príncipe e a eles casaram e a brucha ganhou um sapato e fizeram a brucha dançar e eles se casaram e viveram felizes para sempre.

Análise da história

Iniciando o texto a criança escreve, “Era uma vez uma mulher que estava tricotando e espetou seu dedo em uma agulha e disse:” esta frase foi redigida de modo a substituir alguns elementos do conto por outros mais significativos para a criança, exemplo: onde ela escreveu, “Era uma vez uma mulher que estava tricotando” a caba SUBSTITUINDO “Uma rainha estava costurando”, de uma geral a frase toda foi escrita da maneira possível para criança, substituindo palavras que não faziam sentido no seu dia-a-dia por palavras mais significativas.

Seguiremos analisando o parágrafo seguinte, “- *Olhando para a neve eu queria ter uma filha que fosse branca como a neve e os lábios vermelhos como sangue e o cabelo preto como ébano e um bebe nasceu e colocaro o nome do nenem de branca de neve e a mãe da branca de neve tinha morido e tinha uma brucha ma que disse...*”, ela escreve esta parte de modo a SUBSTITUIR o texto uma seção do conto por palavras suas, porém sem perder de vista o enredo do conto. Segue a parte substituída:

“Uma rainha estava costurando, sentada a sua janela de ébano negro. Enquanto costurava, vendo os flocos de neve esvoaçarem, espetou o dedo com a agulha. Três gotas de sangue caíram na neve. E aquele vermelho na neve branca era tão bonito que a rainha formulou um desejo: “Eu gostaria que a criança de que estou grávida tivesse a pele tão branca quanto a neve, os lábios tão vermelhos quanto o sangue e os cabelos tão negros como a madeira da janela!”

Pouco depois, ela teve uma filhinha que era branca como a neve, vermelha como os sangue e de cabelos tão negros quanto o ébano. Chamaram-na Branca de Neve. Mas a rainha morreu ao trazê-la ao mundo.

Um ano depois, o rei se casou com uma mulher muito bonita, mas arrogante e orgulhosa, que não suportava que nenhuma outra fosse mais bonita do que ela. Ora, ela era um pouco bruxa e possuía um espelho mágico, ao qual costumava perguntar...”

Ao utilizar no final a frase “tinha uma brucha ma que disse...”, a criança em sua reescrita resumi parte do conto que diz, “Um ano depois, o rei se casou com uma mulher muito bonita, mas arrogante e orgulhosa, que não suportava que nenhuma outra fosse mais bonita do que ela. Ora, ela era um pouco bruxa e possuía um espelho mágico, ao qual costumava perguntar:”

No caso acima o aluno apenas guardou em sua mente o que mais lhe chamou a atenção, no caso da mulher ser “um pouco bruxa”, o adjetivo “má” possivelmente é consequência do desfecho do conto.

Ao escrever, “- *Espelho espelho tem um reino e uma rainha mas linda do que eu não mas a branca de neve é mil vezes mais bonita que vosse e a brucha ficou com raiva e mandou o caçador levalo para a mata e matar a branca de neve e o caçador fez e a branca de neve disse...*”, observa-se uma reprodução do conto de modo a SUBSTITUIR palavras e pedaços de frases de forma a tornar a escrita mais próxima da realidade da criança.

Na frase, “- *Porfavor não me mate e o caçador não matou ele vio um filhote ele um javali e tirou as tripas do javali e deu para brucha e a brucha falou...*”, o que se observa também é apenas uma SUBSTITUIÇÃO a exemplo do que foi visto na frase anterior.

Ao escrever, “- *Espelho espelho meu tem augum reino e uma rainha mais bela do que eu não mas a branca de neve e a brucha teve uma ideia ela se maquiou e trocou de roupa e foi na casa dos sete anões e a brucha disse...*”, a criança deixa um vazio em sua frase não dando sequência, ela não fala sobre a fuga e a estada da Branca de neve na casa dos sete anões. Na realidade parece que ao escrever se ateve mais ao fato seguinte, que é a atitude da bruxa de ir ao encontro da pobre moça. No conto tem a frase, “Por fim encontrou um ardiu” a criança escreve de maneira a INTERPRETAR ao redigir, “a brucha teve uma idéia”

Na escrita seguinte:

“- *Compre é tudo do bom e do melhor compre e a branca de neve abrio a parta e comprou um cordão e vestio e a brucha disse:*

- *Como vosse e desageitada e e a brucha disse:*

- *Deixa que eu visto em vosse e a branca de neve disse...*”, a criança reproduz com sua palavras e do seu jeito a seguinte passagem do conto:

“Bateu na porta e gritou: “Tudo do bom e do melhor, comprem, comprem!” Branca de Neve chegou à janela e perguntou: “Bom dia, minha senhora, o que tem para vender?” “Tudo do bom e do melhor!” respondeu a velha. “Fitas de todas as cores”, e tirou do saco um belo cordão trançado com fitas multicores. “Porque eu não deixaria entrar essa boa senhora?”, pensou Branca de Neve. Puxou o ferrolho e comprou o lindo cordão para pôr no corpete. “Há, minha filha, como você é desajeitada!” exclamou a velha. “Venha cá, que eu amarro direito o cordão.”

Logo a seguir a criança escreve, “- *Pode vestir mas froucho e a brucha apertou tanto que a branca de neve morreu e quando os sete anoes chegaram viram a branca de neve no cham e viram que o cordao estava muito apertado e eles tiraram o cordam e a branca de neve acordou...*”, a sequencia da frase não passa de uma SUBSTITUIÇÃO de uma passagem do conto:

“Branca de Neve deixou-a colocá-lo sem desconfiar de nada. Mas a velha o apertou tanto que a Branca de Neve não conseguiu mais respirar e caiu no chão, como que morta. “Agora acabou! Você não é a mais bela”, riu a velha fugindo.

Quando os sete anões voltaram para a casa, na hora do jantar, qual não foi seu susto ao ver a querida Branca de Neve caída no chão, imóvel, como se estivesse morta! Levantaram-na e perceberam que seu corpete estava apertado demais. Eles cortaram rapidamente o cordão. Branca de Neve voltou a respirar e pouco a pouco foi se recuperando.”

Observamos que no início deste parágrafo, a criança escreve, “-*Pode vestir mas froucho...*”, de uma forma sutil a criança faz um ACRÉSCIMO em sua escrita. No conto se lê apenas a passagem, “Branca de Neve deixou-a colocá-lo sem desconfiar de nada.”

Logo em seguida é escrito, “- *Espelho espelho meu tem algama rainha mais perfeita do que eu e o espelho respondeu...*”, quando a criança escreve a palavra (perfeita) ela faz um acréscimo ao conto, não se considera interpretação pelo fato que acima ela já tinha utilizado as palavras, bela e linda que estão no conto. É possível que quis apenas modificar, ACRESCENTAR algo diferente, vindo dela própria a não do conto ouvido.

No parágrafo seguinte a criança escreveu, “- *Sim mas a branca de neve é mil vezes mais bonita do que vosse e a rainha ficou com raiva e ela se maquiou e se vestio de baiana e falou...*”, o que foi escrito pela criança tende a SUBSTITUIR no conto a passagem:

“_ A senhora, minha rainha, é a mais bela daqui. Mil vezes mais bela porém é Branca de Neve, que está nas montanhas, na casa dos sete gentis anões.

Ouvindo essas palavras, a rainha sentiu seu sangue congelar, porque compreendeu que, mais uma vez, Branca de Neve escapara viva. “Mas desta vez”, exclamou, “vou inventar uma coisa de que ela não vai escapar!” E, com os truques de bruxaria que conhecia, fez um pente envenenado. Depois disfarçou-se novamente de velha, mais de aspecto diferente, e rumou para a casa dos sete anões, além das sete montanhas.”

Ao final do parágrafo escrito pela criança é visto o ACRÉSCIMO (se vestio de baiana) o que é totalmente criatividade da criança.

Na sequencia a criança cria um dialogo, “- *compre compre e a brucha bateu na porta e a branca de neve disse:*

- *quantos que é a brucha disse:*

- *É de grassa e a branca de neve deu uma mordida e caio e a brucha foi para casa...*”, o diálogo visto é um ACRÉSCIMO, pois no conto o dialogo tem um outro sentido que diz respeito a negação por parte da Branca de Neve. Vejamos,

“... tome, vou lhe dar uma. Não, recusou Branca de Neve, não devo aceitar nada.”

O parágrafo final da escrita da criança “*asim que anoiteseu os sete anões voltaram e eles fiseram de tudo e colocaram ela no caicham e um principe e a eles casaram e a brucha ganhou um ssapato e fiseram a brucha danssar e eles se casaram e viveram felises para sempre*”, é apenas uma SUBSTITUIÇÃO da parte final do conto.

João e Maria, conto ouvido – criança E

Era uma vez dois lenhadores e a lenhadora disse:

- vamos colocar as crianças na floresta e o pai das crianças aseitou e assim que anoiteseu o pai do João e da Maria fez uma fogueira e colocaram um pão e o João estava em cima do telhado e o seu pai falou:

- Oque vosse esta fazendo ai em cima e o João disse:

- Eu so estou me despedindo do gato que esta em cima do telhado e o seu pai disse:

- Isso não e o gato e o sol mas o João estava jogando pedrinha no chão e assim que amanheseu eles voltaram para casa e o seu pai ficou felis quando soube que os seus filhos voltora mas quando anoiteseu a brucha levou as criansas para um mato e quando acordaram eles estavam no meio do mato e a sua irma estava desesperada e o João disse:

- Acalme-se e o João disse:

- E tenho uma ideia a Maria respomdeu:

- Aé qual é em tão venha mas quando João viu os pasarinhos comendo as migalhas mas eles comesaram a andar a noite inteira e fizeram uma fogueira e demanha eles viram uma lus e foram até ela mas quando chegaram encontram uma casa com cobertura de bolo e eles comeram e uma vos saio de la disendo:

- Quem esta ai?

E o vento exclamou João mas uma velha saio de la de dentro e falou :

- A são vosses por que vosses não entram eu vou fazer um cha e a brucha colocou o João na sela.

Análise da história

Observa-se que ao escrever a criança faz de maneira a não dar um sequencia coerente, algumas coisas parecem estarem soltas, escreve partes do conto que ficaram na memória, mas, não tem preocupação em cadenciar os fatos. Dentro deste contexto algumas coisas foram agregadas ao enredo do conto.

Quando a criança escreve, “- *vamos colocar as crianças na floresta...*”, esta escrita parece SUBSTITUIR a frase,

“Amanhã vamos levar as crianças para o meio da floresta e largá-las lá.”

Ao escrever, “*João estava em cima do telhado...*”, isto é um ACRÉSCIMO realizado pela criança com ou sem consciência ela acaba modificando o enredo do conto, sutilmente modifica uma situação.

Por partes faremos a análise da frase, “*a brucha levou as crianças para um mato e quando acordaram eles estavam no meio do mato e a sua irma estava desesperada e o João disse...*”

Logo no início da frase, ao escrever, “*a brucha levou as crianças para um mato...*”, a criança realiza uma INTERPRETAÇÃO da frase,

“João e Maria ouviram a madrasta novamente fazendo seus planos. Primeiro o pai não quis ouvir, mas finalmente acabou cedendo e concordou em largar as crianças na floresta no dia seguinte.

Na continuação da leitura da escrita da criança lemos, “[...] *quando acordaram eles estavam no meio do mato...*”, o que analisamos como um ACRÉSCIMO, pois ao lermos interpretamos que a bruxa os levou dormindo para o meio do mato. O que não faz parte do conto ouvido.

Verificamos uma INTERPRETAÇÃO quando a criança escreve que “*sua irma estava desesperada...*”, no conto temos a frase,

“*Maria começou a chorar de novo, mas João, fingindo ser mais corajoso do que era, disse:*”

Quanto a frase,

“- *Acalme-se e o João disse:*

- *E tenho uma ideia a Maria respondeu:*

- *Aé qual é em tão venha mas quando João viu os passarinhos comendo as migalhas mas eles comeram a andar a noite inteira e fizeram uma fogueira..*”, o que se lê é uma SUBSTITUIÇÃO, a criança acaba misturando na escrita partes diferentes do conto, o que foi ACRESCENTANDO é o diálogo entre os irmãos, no qual Maria indaga: “*Aé qual é em tão*”.

Ao escrever a frase, “*demanha eles viram uma lus e foram até ela mas quando chegaram encontram uma casa com cobertura de bolo e eles comeram...*”, ela apenas reproduz o conto ouvido, de forma muito sutil faz um ACRÉSCIMO ao escrever, “*eles viram uma lus*” porém isto é algo que pode ter imigrado o filme de João e Maria.

Encerra a história reproduzindo o conto, mas não escreve seu fim.

O Gato de Botas, conto brincado – criança E

Era uma ves tres filhos que tinha un pai e quando o seu pai moreu deichou uma lembransa para os tres o ganhou um burinho e o outro um moinho e o ultimo ganha um moinho

e o ultimo um gato e o rapas disse:

- Eles ganham as coisas melhores mas se eu pudese eu enxia a bariga desse gato e comia ele e o gato disse:

- Vai com calma vosse fas dois par de potas e ele se finjio de morto e ponhou folhas que o coelho gosta e quando o coelho enfiou a cabeça o gato matou e levou para o Marques de carabas e o Marques de carabas disse:

- Muito obrigado e o gato pegou fes a mesma coisa para o coele mas ele fes com as perdises e levou para Marques de Carabas e ele disse:

- Muito obrido e os omens que estavam trabalhado o gato disse:

- Eu vou matar vosses e quando chegaram no castelo o ogro virou um leão e um camundongo e o gato comeuele e acaba a historia fim.

Análise da história

Ao escrever, *“Era uma ves tres filhos que tinha un pai e quando o seu pai moreu deichou uma lembransa para os tres o ganhou um burinho e o outro um moinho e o ultimo ganha um moinho*

e o ultimo um gato e o rapas disse”, a criança realiza uma INTEPRETAÇÃO do conto que ouviu em sala. No conto lemos,

“Um **moleiro** deixou como únicos bens aos **três filhos** que tinha seu **moinho**, seu **burro** e seu **gato**. A partilha não demorou para ser feita. Não foram chamados nem **tabelião** nem **advogados**, que teria devorado todo o **patrimônio**. O mais velho ficou com o **moinho**, o segundo com o **burro**, e ao mais moço **só coube** o gato.

Dando sequencia lemos, *“- Eles ganham as coisas melhores mas se eu pudese eu enxia a bariga desse gato e comia ele...”*, a frase num todo parece não ter sentido, faltou uma harmonia, porém ao escrever, *“Eles ganham as coisas melhores...”*, observamos uma INTERPRETAÇÃO. No conto encontramos,

“Este ultimo não podia se consolar com uma parte **tão pobre**. “Meus irmãos”, dizia, “poderão ganhar a vida **decentemente**, se trabalharem juntos; já eu, quando tiver comido meu gato e **feito um boné** com sua pele, vou **morrer de fome**”.

Dando continuidade a criança escreveu, “[...] e o gato disse:

- Vai com calma vosse fas dois par de potas e ele se finjio de morto e ponhou folhas

que o coelho gosta e quando o coelho enfiou a cabeça o gato matou e levou para o Marques de carabas...” logo no início, onde lemos, “- *Vai com calma...*”, analisamos como uma INTERPRETAÇÃO, pois no conto lemos, “*Não se preocupe, meu amo*”.

No contexto de toda a frase, vemos de forma resumida duas partes do conto, a primeira diz respeito ao diálogo entre o gato e seu dono, que de forma resumida ela escreveu, “- *Vai com calma vosse fas dois par de botas...*”, enquanto que no conto lemos,

“O gato ouviu-o falar assim, mas fez que não escutou e lhe disse num tom calmo e sério: “*Não se preocupe, meu amo. É só me dar um saco e me fazer um par de botas para andar no mato, que vai ver que não saiu tão prejudicado na herança quanto pensa*”.

Na segunda parte da mesma frase, ao escrever, “[...] e *ele se finjio de morto e ponhou folhas que o coelho gosta e quando o coelho enfiou a cabeça o gato matou e levou para o Marques de carabas...*”, escreve em SUBSTITUIÇÃO de outro trecho do conto ouvido, onde lemos,

“Quando recebeu o que havia pedido, o gato enfiou as botas e, jogando o saco no pescoço, pegou as pontas do cordão que o fechava com as duas patas dianteiras e rumou para um lugar do bosque onde sabia haver muitos coelhos. Pôs dentro do saco farelo de trigo e umas folhas de serralha, uma planta que os coelhos adoram, e, estirando-se no chão como se estivesse morto, esperou que algum jovem coelhinho, ainda inexperiente nas artimanhas deste mundo, entrasse no saco para comer o que tinha posto ali.

Mal se deitou, viu seu ardil dar certo: um coelho boboca entrou no saco e Mestre Gato, puxando rapidamente as pontas do cordão, capturou-o e matou-o sem dó nem piedade.

Todo orgulhoso com sua presa, foi ate o castelo e pediu para falar com o rei. Levaram-no aos aposentos de Sua Magestade, a que ele fez uma grande reverência e disse: “*Majestade, o senhor marquês de Carabás*” (foi o nome que inventou para o seu dono) “*encarregou-me de lhe oferecer este presente*”.

Na sequencia da frase anterior, se lê, “[...] e o Marques de carabas disse:

- *Muito obrigado e o gato pegou fes a mesma coisa para o coele mas ele fes com as perdises e levou para Marques de Carabas e ele disse:*

- *Muito obrido...*”, ao escrever, “*fes a mesma coisa para o coele mas ele faz com as perdises...*”, analisamos como INTERPRETAÇÃO, vejamos o que se lê no conto que ouviu a criança.

“Uma outra vez, foi se esconder num campo de trigo, sempre levando seu saco aberto. E, quando duas perdizes entraram, puxou o cordão e pegou ambas.”

Em continuidade ela escreveu, “[...] e os omens que estavam trabalhado o gato disse:

- *Eu vou matar vosses e quando chegaram no castelo o ogro virou um leão e um camundongo e o gato comeuele e acaba a historia fim*”, reproduzindo sem dar sentido. Apenas escrevendo resumidamente duas partes do conto. Portanto apenas SUBSTITUI.

Análise geral, escreve sem dar um sentido próprio sua história, apenas reproduz partes do conto que ouviu.

O Patinho Feio, conto ouvido – criança E

Era um lindo dia uma patinha que chocava os seus ovos e e apareceu uma velha pata que era bem educada e um dia nasceu os patos e um demorou que a boa velhinha quis saber se era um pato ou um peru e a pata disse:

-eu vou chocar mais um pouquinho e quando de repente o ovo se abriu colocando a cabesinha de fora e disse:

- A mamãe pata que estranho a mas deiche prala vamos ndar e todos os patinhos mergulharam mas eles subiam devolta e a mamãe pata disse:

- Ele nada tão bem e disse:

- vamos passear mas fiquem perto de mim exclamou a mamãe e a pessoas aover uma pata abriu as asas e pinicou seu pescoso e a mamãe disse:

-Deichem ele empas e e quando eles iam sai um dos patos falou:

- que o gato devia ter comido vosse de tanta feiura sem saber pra que lado devia ir e em uma batida de asa os pasaros saíram asustados e o pato disse:

- coreram de medo de mim so por que eu sou feio e chega o outono e ele foi no lago e se ve na água e quem tem bom corasão e que e um ganso lindo e a menina disse:

- Chegou um novo e o menino disse:

Vamos jogar pão para eles e assim acaba a historia.

Análise da história

No início a criança escreve,

“Era um lindo dia uma patinha que chocava os seus ovos e e apareceu uma velha pata que era bem educada e um dia nasceu os patos e um demorou que a boa velhinha quis saber se era um pato ou um peru e a pata disse:

-eu vou chocar mais um pouquinho e quando de repente o ovo se abriu colocando a cabesinha de fora e disse:”

Escreve de maneira a reproduzir o conto, ao final desta frase ao escrever que “o ovo se abriu colocando a cabesinha de fora” ela realiz uma SUBSTITUIÇÃO, no conto se lê, “O ovo grande finalmente se quebrou. “Quem, quem”, fez o bebê saindo da casca.”

Ao escrever,

“- A mamãe pata que estranho a mas deiche prala vamos ndar e todos os patinhos mergulharam mas eles subiam devolta e a mamãe pata disse:

- Ele nada tão bem e disse:

- vamos passear mas fiquem perto de mim exclamou a mamãe e a pessoas aover uma pata abrio as asas e pinicou seu pescoso e a mamãe disse:

-Deichem ele empas e e quando eles iam sai um dos patos falou:”

Em análise geral verifica-se uma reprodução do conto ouvido, para tanto fez uso de seu vocabulário próprio. Atemos-nos um pouco ao início da frase quando a criança escreveu, *“- A mamãe pata que estranho a mas deiche prala”* escreve de maneira a preencher uma lacuna, pois no conto se lê uma explanação sobre a estranheza do patinho,

“A pata olhou bem para ele: “Que patinho enorme!”, pensou. “não se parece com nenhum dos outros! Mas não é filhote de peru, não. Amanhã vou levá-lo para a água, e ele vai entrar nem que eu tinha de empurrá-lo a patadas!”

A frase seguinte *“- que o gato devia ter comido vosse de tanta feiura sem saber pra que lado devia ir e em uma batida de asa os pasaros sairam asustados e o pato disse:*

- coreram de medo de mim so por que eu sou feio”, apenas reproduz trechos do conto ouvido.

Indo a diante lemos da história da criança, *“e chega o outono e ele foi no lago e se ve na água e quem tem bom corasão e que e um ganso lindo e a menina disse:*

- Chegou um novo e o menino disse:

Vamos jogar pão para eles e assim acaba a historia”, dá continuidade a reprodução, porém ela termina sua história ACRESCENTANDO um fim totalmente diferente do conto ouvido.

APENDICE 6 – histórias escritas criança F

A Bela Adormecida, conto brincado – criança F

Era uma vez um rei e uma rainha que vivia triste que queria uma filha e não tinham aninico e a mãe teve uma filha for
grsiosa cechanava filha da rainha e deu uma festa de batizado e convidou as treze fadas e o inpregado do rei e nadou não convida a corze fada viverão felis para sempre.

tamb

Análise da história

Logo no início o termo “[...] *vivia triste...*”, é uma INTEPRETAÇÃO, pois no conto temos a indicação que o rei e rainha eram pouco felizes, conferimos,

“Era uma vez, há muito tempo, um rei e uma rainha jovens, poderosos e ricos, mas pouco felizes, porque não tinham filhos.”

Na sequência temos a sentença “[...] *queria uma filha...*”, o que também parece ser uma INTEPRETAÇÃO, pois no conto temos as frases,

“- Se pudéssemos ter um filho! - suspirava o rei. - e Deus queira que nascesse uma menina! - animava-se a rainha.”

Mais a frente, “[...] *a mãe teve uma filha...*”, é uma SUBSTITUIÇÃO da frase do conto

“*Alguns meses depois nasceu uma linda menina.*” Neste caso a criança substituiu escrevendo a sua maneira.

Quando a criança escreve “[...] *deu uma festa de batizado...*”, ela está realizando uma INTERPRETAÇÃO do trecho que fala da organização da festa de batizado.

Comentário geral: conto muito sintetizado, é escrito apenas alguns trechos que marcaram para a criança, e nada por ela foi acrescentado ao conto ouvido, apenas realizou uma reprodução e antecipou o final de sua história em relação com o conto que ouviu.

Pete Pan, conto ouvido – criança F

Era uma veis um nenino que cechannva Pete pan ele nunca vai querse o Pete pan conheseu a Yenyi e o seus ineu o Pete pan foi na casa da Yenyi e o pete pan ele ia leva a Yenyi para tera do nunca e siminho deu un po e a yenyi e viaja e o copuau gacho caiu noriu tava chegou e o pete pan levou a Yenyi e prenete pra seus pas.

Análise da história

Quando a criança escreve, “*Era uma veis um nenino que cechannva Pete pan ele nunca vai querse...*”, no final ao escrever, “*ele nunca vai querse*”, em relação ao conto ouvido é um ACRESCIMO, pois em momento algum se lê algo sobre o fato de Peter Pan crescer ou não.

Ao escrever, “[...] *o Pete pan conheseu a Yenyi e o seus ineu o Pete pan foi na casa da Yenyi e o pete pan ele ia leva a Yenyi para tera do nunca...*”, apenas SUBSTITUI

Quanto escreve, “[...] *e siminho deu un po e a yenyi e viaja e o copuau gacho caiu noriu tava chegou e o pete pan levou a Yenyi e prenete pra seus pás*”. Também SUBSTITUI.

Branca de Neve, conto brincado – criança F

Era uma nulha que espetou o seu dedo e este senge e coiu maneve e pediu que é a Branca de Neve fose moite linda e cande a Branca de Neve naseu e a seu mae noreu e o seu pai da Breca de Neve e o Rei deu uma festa de Caranenta e o pai da Brenca de Neve noreu (isto ao lado é algo novo) e a Brenca de Neve falou

- Eu serei una nenina obediente e bondosa e vou obodeser tudo que todos as pesoa e pia da Brenca de Neve a pareseu un bicho que feda no vestido da broxa saiu corendo benlonge e feis uma naça que envenenou a naça e a broxa tropesou e cai e sinachucou e ficou couraiva e foi para o castelo e falou:

- Esta devicio para nata e outro pleno e foi e deu uma maça que la caneu e noreu e os 7 anois e botaran num caichão que a Brenca de Neve e a paresea um prinsipe e baijo e a Brenca de neve a cardou e caserao e tiverao 2 filho e uma filha e viverão para sempre no castelo com os 2 filhos.

Análise da história

Ao escrever, “*Era uma nulha que espetou o seu dedo e este senge e coiu maneve e pediu que é a Branca de Neve fose moite linda e cande...*” apenas SUBSTITUI

Na sequencia, ao escrever, “[...] *a Branca de Neve naseu e a seu mae noreu e o seu pai da Breca de Neve e o Rei deu uma festa de Caranenta e o pai da Brenca de Neve noreu...*”, observa-se um acréscimo, pois no conto não se fala da morte do pai da menina.

Em seguida lemos, “[...] *e a Brenca de Neve falou*

- *Eu serei una nenina obediente e bondosa e vou obodeser tudo que todos as pesoa e pia da Brenca de Neve...*”, observa-se um ACRESCIMO, pois em momento algum no conto se lê algo sobre o fato da menina ser obediente e bondosa.

Em sequencia lemos, “[...] *a pareseu un bicho que feda no vestido da broxa saiu corendo benlonge e feis uma naça que envenenou a naça e a broxa tropesou e cai e sinachucou...*”, ao final da frase observa-se novamente um ACRESCIMO.

Na frase seguinte vemos mais um ACRESCIMO, vejamos, “[...] *e ficou couraiva e foi para o castelo e falou:*

- *Esta devicio para nata e outro pleno e foi e deu uma maça que la caneu e noreu...*",
acrécimo está quando ela escreve, "[...]- *Esta devicio para nata (mata)*".

Quando escreve, "[...] e os 7 anois e botaran num caichão que a Brenca de Neve e a paresea um prinsipe e baixo e a Brenca de neve a cardou e caserao e tiverao 2 filho e uma filha e viverão para sempre no castelo com os 2 filhos",
ACRESCENTA ao escrever, "*tiverao 2 filho e uma filha*".

Branca de Neve, conto brincado – criança F

Era uma nulha que espetou o seu dedo e este senge e coiu maneve e pediu que é a Branca de Neve fosse moite linda e cande a Branca de Neve naseu e a seu mae noreu e o seu pai da Brenca de Neve e o Rei deu uma festa de Caranenta e o pai da Brenca de Neve noreu (isto ao lado é algo novo) e a Brenca de Neve falou

- Eu serei una nenina obediente e bondosa e vou obodeser tudo que todos as pesoa e pia da Brenca de Neve a pareseu un bicho que feda no vestido da broxa saiu corendo benlonge e feis uma naça que envenenou a naça e a broxa tropesou e cai e sinachucou e ficou couraiva e foi para o castelo e falou:

- Esta devicio para nata e outro pleno e foi e deu uma maça que la caneu e noreu e os 7 anois e botaran num caichão que a Brenca de Neve e a paresea um prinsipe e baijo e a Brenca de neve a cardou e caserao e tiverao 2 filho e uma filha e viverão para sempre no castelo com os 2 filhos.

Análise da história

Ao escrever, “*Era uma nulha que espetou o seu dedo e este senge e coiu maneve e pediu que é a Branca de Neve fosse moite linda e cande...*” apenas SUBSTITUI

Na sequencia, ao escrever, “[...] *a Branca de Neve naseu e a seu mae noreu e o seu pai da Brenca de Neve e o Rei deu uma festa de Caranenta e o pai da Brenca de Neve noreu...*”, observa-se um acréscimo, pois no conto não se fala da morte do pai da menina.

Em seguida lemos, “[...] *e a Brenca de Neve falou*
- *Eu serei una nenina obediente e bondosa e vou obodeser tudo que todos as pesoa e pia da Brenca de Neve...*”, observa-se um ACRESCIMO, pois em momento algum no conto se lê algo sobre o fato da menina ser obediente e bondosa.

Em sequencia lemos, “[...] *a pareseu un bicho que feda no vestido da broxa saiu corendo benlonge e feis uma naça que envenenou a naça e a broxa tropesou e cai e sinachucou...*”, ao final da frase observa-se novamente um ACRESCIMO.

Na frase seguinte vemos mais um ACRESCIMO, vejamos, “[...] *e ficou couraiva e foi para o castelo e falou:*

- *Esta devicio para nata e outro pleno e foi e deu uma maça que la caneu e noreu...*”,

acrécimo está quando ela escreve, “[...] - *Esta devicio para nata (mata)*”.

Quando escreve, “[...] e os 7 anois e botaran num caichão que a Brenca de Neve e a paresea um prinsipe e baixo e a Brenca de neve a cardou e caserao e tiverao 2 filho e uma filha e viverão para sempre no castelo com os 2 filhos”, ACRESCENTA ao escrever, “*tiverao 2 filho e uma filha*”.

João e Maria, conto ouvido – criança F

Era uma veis uma mulhe que tem dois filho o filho se chena João e a filha se chena Maria e a mae e o pai não ganhava titi e nadrasta feis um plano e falou

- vanos deicha o João e a Maria nadasta e sair para casa e o João escutou a nasdasta que quando os pais faram dorni e o João pegou as pedras e for dornin e nodia o João e o pai falou

- Porque você esta atras estou nidispidido do gato em cina do telhado e a nadrasta eladisse

- não e o gato que estar em cina do telhado e o telhado nolhada e na vedade era o joao jogando asperinh o pai e a nadasta e deicharam estavam caneamda os dose e a bruxa feis urn coudorão e a Maria in purou fegiram e acharam e pegaram ouro e foram para casa e e o pai ficou felis e viveram para sempre.

Análise da história

Quando a criança escreve, “Era uma veis uma mulhe que tem dois filho o filho se chena João e a filha se chena Maria...” INTERPRETA do conto, a seguinte parte, “Era uma vez um pobre lenhador que vivia com sua segunda mulher e seus dois filhos na orla de uma grande floresta.”

Na sequencia, escreveu a criança, “[...] e a mae e o pai não ganhava titi e nadrasta feis um plano e falou

- vanos deicha o João e a Maria nadasta e sair para casa...”, apenas SUBSTITUI.

Em seguida ao escrever, “[...] e o João escutou a nasdasta que quando os pais faram dorni e o João pegou as pedras e for dornin...” apenas SUBSTITUI.

Ao escrever, “[...] e nodia o João e o pai falou

- Porque você esta atras estou nidispidido do gato em cina do telhado e a nadrasta eladisse

- não e o gato que estar em cina do telhado e o telhado nolhada...”, apenas SUBSTITUI.

Na sequencia, “[...] e na vedade era o joao jogando asperinh o pai e a nadasta e deicharam...”, também SUBSTITUI.

No final ao escrever, “[...] estavam caneamda os dose e a bruxa feis urn coudorão e a Maria in purou fegiram e acharam e pegaram ouro e foram para casa e

e o pai ficou felis e viveram para sempre”, encerra SUBSTITUINDO.

O Gato de Botas, conto brincado – criança F

Era uma vaiz um omem que trabalhava de muleiro que tinha 3 filho e o pai dos 3 filho que temp tinha 3 bem era o muleiro e deu para o filho que se chamava Jacksom e o filho que se chamava Alison ganhou um buro e o filh mis novo que se chamava João ganhou um gato e falou

- como eu vou ganha eu vou caça ums coelhos e dar para o rei não disse não é é para dar pro rei chamava Marques de Caraba que esta seafogendo no rio e o rei que para porali iscutou o gato gritemdo que o Marques de Caraba esta seafogendo e o narques de caraba falou

- Largo do meu pé seu gato falou e marque de caraba e o quando o rei ia ajudar ele cai no rio e o 2 estavam seafogendo e a filha chamou os gardas ele tiraram os 2 do rio e madou pegar a sea mais bonita que onde pasava e rei perguntava se éra do marques de caraba e o gato e viu um castelo que morava um ogro e tinha bom modos e o jato falou o gato

- é verde que você pode setresfoma em um bijo

é verde falou ogro e o gato que buro não tinhanada falou

- porque você não setresfona em um rato você tabou setrenfornou em um rato e gato coeu...

e quando o rei chegou no castelo o Marques de caraba peduia no da filha SUB secasaram e tiveram 2 filhae ficaram felises para senpri.

Análise da história

Já na primeira frase da escrita da criança lemos, “*Era uma vaiz um omem que trabalhava de muleiro que tinha 3 filho e o pai dos 3 filho que temp tinha 3 bem era o muleiro e deu para o filho que se chamava Jacksom e o filho que se chamava Alison ganhou um buro e o filh mis novo que se chamava João ganhou um gato...*”, vai margeando o enredo do conto ouvido mas acrescenta 3 vezes ao dar nome aos filhos do moleiro.

Na sequencia escreve: “- *como eu vou ganha eu vou caça ums coelhos e dar para o rei não disse não é é para dar pro rei chamava Marques de Caraba que esta*

seafofendo no rio e o rei que para porali iscutou o gato gritemdo que o Marques de Caraba esta seafofendo e o narques de caraba falou...”, escreve de maneira confusa, a frase não tem sequencia e coerência, mas é observável sua ligação com o enredo do conto, portanto tenta reproduzir o conto. No entanto, ACRESCENTA ao escrever, *“vou caça ums coelhos e dar para o rei não disse não é é para dar pro rei”*, não há menção no conto sobre o fato de caçar para dar ao rei.

Na frase seguinte, não vemos menos confusão na ordem da escrita, mas, observa-se uma fuga do enredo, ACRESCENTANDO 2 vezes onde lemos, *“Largo do meu pé seu gato falou e marque de caraba e o quando o rei ia ajudar ele cai no rio...”*

Na sequencia ao escrever *“[...] e o 2 estavam seafofendo e a filha chamou os gardas ele tiraram os 2 do rio...”*, observa-se mais um ACRESCIMO.

A escrita seguinte não é menos confusa e o vinculo com o enredo é uma constante, reescrevendo apenas fragmentos do conto ouvido. Vejamos:

“madou pegar a sea mais bonita que onde pasava e rei perguntava se éra do marques de caraba e o gato e viu um castelo que morava um ogro e tinha bom modos e o jato falou o gato

- é verde que você pode setresfoma em um bijo

é verde falou ogro e o gato que buro não tinhanada falou

- porque você não setresfona em um rato você tabou setrenfornou em um rato e gato coeu e quando o rei chegou no castelo o Marques de caraba peduia no da filha secasaram e tiveram 2 filha e ficaram felises para senpri”, no final vemos um ACRÉSCIMO que não tem vinculo com o conto, ao escrever, *“[...] tiveram 2 filha...”*

Comentários gerais: escreve margeando o enredo, cria coisa novas que não estão no conto ouvido, mais não articula bem as frases, ficam coisas perdidas que não dão sentido ao texto, parece estar confuso quando escreve ou distraído.

O Patinho Feio, conto ouvido – criança F

Era uma vez uma pata que estava choquendo os ovos e tinha 8 ovos e um ovo e era nuito gramde maseu 7 e ovo nanhar não quebrou e a pareceu uma pata que viu o ovo e tissi

- Ece ovo é de piru i desse nae

- Eu vou choca nais um poco i no otro dia o ovo esta vazendo claqui claqui estava o patinho grende e a nae levou um baita susto e disnanhou na agou e depois e filho falou

- venos pegar a nosa mae falou

- Podese nais venos bincar poriquento disse o patinho Feio

- e anesa mae presiza da nosa ajodar e nergolharam e o lhu nolago e virou um linda sisne e falou

- Venos fazer uma festa falou o o palinho feito disse

- quetal a gente faz um vôo pode ser nais sa com uma condiceu falou o patinho foio queam foi nadar no rio e rio o seu reflito e riu um senne e ficou noite felis e fico la para senpre e ficou felis para sempre.

Análise da história

Ao escrever, “*Era uma vez uma pata que estava choquendo os ovos e tinha 8 ovos e um ovo e era nuito gramde maseu 7 e ovo nanhar não quebrou...*”, ACRESCENTA duas vezes primeiro ao escrever “[...] *tinha 8 ovos...*” e depois ao escrever, “[...] *maseu 7 ovo...*”, pois no conto não há nada que fale sobre a quantidade de ovos que chocava a pata.

Ao escrever, “[...] *e a pareceu uma pata que viu o ovo e tissi*

- Ece ovo é de piru i desse nae

- Eu vou choca nais um poço...”, apenas SUBSTITUI

Na sequencia, escreve, “[...] *i no otro dia o ovo esta vazendo claqui claqui estava o patinho grende e a nae levou um baita susto e disnanhou na agou e depois e filho falou...*”, ACRESCENTA quando escreve, “[...] *a nae (mãe) levou um baita susto...*”

Ao escrever, “[...] *- venos pegar a nosa mae falou*

- Podese nais venos bincar poriquento disse o patinho Feio”, vemos um

ACRESCIMO nesta ultima frase.

Na sequencia lemos, “[...] -e anesa mae presiza da nosa ajodar e nergolharam e o lhu nolago e virou um linda sisne e falou...”, novamente ACRESCIMO ao escrever, “[...] e anesa mae presiza da nosa ajodar”,

Em seguida lemos, “[...] - Venos fazer uma festa falou o o palinho feito disse”, novamente ACRSCIMO ao falar em fazer uma festa.

Finalizando a criança escreveu, “[...] - quetal a gente faz um vôo pode ser nais sa com uma condiceu falou o patinho foio queam foi nadar no rio e rio o seu reflito e riu um senne e ficou noite felis e fico la para senpre e ficou felis para sempre”, apenas SUBSTITUI.

A Princesa da Ervilha, conto brincado – criança F

Era uma vez um prencipe que queria casar cuma princesa e na sua bosca achou 5 faisas princesa e jatava perdendo o animo de precara ama princesa e e um dia chovendo uma princesa dateu toqui toqui o rei abri e o principe pedia que era

- e o rei disse

- E uma princesa emtrou e a rainha disse

- Vamo vemos ver pegou 1 ervilha e emsima de ervilha 20 cocheu e éla cecasau e fecou felis.

Análise da história

Logo no início lemos, “Era uma vez um prencipe que queria casar cuma princesa e na sua bosca achou 5 faisas princesa e jatava perdendo o animo de precara ama princesa...” SUBSTITUIÇÃO

Em seguida se lê, “[...] e e um dia chovendo uma princesa dateu toqui toqui o rei abri e o principe pedia que era

- e o rei disse”, ACRESCENTA no final quando escreve, “principe pedia que era

- e o rei disse”, fatos que não existem no conto.

Finalizando escreve, “- E uma princesa emtrou e a rainha disse

- Vamo vemos ver pegou 1 ervilha e emsima de ervilha 20 cocheu e éla cecasau e fecou felis”, apenas SUBSTITUI.

A Raposa e os Gansos, conto ouvido – criança F

Um dia uma raposa caiu nomeio dos gaso e ela disse

- *Vou camer um po um e o gaso disse para raposa*
- *Aé disso o gaso para raposa você que comer nos a raposa disse*
- *Sim dissa a raposa e o gaso falou*
- *Imteu vei nepegar disse o so disse etes de camer nos dercha a gemte resa a raposa deichou resa eles comesarão ca - ca - ca e depos quado eles para de faze ca - ca - ca depois agemte camta o finau.*

Análise do conto

Ao escreve, “Um dia uma raposa caiu nomeio dos gaso e ela disse

- *Vou camer um po um...” SUBSTITUI.*

Na sequencia, “[...] e o gaso disse para raposa

- *Aé disso o gaso para raposa você que comer nos a raposa disse*
- *Sim dissa a raposa...”, também SUBSTITUI.*

Ao escrever, “[...] e o gaso falou

- *Imteu vei nepegar disse o so disse etes de camer nos dercha a gemte resa a raposa deichou resa eles comesarão ca - ca - ca e depos quado eles para de faze ca - ca - ca depois agemte camta o finau”, escrever de forma a SUBSTITUIR, porém observa-se um ACRESCIMO quando escreve, “[...]- Imteu vei nepegar”*

O Rei Barbaba Horrenda, conto brincado – criança F

Era uma veis uma prencesa e um dia a prencesa queria casar e serto dia os prencepe e ele disse

- O prineiro ele disse

- esta nuito nagro e foipra o segundo ela disse ele esta nuito vermelho e depois foi para o quarto ela disse

- esse esta nuita branca e quando ele viu ela disse socorro eu viu um canundongo o prinsepe iscudo foi corendo prala e pratou e ganundongo e um dia um homem caminhamdo pelos gadim e rei falou

- gardas pege ese homem quando o homem veu coreu e depo eu chegar num castelo e entru ele levou um sunto ele disse

- Eu ele veu sunto ban grande ele escuto um vos dezimdo vosse nao e um fosta de casamento e fosse vai cassa com a minnha filha ele disse

*- tabo um no caso ele sta tabon ******

- vou casa e o rei fo que agora eles itro severa ele fala

- porque egeito desse o rei desse

- parci dabom e dau nas casce ba e farase felizes para senpres.

Análise da história

A partir do conto ouvido escreveu uma história diferente, distanciando-se do enredo. HISTÓRIA INUSITADA.

O Ganso dourado, conto ouvido – criança F

- Era uma vez um lenhador quetinha 3 filhos um dia o pai disse
- Agente precisa delenha o filho nos velha desse
- Eu vou boscarlenha e a nae feis um pastel de carne e um poco de vino ele foi corta lenha e no caninho tinha uma velinha e Jackson disse
- Mais podemos dividir nas não vai sobrar pra nin e foi imbora e quando foi cortar a avore ele se cortou foi para casa e para cuidar do macho cado e nae desse
- Você não pode trabalhar nais o irnao isatando ele disse
- Eu vou no lugar deli o pai disse
- não vose noa foi devidiu por que viru pode ao resege vira vinho gua da elos parase de comer o e velho deu ganso dourado um *****

Análise da história

Ao escrever, “- *Era uma vez um lenhador quetinha 3 filhos um dia o pai disse - Agente precisa delenha...*”, ACRESCENTA, pois no conto nada indica que o pai falou da necessidade de lenha.

Na sequencia lemos, “[...] *o filho nos velha desse - Eu vou boscarlenha e a nae feis um pastel de carne e um poco de vino ele foi corta lenha...*”, apenas SUBSTITUI.

Logo em seguida, ao escrever, “[...] *e no caninho tinha uma velinha e Jackson disse*”, ACRESCENTA ao dar nomear.

Na sequencia lemos, “- *Mais podemos dividir nas não vai sobrar pra nin e foi imbora e quando foi cortar a avore ele se cortou foi para casa e para cuidar do macho cado...*”, também SUBSTITUI.

Ao escrever, “[...] *e mae desse - Você não pode trabalhar mais o irnao isatando ele disse - Eu vou no lugar deli o pai disse - não vose noa foi devidiu por que viru pode ao resege vira vinho gua da elos parase de comer o e velho deu ganso dourado um ***** (palavra não identificada)*”, ACRESCENTA quando escreve, “[...] *e mae desse - Você não pode trabalhar mais...*”

APENDICE 7 – histórias escritas criança G

A Bela Adormecida, conto brincado – criança G

Era uma vez um rei e uma rainha que querião ter uma filha ou um filho ou até jemius e pasarão ums tempos e naceu oma menina e o rei desiduiu fazer uma festa para comemorar o nascimento da menina. E eles dérão o nome para o bebe de Flor Graciosa. E na festa rezoverão comvidar as 13 fadas – soque sotinha 12 pratos e o rei e a rainha resolverão não comvidar a décima treze para a festa e dai eles não comvidarao. E quando as fadas chegarão elas foram dar o presente para a Flor Graciosa a primeira disse que ela ia ser feliz e bonita amorosa e as outras fadas diserão. I foi i foi a outra e derepente a pareceu a fada que não foi comvidada para o batizado e foi até o berso e dese quando você tirera 15 anos você furar o dedo e domara por 600 anos e depois você acordara. E a Flor Graciosa qureceu e quando ela e levantou ela vai um portão e por la ela pasou e lá ela viu uma vélinha em rolando om fiu e a Flor Graciosa disse – posso fasser um pouquinho e a velinha senhem disser nada. Flor Graciosa pegou e forou o dedeu e so comseguiu chegar até a cama e se passarão oms tempo e chegou o dia da Flor Graciosa acordar. E lá perto do palacio a via om princime e o princime foi la e la o principe emcomtrou a Flor Graciosa e beijou ela.

Análise da história

Logo no início a criança escreve, “*Era uma vez um rei e uma rainha que querião ter uma filha ou um filho ou até jemius...*”, o que se observa é a SUBSTIUÇÃO de uma parte do conto por outra escrita pela criança de sua maneira.

No conto temos:

“Era uma vez, há muito tempo, um rei e uma rainha jovens, poderosos e ricos, mas pouco felizes, porque não tinham filhos.

- Se pudéssemos ter um filho! - suspirava o rei.
- e Deus queira que nascesse uma menina! - animava-se a rainha.
- E por que não gêmeos? - acrescentava o rei.”

Na sequência temos as frase, “[...] *pasarão ums tempos e naceu oma menina e o rei desiduiu fazer uma festa para comemorar o nascimento da menina*” Quando a criança escreve “*pasarão ums tempos*” ela parece preencher um lacuna no sua

história, de maneira a não deixar um vazio, mas também sem de fato escrever algo consistente para a história.

Quando a criança escreve “[...] *o rei desidiu fazer uma festa para comemorar o nascimento da menina*”, ela está ACRESCENTANDO ao texto, pois no conto não se fala em decisão do rei, nem mesmo em festa para comemorar o nascimento. No conto temos,

“O rei louco de felicidade, chamou-a Flor Graciosa e, para a festa de batizado, convidou uma multidão de súditos:”

Quando na frase, “*E na festa rezoverão comvidar as 13 fadas – soque sotinha 12 pratos e o rei e a rainha resolverão não comvidar a décima treze para a festa e dai eles não comvidarao*”, vemos uma escrita INTERPRETATIVA, a criança escreve a sua maneira o conto que interpretou ao ouvir.

No parágrafo, “*E quando as fadas chegarão elas foram dar o presente para a Flor Graciosa a primeira disse que ela ia ser feliz e bonita amorosa e as outras fadas diserão. I foi i foi a outra e derepente a pareceu a fada que não foi comvidada para o batizado e foi até o berso e dese quando você tirera 15 anos você furar o dedo e domara por 600 anos e depois você acordara*”, todo este parágrafo a criança escreve a sua maneira, SUBSTIUINDO o texto ouvido por suas escrita, não de forma interpretativa, apenas reproduzindo com à sua maneira de escrever. Vejamos no conto:

“No dia da festa, cada uma delas chegou perto do berço onde dormia Flor Graciosa e ofereceu à recém-nascida um presente maravilhoso.

-Será a mais bela moça do reino - disse a primeira fada, debruçando-se sobre o berço.

- E a de caráter mais justo - acrescentou a segunda.

- Terá riqueza a perder de vista - proclamou a terceira.

- Ninguém terá o coração mais caridoso que o seu - afirmou a quarta.

- A sua inteligência brilhará como o sol - comentou a quinta.

Onze fadas já tinham desfilado em frente ao berço; faltava somente uma (entretida à tirar uma mancha do vestido, no qual um garçom desajeitado tinha virado uma taça de sorvete) quando chegou a décima terceira, aquela que não tinha sido convidada, por falta de pratos de ouro.

Estava com uma expressão muito sombria e ameaçadora, terrivelmente ofendida por ter sido excluída. Lançou um olhar maldoso a Flor Graciosa, que dormia tranqüila, e disse em voz baixíssima:

- Aos quinze anos a princesa vai se ferir com o fuso de uma roca e morrerá.”

Ao final vemos uma interpretação ao momento em que escreve “[...] *furar o dedo*”, quando no conto a referência é (vai se ferir com o fuso). Logo em seguida se

observa um ACRÉSCIMO da criança quando escreve que “[...] *domara por 600 anos e depois você acordara...*”, no conto a fada disse que morreria, porém quando a maldição foi modificada por outra fada, a pena seria de 100 anos de sono. Portanto a escrita da criança foi acrescentada ao enredo de sua história.

Dando sequencia a análise temos, “*E a Flor Graciosa qureceu e quando ela e levantou ela vai um portão e por la ela pasou e lá ela viu uma vélinha em rolando om fiu e a Flor Graciosa disse – posso fasser um pouquinho e a velinha senhem disser nada*”, logo no início do parágrafo vemos “*E a Flor Graciosa qureceu...*”, o que parece uma INTERPRETAÇÃO do trecho,

“*Flor Graciosa crescia, e os presentes das fadas, apesar da maldição, estavam dando resultados. Era bonita, boa, gentil, caridosa, e os súditos a adoravam.*”

A criança resumidamente escreve sua INTERPRETAÇÃO. Em seguida ao escrever, “[...] *quando ela e levantou...*” a criança parece ACRESCENTA em sua história, talvez até mesmo um reflexo de sua vivência (o fato dos pais saírem e ela ficar dormindo), de qualquer maneira é um acréscimo dado por ela, pois no conto apenas esta descrito a ausência do rei e da rainha. Vejamos:

“*No dia em que completou quinze anos, o rei e a rainha estavam ausentes, ocupados numa partida de caça.*”

No restante do parágrafo temos apenas uma simples SUBSTITUIÇÃO das rebuscadas frases do texto pela simples frases da criança.

No ultimo parágrafo lemos, “*Flor Graciosa pegou e forou o dedu e so comsegiu chegar até a cama e se passarão oms tempo e chegou o dia da Flor Graciosa acordar. E lá perto do palacio a via om primcime e o primcime foi la e la o primcipe emcomtrou a Flor Graciosa e beijou ela.*”

A criança continua apenas a escrever de sua maneira, SUBSTITUINDO partes do conto por frases mais simples, sem mudar ou acrescentar algo realmente novo. Quando ela escreve “*passarão oms tempo*” parece com esta frase preencher uma lacuna, no conto vai desde o momento em que o sono difundiu-se pelo castelo até a parte em que o príncipe vai em direção ao castelo, onde os espinhos transformaram-se em flores.

Para melhor compreensão Identificaremos algumas substituições:

“*Flor Graciosa pegou e forou o dedu e so comsegiu chegar até a cama*” que SUBSTITUI,

“Flor Graciosa furou o dedo e sentiu um grande sono. Deu tempo apenas para deitar-se na cama que se achava no aposento, e seus olhos se fecharam.”

Quando a criança escreve, “*chegou o dia da Flor Graciosa acordar .*” esta escrita SUBSTITUI,

“No dia em que o príncipe decidiu satisfazer a sua vontade completavam-se, justamente, os cem anos da festa do batizado e das predições das fadas. Chegara, finalmente, o dia em que a bela adormecida poderia despertar.”

A escrita, “*.. lá perto do palacio a via om primcime...*” SUBSTITUI,

“Um dia, chegou nas redondezas um jovem príncipe, bonito e corajoso. Soube do bisavô a história da bela adormecida, que desde muitos anos, tantos jovens procuravam em vão alcançar.

- Quero tentar eu também a aventura - disse o príncipe aos habitantes de uma aldeia pouco distante do castelo.

Outra substituição também identificada foi a escrita, “*...o primcime foi la e la o primcipe emcomtrou*” que substitui

“O príncipe perambulou por longo tempo no castelo. Enfim, achou o portãozinho de ferro que levava à torre, subiu a escada e chegou ao quartinho onde dormia Flor Graciosa.”

Peter Pan, conto ouvido – criança - G

Era uma vez uma menina que gostava de contar histor todas a noites para os seus irmãos e o nome desa menina era Windy.

E um dia Peter – Pan apareceu na casa de Windy em fremte a janela e a comvidou para ir na tera do Numca. com o pó magico de Sininho e el forão e lá emcomtrarão a tera do Numca. E lá fizerão oma casinha e lá tambem Wimdy quantinuar a contar hestorias seus irmãos. E um dia o capitão gamcho pegou Wimdy e seus irmãos e comlocarão veneno no copo de água de Peter – Pan para ele não ir atras soque Seninho empediu que Peter – Pan tomace e o Peter – Pan pegou o pó das fadas. E o Perter – Pan foi atrás do capitão gamcho e quamdo ele chegou lá eles comesarão a lutar e o capitão gamcho caiu la no rio e os jacaré estão esperamdo daí Peter – Pan levou Windy e seus irmãos e chegando lá derão um abraro no seus pais e eles viverão felizes para cempre.

Análise do conto

Quando a criança escreve a frase, “*Era uma vez uma menina que gostava de contar histor todas a noites para os seus irmãos e o nome desa menina era Windy*”, nesta frase vemos uma SUBSTIUIÇÃO da frase,

“Toda noite, antes de dormir, Wendy contava uma história a seus irmãozinhos”

Dando continuidade temos, “[...] *com o pó magico de Sininho e el forão e lá emcomtrarão a tera do Numca*”, quando a criança escreve sobre um pó mágico, isto de fato não está no conto ouvido, mas também não foge a fatos de outros contos, ou o próprio filme de Peter Pan, não há nada de inusitado, mas também não deixa de ser um ACRÉSCIMO advindo de outro lugar que não seja o conto ouvido.

Quando a criança escreve, “[...] *o Peter – Pan pegou o pó das fadas*” isto também é um ACRÉSCIMO no mesmo sentido que o anterior.

Ao escreve, “*E o Perter – Pan foi atrás do capitão gamcho e quamdo ele chegou lá eles comesarão a lutar...*”, parece fazer uma INTERPRETAÇÃO do conto, no trecho,

“Peter Pan percebeu que Wendy e seus irmãos haviam sido raptados pelo Capitão Gancho e correu para ajudá-los. Ele enfrentou o malvado bandido com valentia e conseguiu vencê-lo com um golpe de espada.”

Toda a escrita na sequência é uma reprodução do conto ouvido, lógico reproduzido da maneira possível para a criança, mas sem fugir ao conto, ao seu enredo e praticamente nada acrescentando de novo ao conto.

Branca de Neve, conto brincado – criança G

Éra uma vez uma mulher que estava na janela tricotando e estava nevando de repente ela forou o dedo e de repente ela se tocou e no outro dia ela ficou grávida e ela queria que a menina tivesse o cabelo negro e pele branca e logo que a menina estava nascendo a mãe dela morreu e depois de uns tempos o pai de Branca de Neve se casou de novo e ele se casou com uma mulher muito bonita e o pai morreu daí Branca de Neve teve que morar junto com a sua madrasta daí um dia a madrasta de Branca de Neve perguntou para o seu espelho

- Espelho Espelho meu existe alguém mais bela do que eu e o espelho respondeu

- Você é a mais bela daqui mil vezes e a Branca de Neve e a madrasta mandou matar e a madrasta disse

- Trazer o fígado para eu comer.

E daí o caçador achou a Branca de Neve e não a matou porque ele ficou com dó de Branca de Neve e ele disse

- Cora menina cora menina e o caçador viu um javali e resolveu matar o javali e pegar o fígado para levar para a madrasta e a madrasta comeu o fígado. E daí a Branca de Neve avistou a casinha dos sete anos e resolveu entrar na casa e lá tinha sete pratos e sete camas, copos e ela comeu todo o que tinha de comida e tomou Doda água que tinha dentro dos copos e foi dormir e ela provou a primeira cama mas era muito pequena e a segunda ainda era muito pequena e foi experimentando as camas e a sétima era grande e ela deitou nessa cama.

E lá no castelo a madrasta falou

- Espelho Espelho meu existe alguém mais bela do que eu e o espelho respondeu

- Você é a mais bela daqui mil vezes e a Branca de Neve que está na casa dos sete aninhos e a madrasta ficou tão nervosa e ela resolveu se vestir de vendedora e vendeu um colar e na hora de colocar Branca de Neve não conseguiu colocar o colar e ela pediu que a vendedora colocasse e ela apertou tanto que ela desmaou enforcada e a vendedora que era a madrasta foi embora e os sete anos chegaram e de repente ela acordou e os sete anos falaram

- Não deixe ninguém entrar aqui

E lá no castelo a madrasta disse na frente do espelho

- Espelho espelho meu existe alguém mais linda do que eu e o espelho disse

- Vove e a nais bela daqui mil vesese a Bramca de Neve que esta na casa dos sete anoes e ela ficou nervosa e foi la no quarto segreto e emveneno uma maçã que o lado vermelho era emvenenado e o bramco éra normal e dessa vês a madrasta se vistiu de vemdedora de maçã e foi gridamdo
- De todo e do melhor e a Bramca de Neve olhou pela janela e ela viu a vemdedora e a vemdedora disse compre uma maçã e ela abriu a porta e a madrasta deu o pedaso vermelho para Bramca de Neve e a Bramca para a vemdedora e a vemdedora somiu quamdo a Bramca de Neve desmaiou e os sete anoes chegarão e virão Bramca de Neve desmuida eles vicerão um caixão de vrido e um homen passou por ali e se apaixonou pela Bramca de Neve e deu um beijo nela e ela acordou e ele viserão uma vesta no castelo dai o principe fez a pergumta
- quer casas comigo
- sim e a madrasta tambem foi convidada e ela teve que usar um sapato rom para damsar e eles viverão felives tods eses anos.

Análise do conto

Ao escrever a frase, *“Éra uma vez uma mulher que estava na janela tricotamdo e estava nevando derepente ela forou o dedo e derepente ela se tocou e no outro dia ela ficou grávida”*, a criança faz uma modificação em relação ao conto ouvido, ela **ACRESCENTA** o fato de rainha ter ficado grávida após ter furado o dedo.

Quando a criança escreve a frase, *“[...] o pai de Bramca de neve se casou de novo e ele se casou com uma mulher muito bonita e o pai moreu dai Bramca de Neve teve que morar jomto com a sua madrasta dai om dia a madrasta de Bramca de Neve perguntou para o seu espelho”*, observamos um **ACRÉSCIMO DUPLO** que modifica o enredo do conto, pois a criança acrescenta duas situações, a primeira o fato de o pai da Branca de neve também morrer, o segundo a questão de Branca de Neve ter que morar junto com a madrasta.

O restante da escrita da criança, em sua maioria é apenas uma reprodução do conto ouvido, sendo que algumas partes são substituídas por palavras com mais significado para ela. Vejamos:

“*cora menina cora menina*” a criança escreve em substituição de “Fuja pobre menina”

A frase, “[...] *ela comeu todo o que tinha de comida e tomou Doda água que tinha dentro dos copos*”. A criança a escreve em SUBSTITUIÇÃO de,

“como estava morrendo de fome e de sede, ela comeu um pouco dos legumes de cada pratinho, partiu um pedacinho de cada pãozinho, bebeu uma gota de vinho de cada canequinha.”

Quando a criança escreve, “[...] *foi dormir e ela provou a primeira cama mas era muito pequena e a segunda ainda era muito pequena e foi esperementando as camas e a sétima era grande e ela deitou nessa cama*”, ela a escreve em SUBSTITUIÇÃO de ,

“tão cansada estava que quis se deitar. Mas ela não cabia em nenhuma cama: uma era grande demais, outra estreita demais. A sétima era do seu tamanho. Branca de Neve adormeceu.”

Na sequência ao escrever, “[...] *veemdo umcolar e na ora de colocar Bramca de Neve não conseguiu colocar o colar e ela pediu que a vemedora colocace e ela apertou tanto que ela desmauo emforcada*”, ela o faz em SUBSTITUIÇÃO de

“[...] comprou o lindo cordão para pôr no corpete” “mas a velha o apertou tanto que a Branca de Neve não conseguiu mais respirar e caiu no chão, como que morta.”

A frase, “*Bramca de Neve desmaiou*”, é escrita SUBSTITUINDO

“Mal a mordeu, caiu morta...”

Escreve, “*vistiu de vemedora de maçã*” SUBSTITUI

“*vestiu-se de camponesa...*”

Ao escrever “[...] *um homem passou por ali...*”, ela SUBSTITUI

“Um dia um príncipe que atravessava a floresta parou na casa dos sete anões para passar a noite.”

Ao escrever, “[...] *se apaixonou pela Bramca de Neve e deu um beijo nela e ela acordou e ele viserão uma vesta no castelo*”, o fato de beijar a moça não consta no conto, portanto é um ACRÉSCIMO da criança ao redigir. Quanto ao fato de relatar uma festa no castelo, vemos como INTERPRETAÇÃO de,

“O casamento foi celebrado com muita pompa e circunstância”

Comentários gerais: Manteve-se no enredo do texto, acrescentou alguns detalhes sutis que não fizeram grandes alterações no conto original, trocou algumas palavras, frases do texto por outras comuns ao seu dia a dia. Não houve grande

síntese do texto o que houve foi uma omissão de detalhes que compõem o texto original.

O Gato de Botas, conto brincado – criança G

Um dia um homem que trabalhava de moinho que tinha três filhos e um moinho um burro e um gato e esse home um dia ele deu o moinho e o buro e o gato para o seus filhos e um dia o gato que pegou o dono ele perguntou?

- Você me da uma bota e uma blusa. E o gato perguntou uma cocia e o menino disse

- Fala emtão fala e o gato disse

- Tbão e o menino falou de novo

- Então fala que eu quero ficar sabendo

- tanbão me chama você de Gato de Botas e o menino falou

- tabom eu chamo você diso ai um dia o Gato de Botas mandou uma carta para o ogro. E o ogro colocou na carta que era para ele ir lá uma casa dele e o Gato de Botas escrevel que sua marces de Carabas as ir na casa dele e ele chegou lá e o ogro estava acordado e o Ogro mstrou que ele sabia fazer mágica e o homem disse

- Você nem SAE virar om rato e nem num **chimpaze** daí o Ogro disse

- Ai você esta me dafiando e então o Ogro virou um rato e depois um Chimpaze e comeu o homem e um dia o Gato de Botas e o dono forão lá para ver o pai delo. E ele viu o homem morto ta e daí eles forão voltar para casa daí ele parou por muitas gata e viu uma princesa e uma gata e os dou ficarão apachonados e eles se casaram.

Análise da História

Escreve SUBSTIUINDO o início do conto por sua interpretação, na escrita da criança lemos, *“Um dia um homem que trabalhava de moinho que tinha três filhos e um moinho um burro e um gato e esse home um dia ele deu o moinho e o buro e o gato para o seus filhos e um dia o gato que pegou o dono ele perguntou?”*

- *“Você me da uma bota e uma blusa”*, enquanto que no conto lemos,

“Um moleiro deixou como únicos bens aos três filhos que tinha seu moinho, seu burro e seu gato. A partilha não demorou para ser feita. Não foram chamados nem tabelião nem advogados, que teria devorado todo o patrimônio. O mais velho ficou com o moinho, o segundo com o burro, e ao mais moço só coube o gato.”

Escreve um diálogo entre o gato e seu dono que não há vínculo com o conto ouvido, mas também não desenvolve uma história, parece ficar amarrado, de qualquer maneira ACRESCENTA ao conto. Lemos:

“E o gato perguntou uma cocia e o menino disse

- Fala emtão fala e o gato disse

- Tãõ e o menino falou de novo

- Então fala que eu quero ficar sabendo

- tanbãõ me chama você de Gato de Botas e o menino falou

- tabom eu chamo você diso ai um dia o Gato de Botas mandou uma carta para o ogro.”

O parágrafo seguinte foi escrito nas mesmas proporções que o anterior, é mesclado de coisa vindas do conto ouvido, como o personagem do Ogro e o Marques de Carabás, também há coisas ACRESCENTADAS pela criança ao escrever, como o fato de relatar a existência de uma carta. De qualquer maneira não escreve coerentemente, é confuso ao redigir. Vejamos:

“E o ogro colocou na carta que era para ele ir lá uma casa dele e o Gato de Botas escrevel que sua marces de Carabas as ir na casa dele e ele chegou lá e o ogro estava acordado e o Ogro mstrou que ele sabia fazer mágica”

No último parágrafo, o que vemos é a mesma confusão identificada já anteriormente, não há nada de diferente.

“- Você nem SAE virar om rato e nem num chimpaze daí o Ogro disse

- Ai você esta me dafiando e então o Ogro virou um rato e depois um Chimpaze e comeu o homem e um dia o Gato de Botas e o dono forão lá para ver o pai delo. E ele viu o homem morto ta e daí eles forão voltar para casa daí ele parou por muitas gata e viu uma princesa e uma gata e os dou ficarão apachonados e eles se casaram”, ACRESCENTA coisas como, “[...] o Gato de Botas e o dono forão lá para ver o pai delo...”

Novamente ACRESCENTA ao escrever, “[...]viu o homem morto ta e daí eles forão voltar para casa daí ele parou por muitas gata e viu uma princesa e uma gata e os dou ficarão apachonados e eles se casaram”

Comentário geral: Conto totalmente modificado, inicia com base no enredo do conto original, vai margeando parte deste enredo mais não se apropria dele, partindo dele cria um conto totalmente novo, tenta articular as frases, mas há muita desconexão entre elas.

O Patinho Feio, conto ouvido – criança G

Era uma vez uma pata que estava grávida de alguns patinhos e ela estava chocando os ovos para eles nascerem e um dia os patinhos nasceram e só o ovo maior ainda não nasceu e um dia uma pata foi visitar o pata e ela começou a falar e de repente a mãe pata puxou o assunto sobre o ovo grande e de repente a pata viu o ovo e falou

- Que ovo mais feio eu acho que é ovo de peru. E a mãe pata disse

- É pode até ser. Então a pata foi embora e a mãe pata continuou a chorar o ovo e de repente o patinho nasceu feio e nesse mesmo dia eles foram nadar no riacho porque estava um dia lindo e todos os patinhos pularam no riacho com a mãe pata e o patinho que nasceu feio também foi nadar num riacho e a mãe pata disse

- Ele é feio mas nada bem ele e o meu filhinho um dia os patinhos ficaram bicando ele e a mãe não estava olhando nada um dia eles se separaram o patinho de casa então ele foi morar na cabana (cabana) com uma velha que tinha um gato e uma galinha que falavam então ele passou dias e dias lá morando com a velha e o gato e a galinha. Então o patinho feio perguntou para a galinha você acha eu bonita como os outros e a galinha disse

- Eu acho você feio pergunte para o gato e o gato disse a mesma coisa o que a galinha falou então um dia ele viu uma bagunça danada que a velha espousou ele então ele ficou um cantinho do lado de fora e de repente ele ouviu um barulho bem assim peú peú de repente e apareceu uns casadores e atiram e pegou bem numa asa de um passarinho que estava bem perto dele. E depois que os casadores foram embora o patinho feio foi nadar e de repente apareceu o inverno e congelou o patinho feio e quando chegou a primavera ele se descongelou e os outros cisnes vieram ver dele e convidaram ele para morar junto com eles e um dia ele descobriu que ele era um cisne mais bem bonito e todos os cisnes viverão felizes para sempre.

Análise da história

Ao início de sua redação a criança escreveu, *“Era uma vez uma pata que estava grávida de alguns patinhos e ela estava chocando os ovos para eles nascerem e um dia os patinhos nasceram e só o ovo maior ainda não nasceu e um dia uma pata foi visitar o pata e ela começou a falar e de repente a mãe pata puxou o assunto*

sobre o ovo grande e derepemte a pata viu o ovo e falou...”, escreve de maneira a SUBSTIUI o conto ouvido por sua interpretação, pela sua forma de ler o conto.

Na sequencia escreve a criança, “- *Que ovo mais feio eu acho que e ovo de perrua. E a mãe pata disse*

- *É pode até cer. Dai a pata foi em bora e a mãe pata comtinuou a chorar o ovo e derepemte o patinho naceu feio e nece mesmo dia eles farão nadar no riacho porque estava um dia limdo e todos os patinhos pularão no riacho com a mamãe pata e o patinho que naceu feio tambem foi nadar num riacho...*”, apenas SUBSTIUI.

Dando sequencia, “[...] e a mãe pata disse

- *Ele é feinho mas nada bem ele e o meu filinho um dia os patinhos ficarão bicamdo ele e a mamãe não estava olhando nada um dia eles isposarão o patinho de casa...*” SUBSTITUI partes do conto por poucas palavras.

Na sequencia escreve, “[...] *daí ele foi morar na calšana (cabana) com uma velha que tinha um gato e uma galinha que falavão dai ele passou dias e dias lá morando com a velha e o gato e a galinha. Dai o patinho feio pergumtou para a galinha você acha eu bonita como os outros e a galinha disse...*”, em suma observa-se uma SUBSTIUTIÇÃO por palavras próprias que interpretam o conto ouvido e redige uma redação que tende a relatar o ouvido. No entanto salienta-se algumas observações: ao escrever que “...*um gato e uma galinha que falavão...*” ela descreve um fato do conto ouvido, mas não o detalha, portanto preenche uma lacuna. Vejamos o diálogo.

“O gato, que era o dono da casa, e a galinha, a dona, se achavam superiores ao resto do mundo. Se o patinho discordava de alguma coisa, a galinha logo replicava:

“Por acaso você sabe botar ovo?”

“Não.”

“Então cale o bico!”

E o gato:

“Por acaso você sabe arquear o lombo, ronronar e soltar faíscas pelos olhos?”

“Não.”

‘Então não dê palpite quando as pessoas importantes falam!’

Logo na sequencia ao escrever, “*ele passou dias e dias lá morando com a velha e o gato e a galinha.*” Escreve sua INTEPRETATAÇÃO do texto ao ouvir, “guardou o patinho três semanas para experimentar...”

Ao escrever a frase, “*Dai o patinho feio pergumtou para a galinha você acha eu bonita como os outros*” de início apenas reproduz um fato do conto ouvido, a conversa entre o patinho e galinha, no conto, assim está,

“Tanto que, não se contendo mais, foi se abrir com a galinha”

No entanto, observa-se que há um ACRÉSCIMO quando a criança escreve que o pato perguntou a galinha sobre o que ela achava de sua aparência. No conto o diálogo é sobre as vontades do pato.

Na continuidade a criança escreveu, “- *Eu acho você feio pegumte para o gato e o gato disse a mesma coisa o que a galinha falou dai um dia ele vez uma bagumça danada que a velha espousou ele delá e ele ahou um camtinho do lado de fora e derepemte ele ouviu um barrulho bem assim peu peu derepemte e apareceu ums casadores e atiram e pegou bem numa aza de um passaro que estava bem perto dele*”, ACRESCENTA ao escrever descrever o dialogo entre o pato e a galinha, “- *Eu acho você feio pegumte para o gato e o gato disse a mesma coisa o que a galinha...*”, que nada tem haver com o dialogo visto no conto. Onde lemos,

“Que caraminholas são essas?”, ela se escandalizou. “Você fica pensando nessas coisas porque não tem o que fazer! Bote um ovo ou ronrone, que passa.”

“Mas nadar é uma delícia”, explicou o patinho. “É delicioso enfiar a cabeça na água e mergulhar até o fundo!”

“Que prazer mais bobo!”, exclamou a galinha. “Você está doido! Pergunte ao gato, o animal mais inteligente que conheço, se ele gosta de nadar ou mergulhar. De mim, nem vou falar... Pergunte até à nossa dona, a velhinha: não há no mundo pessoa mais inteligente que ela. Você acha que ela tem vontade de nadar e mergulhar até o fundo?”

No trecho seguinte, onde escreveu, “[...] *um dia ele vez uma bagumça danada que a velha espousou ele delá e ele ahou um camtinho do lado de fora...*”, a criança escreveu sua INTEPRETAÇÃO de outra parte do conto, sendo que na hora de escrever ela registrou o que estava vivo em sua mente, montando com o enredo do conto uma história que se diferencia do conto ouvido. Pois no conto se lê:

apavorado, pulou na tina de leite, que respingou pela casa inteira. A mulher deu um grito e bateu palmas. Assustado, ele voou para a batadeira de manteiga, depois entrou na barrica de farinha de trigo. Imaginem como estava quando saiu de lá! A camponesa gritava, queria bater nele com a tenaz da lareira. E as crianças corriam, se empurravam, para ver quem pegava o patinho, aos risos, aos berros... Ainda bem que a porta estava aberta. O coitado disparou para o mato coberto de neve recém-caída e lá ficou, todo doído.

Quando escreveu, “[...] *derepemte ele ouviu um barrulho bem assim peu peu derepemte e apareceu ums casadores e atiram e pegou bem numa aza de um*

passaro que estava bem perto dele”, analisamos como ACRÉSCIMO ao escrever “peu peu” e ao identificar que o tiro, “[...] pegou bem numa aza de um pássaro...”, no conto o que mais se aproxima deste trecho escrito pela criança é a descrição a seguir,

“Nesse instante, ouviram-se tiros e dois gansos selvagens caíram mortos perto deles.”

A criança escreve o fim de sua história realizando uma SUBSTITUIÇÃO de partes do conto ouvido, escrevendo fragmentos. Lemos, “*E depois que os casadores forão em bora o patinho feio foi nadar e derepemte apareceu o imverno e comgelo o patinho feio e quamdo chegou a primavera ele se descomgelo e os outros cisneis vierão ver dele e comvido ele para morar junto com eles e um dia ele descubriu que ele éra um cisnei mais bem bonito e todos os cisneis viverão felices par cempre.*”

Na frase, “pergumtou para a galinha você acha eu bonita como os outros” a aluna faz uma INTEPRETAÇÃO de parte do conto em que o patinho realmente conversa com a galinha mas não á pergunta se acha bonito ou não, isto é criatividade da aluna, é coisa sua.

Ela cria algumas sentenças que fazem lembrar parte do texto, mas não o são talvez tenham servido como inspiração.

A Princesa da Ervilha, conto brincado – criança G

Era uma vez uma príncipe estava procurando uma princesa para ele se casar com ela ele correu pelo cidade em teira o não achou nenhuma princesa que queria se casar com ele teque chegou o dia do baile e ele continuava a procurar teque eles ouvirão a campainha dim – dom e a rainha foi atender a porta e era uma princesa com os cabelos em charcado e estava chovendo daí a rainha pediu o nome dela e ela disse

- Eu sou a princesa Ervilha soque dai a rainha não acreditou nela dai a rainha disse

- Se você é princesa você tem que provar dai a madrasta foi até onde estava a prova para ela saber se ela é uma princesa e a prova era que a rainha colocasse uma ervilha na cama e 20 cochoes para ela dormir em cima dai eles colocarão uma escada para ela sobe e desce. Dai no outro dia a rainha acordou para chamar a princesa e perguntar dai a princesa acordou e e desceu a escada dai a rainha perguntou

- Você dormiu bem?

E a princesa disse

- Eu dormi soque eu acordei toda vermelha dai a rainha disse

- Você é mesmo uma princesa dai o príncipe se casou com ela e eles viveram felizes para sempre.

Análise da história

Dando início a análise, vemos a frase, “*Era uma vez uma príncipe estava procurando uma princesa para ele se casar com ela ele correu pelo cidade em teira o não achou nenhuma princesa que queria se casar com ele...*”, analisando vemos que a criança segue o enredo do conto, porém ao escrever faz suas alterações. SUBSTITUI ao escrever “[...] *ele correu pelo cidade em teira*”, quando no conto ouvimos, “[...] *correu então o mundo inteiro...*”

Também SUBSTITUI ao escrever “[...] *não achou nenhuma princesa que queria se casar com ele*”, quando no conto se ouviu,

“*Princesas é que não deixou de encontrar, mas seriam princesas mesmo?*”

Na passagem seguinte lemos, “[...] teque chegou o dia do baile e ele continuava a procurar teque eles ouvirão a campainha dim – dom e a rainha foi atender a porta e era uma primcesa com os cabelos em charcado e estava chovendo daí a rainha pediu o nome dela e ela disse

- *Eu sou a primcesa Ervilha*”, ao escrever esta parte, logo de início observamos um ACRÉSCIMO, vejamos, “[...] chegou o dia do baile e ele continuava a procurar...”, isto é totalmente novo é criatividade da criança.

Sobre a frase, “[...] eles ouvirão a campainha dim – dom”, há duas coisas, primeiro uma SUBSTITUIÇÃO de (bateram à porta do castelo) por (eles ouvirão a capainha dim-dom) ao mesmo tempo, na frase escrita pela criança há algo próprio da aluna, ela ACRESCENTOU o som da campainha no seu conto, sendo isto algo próprio dela.

Ao final deste trecho, faz mais um ACRÉSCIMO quando escreve dando nome a princesa, “- *Eu sou a primcesa Ervilha*”, o que não consta no conto ouvido e nem mesmo é a moral do conto.

Na sequencia lemos, “[...] soque dai a rainha não acreditou nela dai a rainha disse

- *Se você é primcesa você tem que provar dai a madrasta foi até onde estava a prova para ela saber ce ela éra uma primcesa e a prova era que a rainha colocace uma ervilha na cama e 20 cochoes para ela dormir em cima*”, observamos um INTERPRETAÇÃO quando a criança escreveu, “-*Se você é princesa você tem que provar...*”, no conto, lemos:

“È o que veremos!, pensou a velha rainha.”

Ao escrever, “[...] dai a madrasta foi até onde estava a prova para ela saber ce ela éra uma primcesa e a prova era que a rainha colocace uma ervilha na cama...”, esta frase é criatividade da aluna, que de forma sutil acaba ACRESCENTANDO ao escrever sua história.

Dando continuidade a análise, encontramos a frase, “[...] dai eles colocarão uma escada para ela sobr e deser. Dai no outro dia a rainha acordou para chamar a primcesa e perguntar dai a primcesa acordou e e deseu a escada”, nada foge ao enredo” o que se observa em toda esta frase são ACRÉSCIMOS. Ao escrever “[...] eles colocarão uma escada para ela sobr e deser...”, ACRESCENTA novamente

escrevendo, “[...] *a rainha acordou para chamar a princesa*”, e ainda termina escrevendo, “*a princesa acordou e desejou a escada*”

Já se encaminhando para o fim de sua história ela escreveu,

“dai a rainha perguntou

- Você dormiu bem?

E a princesa disse

- Eu dormi soque eu acordei toda vermelha dai a rainha disse

- Voce é mesmo uma princesa dai o príncipe se casou com ela e eles viveram felizes para sempre.”

Todo o trecho escrito não foge a reprodução do conto.

Comentários gerais: mantém a linha do enredo, mas dá seu toque pessoal quando escreve, não é apenas uma reprodução.

O Rei Barba Horrenda, conto brincado – criança G

Um dia uma linda moça que queria casar um um príncipe daí o mendigo teve que ajudar ela com isso daí o mendigo achou uns príncipes para ele soque uma era gordo e o outro era muito magro o outro era alto demais e o outro muito pequeno demais e o outro muito barbudo e o outro era careca e o outro não conseguiu ficar reto daí ela escolheu o que não conseguiu ficar reto daí o rei disse:

Ta mais voçeis temque ir viajar para o castelo quando eles chegarão o príncipe pediu para ela começar a lavar louça daí quando ela acabou ela disse

- Como eu se arrependi de te escolhido você eu podia ter escolhido o homem de barba grande daí o homem dise

- Mais a vida e soa você que escolheu eu se você quiser ir lá no Castelo ecolher o barba Grande. Daí ela foi lá no castelo pegar o homem de barba Grande. Daí eles viverão felizes para sempre.

Análise da história

Analisaremos a frase, *“Um dia uma linda moça que queria casar um um príncipe daí o mendigo teve que ajudar ela com isso daí o mendigo achou uns príncipes para ele soque uma era gordo e o outro era muito magro o outro era alto demais e o outro muito pequeno demais e o outro muito barbudo e o outro era careca e o outro não conseguiu ficar reto daí ela escolheu o que não conseguiu ficar reto daí o rei disse.”*, ACRESCENTA ao escrever *“Um dia uma linda moça que queria casar um um príncipe daí o mendigo teve que ajudar ela com isso...”*, no conto ouvido não há menção se ela queria ou não se casar, apenas que não achava nenhum homem adequado para ela, em todos encontrava defeitos.

A criança escreve de maneira a utilizar fatos do enredo do conto ouvido, porém ao seu modo modifica o conto, construindo novos fatos, ao escrever, *“[...] o mendigo achou uns príncipes para ela...”*, é algo novo que não esta no conto, é um ACRÉSCIMO da criança.

Há novamente um ACRÉSCIMO ao escrever, *“[...] daí ela escolheu o que não conseguiu ficar reto...”*, o que ocorre dá mesma maneira que acima.

Utiliza fatos personagens do conto ouvido, mas escreve sua história, o que foi ouvido foi transformado em outra coisa e não apenas reproduzido, portanto toda a escrita da criança é um ACRÉSCIMO.

A raposa e os Gansos, conto ouvido – criança G

Um dia a raposa caiu num meio de um monte de gansos daí ela falou

- Um que gostoso gansos que são vocês eu vou comer vocês. Daí o ganso disse
- Ta mais você deixa nois rezar daí depois nos deichamos você escolher quen você quer comer primeiro daí a raposa disse
- Ta eu deicho vocês fazer esta tal de orar daí o primeiro comesou co, co, co, co e o segundo comesou co, co, co, co e o tercero comeceu co, co, co, co e os outros rezarão e agura nois não podemos comtar o final desta historia porque até hoje eles estão rezando.

Análise da história

Ao escrever, *“Um dia a raposa caiu num meio de um monte de gansos daí ela falou*

- *Um que gostoso gansos que são vocês eu vou comer vocês”,* faz em SUBSTITUIÇÃO.

Na sequencia, ao escrever, *“Daí o ganso disse*

- *Ta mais você deixa nois rezar daí depois nos deichamos você escolher quen você quer comer primeiro...”,* também SUBSTITUI

Ao escrever, *“[...] daí a raposa disse*

- *Ta eu deicho vocês fazer esta tal de orar daí o primeiro comesou co, co, co, co e o segundo comesou co, co, co, co e o tercero comeceu co, co, co, co e os outros rezarão...”,* SUBSTITUI.

Na sequencia, quando escreve, *“[...] e agura nois não podemos comtar o final desta historia porque até hoje eles estão rezando”,* também SUBSTITUI.

Ao escrever, *“-Um que gostoso gansos que são vocês eu vou comer vocês...”,* a criança faz uma INTERPRETAÇÃO, no conto ela ouviu,

“-Vejam só! Cheguei na hora certa! Até parece que vocês mandaram me chamar, meus lindos, e que ficaram ai bonitinhos esperando eu chegar para comer todos vocês, um por um!”

João e Maria, conto ouvido – criança G

Era uma vez um homem que era dasado duas vezes e que tinha uma filha e um filho e um dia eles forão olhar no armário e so tinha um pedaco de pão e a mulher falou

- Pelo menos se so fosse so nos dois poderemos dividir. e eles dividirão o pão com as crianças e a madrasta teve um plano que era levar as crianças para a floresta e decha do lado deles um pedaco de pão e uma fogera soque João e Maria estava acordados escutando o que os pais estava falando do plano e o João pegou bastante pedras brilhosas e no outro dia os pais levarão João e Maria para a floresta e eles forão e o pai de João ficava falando

- Vamos Vamos e o João falou

- Eu estou se despedindo do gato peto que esta emsima do telhado e a madrasta disse

- É o sol que esta apomtando o telhado molhado. Mas na verdade é o João estava jogando as pedrinhas para não CE perder e depois de um minutos eles chegaram e os pais disseram

- Agente ta trabalhando bem pertinho e a Maria ficou com medo e os pais demoraram mais eles chegarão e levaram as crianças para casa e no outro dia era o mesmo so tinha um pedaso de pão no armario e ele se dividirão o pão para comer e eles denovo levaram as crianças para a floresta e nece dia estava quase ainoitecendo e os pais de João e Maria e eles avistaram uma casinha e eles foram lá e ésa casinha era toda com dosses em todo o lado e derepente eles ouvirão um barulho e a velha que estava lá dentro disse

- Quem esta aí? E o João disse

- E o vento. E a velinha foi abrir a porta e ela pensou um eses meninos devem estar uma delicia e ela disse

- querem entrar e João e Maria resolveram emtrar e a vizinha fez ums bolinhos e café para eles comer e eles comerão e eles forão durmir e a vovozinha que e uma brucha foi lá no carto que eles estavam durmindo e ela chegou e lamber o peiso e ela pegou o João e colocou numa gaiola e quando a Maria aocrdou e viu que o João não estava ela foi procorar e ela viu que o João esta lá ela foi corendo para a cama e demanha a velha não dava nada para a Maria comer e para o João ela dava de todo para ela comer e ele estava quase gordinho e um dia a bruxa pediu

para a Maria colocar a água para esquentar e a Maria disse que não sabia colocar e a bruxa mostrou como era pra fazer e ela colocou a cabeça para dentro e ela se queimou João e Maria viverão felizes para sempre e ele voltarão para casa e o pai falou que a madrasta de João e Maria morreu e eles viverão felizes para sempre.

Análise da história

Logo na primeira frase do conto a criança escreve,

“Era uma vez um homem que era casado duas vezes e que tinha uma filha e um filho e um dia eles foram olhar no armário e só tinha um pedaço de pão e a mulher falou”, no início ao escrever *“casado duas vezes”*, corrigido se lê (casado duas vezes), analisando, nos parece uma INTERPRETAÇÃO da primeira frase do conto que ouviu a criança antes realizar esta escrita, vejamos:

Era uma vez um pobre lenhador que vivia com sua segunda mulher e seus dois filhos na orla de uma grande floresta

O fato da segunda mulher a criança possivelmente interpretou como segundo casamento, em sua linguagem escreveu (casado duas vezes).

Em seguida ela escreve *“um dia eles foram olhar no armário”* que INTERPRETA:

“Era tão pobre, que muitas vezes não havia jantar, nem mesmo uma sopa. Chegou um dia em que não havia nada no guarda comida, a não ser um pedaço de pão.”

Na sequência ao escrever, *“- Pelo menos se só fosse só nos dois poderemos dividir. e eles dividirão o pão com as crianças e a madrasta teve um plano que era levar as crianças para a floresta e decha do lado deles um pedaço de pão e uma fogeira”*, ela realiza uma INTERPRETAÇÃO de uma parte do conto, vejamos,

*“Então a madrasta deu um pedaço de pão para cada um e disse:
- Esperem ao lado da fogueira. Seu pai e eu vamos trabalhar aqui por perto”*

Dando continuidade lemos,

“João e Maria estavam acordados escutando o que os pais estavam falando do plano e o João “pegou bastante pedras brilhosas e no outro dia os pais levarão João e Maria para a floresta...”, ao escrever, *“João e Maria estavam acordados escutando o que os pais estavam falando...”* INTERPRETA do conto a frase,

“João e Maria estavam acordados no quarto ao lado...”

No entanto, acaba desconsiderando a frase seguinte, a qual diz,

“Quando Maria ouviu o que o João e a madrasta estavam planejando...”

Logo depois ao escrever, “*João pegou bastante pedras brilhosas e no outro dia os pais levarão João e Maria para a floresta...*”, de forma simplificada ela SUBSTITUI,

“[...] levantou devagarinho, abriu a porta e saiu. Era lua cheia, e as pedrinhas a seus pés brilhavam como uma luz branca, parecendo margaridas no campo. João se abaixou e as apanhou aos montes, enchendo os bolsos com elas.

No dia seguinte, ao amanhecer, toda a família saiu caminhando rumo à floresta...”

Na sequência lemos, “[...] e eles forão e o pai de João ficava falando

- *Vamos Vamos e o João falou*

- *Eu estou se despedindo do gato preto que esta em cima do telhado e a madrasta disse*

- *É o sol que esta apontando o telhado molhado*”, esta escrita foi realizada de maneira à SUBSTITUIR partes do conto, vejamos,

“João ficou para trás. Seu pai chamou por cima do ombro:

- Depressa, João por que está demorando?

- Estou me despedindo do gato branco, que está sentado no telhado - respondeu João.

- Não é gato - disse a madrasta. - É o sol brilhando no telhado molhado!”

Logo depois a criança escreveu, “*Mas na verdade é o João estava jogando as pedrinhas para não CE perder e depois de um minutos eles chegaram e os pais disseram*

- *Agente ta trabalhando bem pertinho e a Maria ficou com medo e os pais demoraram mais eles chegarão e levaram as crianças para casa...*”, transcreve de maneira a SUBSTITUI o conto ouvido, mas não altera o enredo, apenas escreve fragmentos do conto ouvido. Ressalta-se que no final ao escrever, “*os pais demoraram mais eles chegarão e levaram as crianças para casa*” pode-se considerar um ACRÉSCIMO. Pois no conto, o fato dos pais levarem as criança novamente para casa, não se faz presente.

A criança escreveu, “[...] no outro dia era o mesmo so tinha um pedaso de pão no armario e ele se dividirão o pão para comer e eles denovo levaram as crianças para a floresta...”, apenas SUBSTITUI do conto ouvido,

“Durante muitos meses, as coisas continuaram como antes, até que a família voltou a enfrentar dificuldades. Mais uma vez, só havia um pedaço de pão seco no guarda-comida.”

No entanto, ao escrever, “[...] ele se dividirão o pão para comer...”, parece INTERPRETAR a frase,

“No dia seguinte, antes de saírem para a floresta, a madrasta deu um pedaço de pão para cada um.”

Ao escrever, “[...] e nece dia estava quase ainoitecendo e os pais de João e Maria e eles avistaram uma casinha e eles foram lá e ésa casinha era toda com dosses em todo o lado...”, vemos partes do conto juntas em uma só frase, são fragmentos do conto que ouviu, portanto, ela de forma resumida acaba SUBSTITUINDO partes do conto ouvido.

A frase que citaremos a seguir sua análise não foge ao que já foi visto nas anteriores (SUBSTITUIÇÃO). Vejamos, “[...] eles foram lá e ésa casinha era toda com dosses em todo o lado e derepente eles ouvirão um barulho e a velha que estava lá dentro disse

- Quem esta aí? E o João disse

- E o vento. E a velinha foi abrir a porta e ela pensou um eses meninos devem estar uma delicia e ela disse...”, no final deste trecho a criança escreveu, “[...] ela pensou um eses meninos devem estar uma delicia e ela disse...”, pode-se considerar INTERPRETAÇÃO da frase,:

“De manhã, a bruxa veio olhá-las enquanto ainda estavam dormindo. Lambeu os beijos ao notar suas bochechas coradas, murmurando:

- Que par de petiscos deliciosos!”

Dando continuidade a análise, lemos, “- *querem entrar e João e Maria resolveram emtrar e a vozinha fez ums bolinhos e café para eles comer e eles comerão e eles forão durmir e a vovozinha que e uma brucha foi lá no carto que eles estavam durmindando e ela chegou e lamber o peiso e ela pegou o João e colocou numa gaiola e quando a Maria aocrdou e viu que o João não estava ela foi procorar e ela viu que o João esta lá ela foi corendo para a cama*”, escreveu de forma a não fugir ao enredo mais SUBSTITUI palavras e frases, veremos, onde a criança escreve, “*a vozinha fez ums bolinhos e café para eles comer*” substitui do conto a frase:

“preparou uma refeição com leite, panquecas, açúcar, maçãs e nozes.”

Escreve, “*numa gaiola*” no lugar de,

“*enfioi numa pequena jaula*” também substitui.

No final ao escrever que “*ela viu que o João esta lá ela foi corendo para a cama*”, então ela acaba a ACRESCENTA ao conto. Quanto ao fato de João ser enjaulado, a reação de Maria e os acontecimentos posteriores se lê no conto:

- Que par de petiscos deliciosos! Vou comer primeiro o maior!

Agarrou João com sua mão ossuda e o enfiou numa pequena jaula que ficava num canto da cozinha. Trancou-o atrás das grades, gargalhando de satisfação, só de pensar na refeição maravilhosa que logo iria saborear. Então foi buscar Maria. Deu-lhe um chacoalhão e gritou:

- levante, preguiçosa, vá buscar água e cozinhe alguma coisa boa para seu irmão. Quero vê-lo gordo, o mais gordo possível, e assim que isso acontecer vou comê-lo no jantar.

Por fim lemos, “[...] *demanha a velha não dava nada para a Maria comer e para o João ela dava de todo para ela comer e ele estava quase gordinho e um dia a bruxa pediu para a Maria colocar a água para esquentar e a Maria disse que não sabia colocar e a bruxa mostrou como era pra fazer e ela colocou a cabeça para dentro e ela se queimou João e Maria viverão felizes para sempre e ele voltarão para cas e o pai falou que a madrastra de João e Maria moreu e lês viverão felizes para sempre*”, assim como em outras partes já analisadas anteriormente observa-se a SUBSTITUIÇÃO de partes do conto pela escrita ao jeito da criança, talvez procurando escrever com sentido pessoal a sua história. sem nada acrescentar de novo na ultima parte.

Comentário geral: Há trechos do conto original que os resume e substitui por frases mais simples, talvez com maior sentido para a criança, algo mais comum no seu vocabulário, porém não perde de vista o enredo e nem deixa frases desarticuladas. Todo o texto é muito bem articulado, bem amarrado.

APENDICE 8 – histórias escritas criança H

A Bela Adormecida, conto brincado – criança H

Era uma vez mi um balacio destante avia um jovem casal jovem e viam triste poque não tinha filhos.

E a mulher queria uma menina prara ficar igual a mãe e seu deseiso se realizou e o rei e a rainha resoveu dar uma festa na reino e o rei mandou convidar 13 fadas

e o falou que tinha so 12 prato de ouro o rei falou que não ia convida a fada e mandou só mandou ir 12 mesageiros para convida apenas 12 fadas e comesou a festa e foi uma festa inteira e a fada que não foi convidade foi ate o baile.

E jogou uma praga quando torna 15 anos ela vai epetar o dedo e morera e a outra fada escutou e que a fado do mau...

Análise da história

De inicio temos a frase, “*Era uma vez mi um balacio destante avia um jovem casal jovem e viam triste poque não tinha filhos.*” A criança inicia ACRESCENTANDO, pois em momento algum se fala em palácio distante. Em seguida SUBSTIUI (um rei e uma rainha jovens) por (avia um jovem casal)

Na frase seguinte, “*E a mulher queria uma menina prara ficar igual a mãe e seu deseiso se realizou e o rei e a rainha resoveu dar uma festa na reino e o rei mandou convidar 13 fadas...*”, há um ACRÉSCIMO quando a criança escreve, “*...queria uma menina prara ficar igual a mãe...*” No conto temos a frase, “*e Deus queira que nascesse uma menina! -animava-se a rainha.*” A rainha queria uma menina mas a criança acrescenta quando escreve que é para ficar igual a mae. Quando escreve a criança, “*rei e a rainha resoveu dar uma festa na reino...*”, o que se observa é uma INTERPRETAÇÃO, pois não encontramos no conto uma afirmação que diz que o rei dará uma festa, mesmo quando se fala dos preparativos da festa não há menção da participação da rainha com a organização da festa. Tão somente o parágrafo abaixo tem menciona sobre a organização de festa, vejamos:

“O rei, louco de felicidade, chamou-a Flor Graciosa e, para a festa de batizado, convidou um a multidão de súditos: parentes, amigos, nobres do reino e, como convidadas de honra, todas as fadas que viviam nos confins do reino: treze.”

Na frase seguinte, “[...] e o falou que tinha so 12 prato de ouro o rei falou que não ia convida a fada e mandou só mandou ir 12 mesageiros para convida apenas 12 fadas e comesou a festa e foi uma festa inteira e a fada que não foi convidade foi ate o baile”, neste parágrafo escrito pela criança há uma reprodução do conto, ela reescreve de sua maneira. Porém no final encontramos o trecho, “foi uma festa inteira”, no conto isso não existe, mais também não vemos como um acréscimo, algo novo, apenas como uma INTERPRETAÇÃO. Vejamos o que temos no conto.

“No dia da festa, cada uma delas chegou perto do berço onde dormia Flor Graciosa e ofereceu à recém-nascida um presente maravilhoso.

[...] Onze fadas já tinham desfilado em frente ao berço; faltava somente uma (entretida em tirar uma mancha do vestido, no qual um garçom desajeitado tinha virado uma taça de sorvete) quando chegou a décima terceira, aquela que não tinha sido convidada, por falta de pratos de ouro.”

Ao ouvir este trecho é possível que a criança tenha o interpretado da maneira que vemos escrito em sua história, “foi uma festa inteira”.

Ainda neste parágrafo encontramos, “[...] foi ate o baile...”, o que se refere ao ato da décima terceira fada, a que não foi convidada. Quanto a palavra (baile), ela também não aparece no conto e nada neste conto deixa por interpretar que houve um baile, portanto, o baile como fato da história passou a ser um ACRÉSCIMO da criança, algo agregado pela sua vivencia.

A ultima frase da escrita da criança: “E jogou uma praga quando torna 15 anos ela vai epetar o dedo e morera e a outra fada escutou e que a fada do mau...”, vamos nos ater a dois trechos deste parágrafo. Iniciaremos por, “E jogou uma praga...”, nada mais é que uma INTERPRETAÇÃO feita pela criança, vejamos o que tem no conto a respeito disso,

“Estava com uma expressão muito sombria e ameaçadora, terrivelmente ofendida por ter sido excluída. Lançou um olhar maldoso a Flor Graciosa, que dormia tranqüila, e disse em voz baixíssima:

- Aos quinze anos a princesa vai se ferir com o fuso de uma roca e morrerá.”

Na sequencia ao escrever, “fada do mau”, também analisamos como INTERPRETAÇÃO, pois o conto não se refere desta maneira a fada, vejamos no conto ouvido pela criança,

“quando chegou a décima terceira, aquela que não tinha sido convidada, por falta de pratos de ouro.

Estava com uma expressão muito sombria e ameaçadora, terrivelmente ofendida por ter sido excluída. Lançou um olhar maldoso a Flor Graciosa, que dormia tranqüila, e disse em voz baixíssima:"

Comentários gerais: A aluna reescreveu o conto bem sintetizado, acrescentou coisas que em si não fogem do enredo do texto, mas que não são provenientes do texto original.

Peter Pan, conto ouvido – criança H

Ni uma linda noite o peter pan convidou os seus amigos para ir até a onde o peter pan mora na cidade de San nunca e os amigos aseitaro e eles foro e na quela noite o capitão gancho atacava e eles foram dormir e o capitão gancho levou os amigo de peter pan e capitão gancho deichou um copo de veneno para o peter pan tomar e dormir e acordo so no outro dia quando ele ia beber a água invenenada mas a sininho bebeu o copo envenenado no meio da tarde o peter pan foi até o naviu do capitao gancho ele estavam lutando o capitao gancho caio rio e ficou tudo bem os amigos foran para casa e todos foran para sua casa.

Análise da história

Logo no início a criança escreve, “*Ni uma linda noite o peter pan convidou os seus amigos para ir até a onde o peter pan mora na cidade de San nunca...*”, ao escrever, uma linda noite, ela ACRESCENTA ao conto o adjetivo (linda) o que não esta no conto, nele o que temos é “Uma noite, Peter Pan ...”

Na sequencia a criança faz uma interpretação ao escrever, “*para ir até a onde o peter pan mora na cidade de San nunca*”, não esta no conto ouvido que a terra do nunca é onde mora Peter Pan, portanto a criança faz uma INTEPRETAÇÃO do ouvido.

Também INTERPRETA ao dizer que, “*sininho bebeu*” no conto tem-se, “Mas sininho impediu-o e acabou envenenada. Detalhe, isto é uma passagem do filme quando a sininho acaba caindo dentro do copo e se envenenando.

Vemos de forma muito sutil um pequeno ACRÉSCIMO, quando a criança escreve, “*no meio da tarde*”, o que é incorporado como um fato na historia da criança, porém não esta no conto ouvido.

Ao escrever, “*peter pan foi até o naviu do capitao gancho*”, temos uma INTERPRETAÇÃO, o conto ouvido não fala de navio, apenas fala que:

“Ele enfrentou o malvado bandido com valentia e conseguiu vencê-lo com um golpe de espada. O capitão Gancho caiu na água, onde ferozes crocodilos, os mesmos que já haviam devorado sua mão, esperavam-no para um banquete. ”

Ao final da história a criança escreve, “[...] *o capitao gancho caio rio e ficou tudo bem os amigos foran para casa e todos foran para sua casa...*”, ao escrever que ficou tudo bem, vemos que não é uma referência ao capitão Gancho, e sim as crianças. O “tudo bem” parece fazer a vez de preencher uma lacuna na escrita da criança.

Comentário geral: um conto bastante sintetizado, que não trás nada de novidade ou de inusitado, as poucas mudanças e interpretações identificadas não alteram o enredo do conto ouvido.

Branca de Neve, conto brincado – criança H

Era uma vez uma mulher estava na neve e ela tinha espetado o dedo e pingol 3 gotas de sangue na neve e ela falou

- Quando minha filha nacer eu quero o cabelo negro como ebano e lábios como sangue e Branca como neve no dia que a menina naceu sua mãe more e a menina era linda dias se pasaram e o pai da menina se casol com outra mulher que era Bonita e parecia uma brucha que não gostava de Branca de neve ela tinha um espelho magico que ela falava para o espelho

Espelho espelho meu tem algem mas bonita do que eu e o espelho falou não minha rainha mil vezes mas bonita do que você é só a Branca des Neve e ela ficol com muita raiva e e falo para um casador para matar a pranca de neve e levar para ela o fígado e o pumao e o casador foi a atras da menina e incontrol ela e ela falou

Não me mate Deise me em bor por favo não me mate e o casador deichou ela ir embora e ela coreu para bem lomje e o casador viu um javali e tirou o fígado e o pumao e levol para a rainha os dois tipos de coisa para rainha e ela fez com um apititi e comel tudo e foi para o quarto e falou espelho espelho me tem alguém mas bonita do que eu não minha rainha você é a mas pela da qui mil vezes mas bonita é a limda menina que esta na casa dos sete anãos e les esta dela e a rainha teve que ir a teve que ela pegol e se vestil de velha vomdedora e pegol um corpeti e vemdel pa branca de neve e vestil nela e apetol muito fote e a menina caiu no chão e a velha foi em borá e o anão chegarã e virã Branca de neve caída e eles vira ela e dapertol o corpeti e ela comtou tudo para elels e ele falaram

- Não abra a porta para ninguem ela escutou e nao abril a porta para ningue e a rainha fez um pentio e levou para ela e pentio e deixou o pentio no cabelo dela e ela caiu e os anoes chegaram e viram ela no chão e deram um concelho para ela não abrio a porta par ninguem e a bruxa fez uma maçam envenenada e ela deu para ela e a menina comeu a a maçã e caio desacordada e os anoes chegaram e viram e deitada no chão e viram ela no chão e e parecia que ela estava morta e os anoees colocaram ela no caixão de vidro e um dia um dia um príncipe foi até lá e deu um beijo nela e ela acordou e ele falou para ela

- você aceita casar comigo disse o príncipe e ela aceitou e eles foram felizes para cenpe.

Análise da história

Em uma análise geral se observa que a criança ao escrever manteve a linha do enredo, porém não diferente das demais escritas acaba substituindo a linguagem escrita, vista no conto por palavras mais corriqueiras no seu cotidiano. Os acréscimos que foram realizados se observa de forma bem sutil no texto.

A frase “[...] no dia que a menina nasceu sua mãe more...”, é uma linguagem própria da aluna, a qual ela utiliza para descrever algo mais elaborado, porém com a mesma compreensão, portanto ela SUBSTITUI o parágrafo que segue,

“Pouco depois, ela teve uma filhinha que era branca como a neve, vermelha como o sangue e de cabelos tão negros quanto o ébano. Chamarem-na de Branca de Neve. Mas a rainha morreu ao trazê-la ao mundo.”

A reação da rainha que a criança descreve como raiva, ao saber que Branca de Neve era a mais bela, exatamente na passagem, “[...] *minha rainha mil vezes mas bonita do que você é só a Branca des Neve e ela ficou com muita raiva e e falo para um casador para matar a branca de neve...*”, parece ser uma INTERPRETAÇÃO, no conto se tem,

“A rainha estremeceu. Ficou amarela, depois verde de inveja! E a partir daquele dia, cada vez que avistava branca de neve, seu coração se contorcia no peito.”

Ao escrever a frase, “[...] *o casador viu um javali e tirou o fígado e o pumao e levou para a rainha os dois tipos de coisa para rainha e ela fez com um apititi e comel tudo...*”, ao final vemos um ACRÉSCIMO ao dizer que “ela fez com um apititi”.

Na sequência a criança escreveu a frase, “[...] foi para o quarto e falou espelho espelho me tem alguém mas bonita do que eu...”, A criança possivelmente deduz que o espelho da rainha fica no quarto assim como a maioria das casa que tem um espelho no quarto, diante do fato não consideramos um acréscimo e sim uma INTERPRETAÇÃO da leitura do conto ouvido,

“A rainha, que pensava ter comido o fígado e os pulmões de Branca de neve, acreditava ser de novo a mais bela de todas as mulheres. Ela pegou o espelho e perguntou.”

Dando continuidade temos a frase, “[...] *não minha rainha você é a mas pela da qui mil vezes mas bonita é a limda menina que esta na casa dos sete anãos...*”, ao escrever “*limda menina*” observa-se um ACRÉSCIMO enfatizando a beleza de Branca de Neve.

Na escrita da frase, “[...] *anoes chegaram e viram ela no chão e deram um concelho para ela não abrio a porta par nimguem...*”, ao escrever “[...] *deram um concelho para ela não abrio a porta...*”, a criança escreve de maneira a INTEPRETAR a frase,

“É mais uma vez eles suplicaram que não abrisse a porta para ninguém.”

Ao final da escrita se lê, “[...] *um dia um dia um príncipe foi até lá e deu um beijo nela e ela acordou...*”, o fato “[...] *deu um beijo nela...*”, é algo que foi ACRESCENTANDO na escrita da criança, pois não consta beijo no conto ouvido pela criança.

João e Maria, conto ouvido – criança H

Um dia um lenhador ele tinha dois filhos que se chama João e Maria o lenhador gostava muito deles e um dia o pai deles foi trabalhar e a madrasta era ruim e chata e ela também era lenhadora e ia trabalhar junto com ele e deixava o João e a Maria sozinho e eles iam brincar e se divertir o João falou para Maria

_ A minha irmã como nossos pais não deixava nos ir com eles quando ficava de noite a madrasta falou

_ Amanha vamos deixar eles na floresta e o João foi até um lago pegar pedras brilhantes para jogar no caminho para voltar para casa e eles voltaram para casa o pai deles ficou feliz a ir para casa e a madrasta ficou novamente

_ Vamos deixar eles novamente e ele o João foi até a porta para abrir a porta e ela estava trancada e voltou a dormir e na manhã seguinte eles foram para a floresta só e a Maria não estava tão assustada porque o João tinha colocado as migalhas no caminho mas quando eles viram não tinha nada do que eles deixaram e no caminho ela ficou muito triste chorou porque não dava para chegar em casa ele ficou muito triste e foram andando porque não dava para eles dormir por ali porque tinha muitos bichos por ali então eles foram embora pela floresta quando eles estavam andando viram uma casa de doce eles estavam comendo (comendo) tudo parecendo que iam comer a casa inteira e uma voz saindo de dentro da casa era uma velha bruxa que queria comer o menino e a menina João e Maria queriam ir embora mas a bruxa queria comer eles então ela fez o que a bruxa mandou um dia a bruxa falou Maria venha aqui eu preciso falar com você Maria assenda o forno e a Maria não ligou e a bruxa ...

Análise da história

A criança dá início ao conto de maneira a ACRESCENTAR sobre o enredo uma nova versão, sua história. Vejamos o que escreveu a criança:

“Um dia um lenhador ele tinha dois filhos que se chama João e Maria o lenhador gostava muito deles e um dia o pai deles foi trabalhar e a madrasta era ruim e chata e ela também era lenhadora e ia trabalhar junto com ele e deixava o João e a Maria sozinho e eles iam brincar e se divertir...”

No conto ouvido a parte inicial é:

“Era uma vez um pobre lenhador que vivia com sua segunda mulher e seus dois filhos na orla de uma grande floresta. Era tão pobre, que muitas vezes não havia jantar,

nem mesmo uma sopa. Chegou um dia em que não havia nada no guarda comida, a não ser um pedaço de pão”

Já na frase seguinte a criança retorna ao enredo, seguindo os passos do que foi escrito no conto, vejamos:

“ *_ Amanha vamos deixar eles na floresta e o João foi até um lago pegar pedra brilhantes para jogar no caminho para voutar para casa e eles voutaram para casa o pai deles ficara felizes a ir para casa...*”, o que vemos de diferente, que acaba fugindo ao conto ouvido é o fato de descrever, “[...] *João foi até um lago pegar pedra*” portanto o fato de ir até o lago é um ACRÉSCIMO no contexto de uma frase reproduzida.

Atenção no conto temos várias partes que acabam contituindo a frase da criança, veremos, “ *_ Amanha vamos deixar eles na floresta*”

No conto temos, “- *Amanhã vamos levar as crianças para o meio da floresta e largá-las lá.*”

Quanto ao trecho, “*João foi até um lago pegar pedra brilhantes para jogar no caminho para voutar para casa...*”

No conto lemos, “Ele esperou até os adultos dormirem, levantou devagarinho, abriu a porta e saiu. Era lua cheia, e as pedrinhas a seus pés brilhavam como uma luz branca, parecendo margaridas no campo. João se abaixou e as apanhou aos montes, enchendo os bolsos com elas.”

Já a frase final desta parte, a criança escreveu: “*eles voutaram para casa o pai deles ficara felizes a ir para casa*” no conto se lê: “A mulher agiu como se a culpa fosse deles. João e Maria, muito prudentes, não disseram nada e perceberam que o pai ficou muito feliz ao vê-los de volta.”

Partimos para a próxima frase:

“ *_ Vamos deixar eles nova mente e ele o João foi até a porta para abrir a porta e ela estava trancada e voutou a dormir a na manhã ceginte eles foram para a floresta só e a Maria nem estava tam asustada porque o João tinha colocado as migalias no caminho mas cuando eles viram não tinha nada do que eles deixaram e no caminho ela ficou muito triste chorou porque não dava para chegar em casa ele ficou muito triste e foram andando...*”, a criança escreveu uma frase em SUBSTIUÇÃO a uma boa parte do conto que ouviu. Vejamos:

“Aquela noite, acordados no escuro, João e Maria ouviram a madrasta novamente fazendo seus planos. Primeiro o pai não quis ouvir, mas finalmente acabou cedendo e concordou em largar as crianças na floresta no dia seguinte. Assim que o casal adormeceu, João se levantou, mas dessa vez a porta estava trancada. Ele teve de voltar para a cama e pensar num outro plano.

- Não se preocupe - João disse à irmã. - Hei de ter alguma idéia.

No dia seguinte, antes de saírem para a floresta, a madrasta deu um pedaço de pão para cada um. Mais uma vez, João ficou para trás e o pai o chamou:

- Por que está demorando? Venha depressa!

João respondeu:

- Só estou olhando para a pomba branca que pousou no telhado para se despedir!

- Não é pomba! - gritou a madrasta. - É o sol brilhando no telhado molhado!

Na verdade, João estava jogando migalhas do seu pedaço de pão no chão para não perder o caminho, como tinha feito antes com as pedrinhas.

Agora João e Maria não estavam com tanto medo, pois já tinham encontrado o caminho de volta uma vez e achavam que poderiam fazer a mesma coisa de novo. Sentaram-se perto da fogueira e ficaram esperando a lua aparecer. Então João saiu em busca da sua trilha de migalhas. Só que os milhares de passarinhos famintos da floresta tinham comido todas, uma por uma. As marcas do caminho para casa tinham sumido.

Maria começou a chorar de novo,..."

Na sequência a criança escreveu, “[...] *não dava para eles dormir por ali porque tinha muitos bichos por ali então eles foram embora pela floresta...*”, reescreve focada no conto, reproduzindo algumas partes e omitindo outras, as reproduzidas acabam formando de certa forma unidas, o que parece dar um acréscimo ao conto, quando na verdade é apenas uma reprodução que acabou SUBSTITUINDO o conto ouvido.

Na sequência da frase anterior temos a escrita:

“[...] *quando eles estavam andando viram uma casa de doce eles estavam comendo (comendo) tudo parecendo que iam comer a casa inteira e uma voz saindo de dentro da casa era uma velha bruxa que queria comer o menino e a menina...*”, elaborada de maneira a reproduzir, porém destacamos “[...] *estavam comendo tudo*

parecendo que iam comer a casa inteira...”, o que analisamos como INTEPRETAÇÃO, vemos no conto:

“Era uma casinha com paredes de pão de mel, telhado de bolo e janelas de glacê. João se aproximou e arrancou um pedaço do bolo, provocando uma chuva de migalhas.

- Comida! - gritou, com as bochechas trêmulas.

Maria também encheu a boca com aquele bolo delicioso, cheio de uvas-passas. Estavam arrancando açúcar dos batentes das portas e lambendo o glacê das janelas quando uma voz veio de dentro da casinha:”

Ainda em continuidade se lê: “*João e Maria queriam ir em borá mas a bruxa queria comer eles então ela fez o que a bruxa mandou um dia a bruxa falou Maria venha aqui eu presizo falar com você Maria asenda o forno e a mari não ligou e a bruxa...*”, de forma resumida o vemos é uma INTERPRETAÇÃO de um longo trecho, sem nada de novo, apenas escreve com palavras substituídas o que interpretou do conto ouvido. detalhe, também não terminou sua história.

Comentário geral: no início vemos coisas novas, dando um toque especial, porém no restante não sai do enredo, sintetiza alguns trechos utilizando frases suas, um linguajar de sua vivencia.

O Gato De Botas, conto brincado – criança H

Era uma vez um omem que trabalhava no araial cortar trigo e ele tinha 3 Bems que era um moinho um Buro um gato seu pai morel e a gente como ficamos porque a coragem falta para nos samos umas merosos e o gato falo assim

_ Eu não sou medroso igual voceis você e um medroso eu não gosto de vocês porque vocês não gostam de mim então eu vou em borá para ninguém ficar choronado porque eu não gosto dar gente chorando e você vai em borá eu vou mas eu vouto e o gato foi em bora e não voutou em borá porque ele foi caça coelho e ele pegou um coelho jovem e Buro e matou sem pena e levou para um rei que gostava muito de carne de coelho e comeu tudo outro dia e dia o coelho ficou fazendo muitas caça e le levou duas aves que se chamava perdiz e o rei tambem gostava de carne de destas aves e comeu com o maior prazer e o rei convidou o gato para mora com ele no castelo e o gato ficou sem grasa e o rei e a princeza e o marques de carabas tambem foi junto e o gato foi na frente e antes que o rei chegase o gato fala para todo mado

_ Se vocês não falarem para o rei que o damo diso aqui tudo vocês vão ser moidor equal carne (moidos igual carne) e eles falaram para o rei que o marques de carabas o rei ficou muito alegre e o gato falou para o ogro se e se transformaria ne um rato e o gato comeu o ogro e mo outro dia a marabas se casou com a filha do rei.

Análise da história

Logo no início vemos uma certa identificação com o enredo do conto que aos poucos vai se perdendo o vínculo, neste momento a criança começa a criar sua própria história de forma bem fantasiosa , utiliza algumas coisas do conto ouvido, como o personagem do gato, do coelho, o rei, mas tudo em outro cenário que não é o conto do Gato de Botas que ela ouviu em sala da professora. Ao longo de sua escrita tenta retomar o enredo do conto ouvido e começa a escrever sobre o Marques de Carabás e a princesa, também resgata o personagem do ogro e suas transformações, porém observa-se que ao escrever a criança não consegue retomar o enredo do conto que ouviu, sendo assim procura logo escrever o fim de sua história. Desta maneira o que vemos é outra história que não é o conto ouvido.

HISTÓRIA INUSITADA

O Patinho Feio, conto ouvido – criança H

Era uma vez um pato feio feio ele tinha acabado de nacer todos chamam ele de patinho feio e um dia ele foi em bora e emcomtrar três patos eles eram lindos e se ele era feio ele foi até lá para ver se eles deichava o pato ficar lá porque então os patos nao deichar o pato ficar com eles e os patos nao deicharam o pato ficar com ele um dia o pato ficou muito alegr ao emcontrar outros patos e o ele foi até lá e eles falaram não os patos faram não outro dia o pato falou para alguns patos e eles deixaram eles bricar e o pato quando ele entrou na água e vio que eles eram ums grandes patos lindos.

Análise da história

Escreve um texto totalmente diferente do conto ouvido, em sua escrita utiliza o personagem do pato e a referência de ser feio. Ao escrever parece rodear sobre o fato do pato ser feio, sem conseguir desenvolver uma história. HISTÓRIA INUSITADA.

A Princesa e a Ervilha, conto brincado – criança H

Era um dia lindo e derepente comesou a chover e algumas oras parou de chovere e o Príncipe estava indo casar a pricesa para ele mas não deu porque ele não achou nigem para ele e intão ele desistio e ele tinha viajado por muitas sidade e mutos paeses ele voutou para sua casa e choveu tanto uma princesa que era linda bateu na porta e niguem teve a corajem de ir abrir a porta para a princesa entrar e o rei aprio a porta e ele vio a princesa e depois a princesa falou que era rainha o a noiteser ar rainha falo

- A e então nos vamos ver e a rainha mandou cololocar 20 caichao e 20 coxonete para ver se ele era princesa de verdade e debaixo dos caixoes tinha uma envirlha e a princesa foi dormir e no outro dia ela a rainha e o príncipi foi até o cuarto para ver se a princesa ela não tinha dormido bem e ela era uma princesa e o príncipe casol com ela no outro dia.

Análise da história

Ao iniciar sua história a criança escreve, *“Era um dia lindo e derepente comesou a chover e algumas oras parou de chovere e o Príncipe estava indo casar a pricesa para ele mas não deu porque ele não achou nigem para ele e intão ele desistio...”*, escreve de maneira a SUBSTITUIR o conto ouvido por palavras de seu vocabulário.

Na sequencia da frase anterior escreveu a criança, *“[...] ele tinha viajado por muitas sidade e mutos paeses ele voutou para sua casa e choveu tanto uma princesa que era linda bateu na porta e niguem teve a corajem de ir abrir a porta para a princesa entrar e o rei aprio a porta e ele vio a princesa e depois a princesa falou que era rainha o a noiteser ar rainha falo...”*, ao escrever *“[...] ele tinha viajado por muitas sidade e mutos países...”*, observamos uma INTERPRETAÇÃO, no texto lemos: *“Correu então o mundo inteiro para encontrar uma...”* Na sequencia escreve apenas de forma a reproduzir o conto ouvido. escreve o final do sua historia apenas reproduzindo.

Comentários gerais: Pouco modifica do conto original, o que mais se vê é a transformação do texto em uma linguagem mais comum para na re-escrita.

APENDICE 9 – histórias escritas criança I

A Bela Adormecida, conto brincado – criança I

Era uma veis um rei e uma rainha eles morava em um castelo. e eles queria uma filha e lês ficarão triste porque não tinha uma filha e um guarda dice um dia magestade você vai ter uma filha e teve sua filha e ele deu o nome de Flor graciosa. E naquele dia em diante eles fizerão uma festa e o rei chamou 13 fadas e um omem dice não tem 13 pratos so 12 pratos e uma fada que não foi convidadda e colocou um feitiso e dice quando você tiver 15 anos você vai se espetar o seu dedo e morera e dai a fada saio e a e tinha uma fada que ainda não foi e ela foi temtar tirar o feitiso e dice voce não vai morre so vai ficar ardormecida e dias se pasarão dias e ela ficou com 15 anos e eles viverão felizes para senpre.

Análise da história

Quando a criança escreveu a frase, “*Era uma veis um rei e uma rainha eles morava em um castelo...*”, observamos nela uma INTERPRETAÇÃO, quando ela escreve que o rei e a rainha moravam em um castelo, isto é um fato que não está explicito no conto, porém dá a entender que moravam no castelo.

Na frase seguinte, lemos, “[...] e eles queria uma filha e lês ficarão triste porque não tinha uma filha”, o que nos parece substiuir do conto a passagem:

“Era uma vez, há muito tempo, um rei e uma rainha jovens, poderosos e ricos, mas pouco felizes, porque não tinham filhos.
 - Se pudéssemos ter um filho! - suspirava o rei.
 - e Deus queira que nascesse uma menina! - animava-se a rainha.
 - E por que não gêmeos? - acrescentava o rei.
 Mas os filhos não chegavam, e o casal real ficava cada vez l

Ao escrever a criança apenas substiu com suas palavras este trecho do conto que destacamos.

Seguindo a análise, lemos: “[...] *um guarda dice um dia magestade você vai ter uma filha e teve sua filha e ele deu o nome de Flor graciosa*”, vemos um ACRÉSCIMO (no enredo) quando a criança escreveu “*um guarda dice*”, enquanto que no conto original, as palavras sobre ter uma menina foram de uma rãzinha. Na sequencia lemos uma frase em substituição à uma outra parte do conto, nele lemos,

“E a profecia da rã se concretizou. Alguns meses depois nasceu uma linda menina. O rei, louco de felicidade, chamou-a Flor Graciosa”

Na frase seguinte lemos, “*E naquele dia em diante eles fizeram uma festa e o rei chamou 13 fadas e um omem dice não tem 13 pratos so 12 pratos ...*”, ao escrever, logo no início desta frase, “*E naquele dia em diante eles fizeram uma festa...*”, observamos um ACRÉSCIMO (no enredo), pois no conto lemos,

“O rei, louco de felicidade, chamou-a Flor Graciosa e, para a festa de batizado [...]”,

apesar dos dois trechos serem um tanto parecidos por falarem da festa, vemos uma grande diferença quando a criança escreveu que a festa foi realizada a partir daquele dia. E não descreveu como festa de batizado. Na sequência o que se observa é apenas uma SUBSTITUIÇÃO, a criança escreveu, “[...] *o rei chamou 13 fadas e um omem dice não tem 13 pratos so 12 pratos...*”, enquanto que no conto lemos,

“como convidadas de honra, todas as fadas que viviam nos confins do reino: treze. Mas, quando os mensageiros iam saindo com os convites, o camareiro-mor correu até o rei, preocupadíssimo.

- Majestade, as fadas são treze, e nos só temos doze pratos de ouro!”

Na frase seguinte lemos, “[...] *e uma fada que não foi convidada e colocou um feitiso e dice quando você tiver 15 anos você vai se espetar o seu dedo e morera...*”, escreve SUBSTITUINDO de forma bem simples boa parte do conto que ouviu.

Em seguida lemos, “[...] *e dai a fada saio e a e tinha uma fada que ainda não foi e ela foi temtar tirar o feitiso e dice voce não vai morre so vai ficar ardormecida...*”, escreve de maneira a SUBSTITUIR do conto, o trecho,

“E foi embora, deixando um silêncio desanimador. Então aproximou-se a décima segunda fada, que devia, ainda, dar o seu presente.

- Não posso cancelar a maldição que agora atingiu a princesa. Tenho poderes só para modificá-la um pouco. Por isso, Flor Graciosa não morrerá; dormirá por cem anos, até a chegada de um príncipe que a acordará com um beijo.”

Observamos ao final do conto da criança, a frase, “[...] *dias se pasarão dias e ela ficou com 15 anos e eles viverão felizes para senpre*”, observamos uma modificação para o final do conto, o qual foi escrito de forma precoce, sem a descrição de mais fatos do conto ouvido. porém podemos também dizer que a criança ACRESCENTOU (no enredo) ao escrever um fim diferente para seu conto.

Peter Pan, conto ouvido – criança I

Era uma vez uma menina que se chama Wemy ela esta contando a historia do Perté Pan e o Perté Pan chegou na casa da Wemy e dos irmãos da Wemy e levou para terra do nunca mais o Capitam guencho rapitou as crianças e o capitam guencho colocou veneno no copo de água e o Perté Pan quase que tomou mais ele não tomou quem tomou foi a sininho e o Perté Pan saiu correndo para o barco e quando ele chegou e lutou com o Capitam guencho e o Capitam guencho caiu no rio a onde que o jacaré comeu a mão do Capitam guencho e os pais da Wemy estão preocupados com os filhos e o Perté Pan levou eles para casa e eles prometeram que nunca vão fugir.

Análise da história

No início a criança escreveu, *“Era uma vez uma menina que se chama Wemy ela esta contando a historia do Perté Pan e o Perté Pan chegou na casa da Wemy e dos irmãos da Wemy e levou para terra do nunca...”*, observamos que a criança escreve de maneira a INTERPRETAR do conto, seu início, nele lemos,

“Toda noite, antes de dormir, Wendy contava uma história a seus irmãozinhos. A que mais gostava era a de Peter Pan, um menino que vivia junto com as fadas e não queria crescer. Uma noite, Peter Pan e a fada Sininho apareceram na janela do quarto dos meninos e convidaram todos eles para visitar a Terra do Nunca.”

Na sequência lemos na história da criança, *“[...] mais o Capitam guencho rapitou as crianças e o capitam guencho colocou veneno no copo de água e o Perté Pan quase que tomou mais ele não tomou quem tomou foi a sininho”*, com suas palavras a criança substituiu o que ouviu no conto,

“Uma noite, o Capitão Gancho e seu bando atacaram. Eles raptaram Wendy e seus irmãos, e puseram veneno no copo de água de Peter Pan, para que ele não pudesse segui-los. No dia seguinte, sem saber o que havia acontecido, Peter Pan tentou beber a água. Mas sininho impediu-o e acabou envenenado.”

Na sequência lemos, *“Perté Pan saiu correndo para o barco e quando ele chegou e lutou com o Capitam guencho e o Capitam guencho caiu no rio a onde que o jacaré comeu a mão do Capitam guencho...”*, o que nos parece uma INTERPRETAÇÃO do conto original, nele lemos,

“Peter Pan percebeu que Wendy e seus irmãos haviam sido raptados pelo Capitão Gancho e correu para ajudá-los. Ele enfrentou o malvado bandido com valentia e

conseguiu vencê-lo com um golpe de espada. O capitão Gancho caiu na água, onde ferozes crocodilos, os mesmos que já haviam devorado sua mão, esperavam-no para um banquete."

No final do conto lemos, "[...] *pais da Wemy estão preocupados com os filho e o Perté Pan levou eles para casa e eles prometeram que nunca vao fugir*", escreve de maneira a substituir do conto original, o seguinte trecho,

"Os pais de Wendy estavam muito preocupados com seus filhos. Não conseguiam imaginar por que motivo haviam desaparecido. Eles eram pais maravilhosos e adorava os filhos. Peter Pan sabia disso e resolveu levar seus amigos para casa. Quando chegaram, os meninos abraçaram os pais e prometeram nunca mais desaparecer. "

Branca de Neve, conto brincado – criança I

Era uma vez uma rainha que estava costurando e espetou o seu dedo e caiu uma gota de sangue e falou bem assim:

- Quando minha filha crescer a pele dela vai ser branca como a neve e sua boca vermelha como sangue e seu cabelo em guasinhos como ébanu e pretos e quando ela nasceu a rainha morreu e antes dela morrer ela deu um nome para sua filha e era Branca de Neve e o rei se casou com uma mulher que era meio bruxa e ela falava bem a sim

-Espelinho meu tem mais alguma mulher mais bonita do que eu. E o espelho falou

- Não senhora mais só daqui porque tem uma menina 1.000 vezes mais bonita. Em tão ela ficou vermelha de cólera mandou o caçador matar ela e trazer o seu fígado e seu pulmão e quando o casador chegou lá ela começou a chorar e o caçador deixou fugir e matou um javali e pegou os pulmões e seu fígado e levou para a rainha e ela não desconfiou de nada e comeu e foi direto ao espelho e disse:

- Espelinho meu tem quem mais bonita do que eu. E o espelho disse:

- Só é a senhora rainha mais só daqui 1.000 vezes mais bonita é a Branca de Neve que está lá na casa dos 7 anos. Então os 7 anos chegaram e mais Branca de Neve comeu em cada pratinho e um anão viu uma mulher que era Branca de Neve e acordaram ela e perguntaram o nome dela e ela disse

- Meu nome é Branca de Neve em tão eles foram trabalhar e disse:

- Você ficar aqui mais com uma condiscípula vai a rumar casa e o quarto e fazer comida em Branca de Neve mais a bruxa apareceu e falava:

- Tudo do bom e do melhor. em tão ela pegou um corpete e a bruxa disse:

- Que uma ajuda. E a bruxa a perto e a Branca de Neve caiu morta e os 7 anos despertaram e ela voltou e eles comeram e foram dormir e amanheceu e os 7 anos disse:

- Não abra a porta pra ninguém. E foram trabalhar mais a bruxa soube e foi para a casa dos 7 anos e falou:

Tudo do bom e do melhor. E a Branca de Neve disse:

- Vai im bora eu não posso abrir a porta em tão feim aqui na janela. A bruxa falou e a Branca de Neve pegou a iscova e pentou o cabelo e morreu e os anões chegaram em casa e fizeram a Branca de Neve voltar viva e eles comeram e foram

dormir e amanha seu e os anois foran trabalha e che gou a bruxa e disse bem assim pra Branca de Neve

- Qué uma maçã. E ela aseitou e a bruxa cortou a maçã e deu a parte envenenada para a Branca de Neve e ela morreu e os anois chegaram e viram ela morta e emterrarão e um dia o principi disse:

- Meda essa moosa bonita e eles deram e um dos ajudantes tropesou e ele soutou o pedaso da maçã e sicasou com o príncipe e foram felizes para sempre.

Análise da história

Iniciando seu conto a criança escreve, “*Era uma veiz uma rainha que etava costurando e espetou o seu dedo e caiu uma gota de saingue e falou bem assim:*”, que substituiu do conto,

“Uma rainha estava costurando, sentada a sua janela de ébano negro. Enquanto costurava, vendo os flocos de neve esvoaçarem, espetou o dedo com a agulha. Três gotas de sangue caíram na neve. E aquele vermelho na neve branca era tão bonito que a rainha formulou um desejo:”

Na sequencia ela escreveu, “*- Guando minha filha greser a pele dela vai ser branca como a néve e sua boca vermelha como sangue e seu cabelo em guasinhos como ébanu e pretos*”, que com sua palavras substituiu do conto o trecho,

“Eu gostaria que a criança de que estou grávida tivesse a pele tão branca quanto a neve, os lábios tão vermelhos quanto o sangue e os cabelos tão negros como a madeira da janela!”

Em seguida se lê, “[...] e *quando ela naseu a raina morreu e antes déla morrer ela deu um nome para sua filha e era Branca de Néve e o rei se casou com uma mulher que éra meio bruxa e ela falava bem a sim...*”, logo no início desta frase vemos um ACRÉSCIMO, quando a criança escreve que foi a rainha quem deu o nome de branca de neve a menina, fato que não consta e nem se faz menção no conto que ela ouviu. Em seguida escreve apenas de forma a substituir.

Na sequencia a criança escreveu, “*-Espelinho meu tem mais auguma mulher mais bonitadui eu. E o ispelho falou*

- Não sinhora mais so daqui porque tem uma menina 1.000 vezis mais bonita”, trecho que não realiza interpretações e nem mesmo acrescenta, apenas reproduz de forma a substituir do conto um trecho por palavras próprias. Observa-se que muitas coisas ficaram omissas nesta substituição, a fez de forma simples.

Novamente no trecho a seguir a criança escreveu de forma a substituir trechos do conto por suas palavras, na escrita dela lemos,

“Em tão ela ficou vermelha de colera mandou o caçador matar ela e traser o seu fígado e seu pumao e cuando o casador chegou lá ela começou a chorar e o caçador deichou fugir e matou um javali e pegou os pumanhes e seu fígado e levou para a rinha e ela não disconfiou denada e comeu e fou diréto au espelho e disse:”, no entanto, observa-se um ACRÉSCIMO quando lemos, *“ela não disconfiou denada”..*

Na sequencia ele escreveu novamente de forma a substituir um trecho do conto, da criança lemos, *“- Espelinho meu tem au quem mais bonita do que eu. E o espelho disse:*

- So é a sinhora rainha mais so da qui 1.000 vezis mais bonita é a Branca de Néve que esta la na casa dos 7 anóis.”

Logo depois, na continuidade lemos, *“Então os 7 anis chegaram e mais Branca de Néve comeu em cada pratinho [...]”*, o que parece ser uma substituição, pois no conto que ouviram as crianças em sala de aula lemos,

“Como estava morrendo de fome e de sede, ela comeu um pouco dos legumes de cada pratinho, partiu um pedacinho de cada pãozinho, bebeu uma gota de vinho de cada canequinha. ”

Na sequencia ela escreveu, *“[...] e um anão viu uma mulher que era Branca de Néve e acordaram ela e pergutaram o nome dé la...”*, reproduz INTERPRETANDO parte do conto, onde lemos,

“[...] o sétimo anão percebeu Branca de Neve adormecida. Ele chamou os outros, que vieram correndo, dando gritos de surpresa.”

Mas, também observa-se um ACRÉSCIMO (no enredo), ao escrever, *“[...] acordaram ela e pergutaram o nome dé la”*, pois no conto a menina somente acorda no dia seguinte, sem que ninguém a chame. No conto lemos,

“De manhã, Branca de Neve acordou e ficou morrendo de medo ao ver os sete anões.

Dando sequencia ela escreveu, *“[...] e é la disse*

- Meu nome é Branca de Neve em tam eles foram trabalha e dice:

- *Você poficar a qui mais com uma condisãm vai a rumara casa e o cuarto e fazer cumida em Branca de Neve féis...*”, observa-se apenas uma substituição de parte do conto, nele lemos,

“Os anões lhe propuseram ficar morando com eles: “Se você cuidar da nossa casa, cozinhar, arrumar as camas, lavar, costurar e tricotar, nada lhe faltará”. “Aceito do fundo do meu coração”, respondeu Branca de Neve, e ficou morando com eles.”

Ainda na sequencia se lê: “*mais a bruxa apareceu e falava:*

- *Tudo do bon e dumelhor. emtam ela pegou um corpeti e a bruxa disse:*

- *Qué uma ajuda. E a bruxa a perto e a branca de Neve caiu morta e os 7 anois desapertaram e ela vouto e eles comeram e forão dormir...*”, a criança escreve substituindo do conto a parte,

“A rainha ficou furiosa, porque sabia que o espelho não podia mentir. Compreendeu que o caçador a enganara e que Branca de Neve continuava viva. Então, tornou a quebrar a cabeça para descobrir um meio de matá-la. Porque, enquanto não voltasse a ser a mais bela do reino, a inveja não lhe daria trégua.

Por fim encontrou um ardiu. Maquiou o rosto e se vestiu de velha vendedora ambulante. Ninguém seria capaz de reconhecê-la. Assim disfarçada, foi até a casa dos sete anões, além das sete montanhas.

Bateu na porta e gritou: “Tudo do bom e do melhor, comprem, comprem!” Branca de Neve chegou à janela e perguntou: “Bom dia, minha senhora, o que tem para vender?” “Tudo do bom e do melhor!” respondeu a velha. “Fitas de todas as cores”, e tirou do saco um belo cordão trançado com fitas multicores. “Porque eu não deixaria entrar essa boa senhora?”, pensou Branca de Neve. Puxou o ferrolho e comprou o lindo cordão para pôr no corpete. “Há, minha filha, como você é desajeitada!” exclamou a velha. “Venha cá, que eu amarro direito o cordão.” Branca de Neve deixou-a colocá-lo sem desconfiar de nada. Mas a velha o apertou tanto que a Branca de Neve não conseguiu mais respirar e caiu no chão, como que morta. “Agora acabou! Você não é a mais bela”, riu a velha fugindo.

Quando os sete anões voltaram para a casa, na hora do jantar, qual não foi seu susto ao ver a querida Branca de Neve caída no chão, imóvel, como se estivesse morta! Levantaram-na e perceberam que seu corpete estava apertado demais. Eles cortaram rapidamente o cordão. Branca de Neve voltou a respirar e pouco a pouco foi se recuperando. Ao saber o que tinha acontecido os sete anões exclamaram: “A velha vendedora era a maldita rainha! Não abra a porta para ninguém quando não estivermos em casa, entendeu?”

Observa-se que ao final há um ACRÉSCIMO, quando a criança escreve, “[...] *eles comeram e forão dormir*”, fato que não se encontra e nem há menção no conto.

Na sequencia lemos, “*e amanheseu e os 7 anois disse:*

- *Não abra a porta pra ninguem. E forão trabalha mais abruxa soube e foi para a casa dos 7 anois e falou:*”, quando escreve, “*mais abruxa soube*”, esta pedaço de frase parece preencher uma lacuna do conto, toda uma parte que esta oculta, a qual fala dos atos da bruxa, até o retorno da casa dos sete anões, vejamos:

"Assim que voltou ao castelo, a malvada rainha correu para interrogar seu espelho mágico:

_ Espelhinho, querido espelhinho, responda só para mim, quem é a mulher mais bela de todo este reino?

E o espelho respondeu novamente:

_ A senhora, minha rainha, é a mais bela daqui. Mil vezes mais bela porém é Branca de Neve, que está nas montanhas, na casa dos sete gentis anões.

Ouvindo essas palavras, a rainha sentiu seu sangue congelar, porque compreendeu que, mais uma vez, Branca de Neve escapara viva. "Mas desta vez", exclamou, "vou inventar uma coisa de que ela não vai escapar!" E, com os truques de bruxaria que conhecia, fez um pente envenenado. Depois disfarçou-se novamente de velha, mais de aspecto diferente, e rumou para a casa dos sete anões, além das sete montanhas."

Na sequencia lemos, "*Tudo do bom e do melhor. E a Branca de Neve disse:*

- *Vai im bora eu não posso abrir a porta emtão feim a qui na janela. A bruxa falou e a Branca de Neve pegou a iscova e penthou o cabelo e morreu ...*", o que parece substituir parte do conto, onde lemos,

"Bateu na porta e gritou: "Tudo do bom e do melhor, comprem, comprem!" Branca de Neve espiou pela janela e disse: "Siga seu caminho, não posso abrir para ninguém". "Mas pode olhar", replicou a velha, mostrando-lhe o lindo pente envenenado. Branca de Neve espiou pela janela e achou o pente tão bonito, que cedeu a tentação.

Quando acertaram o preço, a velha disse meigamente a Branca de Neve: "Venha cá, que eu lhe faço um lindo penteado". A coitada da Branca de Neve que não desconfiava de nada, aceitou. Mal o pente lhe tocou os cabelos, o veneno fez efeito: Branca de Neve caiu desacordada. "O prodígio da beleza", exclamou a malvada mulher, "Agora chegou o seu fim!" e foi-se embora satisfeita."

Destacamos o fato da criança ter escrito que branca de neve morreu, enquanto que no conto se lê, "[...] caiu desacordada." Neste trecho ao escrever que ela morreu, vemos como uma INTERPRETAÇÃO de outras partes do conto.

Na sequencia lemos, "[...] e os *anais chegarão em casa e fizerão a Branca de Neve voutar viva e eles comeram e foram dormir e amanhe seu e os anois foran trabalha*", quando lemos "[...] e fizerão a Branca de Neve voutar viva [...]]", interpreta-se como uma substituição de uma determinado trecho do conto por palavras próprias da criança, vejamos:

"Quando eles viram Branca de Neve estirada no chão, como morta, logo desconfiaram da rainha e não demoraram a encontrar o pente envenenado. Assim que o tiraram dos seus cabelos, Branca de Neve abriu os olhos e contou o que tinha acontecido."

Observa-se que a criança novamente ACRESCENTA no seu conto a frase, "[...] *eles comeram e foram dormir ...*", que não consta no conto, mais acreditamos ser uma dedução que criança realiza.

Na sequencia escreve, “[...] *che gou a bruxa e disse bem assim pra Branca de Neve*

- *Qué uma maça. E ela aseitou e a bruxa cortou a maça e deu a parte envenenada para a Branca de Neve e ela morreu...*”, substitui do conto, a seguinte parte,

“foi para a casa dos sete anões, além das sete montanhas. Ela bateu na porta, e Branca de Neve apareceu na janela: “Não posso deixar ninguém entrar, os sete anões proibiram”. “Que pena”, respondeu a camponesa, “eu contava lhe vender minhas lindas maças. Mas tome, vou lhe dar uma.” “Não”, recusou branca de Neve, “Não devo aceitar nada”.

“Está com medo de ser envenenada?”, perguntou a velha. “Olhe, vou cortar a maçã ao meio, você come a metade vermelha e eu, a metade branca.” A fruta tinha sido envenenada tão habilmente que só o lado vermelho era mortal. A bonita maçã tentava tanto Branca de Neve que, quando viu a camponesa comê-la, ela não resistiu muito tempo. Estendeu a mão e pegou a metade envenenada. Mal a mordeu, caiu morta.”

Logo em seguida a criança escreve, “[...] e os anois chegaram e viram ela morta e emterrarão e um dia o principi disse:

- *Meda essa mozza bonita e eles deram e um dos ajudantes tropesou e ele soutou o pedaso da maça e sicasou com o príncipe e foram felizes para sempre*”, escreve este trecho sem nada acrescentar de novo, apenas substituindo com suas palavras a parte final do conto.

João e Maria, conto ouvido – criança I

Era uma vez um omem que corta lenha todo mundo chama ele de cortador de lenha e sua espoja disse:

- Não tem nada no garda comida. E só tinha um pedasinho de pão e a madrasta disse:

- Só cortando lenha não adianta. E a madrasta disse:

- Eu tenho um plano Clandio. E o Clandio disse:

- O que qui é Ana é ir de manha bem sedo nos quatro vamos para a floresta e deichamos os dois o João e a Maria pertidos na floresta.

E o Clandio disse:

- Não eu não vou deichar eles sosinhos na floresta. E a Ana não parava de emcomodar ate ele com cordar e ele com cordou e o João abriu a porta e pegou varios pedrinhas e amanheceu e eles foram para a floresta e o João ficou para trais e o pai deo João disse:

- Apura João vem rápido. E o João disse:

- Só tou medes pedindo do gato. Mais não era gato ele estava jogando as pedras e a madrasta disse:

- Não é um gato é um sol em sima do telhado molhado. E ele com tinou a trais e o pai dos dois disse:

- Espera ai vocês dois eu e sua madrasta vamos ali cortar lenha e javoutamos. Mais eles fora em borá para casa e o João disse:

- Eu vou levar nos para casa eu prometo. Emtão ele levou e seu pai ficou alegre e a Ana a madrasta ficou com raiva e disse:

- Não nosso plano não deu serto. E eles foram dormi e a manheseu eles fiseram a mesma coisa mais o João não comsiquio pegar pedrinhas porque a porta estava trancada e o João pegou um pedasinho de pão e foram para floresta e eles ficou para tras e seu pai disse:

- Apure João vamos ande rápido.

E o João disse:

- Só tou medispedido da pounba em sima do telhado. Mais ele estava jogando pedasinho de pão e a madrasta disse:

- Não é uma pouba é o sol em sima do telhado molhado.

Entam o João com tinuou para tras e chegaram e a semdeiro a fogueira e disse a madrasta:

- Fiquem bem quedinhos que eu e o seu pai Clandio vamos ali cortar lenha tabem.

E foram em borá e a Maria disse:

- Tou com medo João:

E o João disse:

- Eu vou dirar nós dois da qui eu prometo até a lua chegar. E a lua chegou e foram procurar os pedasinhos de pão e ano em contraram porque os pasarinhos

Análise da história

Iniciando seu conto a criança escreve, “*Era uma vez um omem que corta lenha todo mundo chama ele de cortador de lenha e sua espoja disse:*

- *Não tem nada no guarda comida. E só tinha um pedasinho de pão e a madrasta disse:*

- *Só cortando lenha não adianta. E a madrasta disse:*

- *Eu tenho um plano Clandio. E o Clandio disse:*

- *O que qui é Ana é ir de manha bem sedo nos quatro vamos para a floresta e deichamos os dois o João e a Maria pertidos na floresta*", neste início de história observa-se uma escrita no contexto do enredo do conto que ouviu em sala, porém observa-se alguns ACRÉSCIMO, vejamos, "[...] *todo mundo chama ele de cortador de lenha*", isto é novo, partiu da criança. Em seguida se observa que ela dá nome ao personagem do cortador de lenha, o qual ela chama de "Clandio", como também a madrasta, que chama de Ana, sendo um ACRÉSCIMO. Dentro do contexto do conto, no mais, apenas escreve de forma a substituir o conto por palavras suas, ou seja, segue o enredo.

Na sequencia ela escreveu, "*E o Clandio disse:*

- *Não eu não vou deichar eles sosinhos na floresta. E a Ana não parava de emcomodar ate ele com cordar e ele com cordou e o João abriu a porta e pegou varios pedrinhas e amanheceu e eles foram para a floresta e o João ficou para trais..*", escreve substituindo com suas palavras partes do conto, enquanto que outras são omitidas. No conto lemos,

"- Nunca! - Gritou o homem. - Não podemos fazer uma coisa dessas!

A noite toda a mulher ficou falando e insistindo, até que finalmente o marido concordou com seu plano.

João e Maria estavam acordados no quarto ao lado, pois não conseguiam dormir, de tanta fome. Quando Maria ouviu o que o pai e a madrasta estavam planejando, começou a chorar amargamente, abafando seu soluços com o cobertor.

- Não chore, Maria - disse João, com voz firme. - Vou cuidar de você. Vamos voltar para casa em segurança, prometo.

Ele esperou até os adultos dormirem, levantou devagarinho, abriu a porta e saiu. Era lua cheia, e as pedrinhas a seus pés brilhavam como uma luz branca, parecendo margaridas no campo. João se abaixou e as apanhou aos montes, enchendo os bolsos com elas.

No dia seguinte, ao amanhecer, toda a família saiu caminhando rumo à floresta, e João ficou para trás."

Na sequencia a criança escreveu, "[...] *e o pai deo João disse:*

- *Apura João vem rápido. E o João disse:*

- *Só tou medes pedindo do gato. Mais não era gato ele estava jogando as pedras e a madrasta disse:*

- *Não é um gato é um sol em cima do telhado molhado*”, escreve de maneira a substituir por suas palavras partes do conto, onde lemos,

“Seu pai chamou por cima do ombro:

- Depressa, João por que está demorando?

- Estou me despedindo do gato branco, que está sentado no telhado - respondeu João.

- Não é gato - disse a madrasta. - É o sol brilhando no telhado molhado! Mesmo assim, João ficou para trás, pois na verdade estava jogando as pedrinhas ao longo do caminho. Seus bolsos estavam quase vazios, quando finalmente o pai disse:”

Em seguida escreveu, “*E ele com tinou a trais e o pai dos dois disse:*

- *Espera ai vocês dois eu e sua madrasta vamos ali cortar lenha e javoutamos. Mais eles fora em borá para casa...*”, escreve de maneira a substituir, porém ao final INTERPRETA ao escrever, “*Mais eles fora em borá para casa*”, pois no conto isto não se lê, mas, fica subtendido no decorrer do conto.

Dando sequencia lemos, “[...] e o João disse:

- *Eu vou levar nos para casa eu prometo. Emtão ele levou e seu pai ficou alegre ...*”, apenas substitui, com suas palavras, fazendo um apanhado de partes diferentes do conto.

Logo em seguida ela escreveu, “[...] e a Ana a madrasta ficou com raiva e disse:

- *Não nosso plano não deu serto.*”, o que não está no conto ouvido em sala, portanto é um ACRÉSCIMO.

Ela dá continuidade escrevendo, “*E eles foram dormi e a manheseu eles fiseram a mesma coisa mais o João não comsiquio pegar pedrinhas porque a porta estava trancada e o João pegou um pedasinho de pão e foram para floresta e eles ficou para trás e seu pai disse:*”, escreve substituindo um texto mais requintado por sua interpretação, porém sem de fato interpretar, apenas reproduzindo com sua palavras a passagem do conto. Vejamos,

“Durante muitos meses, as coisas continuaram como antes, até que a família voltou a enfrentar dificuldades. Mais uma vez, só havia um pedaço de pão seco no guarda-comida. Aquela noite, acordados no escuro, João e Maria ouviram a madrasta novamente fazendo seus planos. Primeiro o pai não quis ouvir, mas finalmente acabou cedendo e concordou em largar as crianças na floresta no dia seguinte. Assim que o casal adormeceu, João se levantou, mas dessa vez a porta estava trancada. Ele teve de voltar para a cama e pensar num outro plano.

- Não se preocupe - João disse à irmã. - Hei de ter alguma idéia.

No dia seguinte, antes de saírem para a floresta, a madrasta deu um pedaço de pão para cada um. Mais uma vez, João ficou para trás e o pai o chamou:

Em sequencia ela escreve, “- *Apure João vamos ande rápido.*

E o João disse:

- Só tou medispedido da pounba em sima do telhado. Mais ele estava jogando pedasinho de pão e a madrasta disse:

- Não é uma pouba é o sol em sima do telhado molhado.

Entam o João com tinuou para trás...”, substitui do conto,

“- Só estou olhando para a pomba branca que pousou no telhado para se despedir!

- Não é pomba! - gritou a madrasta. - É o sol brilhando no telhado molhado!

Na verdade, João estava jogando migalhas do seu pedaço de pão no chão para não perder o caminho, como tinha feito antes com as pedrinhas.”

Salienta-se, há uma pequena interpretação no início desta frase, quando ela escreve, “- *Apure João vamos ande rápido*”, no conto lemos,

“- Por que está demorando? Venha depressa!”

Ao escrever na sequencia, “[...] *e chegaram e a semdeiro a fogueira e disse a madrasta:*

- Fiquem bem quedinhos que eu e o seu pai Clandio vamos ali cortar lenha tabem.

E foram em borá...”, apenas vemos uma repetição do que já escreveu anteriormente para a mesma passagem do conto, fugindo um pouco da sequencia do enredo, portanto, substituindo.

Escreveu a ultima parte de seu conto, porém não escreveu o fim, parece que ficou faltando algo. Lemos na escrita da criança, “[...] *e a Maria disse:*

- Tou com medo João:

E o João disse:

- Eu vou dirar nós dois da qui eu prometo até a lua chegar. E a lua chegou e foram procurar os pedasinhos de pão e ano em contraram porque os pasarinhos”, apenas substitui.

Na escrita realizada pela criança, vemos com clareza que faltou fim, por algum motivo o fim do conto dela não foi escrito.

O Gato de Botas, conto brincado, criança I

Era uma vez um moleiro tinha 3 coisas e o pai deles morreu e deicho uma coisa um dia o dono do gato de botas falou:

_ Eu vou matar o gato vou fazer um par de botas com o coro.

E o gato de botas disse:

_ Você que tirar o meu coro vai podi tirar. Entam o dono disse:

_ Deicha pra lá.

Entam ele foi e feis unga amardilha e pegou um coelho e matou e levou para o castelo do rei e o rei gostava muito de cuelho e comeu e ou tro dia o gato de botas feis dinovo amardilho e pegou duas perdises e levou para o rei comer e o rei disse:

_ Muito ou brigado.

E o gato de botas disse:

_ Dinada autesa.

Entam um dia marques de carabas foi tomar banho no rio e o gato disse:

_ Marques de carabas fassa o que eu disser primeiro eu vou escomder as suas roupas e você ficara anadando e deiche o resto comigo.

Entam o Gato gritou:

_ Socorro socorro au gem miajude poque marques esta se afogando purfavor.

O gato de botas sabia que o rei estava pasiando porali e feis isso e o rei vio e mandou os gardas ajudar ele e o gato disse:

_ O marques de carabaas esta sem ropas os ladram pegaram.

Entam o rei mandou ir pegar a roupa mais bonita para marque de carabas.

Entam pidiram para emtrar e ir pasiar e o gato ia na frente e disse pros trabalhadores:

_ Sevocêis não disserem que esa plantaçam não é do marques eu vou fazer picadinho de vocês fala agora o rei chegou.

E o rei perguntou:

_ Diquem é isso daqui?

_ E do senhor marques de carabas.

E o rei pensou que ele era bem rico e chegou em outra plantaçam e o gato disse:

_ Se vocês não disseren o que eu vou falar eu vou fazer vocês picadinhos.

Entam o rei perguntou:

_ Diquem é isso?

_ É do senhor marques de carabas.

E o gato foi na frente e emtrou no castelo do ogro e o gato disse:

_ Eu sube que você vira leam.

E o ogro virou um leam e o gato disse:

_ Você vira tam bem um rato.

E o ogro virou um rato e o gato comeu o rato e eles chegaram e o rei viu e pensou esse marques de carabas e rico e o marques disse:

_ Querem comer augumacoisa venha aqui já esta pré parado ameza.

E o marques pediu a mão da princesa em casamento iviveram felizes para sempre.

Análise da história

Lemos no inicio do conto, "*Era uma vez um moleiro tinha 3 coisas e o pai deles morreu e deicho uma coisa um dia o dono do gato de botas falou:*", escreve margeando o enredo, mas faz de forma confusa, sem deixar claro o que realmente quer dizer com a palavras escritas, interpretamos em nossa análise como uma substituição muito simples.

Em seguida a criança escreveu, "*_ Eu vou matar o gato vou fazer um par de botas com o coro.*

E o gato de botas disse:

_ *Você que tirar o meu coro vai podi tirar*", enquanto que no conto, lemos,

"já eu, quando tiver comido meu gato e feito um boné com sua pele, vou morrer de fome".

O gato ouviu-o falar assim, mas fez que não escutou e lhe disse num tom calmo e sério: "Não se preocupe, meu amo. É só me dar um saco e me fazer um par de botas para andar no mato, que vai ver que não saiu tão prejudicado na herança quanto pensa".

Observa-se que a criança não foge ao enredo, mas escreve com sua palavras dando um novo contexto ao conto, portanto ela ACRESCENTA.

Na continuação lemos, "*Entam o dono disse:*

_ *Deicha pra lá.*

Entam ele foi e feis unga amardilha e pegou um coelho e matou e levou para o castelo do rei e o rei gostava muito de cuelho e comeu e ou tro dia o gato de botas feis dinovo amardilha e pegou duas perdises e levou para o rei comer e o rei disse:”, logo no início deste trecho, vemos mais um ACRÉSCIMO ao escrever, *“Entam o dono disse: - Deicha pra lá”*

Em seguida ao escrever, *“Entam ele foi e feis unga amardilha...”*, escreve de maneira a INTERPRETA, pois no conto lemos,

“Quando recebeu o que havia pedido, o gato enfiou as botas e, jogando o saco no pescoço, pegou as pontas do cordão que o fechava com as duas patas dianteiras e rumou para um lugar do bosque onde sabia haver muitos coelhos. Pôs dentro do saco farelo de trigo e umas folhas de serralha, uma planta que os coelhos adoram, e, estirando-se no chão como se estivesse morto, esperou que algum jovem coelhinho, ainda inexperiente nas artimanhas deste mundo, entrasse no saco para comer o que tinha posto ali.”

Na sequencia lemos, *“[...] e pegou um coelho e matou e levou para o castelo do rei e o rei gostava muito de cuelho e comeu...”*, realiza uma INTERPRETAÇÃO, ao escrever, *“[...] o rei gostava muito de cuelho...”*, no conto lemos,

“Diga a seu dono”, respondeu o **rei**, “que fico muito grato e que ele me dá um grande prazer”.

Em seguida faz um ACRÉSCIMO, ao deixar claro que o rei comeu, fato que não consta no conto que ouviu.

Ao escrever, *“[...] e ou tro dia o gato de botas feis dinovo amardilha e pegou duas perdises e levou para o rei comer e o rei disse:”*, apenas substitui um trecho do conto, onde lemos,

“Uma outra vez, foi se esconder num campo de trigo, sempre levando seu saco aberto. E, quando duas perdizes entraram, puxou o cordão e pegou ambas. Depois foi dá-las de presente ao rei, como fizera com o coelho.

Na sequencia escreve, *“_ Muito ou brigado.*

E o gato de botas disse:

_ Dinada autesa”, o que se constitui em um ACRÉSCIMO, pois nada disso consta no conto.

Dando continuidade lemos, *“Entam um dia marques de carabas foi tomar banho no rio e o gato disse:*

_ Marques de carabas fassa o que eu disser primeiro eu vou escomder as suas roupas e você ficara anadando e deiche o resto comigo”, escreveu margeando o enredo, porém observa-se que escreve de sua maneira criando uma nova

situações para esta passagem do conto, portanto ACRESCENTA sua visão do conto e não o que de fato ouviu.

No conto lemos,

“Um dia, sabendo que o rei ia passear à beira do rio com sua filha, a mais linda princesa do mundo, disse ao seu dono: “Se o senhor seguir o meu conselho, sua fortuna estará feita: é só ir nadar no rio, no lugar que vou lhe mostrar, e deixar o resto comigo”.

O marquês de Carabás, sem saber direito para quê faz o que seu gato lhe aconselhou.”

Logo em seguida ela escreve, “*Entam o Gato gritou:*

_ Socorro socorro au gem miajude poque marques esta se afogando purfavor.

O gato de botas sabia que o rei estava pasiando porali e feis isso e o rei vio e mandou os gardas ajudar ele e...”, substitui com suas palavras o texto do conto.

Onde lemos primeiramente,

“Um dia, sabendo que o rei ia passear à beira do rio com sua filha, a mais linda princesa do mundo...”

Em seguida lemos,

“o rei passou na sua carruagem, e o gato pôs-se a gritar a plenos pulmões: “Socorro! Socorro! O Marquês de Carabás está se afogando!”

Ouvindo o grito, o rei pôs a cabeça na portinhola do carro e, reconhecendo o gato que tantas vezes lhe levava caça, mandou seus guardas irem correndo socorrer o senhor marquês de Carabás.”

Dando sequencia a criança escreve, “[...] o gato disse:

_ O marques de carabaas esta sem ropas os ladrans pegaram.

Entam o rei mandou ir pegar a roupa mais bonita para marque de carabas”, escreve apenas substituindo. No conto lemos,

“Enquanto tiravam o coitado do marquês do rio, o gato, aproximando-se da carruagem, disse ao rei que, enquanto seu amo nadava, uns ladrões tinham levado sua roupa, apesar de ele ter berrado “pega ladrão!” o mais alto que pôde. (O espertalhão tinha escondido as roupas do dono debaixo de uma pedral!) O rei mandou imediatamente os encarregados do seu guarda-roupa irem buscar um dos seus mais bonitos trajes para o senhor marques de Carabás.”

Na sequencia ela escreve, “*Entam pidiram para emtrar e ir pasiar e o gato ia na frente e disse pros trabalhadores:*

_ Sevocéis não disserem que esa plantaçam não é do marques eu vou fazer picadinho de vocês fala agora o rei chegou”, substitui por suas palavras parte do conto, onde lemos,

“rei quis que o marquês fosse passear com eles na carruagem real. O gato, todo satisfeito de ver que seu plano começava a dar certo, passou na frente e, encontrando uns camponeses que ceifavam o trigo, disse a eles: “Boa gente que trabalha na ceifa, se vocês não disserem ao rei que o campo que estão ceifando pertence ao senhor marquês de Carabás, serão moídos mais fino do que carne para Patê!”

Porém ao final, vemos sutilmente um ACRÉSCIMO, ao escrever, “[...] *fala agora o rei chegou*”

Em seguida ela escreve, “*E o rei perguntou:*

_ *Diquem é isso daqui?*

_ *E do senhor marques de carabas*”, escreve de maneira a substituir, no conto lemos,

“O rei não deixou de perguntar aos ceifadores de quem era o campo que eles ceifavam.

É do senhor marquês de Carabás”, disseram em coro, porque a ameaça do gato os amedrontara.”

Escreve de maneira a reproduzir o conto ouvido, portanto apenas substitui.

Logo em seguida ela escreve, “*E o rei pensou que ele era bem rico...*”, isto é um ACRÉSCIMO, pois não consta e nem se deixa interpretar no conto lido.

Continua a escrever em substituição, a criança escreveu, “[...] *e chegou em outra plantação e o gato disse:*

_ *Se vocês não disserem o que eu vou falar eu vou fazer vocês picadinhos*”, no conto lemos,

“Mestre Gato, que ia sempre na frente, encontrou uns colheiteiros e lhes disse: “Boa gente que trabalha na colheita, se vocês não disserem que todo esse trigo pertence ao senhor marques de Carabás, serão moídos mais fino do que carne de patê!”

Na sequencia lemos, “*Entam o rei perguntou:*

_ *Diquem é isso?*

_ *É do senhor marques de carabas.*

E o gato foi na frente e entrou no castelo do ogro e o gato disse:

_ *Eu sube que você vira leam.*

E o ogro virou um leam e o gato disse:

_ *Você vira tam bem um rato.*

E o ogro virou um rato e o gato comeu o rato...”, enquanto que no conto lemos,

“O Rei, que passou logo em seguida, quis saber a quem pertencia todo aquele trigo que ele via.

“É do senhor marquês de Carabás”, responderam os colheiteiros. E o rei ficou ainda mais contente com o marquês.

O gato, que ia a frente da carruagem, dizia sempre a mesma coisa a todos os que encontrava, e o rei ficou espantado com as grandes posses do senhor marques de Carabás.

Mestre Gato chegou enfim a um lindo castelo, cujo o dono era um ogro, o mais rico que já se viu - porque todas as terras por onde o rei tinha passado pertenciam a este castelo. O gato tomou o cuidado de se informar sobre o ogro e sobre o que ele sabia fazer, e pediu para falar como ele, dizendo que não podia passar tão perto do seu castelo sem ter a honra de lhe apresentar seus propósitos a seus respeitos.

O ogro recebeu-o tão educadamente quanto é possível para um ogro, e convidou-o para descansar.

"Garantiram-me", disse o gato, "que o senhor tinha o dom de se transformar em todo tipo de animais; que, por exemplo, o senhor era capaz de se transformar em leão, em elefante".

"É verdade", respondeu o ogro rudemente, "e, para lhe provar, você vai me ver virar leão.

O gato ficou tão assustado ao ver um leão na sua frente que chispou na hora para o telhado, não sem dificuldade e sem se arriscar, por causa das suas botas, que não eram nada boas para andar nas telhas.

Quando viu que o ogro tinha recuperado sua aparência normal, o gato desceu e confessou que ficara morrendo de medo. "Garantiram-me ainda", disse, "mas nisto e não posso acreditar, que o senhor também tem o poder de tomar a forma de animais pequeninos, por exemplo, de se transformar em rato, em camundongo. Confesso que acho totalmente impossível".

"Impossível?", repetiu o ogro, "Pois você vai ver!" E na mesma hora transformou-se num camundongo, que saiu correndo pelo assoalho.

Assim que o viu, o gato pulou em cima dele e comeu-o.

Escreve de maneira a apenas substituir parte do conto por suas palavras.

Quando a criança escreve, "[...] e *eles chegaram e o rei viu e pensou esse marques de carabas e rico...*", ao escrever que o rei pensou ser rico o marques de Carabás, entendemos como INTEPRETAÇÃO, no conto lemos,

"Encantado com as qualidades do senhor marquês de Carabás, assim como sua filha, que estava perdidamente apaixonada por ele, e vendo os grandes bens que possuía,"

ao escrever a pergunta, "_ *Querem comer augumacoisa venha aqui já esta pré parado ameza*", observamos um ACRÉSCIMO, pois isto não está no conto, o que se lê em relação a isso não conota uma interpretação, vejamos,

"[...] entraram num grande salão, onde encontrara um magnífico lanche que o ogro tinha mandado preparar para os amigos que vinham visitá-lo naquele dia - mas que não tinham ousado entrar, ao saber que o rei lá estava.

Como ultima frase de seu conto a criança escreveu, "*E o marques pediu a mão da princesa em casamento iviveram felizes para sempre*", de uma forma sutil vemos uma pequena modificação em relação ao conto ouvido por ela em sala, pois no conto lemos,

"[...] o rei lhe disse, depois de beber cinco ou seis goles: "So depende do senhor, caro marquês, ser ou não meu genro".

O marquês, fazendo grandes reverências, aceitou a honra que o rei lhe dava e, naquele mesmo dia, casou-se com a princesa. O gato tornou-se grão-senhor e nunca mais correu atrás dos ratos, a não ser para se divertir."

Portanto, entendemos haver um ACRÉSCIMO.

O Patinho Feio, conto ouvido – criança I

Era uma vez uma mamãe pata que estava chocando os ovos e demorou e come sou a chocar e todos fazia qua qua qua e o unico que sobro era o mais grande e chegou uma velha pata que disse:

- Se eu fosse você eu não chocava mais porque não vai da um passeio com seus filhos e filhas e deiche esse delado.

E a mamãe disse:

- Mais nenpensar eu vou chocar esse ovo mais nenque seja meu eu vou chocar esse ovo tabom.

- E a mãe pata chocou e eles e elas foram passear na água e todo mundo disse:

- Ai esse patinho é muito feio.

E ficaram dando picadas no patinhos até q familia chamava ele de feio e a mãe disse:

- Você tem que ir em bora para longe.

Emtam ele foi em bora e viu dois patos feio que deicharam ficar com eles e o patinho feio ficou por 2 dias e um dia os dois passarinho pediu para o patinho feio ir com eles mais ove tiroteiro e os quancos morreram e o patinho feio se escomdeu no mato e um cachorro sentiu o cheiro dele e vio e não comeu ele e o patinho feio a inda ficou debaicho da sua asa e saio correndo passou os dias e o patinho feio viu uma casinha e a porta estava fechada e derrepente caiu e ele emtrou e tinha a dona e o dono da casa era uma galinha e um gato e ele pençaram que ele botava ovos e a galinha falava acin:

- A imda você não colocou um ovo.

E o patinho foi correndo para outro lugar e chegou o inverno e ele esta na água e congelo os pés e ele ficou ali até um omen chega e soutou o patinho e levou ele para casa e o patinho derramou farinha asucar e eles ficaram batendo nele e ele foi para perto de um rio e virou um cisnei e viu um monte de cisnes e ele ficaram brincando e ficaram felizes para sempre.

Análise da história

A criança inicia seu conto assim, *“Era uma vez uma mamãe pata que estava chocando os ovos e demorou e come sou a chocar e todos fazia qua qua qua e o unico que sobro era o mais grande e chegou uma velha pata que disse:*

- Se eu fosse você eu não chocava mais porque não vai da um passeio com seus filhos e filhas e deiche esse delado...”, escreve de forma a reproduzir, substituindo partes do conto, porém num todo verifica-se que ela omiti muitas coisas. No conto, do início até o momento em que ocorre a visita da pata velha, lemos,

“Imaginem um dia lindo no campo. Aixio Era verão. O trigo estava dourado, a aveia, verde. O feno amontoava-se nos prados, onde a cegonha andava com suas compridas patas vermelhas , falando egípcio, que era a língua que sua mãe lhe ensinara. Em torno das plantações e dos prados, havia grandes florestas e, dentro delas , lindos lagos azuis.

Sim, fazia um lindo dia no campo. O sol banhava o velho castelo, rodeado de fossos profundos. Pelas suas muralhas desciam até a água grandes plantas de largas falhas, tão grandes que as crianças podiam se esconder atrás delas.

Foi nesse lugar, tão selvagem quanto a mata mais densa, que uma pata vez seu ninho e agora chocava seus ovos. Mas, como os filhotes demoravam muito para sair, ela já começava a se chatear de estar ali parada sozinha. Raramente recebia visitas, porque os outros patos preferiam nadar e mergulhar nas águas do fosso do castelo a vir bater papo com ela debaixo das folhagens...

As cascas dos ovos finalmente começaram a se quebrar, uma depois da outra, crac, crac, e os patinhos botavam a cabecinha de fora.

“Quem, quem!”, dizia a pata, e os patinhos granavam o mais que podiam, olhando para todos os lados sob as folhas verdes. Sua mãe os deixava olhar quanto quisessem, porque o verde faz bem à vista.

“Como o mundo é grande!”, exclamavam os patinhos. De fato, eles tinham muito mais lugar ali do que quando estavam dentro dos ovos.

“Vocês acham que estas moitas são o mundo inteiro?”, riu a mãe. “Ele se estende muito além do jardim, até o pasto das ovelhas! Mas lá eu nunca fui... Bem, vamos ver, estão todos aqui? Ah, não, ainda falta um! O ovo grande continua intacto. Quanto tempo ainda vai demorar? Já estou ficando cheia.” E voltou a chocar o ovo.

“Olá, como vão as coisas?”, perguntou-lhe uma pata velha que de vez em quando vinha visitá-la.

“Ainda está faltando este ovão”, respondeu a pata. “Não abre de jeito nenhum! Mas olhe os outros. São os patinhos mais lindos que já vi! São a cara do pai, esse ingrato que nem veio me visitar!”

“Deixe-me ver esse ovo que não quer se abrir”, pediu a pata velha. “Aposto que é ovo de perua! Eu também fui enganada uma vez e foi um problemão, porque os peruzinhos tinham medo da água! Não havia meio de convendê-los a pular no fosso. Deixe ver esse ovo. É ovo de perua, sim! Deixe-o para lá e vá ensinar seus filhos a nadar!”

Na sequencia lemos, *“E a mamãe disse:*

- Mais nenpensar eu vou chocar esse ovo mais nenque seja meu eu vou chocar esse ovo tabom.

- E a mãe pata chocou...”, que apenas substitui do conto,

"Nada disso, vou chocá-lo mais um pouco", disse mãe pata. "Faz tanto tempo que estou chocando, que posso continuar enquanto for preciso!"

Dando sequencia ela escreve, "[...] e eles e elas foram passear na água e todo mundo disse:

- Ai esse patinho é muito feio.

E ficaram dando picadas no patinhos até q família chamava ele de feio e a mãe disse:

- *Você tem que ir em bora para longe*", escreve margeando o enredo do conto, mas, escreve com suas palavras, do seu jeito escreve sua história, parece sintetizar o conto ouvido, por fim observamos que nada acrescenta, apenas substitui, escrevendo trechos que possivelmente marcaram para ela.

Na sequencia lemos, "*Emtam ele foi em bora e viu dois patos feio que deicharam ficar com eles e o patinho feio ficou por 2 dias e um dia os dois passarinho pediu para o patinho feio ir com eles mais ove tireiro e os quancos morreram...*", de forma bastante simplificada apenas substitui partes do conto que ouviu. No conto lemos,

"Um dia, ele levantou vô por cima da cerca viva, assuntando os passarinhos, que fugiram assustados. "Fugiram de mim porque sou feio", pensou, fechando os olhos. Então chegou ao grande lago, onde moravam os patos selvagens. Passou ali a noite inteira cansado e triste.

De manhã, os patos selvagens descobriram seu novo companheiro. "Que ave você é, estranho assim?", perguntaram, e o patinho cinzento virou-se para todos, cumprimentando-os com maior educação.

"Você é feio mesmo!", disseram os patos selvagens. "Mas, para nós, tudo bem, desde que não se case com ninguém da nossa família!" Coitadinho! Nem lhe passava pela cabeça casar, ele só queria licença para dormir entre os caniços e beber um pouco da água do lago.

Ficou ali dois dias inteiros. Depois chegaram os gansos selvagens, melhor dizendo, dois gansos machos selvagens. Não fazia muito tempo que tinham saído do ovo e eram muito insolentes.

"Escute aqui, companheiro", disseram, "você é tão feio que achamos simpático! Quer viajar com a gente? Pertinho daqui há outro lago em que vivem umas gansas selvagens lindas de morrer, moças finas que sabem dizer: "quem, quem!" Você até poderia fazer sucesso, feio do jeito que é..."

Nesse instante, ouviram-se tiros e dois gansos selvagens caíram mortos perto deles."

Na sequencia lemos, "[...] e o patinho feio se escomdeu no mato e um cachorro sentiu o cheiro dele e vio e não comeu ele e o patinho feio a inda ficou debaicho da sua asa...", no início desta parte vemos um pequeno ACRÉSCIMO,

quando escreve que o patinho escondeu-se no mato. No conto não se faz menção a isso. Em seguida escreve de forma a substituir. No conto lemos,

“O coitado do patinho ficou com tanto medo que escondeu a cabeça debaixo da asa. Nesse instante um enorme cachorrão surgiu diante dele, com a língua de fora e os olhos brilhando. Farejou o patinho, arreganhou os dentes pontudos e... seguiu em frente, sem fazer nada!

“Ufa, que sorte!”, suspirou o patinho. “sou tão feio que aquele cachorrão nem quis me morder!”

Ficou um tempão ali, sem se mexer, enquanto as balas assobiavam em volta dele nos caniços e os tiros espocavam sem parar.”

Dando continuidade ela escreve, “[...] e saio correndo passou os dias e o patinho feio viu uma casinha e a porta estava fechada e derrepente caiu e ele entrou e tinha a dona e o dono da casa era uma galinha e um gato e ele pençaram que ele botava ovos e a galinha falava acin:

- A imda você não colocou um ov., apenas reproduzindo de forma a substituir.

No final do conto também escreve de forma à apenas substituir o conto ouvido por palavras suas, sem realizar acréscimos ou interpretações.

“E o patinho foi correndo para outro lugar e chegou o inverno e ele esta na água e congelo os pés e ele ficou ali até um omen chega e soutedo o patinho e levou ele para casa e o patinho derramou farinha asucar e eles ficaram batendo nele e ele foi para perto de um rio e virou um cisnei e viu um monte de cisnes e ele ficaram brincando e ficaram felizes para sempre.”

A Princesa da Ervilha, conto brincado – criança I

Era uma vez um príncipe que estava procurando uma princesa e encontrou 10 princesas feias e foi pro castelo triste e chegou uma hora que alguém bateu na porta e ninguém teve coragem de abrir a porta e o príncipe disse:

- Se ninguém quer abrir a porta eu mesmo vou abrir a porta. E ele abriu e era a princesa e a princesa perguntou

- Como é o seu nome?

Ela disse:

- Meu nome é Tamyres e o seu?

E ele disse:

- Meu nome é Alison. E a rainha disse:

- Você é quem?

E a Tamyres disse:

- Eu sou uma princesa. E a rainha disse:

- Isso que nos vamos ver. E a rainha pros empregadas:

- Coloque uma ervilha no pau da cama e depois coloque 20 cochoes e 20 cochoados. E amanhã e ele estavam esperando ela e ela acordou e eles disse:

- Você dormiu bem?

E a princesa disse:

- Não dormi nem preguei os olhos porque tinha um negosinho no cocho e fiquei toda rocha.

E a rainha disse:

- Ela é princesa porque a princesa tem pele delicada. E o príncipe se casou com a princesa e viveram felizes para sempre fim.

Análise da história

A criança dá início ao seu conto escrevendo, “*Era uma vez um príncipe que estava procurando uma princesa e encontrou 10 princesas feias e foi pro castelo triste...*”, observamos um ACRÉSCIMO ao escrever, “[...] *encontrou 10 princesas feias*”, no conto não se fala em beleza das princesas, nem em quantidade.

Dando sequencia a frase, ela escreve, “[...] e chegou uma hora que alguem bateu na porta e ninguem teve coragem de a brir a porta e o princepe disse:

- Se ninguem qué abrir a porta eu mesmo vou abrir a porta”, faz um novo

ACRÉSCIMO, pois no conto quem abre a porta é o rei.

Ainda na sequencia se lê, “ E ele abriu e era a princesa e a príncipe perguntou

- Como é o seu nome?

Ela disse:

- Meu nome é Tamyres e o ceu?

E ele disse:

- Meu nome é Alison”, novamente de forma muito criativa vemos dois ACRÉSCIMOS, acriança dá nomes ao personagem da princesa e do príncipe ao mesmo tempo em que cria entre eles um dialogo que não há no conto original.

Na sequencia lemos, “E a rainha disse:

- Você é quen?

E a Tamyres disse:

- Eu sou uma princesa. E a rainha disse:

- Iso que nos vamos ver”, novamente ACRESCENTA ao criar agora o diálogo entre a rainha e a princesa.

Em seguida escreve, “E a rainha pros empregas:

- Colóque uma ervilha no pau da cama e de pois colóque 20 cochoes e 20 cochoados.”, apenas escreve de forma a substituir. No conto lemos,

“É o que veremos!”, pensou a velha rainha. Ela mandou preparar o quarto de hospedes para a moça tirando o colchão e pondo no estrado uma minúscula ervilha. Depois mandou empilhar vinte colchões em cima da ervilha e pôr vinte acolchoados de pena de ganso em cima dos colchões.”

Logo depois ela escreve, “E amanheseu e ele estavam esperando ela e ela acordou e eles disse:

- Você dormiu bem?

E a princesa disse:

- Não dormi nem preguei os solhos porque tinha um negosinho no cochom e fique toda rocha”, o que apenas substitui do conto onde lemos,

“Na manhã seguinte, o jovem príncipe e sua mãe perguntaram a ela se tinha dormido bem.

"Dormi mal, muito mal!", respondeu a princesa. "A noite toda quase não preguei os olhos! Não sei o que havia na cama. Devia ser alguma coisa dura, porque acordei com o corpo todo roxo!"

Termina seu conto apenas reproduzindo com suas palavras, ou seja, substituindo. A criança escreveu, "*E a rainha disse:*

- *Ela é princesa porque a princesa tem pele delicada. E o príncipe se casou com a princesa e viveram felizes para sempre fim*", enquanto que no conto lemos,

"Ela tinha sentido a ervilha através de vinte colchões e vinte acolchados! Isso provava que ela era uma princesa de verdade, pois só uma verdadeira princesa podia ter uma pele tão delicada.

Para grande alegria dos seus pais, o príncipe quis imediatamente se casar com ela, porque agora tinha certeza de ter encontrado a esposa que lhe convinha."

A Raposa e os Gansos, conto ouvido – criança I

Um dia uma raposa caiu dentro de um lago e estava cheio de gansos e ele disse:

- Hoje é meu dia de sorte. Dai os gansos disse:

- Porque raposa?

E ela respondeu para os gansos:

- Porque eu vou comer vocês um por um.

E um ganso disse:

- Por favor deixa nos resar. E a raposa disse:

- Sim eu deixo. E eles comesaram a fazer ca ca ca eles fasia muito ca ca ca so pra não morre e a raposa ficou brava e acaba a historia.

Análise da história

A criança inicia seu conto escrevendo, *“Um dia uma raposa caiu dentro de um lago e estava cheio de gansos e ele disse:*

- Hoje é meu dia de sorte. Dai os gansos disse:

- Porque raposa?

E ela respondeu para os gansos:

- Porque eu vou comer vocês um por um”, com suas palavras escreve modificando sutilmente o conto, escreve ao seu jeito com suas palavras, portanto **ACRESCENTANDO**. Porém sem perder de vista o enredo do conto.

Na sequencia escreve, *“E um ganso disse:*

- Por favor deixa nos resar. E a raposa disse:

- Sim eu deixo. E eles comesaram a fazer ca ca ca eles fasia muito ca ca ca so pra não morre e a raposa ficou brava e acaba a historia”, reproduz substituindo, apenas no final realiza um **ACRÉSCIMO**, ao dizer que a raposa ficou brava.

O Rei Barba Horrenda, conto brincado – criança I

Era uma vez um castelo que lá morava uma princesa linda que seu nome também era bonito que é assim Gabriela Golfinho e morava um rei que se chamava Alison e um dia o pai da princesa fez uma festa e chamou um monte de príncipes pra festa e a princesa não quis nenhum e ainda chamou outro rei de barba horrenda e o pai da Princesa disse:

- O primeiro mendigo que aparese vai se o seu noivo. E a pareseu um mendigo e a princesa disse:

- Não pode ser. e o rei escutou tudo e pediu para os guardas para ele entrar e o rei disse:

- Tudo que eu prometo eu cumpro. E a princesa se casou com ele e chegaram em casa e ele disse:

- Vai acender o fogo e vai fazer a comida.

Mas ela não sabia nada e ele teve que ajudar e foram comendo tudo e eles comeram a trabalhar e um dia passou um soldado que estava bêbado que caiu em cima da barraca e ela chegou chorando e contou tudo pra ele e ele disse:

- Cauma eu fui ver se o rei queria alguém pra trabalhar e tem.

E ela sempre levava algumas coisas para comer e um dia o rei barba horrenda deu um susto nela e ela caiu e a sesta também e daí ela tentou fugir porque eles estavam dando risada dela e ela fogio e é assim que termina a história.

Análise da história

Vemos no início do conto, *“Era uma vez um castelo que lá morava uma princesa linda que seu nome também era bonito que é assim Gabriela Golfinho e morava um rei que se chamava Alison e um dia o pai da princesa fez uma festa e chamou um monte de príncipes pra festa...”*, ACRÉSCIMO ao escrever que o nome da princesa também era bonito e novamente ACRESCENTA ao dar nome a princesa, em seguida ACRESCENTA pela terceira vez neste parágrafo, ao dar nome ao rei. Esses fatos que não estão no conto ouvido.

Na sequência escreveu, *“[...] e a princesa não quis nenhum e ainda chamou outro rei de barba horrenda e o pai da Princesa disse:*

- O primeiro mendigo que aparese vai se o seu noivo”, apenas reproduz com suas palavras o conto que ouviu, portanto, substitui. No conto lemos todo o trecho,

“Certa vez, o rei realizou uma grande festa e convidou todos seus pretendentes que se sentaram alinhados de acordo com sua classe: reis, príncipes, duques e condes. Entrou, então a princesa e passou por todos eles, mas ela tinha sempre alguma coisa depreciativa pra dizer de cada um. O primeiro era gordo demais: “Ele é redondo como um barril”, disse ela. O seguinte era alto demais: “Parece um poste!”, disse ela. O seguinte era baixo demais: “Que tampinha!, disse ela. O quarto era pálido demais e ela o chamou de “Cara de parede caiada”. O quinto era vermelho demais, por isso ela o chamou de “Crista de galo”. O sexto não ficava suficientemente ereto, por isso ela disse que ele parecia um ramo verde largado para secar num forno de padaria. E assim a princesa tinha uma ofensa para lançar sobre qualquer um: mas ela riu especialmente de um bondoso rei que ali estava. “Olhem para ele”, disse ela, “sua barba parece um esfregão velho; ele será chamado de Barba Horrenda”. Desta forma, o rei ganhou o apelido de Barba Horrenda.

O velho rei ficou muito aborrecido com o comportamento da filha e o modo como maltratava todos seus convidados e ordenou que, querendo ou não, ela se casaria com o primeiro mendigo que batesse à porta.”

Em seguida escreve, “*E a pareseu um mendigo e a princesa disse:*

- *Não pode ser. e o rei escutou tudo e pediu para os guardas para ele entrar e o rei disse:*

- *Tudo que eu prometo eu cumpro. E a princesa se casou com ele...*”, escreve de forma a substituir, no entanto ao escrever, “[...] a princesa disse: - *Não pode ser*”, faz um **ACRÉSCIMO**. No conto lemos,

“Dois dias depois, apareceu por ali um músico ambulante que começou a cantar debaixo da janela, pedindo donativos. Quando o rei ouviu falar dele, disse, “tragam-no”. fizeram, entrar, então um rapaz andrajoso que, depois de ter cantado diante do rei e da princesa, pediu um donativo. Mas o rei disse, “Cantasse tão bem que te darei minha filha como esposa”. A princesa rogou e implorou, mas o rei disse, “Jurei entregar-te ao primeiro mendigo e cumprirei minha palavra. Palavras e lágrimas de nada valerão”. O pároco foi chamado e ela foi casada com o musico.”

Na sequencia lemos, “[...] e chegaram em casa e ele disse:

- *Vai asender o fogo e vai fazer a comida.*

Mas ela não sabia nada e ele teve que ajudar e foram comendo tudo e eles comesaram a trabalhar...”, vemos a princípio uma **INTERPRETAÇÃO** seguida de substituição.No conto lemos,

“Finalmente eles chegaram a um casebre. “Que lugar sórdido!”disse ela. “A quem pertence este buraco sujo?” O músico respondeu, “Esta é a sua e a minha casa, onde nós iremos viver”. “Onde estão os empregados ?”, gritou ela. “Para que empregados?”, disse ele. “Você terá que fazer o que tiver que ser feito. Agora acenda o fogo, coloque a água sobre ele e cozinhe minha ceia que estou muito cansado.”

Mas a princesa não entendia nada de acender fogo e cozinhar, e o mendigo foi obrigado a ajudá-la. Depois de terem comido uma refeição bem frugal, foram para a cama; mas o musico a chamou muito cedo pela manhã para limpar a casa.”

Na sequencia lemos, “[...] e um dia pasou um soldado que estava bêbado que caiu em cima da barraca e ela chegou chorando e contou tudo pra ele...” apenas substitui. No conto lemos,

“mas um soldado bêbado apareceu pouco depois e jogou o cavalo contra sua tenda quebrando todos os produtos em milhares de pedaços. Ela pôs-se a chorar sem saber o que fazer. “Ah! O que será de mim!, dizia. “O que dirá meu marido?” ela correu, então, para casa e contou-lhe tudo.”

Dando continuidade escreve, “[...] e ele disse:

- *Cauma eu fui ver se o rei queria alguém pra trabalhar e tem.*

E ela sempre levava algumas coisas para comer...”, substitui de forma simples um trecho do conto, onde se lê,

“[...] por isso fui até o palácio do rei e perguntei se não estão precisando de uma ajudante de cozinha, e eles prometeram aceitá-la; e ali você terá comida abundante.”

Assim, a princesa se tornou ajudante de cozinha auxiliando a cozinheira no trabalho mais sujo: permitiam-lhe que levasse para casa algumas sobras de comida, e com isto viveram ela e o marido.”

Ainda dando sequencia, escreve, “[...] e um dia o rei barba horrenda deu um susto nela e ela caio e a sesta tambem e daí ela tentou fugi porque eles istavam dando risada dela e ela fogio e é assim que termina a história” reproduz substituindo, mas não descreve o fim do conto termina por qualquer motivo de maneira antecipada. No conto lemos,

“Os criados deram-lhe então alguns alimentos saborosos que ela colocou em seu cesto para levar para casa. De repente quando estava saindo, deu com o filho do rei entrando com suas vestes douradas e este, ao ver uma linda mulher à porta, pegou-a pela mão e disse que ela seria seu par na dança. Mas a moça estremeceu de medo, pois percebeu que aquele era o rei Barba Horrenda que estava zombando dela. Entretanto, ele a segurou com firmeza e a conduziu para dentro; mas a tampa do cesto abriu, espalhando todas as guloseimas pelo chão. Então todos riram e zombaram dela. A moça ficou tão envergonhada que gostaria de estar enterrada a mil metros de profundidade. Ela atirou-se em direção à porta para fugir, mas quando ia chegando nos degraus, o rei Barba Horrenda a alcançou e a trouxe de volta, dizendo, “Não tenhas medo! Sou o músico que viveu contigo no casebre: levei-a para lá porque te amava. Sou também o soldado que derrubou tua tenda. Fiz isto apenas para curar-te do orgulho e punir-te por me haver maltratado. Agora tudo terminou; aprendeste a sabedoria, teus erros se foram e chegou a hora de celebrar nossas bodas!”

Entraram então, os camareiros trazendo-lhe os mais belos vestidos. Seu pai com toda a corte já estavam ali e a felicitaram por seu casamento. A satisfação brilhava em todas as faces. A festa foi magnífica e todos estavam alegres. Gostaria que você e eu estivéssemos ali.”

O Ganso Dourado, conto ouvido – criança I

Era uma vez um pai de 3 filhos que cortava lenha e o nome do filho novinho era Pateta e um dia o seu pai foi cortar lenha mais antes de ir a mãe deu um pastel de carne e um vinho e ele foi e chegando lá um homem que pedia um pedacso de pastel e carne e um pouco de vinho e o pai disse:

_ Eu não reparto eu como.

E aquele homem foi em borá e quando o pai dos filhos foi cortar lenha ele se cortou e foi obrigado a ir em borá e ele pediu para o filho mais velho para ir no lugar dele e a mãe deu um pastel de carne e um pouco de vinho e seguiu em frente e chegando lá um homem pediu um pedaso e um gole de vinho e o menino disse:

_ Eu não reparto eu como.

E ele comeu e foi cortar lenha e cortou a perna e foi obrigado a ir para casa e mandou o outro também mais ele se machucou e foi para casa e o pateta pediu emprou e o pai deu e a mãe deu um pedaso de pão seco e cerveja amarga e chegando lá um homem pediu um pedasinho de pastel de carne e um pouco de vinho e o pateta disse:

_ Eu não tenho pastel só um pão seco e cerveja amarga. E quando ele foi pegar virou um pastel e a cerveja virou um vinho e eles comeram e o homem disse:

_ Corte essa árvore velha e nas raízes você vai encontrar uma coisa bonita.

E ele cortou e encontrou um ganso dourado 3 meninas que riam uma pena e ficaram grudadas e outro homem ficou grudado e o amigo dele ficou grudado e passaram na frente de um castelo que morava uma princesa que não devia rir e o rei disse:

_ Quem conseguir fazer ela rir vai se casar com ela. E ele conseguiu fazer e casou com a princesa e viveram felizes para sempre.

Análise da história

No início da escrita da criança lemos, *“Era uma vez um pai de 3 filhos que cortava lenha e o nome do filho novinho era Pateta e um dia o seu pai foi cortar lenha mais antes de ir a mãe deu um pastel de carne e um vinho e ele foi e chegando lá um homem que pedia um pedacso de pastel e carne e um pouco de vinho...”*,

escreve o início de forma confusa, não assume uma autoria, apenas reproduz substituindo. No conto lemos,

“Era uma vez um homem que tinha três filhos. O mais novo chamava-se Pateta e em todas as oportunidades era desprezado e maltratado pela família inteira. Aconteceu que o mais velho pôs na cabeça de ir certo dia à floresta cortar lenha; e sua mãe deu-lhe um delicioso pastel de carne e uma garrafa de vinho para se refrescar durante o trabalho. Quando chegou na floresta um velhinho desejou-lhe bom dia e disse, “Dê-me um pedacinho de carne de seu prato e um pouco de vinho de sua garrafa; estou com muita fome e muita sede”.

Em seguida escreve, “[...] e o pai disse:

_ Eu não reparto eu como.

E aquele omem foi em borá e quando o o pai dos filho foi cortar lenha ele se cortou e foi ou brigado a ir em borá e ele pediu para o filho mais velho para ir no lugar dele...”, também substitui, porém, escreve de uma forma muito particular, a sua maneira. No conto lemos,

“Dar-lhe minha carne e meu vinho! Não obrigado; não sobraria o suficiente para mim”; e seguiu em frente. Logo depois ele começou a cortar uma árvore, mas ainda não havia trabalhado muito quando errou o golpe, cortou-se e foi obrigado a voltar para casa e tratar do ferimento.”

Dando sequencia, escreve, “[...] e a mãe deu um pastel de carne e um pouco de vinho e seguiu em frente e chegando lá um omem pediu um pedaso e um gole de vinho e o menino disse:

_ Eu não reparto eu como.

E ele comeu e foi cortar lenha e cortou a perna e foi oubrigado a ir para casa e mando o outro também mais ele se machucou e foi para casa...”, novamente escreve de forma a substituir. No conto lemos,

“Em seguida, o segundo filho foi trabalhar e sua mãe deu-lhe um pastel de carne e uma garrafa de vinho. E o mesmo velhinho o encontrou também e pediu-lhe algo pra comer e beber. Mas ele também se considerava terrivelmente esperto e disse, “Tudo que você receber eu perderei; por isso, caia fora! O homenzinho cuidou que ele tivesse sua recompensa, e o segundo golpe que ele deu na árvore acertou-lhe a perna, de modo que ele também foi forçado a voltar para casa.”

Ainda na sequencia lemos, “[...] e o pateta pediu emporou e o pai deichou e a mãe deu um pedaso de pam seco e serveja amarga e chegando lá um omem pediu um pedasinho de pastel de carne e um pouco de vinho e o pateta disse:

_ *Eu não tenho pastel só um pão seco e cerveja amarga*", no início vemos uma INTERPRETAÇÃO ao escrever, "pateta pediu emporou", no mais apenas substituiu. No conto lemos,

"Então Pateta disse, "Pai, eu gostaria de ir cortar lenha também". Mas o pai respondeu, "Seus dois irmãos se feriram; é melhor você ficar em casa pois não entende nada desse assunto". Pateta insistiu tanto ate que seu pai falou, "Pois vá; você ficará mais sábio quando tiver sofrido com sua loucura". E sua mãe deu-lhe apenas um pedaço de pão seco e uma garrafa de cerveja amarga, mas quando ele chegou à floresta, encontrou o velhinho que lhe disse, "Dê-me um pouco de carne e de bebida pois estou com fome e muita sede". Pateta disse "Só tenho pão seco e cerveja amarga; se isto lhe convier, nos sentaremos e comeremos juntos".

Em seguida ela escreve, "*E quando ele foi pegar virou um pasteu e a serveja virou um vinho e eles comeram e o omem disse:*

_ *Corte esa arvore velha e nas raises você vai encontrar uma coisa bonita.*

E ele cortou e em controu um ganso dourado...", substituição é o que analisamos, pois no conto encontramos,

"Então os dois se sentaram e, quando o rapaz tirou seu pão, vejam! Ele havia se transformado num excelente pastel e sua cerveja amarga, num delicioso vinho. Eles comeram e beberam animadamente e quando terminaram, o homenzinho disse, "Como você tem um coração bondoso e aceitou dividir tudo comigo, vou lhe conceder uma graça. Ali está uma velha árvore; corte-a e encontrará algo em sua raiz". E tendo assim falado, ele se despediu e foi embora.

Pateta pôs-se a trabalhar e cortou a árvore; e quando ela caiu, descobriu num vazio embaixo das raízes um ganso com penas de ouro puro."

Dando continuidade ela escreve, "[...] *3 meninas que ria uma pena e ficaram grudadas e outro omem ficou grudado e o amigo dele ficou grudado e pasaram na frente de um castelo que morava uma princesa que não deva risada e o rei disse:*

_ *Quem conseguir fazer ela da risada vai se casar com ela. E ele conseguiu faser e secasou com aprincesa e viveram felises para sempre*", de maneira simplificada apenas substituiu.

APENDICE 10 – tabelas

Tabela 8 – Acréscimos por criança nos contos com Oficinas

	A bela Adormecida	Branca de Neve	Gato de Botas	A princesa da Ervilha	O Rei Barba Horrenda	Total de acréscimos por aluno
Criança A	1	5	4	0	5	15
Criança B	1	-	-	4	-	5
Criança C	6	5	Outro enredo	Outro enredo	Outro enredo	11
Criança D	1	3	-	1	0	5
Criança E	4	4	0	-	-	8
Criança F	0	5	5	1	Outro enredo	11
Criança G	3	4	4	6	4	21
Criança H	3	3	Outro enredo	0	-	6
Criança I	3	5	9	4	4	25
Total de acréscimos por conto	22	34	22	16	13	107
Media de acréscimos por alunos	2.44	4.25	4.40	2.66	3.25	
Modificação do enredo			2	1	2	5
Contos não redigidos		1	2	1	3	7

Tabela 9 – Acréscimos por criança nos contos sem Oficinas

	Peter Pan	João e Maria	Patinho Feio	A Raposa e os Gansos	O Ganso Dourado	Total de acréscimos por criança
Criança A	0	2	4	2	2	10
Criança B	1	2	1	3	-	7
Criança C	5	5	Outro enredo	3	Outro enredo	13
Criança D	0	0	2	1	-	3
Criança E	0	4	1	-	-	5
Criança F	1	0	5	1	3	10
Criança G	2	2	3	1	-	8
Criança H	3	2	Outro enredo	-	-	5
Criança I	0	4	1	2	2	9
Total de acréscimos por conto	12	21	17	13	7	70
Media por crianças	1.33	2.33	2.42	1.85	2.33	
Modificação do enredo			2		1	3
Contos não redigidos				2	5	7

Tabela 10 – Interpretações por criança nos contos com Oficinas

	A Bela Adormecida	Branca de Neve	Gato de Botas	A princesa da Ervilha	O Rei Barba Horrenda	Total de interpretações por crianças
Criança A	4	6	7	0	4	21
Criança B	4	-	-	1	-	5
Criança C	9	1	Outro enredo	Outro enredo	Outro enredo	10
Criança D	2	3	-	1	1	7
Criança E	0	1	4	-	-	5
Criança F	3	0	0	0	Outro enredo	3
Criança G	4	1	0	2	0	7
Criança H	4	3	Outro enredo	1	-	8
Criança I	1	2	3	0	1	7
Total de interp. por conto	31	17	14	5	6	73

Tabela 11 - Interpretações por crianças nos contos sem Oficinas

	Peter pan	João e Maria	Patinho feio	A raposa e os gansos	O Ganso dourado	Total de interpretações por crianças
Criança A	0	2	1	0	4	7
Criança B	1	2	1	0	-	4
Criança C	2	1	Outro enredo	0	Outro enredo	3
Criança D	2	1	3	2	-	8
Criança E	0	2	0	-	-	2
Criança F	0	1	0	0	0	1
Criança G	1	6	3	1	-	11
Criança H	3	2	Outro enredo	-	-	5
Criança I	2	1	0	0	1	4
Total de interp. por conto	11	18	8	3	5	45

APENDICE 11 - Diário de Campo dos contos brincados

A Bela Adormecida

São oito horas e vinte minutos da manhã. A professora acabou dá início ao conto da Bela Adormecida, para isso ela posta-se a frente, entre os alunos e o quadro negro.

Ela a professora, caminhava de um lado a outro da sala. Realiza a leitura do conto em um único tom de voz, de vez em quando dá uma pausa para mostrar aos alunos as gravuras que ilustrava o livro que lê.

A sala de aula está organizada com as carteiras dispostas em fileiras. Os alunos sentados em suas cadeiras parecem prisioneiros da magia do conto, mesmo sendo uma leitura longa. Assim que encerrada a leitura, vejo alguns suspirarem enquanto outros parecem estar em pensamento em algum lugar diferente do corpo. Talvez no mundo da imaginação.

Após algum tempo nos deslocamos com os alunos até a área aberta no piso térreo, espaço já destinado a diversas práticas pedagógicas. No local os materiais pedagógicos das Oficinas do Jogo estão organizados para a aula. São caixas de papelão de vários tamanhos e formas, bastões de tamanhos diferentes, cordas, tampas e garrafas petts, bolas com pesos e tamanhos diferenciados, todo esse material nas cores verde, amarelo, vermelho e azul. É o primeiro contato dos alunos com o material das Oficinas. No momento em que o material é avistado, há naturalmente uma exclamação em couro, resultado do espanto delas em ver tanta coisa bonita disponível para brincar.

Após os alunos, satisfazerem suas curiosidades manipulando o material, solicitamos que sentem em circulo, em seguida instruímos que o material está disponível para que brinquem de construir contos. Optamos em pedir que formem pequenos grupos de três ou quatro integrantes e conversem sobre o que gostariam de construir.

Nada demorou e os grupos estão formados. Alguns tentam pular a parte da discussão e ir direto a construção, neste momento intervimos, comunicamos que é necessário primeiro a conversa no grupo, para depois iniciar as construções. Sem muitas delongas, as crianças em seus respectivos grupos sentam em pequenos círculos e estão conversando.

Logo alguém questiona: "*Professor podemos começar?*"

- Se já discutiram o necessário para trabalhar em grupo, podem iniciar com os materiais. Respondeu o professor. Neste momento e sem mais demora os grupos dão início ao resgate de material para suas construções. Isto mais parece uma bagunça generalizada, são crianças correndo, conversas em tom de voz alto, todos querem angariar o maior número de material possível para seu grupo.

As caixas são as que mais despertam a atenção. Acredito que elas impressionam pela diversidade de tamanhos, todos querem pegá-las nas mãos, tatear para descobrir do que são feitas e se são pesadas. Algumas crianças admiram-se com as caixas grandes e leves. Com o tempo o restante do material também foi procurado para as construções.

Após alguns minutos de brincadeira observamos que as construções giram entorno do castelo e na composição da mata ao seu redor. Detalhes são acrescentados com maior requinte, entre várias representações nota-se a Bela Adormecida (tampas amarelas); o rei, representado com tampas de cor azul; a rainha, representada com tampas de cor vermelha; garrafas de cor verde são os guardas pelo jardim; um conjunto de tampinhas representam o jardim, o príncipe que ali adentrava após 100 anos de sono profundo para despertar sua amada, esta representado em tampas de cor azul.

Após uns 20 minutos de atividade comunicamos aos grupos que devem encerrar suas construções e, que para isso eles têm apenas mais 5 minutos. Neste momento há uma certa euforia, uma correria em busca de certos materiais que podem acrescentar um detalhe na construção, uma tampinha de certa cor e tamanho para compor a rosa no jardim, uma garrafa vermelha será guarda, uma corda verde para ser a mata em torno do castelo. Todos querem caracterizar suas construções. Após os 5 minutos anunciados, alguns grupos ainda dão o retoque final, neste instante anunciamos restar apenas mais dois minutos para o fim, alguns alunos quase entram em desespero, pois trabalham freneticamente e não se cansam em embelezar suas construções. Se permitido certamente passariam horas e mais horas construindo.

Ao final do tempo anunciado, nos afastamos de onde estão as construções e solicitamos que todos vêm ao nosso encontro. Esta medida é tomada apenas com a intenção de preservar as construções de possíveis incidentes, procuramos evitar que alguém distraidamente derrube alguma construção. Sugerimos aos grupos passar visita nas construções e que as crianças expliquem o que construíram.

Em uma das representações, as crianças que construíram passam a frente e aguardam que alguém pergunte algo. Ensaiei uma pergunta, mas, logo um aluno questionou. “*O que são essas cordas?*” As crianças que construíram entreolharam-se e uma delas respondeu, “*É a estrada do castelo*”, uma outra criança apontou com o dedo e perguntou, “*e aqui*”, o que víamos era uma tampa de tamanho maior, bem mais alta que as de garrafas petts, outra criança respondeu, “*É o príncipe entrando no castelo*”, etc.

Seguimos para uma outra representação, pedi aos alunos que não perguntem antes do grupo apresentar as construções. São quatro crianças, uma delas inicia, “*este é o castelo da Bela adormecida, aqui na frente é o jardim e esses são os guardas*” (a criança aponta garrafas verdes). Vemos em no castelo, em cima de uma das caixas, algumas tampas

organizadas. Outra criança explica que ali é o quarto onde está a Bela Adormecida, diz também que ela está deitada na cama.

Todos os grupos fazem o relato de suas construções, cada um com detalhes específicos. O interessante é que ao olhar parece-nos algo, porém nem sempre se confirma, pois ali está representada a subjetividade das crianças.

Ao fim das explicações dos grupos, já se aproxima a hora do recreio.

Após o intervalo os alunos retornaram para a sala de aula, já novamente sentados em seus lugares a professora distribui as folhas para que todos possam escrever suas histórias.

Todos já com folhas e lápis a Mão aos poucos vão mergulhando em suas escritas, que detém a atenção da maioria dos alunos, certamente há uma minoria que não conseguem concentrarem-se na tarefa de escrever. Papel a frente, lápis na mão, mas no corpo ainda há um bicho comichão que não permite um segundo sequer de concentração. Já em outro extremo, há alunos que parecem não estar mais presente, suas expressões delatam estarem viajando pelo mundo das imaginações, de repente como em um lampejar de pensamentos, debruçam sobre a folha de papel e colocam-se a escrever suas histórias. Outros nem levantam a cabeça, o olhar fixo na folha, é como se a própria imaginação estivesse na ponta do lápis. De todos, alguns questionam a professora sobre como escrever tal palavra corretamente, ou sobre o nome da Bela Adormecida. As perguntas não cessam, as crianças estão preocupadas em escrever corretamente. Observamos que na escrita eles gastam tanto tempo como nas construções, porém agora em silêncio.

Diário de Campo - Branca de Neve

Os alunos não menos motivados que nos contos anteriores estão todos sentados em círculo no chão. Logo puseram-se a ouvir a professora, que sentava-se em uma cadeira de tamanho infantil. Logo que inicia a leitura as atenções vão compenetrando-se cada vez mais como se quisessem embrenhar conto adentro. Vejo que as crianças parecem mais atentas a cada semana.

Branca de Neve esta sendo um conto muito longo e com muitos detalhes, comparando-se aos demais já lidos. Assim que acabou a leitura seguimos para a prática.

Para iniciar as construções, optamos por não pedir a formação de grupos, sugerimos que todos trabalhem em um único grupo realizando uma construção em cooperação. Após alguns minutos, damos por conta que esta não tinha sido uma boa opção. Além de uma série de conflitos entre boa parte dos alunos, ha outros que brincam isoladamente sem envolvimento com as construções, enquanto mais alguns poucos nada realizam, apenas se

omitem das atividades. Neste momento entendemos que as construções no grande grupo não estão contemplando o objetivo da aula, vivenciar motoramente o conto ouvido.

Solicitamos que parassem e viessem ao nosso encontro. Quando todos estão juntos de nós e atentos, falamos ao grupo:

- Pessoal vamos parar um pouco e formar grupos, como nas outras aulas. Assim não ta legal.

- Eu mesmo vou organizar as equipes. Disse o professor/pesquisador.

Com os grupos organizados com quatro integrantes, os trabalhos reiniciam. Não demora muito para as crianças trabalharem intensamente em suas construções. O falatório é grande, mas no contexto de cada grupo, os conflitos ocorrem apenas no sentido de discussão dos fatos do conto. Mesmo assim ainda é possível visualizar uma grande desordem, crianças correndo, materiais espalhados, conversas em tom de voz alto. Estas atividades seriam inconcebíveis em uma aula tradicional. Com o tempo a desordem inicial está tomando corpo e sentido na construção de cada grupo. Começa a transparecer uma riqueza singular com as construções acabadas e com o relato dos grupos.

Cordas transformam-se em estradas, tampas em pessoas, em espelhos, em flores, bolas em árvores, caixas em castelos. Tudo a mercê da imaginação de cada construtor, ou seja, das crianças.

Ao retornar a sala de aula, ritual não é muito diferente das outras escritas, cada criança sentada em sua carteira, com lápis e borracha. A professora distribui as folhas e logo as crianças começam a escrever. Alguns escrevem com mais facilidade, enquanto outros demoram uma eternidade para escreverem algumas palavras, porém cada um ao seu jeito, escrevem suas histórias.

Diário de Campo - O Gato de Botas

São próximo das 08:00 hrs da manhã de sexta feira. A professora sentada no círculo junto com os alunos. Assim que inicia o conto todos estão atentos e ansiosos para brincarem com os materiais das Oficinas do Jogo.

Enquanto a professora lê o conto, outro grupo de alunos desloca-se pela escola, passa próximo a sala onde estamos, fazem uma grande algazarra. A turma do terceiro ano, tomada pelo conto pouco se distrai, o que interesse a eles neste momento é o conto que ouvem. Ao término do conto todos estão muito agitados, não vêem a hora de iniciar as brincadeiras.

Deslocamos-nos da sala de aula no piso superior para a área aberta no piso térreo, onde os materiais já estão desde cedo organizados para as atividades. Ao chegarmos para

a atividade das Oficinas do Jogo, vejo que as crianças começam por conta a organizarem os grupos. Neste momento apenas observamos, alguns já sentam para conversarem sobre o que construirão. Apenas digo ao grupo que sejam rápidos para não perdemos tempo. Com o tempo parece que as crianças incorporam um certo ritual já comum nas aulas.

Após cada grupo pegarem os materiais necessários para as construções, começaram logo a organizar, a dar sentido as suas histórias. Tampas formam estradas, caixas viram castelos, estes são decorados com cordas e garrafas são torres. Tudo muito colorido.

As crianças estão atentas, cada uma em sua construção, em sua tarefa dentro do grupo. Enquanto alguns constroem outros fazem a captação de material. Várias tampinhas constituem um estrada, em volta as garrafas são árvores. Um grupo cerca o castelo do ogro com tampas e cordas dizem ser um fosso que protege o castelo. Tudo é organizado detalhadamente pelas crianças.

Os grupos, sem exceção constroem castelos, porém todos os castelos são diferentes, cada um com seu detalhe, com algo que ali foi acrescentado cuidadosamente. Dois grupos apoiaram bastões nas paredes do castelo, pergunto a uma ds crianças, “*O que são essas madeiras?*”, a criança responde, “*É uma ponte elevadissa*” Para o outro grupo que também colocou os bastões, fiz a mesma pergunta, agora outra criança responde, “*É uma escada que leva pro outro andar*”.

Dois outros grupos juntam-se e interligam seus castelos com uma estrada de tampinhas. Quando questionados, falam, “*professor este aqui é o castelo do Rei, e este é do Ogro*”.

Após algum tempo solicitamos que encerrem suas construções, está instalada a correria de sempre para dar término as construções.

Após encerrada e as devidas explanações a respeito das construções, as crianças auxiliam na organização do material. É hora do recreio.

Após o intervalo, todos na sala, será dado início a redação o ritual é o de sempre, alunos sentados uns inquietos, outros apenas aguardam. A professora distribui as folhas e logo instala-se um silencio. Todos estão de cabeça baixa redigindo suas histórias.

Diário de campo - A Princesa da Ervilha

Nesta data temos um contra tempo, pois o espaço em qual sempre realizamos nossas aulas práticas, está sendo ocupado por outro professor. Fizemos então as práticas das Oficinas do Jogo na sala de aula. Colocamos todo o material próximo ao quadro e a frente da turma, todos os alunos auxiliaram no transporte do material. Após tudo organizado

a professora dá início ao conto. As carteiras foram afastadas para os lados e as crianças ouvem o conto sentadas no chão da sala de aula.

Com o término do conto e após organizados, as crianças iniciam suas construções freneticamente, todos estão muito envolvidos nos trabalhos de seus respectivos grupos. Elas estão organizadas dividindo-se entre, os que criam os cenários e os que buscam material. O diálogo é um constante na elaboração dos cenários.

Um dos grupos constrói um castelo, em cima colocam algumas tampas enfileiradas e outras tantas em cima dessas, pergunto, “*o que é isto?*”, uma das meninas me responde, “*São os colchões em cima da ervilha*”. Vejo ao lado, sobre outra caixa que também constitui o castelo, algumas tampas dispostas de posição triangular. As crianças me dizem ser o rei, a rainha e o príncipe, eles estão na sala, esperando a moça acordar para saberem se realmente ela é princesa.

Em outro grupo que também construiu castelo, em volta das caixas que representam o castelo, há algumas garrafas, todas na cor azul, quando questiono, duas crianças me respondem, “*É guardas professor*”. Neste mesmo grupo, há outras duas garrafas bem próximas a uma das caixas que forma o castelo, dialogando com as crianças, sem titubear falo que são guardas. Um dos meninos, muito espantado, responde rapidamente, “*Não, é a porta de entrada.*”

Em outro grupo a uma área demarcada com cordas, formando um círculo de tamanho bem razoável, dentro a algumas caixas espalhadas, são três em uma das caixas, sobre ela, enfileiradas de 3 em 3 há doze tampas de cor azul, em cima delas, bem no centro, estão mais três de cor vermelha. As crianças me explicam que é a princesa dormindo. Na outra caixa a várias tampinhas organizadas em conjuntos, uma criança me explica que é uma sala, com sofá e televisão. Pergunto então sobre a outra caixa que nada tem em cima, a criança responde, “*É o quarto do rei e da rainha e eles estão lá dentro dormindo*”. Quanto pergunto o que são as cordas em volta das caixas, outra criança me responde ser o castelo, e neste castelo dava para elas (as crianças) entrarem.

Observação com o passar das aulas prática parece que as crianças tornam-se cada vez mais criativas. Os materiais ganham várias representações diferentes.

Como de costume após o término da prática os materiais foram guardados com o auxílio de todas as crianças que brincaram. Logo após o recreio todos seguiram para a sala de aula. Quanto as escritas, elas transcorreram como já de costume. Alguns produzindo e outros tentando produzir.

Diário de Campo O Rei Barba Horrenda

A professora com o livro na mão sentada ao chão da sala, junto com os alunos, todos formamos um grande círculo. Os alunos sempre muito atentos ao conto, parecem não desgrudar os olhos da professora. Ao fim do conto, sem muita cerimônia formaram os grupos, os quais nem sempre são compostos pelas mesmas crianças. Como a leitura foi realizada no mesmo local onde será realizada a prática, assim que possível e sem perder tempo, iniciaram o processo de construção.

Cada equipe pega a maior quantidade de material possível. As crianças parecem incansáveis em pegar material, pegam até além do que vão precisar. No entanto, as construções andam a todo vapor. Observo hoje algo muito curioso, em um mesmo grupo, enquanto alguns parecem iniciar uma parte da construção, outros parecem dar acabamento a outra parte. Durante as atividades as conversas são constantes e eles têm total liberdade para o diálogo.

Após algum tempo já brincando, sugiro a eles que vão terminando as construções. Mais algum tempo, peço para que cada grupo realize uma conversa entre os seus integrantes, apenas para falarem sobre o que construíram. Mais algum tempo e pedi para que explicassem para os demais colegas o que tinham construído. Cada grupo a sua vez.

Em um dos grupos há uma construção com poucas caixas de cor azul e verdes, representam um castelo, as torres são com garrafas de cor vermelhas. Na frente há várias tampas de cores diferentes espalhadas dentro de um pequeno círculo feito com uma corda azul. As crianças dizem ser a floresta do Rei Barba Horrenda. Ao lado há outro castelo bem maior, pergunto a eles que castelo é aquele, “*Este é o castelo do Rei, o pai da princesa*”, responde uma das crianças. Entre os castelos vemos algumas tampas, são oito, organizadas duas a duas, elas estão sobrepostas uma a outra. Uma criança de outro grupo pergunta o que é aquelas tampas, as crianças que tinham realizado esta construção respondem, “*é o rei, a princesa, o rei barba horrenda e o mendigo.*”

Em outro o grupo o que chama atenção nas construções é que várias caixas formam um castelo, em uma delas há algumas tampas espalhadas, as crianças explicam que ali é o baile onde a princesa acaba casando com o rei Barba Horrenda.

Ainda em outro grupo, na porta do castelo há dois guardas (garrafas amarelas) e entre eles há uma escada (bastões amarelos), na frente do castelo, próximo dos guardas e da escada, tampas representam as pessoas chegando para o baile, ao lado com cordas as crianças representaram um lago com flores em volta (tampas coloridas).

Na sala de aula no momento da redação as crianças demonstram preocupação com a escrita correta, constantemente levantam de suas carteiras para questionar a professora sobre a forma correta de escrever uma ou outra palavra. Observo de longe algumas

crianças, vejo que ficam algum tempo sem nada fazer, apenas com o lápis na mão, de repente colocam-se a escrever, em seguida param novamente e ficam por mais algum tempo.

ANEXO 1 - A Bela Adormecida, conto ouvido

Era uma vez, há muito tempo, um rei e uma rainha jovens, poderosos e ricos, mas pouco felizes, porque não tinham filhos.

- Se pudéssemos ter um filho! – suspirava o rei.
- E Deus queira que nascesse uma menina! – animava-se a rainha.
- E por que não gêmeos? - acrescentava o rei.

Mas os filhos não chegavam, e o casal real ficava cada vez infeliz. Não se alegravam nem com os bailes da corte, nem com as caçadas, nem com os gracejos dos bufões, e em todo o castelo reinava uma grande melancolia.

Mas, numa tarde ensolarada de verão, a rainha foi banhar-se no riacho que passava no fundo do parque real. E, de repente, pulou pra fora da água uma rãzinha.

- Majestade, não fique tão triste, o seu desejo se realizará logo: daqui a um ano dará a senhora luz a uma menina.

E a profecia da rã se concretizou. Alguns meses depois nasceu uma linda menina. O rei, louco de felicidade, chamou-a Flor Graciosa e, para a festa de batizado, convidou uma multidão de súditos: parentes, amigos, nobres do reino e, como convidadas de honra, todas as fadas que viviam nos confins do reino: treze. Mas, quando os mensageiros iam saindo com os convites, o camareiro-mor correu até o rei, preocupadíssimo.

- Majestade, as fadas são treze, e nos só temos doze pratos de ouro! O que faremos? A fada que tiver de comer no prato de prata, como os outros convidados, poderá se ofender. E uma fada ofendida...

O rei refletiu longamente.

- Não convidaremos a décima terceira fada – disse resoluto. – Talvez nem saiba que nasceu a nossa filha e que daremos uma festa... assim não teremos complicações.

Partiram somente doze mensageiros, com convites para doze fadas, conforme o rei resolvera.

No dia da festa, cada uma delas chegou perto do berço onde dormia Flor Graciosa e ofereceu à recém-nascida um presente maravilhoso.

-Será a mais bela moça do reino – disse a primeira fada, debruçando-se sobre o berço.

- E a de caráter mais justo – acrescentou a segunda.

- Terá riqueza a perder de vista – proclamou a terceira.

- Ninguém terá o coração mais caridoso que o seu – afirmou a quarta.

- A sua inteligência brilhará como o sol – comentou a quinta.

Onze fadas já tinham desfilado em frente ao berço; faltava somente uma (entretida em tirar uma mancha do vestido, no qual um garçom desajeitado tinha virado uma taça de sorvete) quando chegou a décima terceira, aquela que não tinha sido convidada, por falta de pratos de ouro.

Estava com uma expressão muito sombria e ameaçadora, terrivelmente ofendida por ter sido excluída. Lançou um olhar maldoso a Flor Graciosa, que dormia tranqüila, e disse em voz baixíssima:

- Aos quinze anos a princesa vai se ferir com o fuso de uma roca e morrerá.

E foi embora, deixando um silêncio desanimador. Então aproximou-se a décima segunda fada, que devia, ainda, dar o seu presente.

- Não posso cancelar a maldição que agora atingiu a princesa. Tenho poderes só para modificá-la um pouco. Por isso, Flor Graciosa não morrerá; dormirá por cem anos, até a chegada de um príncipe que a acordará com um beijo.

Passados os primeiros momentos de espanto e temor, o rei, considerada a necessidade de tomar as providências, instituiu uma lei severa: todos os instrumentos de fição existentes no reino deveriam ser destruídos. E, daquele dia em diante, ninguém mais fiava, nem linho, nem algodão, nem lã. Ninguém, além de uma velhinha que vivia há muitos anos esquecida em uma torre do castelo.

Flor Graciosa crescia, e os presentes das fadas, apesar da maldição, estavam dando resultados. Era bonita, boa, gentil, caridosa, e os súditos a adoravam.

No dia em que completou quinze anos, o rei e a rainha estavam ausentes, ocupados numa partida de caça. Talvez, quem sabe, em todo esse tempo tivessem até esquecido a profecia da fada malvada.

Flor Graciosa, porém, sozinha, aborrecia-se e começou a andar pelas salas do castelo. Chegando perto de um portãozinho de ferro, que dava acesso à porte de cima de uma velha torre, abriu-o, subiu a longa escada e chegou, enfim, ao quartinho.

Ao lado da janela estava uma velhinha de cabelos brancos, fiando com o fuso uma meada de linho. A garota olhou, maravilhada. Nunca tinha visto um fuso.

- Bom-dia, vovozinha.
- Bom-dia a você, linda garota.
- O que está fazendo? Que instrumento é esse?

Sem levantar os olhos de seu trabalho, a velhinha respondeu com ar bonachão:

- Não está vendo? Estou fiando!

A princesa, fascinada, olhava o fuso que girava rapidamente entre os dedos da velhinha.

- Parece mesmo divertido esse estranho pedaço de madeira que gira assim rápido. Posso experimentá-lo também?

Sem esperar a resposta, pegou o fuso... E, naquele instante, cumpriu-se então o feitiço. Flor Graciosa furou o dedo e sentiu um grande sono. Deu tempo apenas para deitar-se na cama que se achava no aposento, e seus olhos se fecharam.

Na mesma hora, aquele sono estranho difundiu-se por todo o palácio. Adormeceram no trono o rei e a rainha, recém-chegados da partida de caça. Adormeceram os cavalos na estrebaria, as galinha no galinheiro, os cães no pátio e os pássaros no telhado.

Adormeceram o cozinheiro que assava a carne e o servente que lavava as louças; adormeceram os cavaleiros com as espadas na mão e as damas que enrolavam seus cabelos.

Também o fogo que ardia nos braseiros e nas lareiras parou de queimar, parou também o vento que assobiava na floresta. Nada e ninguém se mexia no palácio, mergulhado num profundo silêncio.

Em volta do castelo surgiu rapidamente uma extensa mata. Tão extensa que, após alguns não, o castelo ficou oculto. Nem os muros apareciam, nem a ponte levadiça, nem as torres, nem a bandeira hasteada que pendia na torre mais alta.

Nas aldeias vizinhas, costumava-se passar de pai para filho a história de Flor Graciosa, a bela adormecida que descansava, protegida pelo bosque cerrado. Flor Graciosa, a mais bela, a mais doce das princesas, injustamente castigada por um destino cruel.

Alguns, mais audaciosos, tentaram chegar ao castelo, sem êxito. A grande barreira de mato e espinhos, cerrada e impenetrável, parecia animada por vontade própria: os galhos avançavam para cima dos coitados que tentavam passar, seguravam-nos, arranhavam-nos, até fazê-los sangrar, e fechavam até as mínimas frestas. Aqueles que tinham sorte conseguiam escapar, voltando em condições lastimáveis, machucados e sangrando. Outros, mais teimosos, sacrificavam a própria vida.

Um dia, chegou nas redondezas um jovem príncipe, bonito e corajoso. Soube do bisavô a história da bela adormecida, que desde muitos anos, tantos jovens procuravam em vão alcançar.

- Quero tentar eu também a aventura – disse o príncipe aos habitantes de uma aldeia pouco distante do castelo.

Aconselharam-no a não ir.

- Ninguém nunca conseguiu...

- Outros jovens, fortes e corajosos como você, falharam...

- alguns morreram entre os espinheiros.

- Desista!

- Eu não tenho medo – afirmou o príncipe – Eu quero ver Flor Graciosa.

No dia em que o príncipe decidiu satisfazer a sua vontade completavam-se, justamente, os cem anos da festa do batizado e das predições das fadas. Chegara, finalmente, o dia em que a bela adormecida poderia despertar.

Quando o príncipe se encaminhou para o castelo viu que, no lugar de árvores e galhos cheios de espinhos, estendiam-se aos milhares, bem espessas, enormes carreiras de flores perfumadas. E mais, aquela de flores cheirosas abriu-se frente a ele, como para encorajá-lo a prosseguir, voltando a fechar-se logo atrás da sua passagem.

O príncipe chegou em frente ao castelo. A ponte levadiça estava abaixada e dois guardas dormiam ao lado do portão, apoiados nas armas. No pátio havia um grande numero de cães, alguns deitados no chão, outros encostados nos cantos; os cavalos que ocupavam as estrebarias dormiam em pé.

Nas grandes salas do castelo reinava um silencio tão profundo, que o príncipe ouvia sua própria respiração, um pouco ofegante, ressonante quietude. E, a cada passo do príncipe, levantavam-se nuvens de poeira.

Salões, escadarias, corredores, cozinha... tudo oferecia o mesmo espetáculo: gente que dormia nas mais estranhas posições. E todos vestindo roupas da moda de, exatamente, cem anos antes.

O príncipe perambulou por longo tempo no castelo. Enfim, achou o portãozinho de ferro que levava à torre, subiu a escada e chegou ao quartinho onde dormia Flor Graciosa. A princesa estava tão bela, com os cabelos soltos, espalhados nos travesseiros, o rosto rosado e risonho. O príncipe ficou deslumbrado. Logo recobrou-se, inclinou-se e a beijou.

Imediatamente Flor Graciosa abriu os olhos e olhou à sua volta, sorrindo:

- Como eu dormi! Agradeço por você ter chegado, meu príncipe.

Na mesma hora em que Flor Graciosa despertava, o castelo todo também acordava. O rei e a rainha correram para trocar os trajes de caça empoeirados, os cavalos na estrebaria relinchavam forte, reclamando suas rações de forragem, os cães no pátio começaram a ladrar, os pássaros esvoaçavam, saindo dos esconderijos debaixo dos telhados, em direção ao céu.

Acordou também o cozinheiro que assava a carne, e o servente, bocejando, continuou lavando as louças, enquanto as damas da corte voltavam a enrolar seus cabelos. Também dois moleques votaram a surrar-se com força.

O fogo das lareiras dos braseiros subiu alto pelas chaminés, e o vento fazia murmurar as folhas das árvores.

Logo o rei e a rainha correram à procura da filha e, ao encontrá-la, chorando, agradeceram ao príncipe por tê-la despertado do longo sono de cem anos. E o príncipe, então, pediu a mão da linda princesa, que, por sua vez, já estava apaixonada pelo seu valente salvador.

Poucos dias depois foram celebradas, com muito luxo, as núpcias do príncipe e de Flor Graciosa, e daquele dia em diante viveram sempre juntos, felizes e alegres, como acontece nos contos de fadas.

BIBLIOGRAFIA

GRIMM, Jacob. **Coleção conta pra mim: série A**. ilustrações Manoel Victor de Azevedo Filho, Maria Couto Pita; tradução Maria Cimolino, Grazia Parodi – São Paulo: Rideel, 1993.

Anexo 2 – Peter Pan – conto ouvido

Toda noite, antes de dormir, Wendy contava uma história a seus irmãozinhos. A que mais gostava era a de Peter Pan, um menino que vivia junto com as fadas e não queria crescer. Uma noite, Peter Pan e a fada Sininho apareceram na janela do quarto dos meninos e convidaram todos eles para visitar a Terra do Nunca.

Os meninos aceitaram e, com a magia da fada, todos voaram até uma ilha onde decidiram construir uma casa para viverem juntos. Wendy continuava contando histórias antes de dormir e todos pareciam felizes.

Uma noite, o Capitão Gancho e seu bando atacaram. Eles raptaram Wendy e seus irmãos, e puseram veneno no copo de água de Peter Pan, para que ele não pudesse segui-los. No dia seguinte, sem saber o que havia acontecido, Peter Pan tentou beber a água. Mas sininho impediu-o e acabou envenenada. Peter Pan não se deixou vencer e conseguiu salvar a doce Sininho, usando a mágica que havia aprendido com as fadas. Foi então que Peter Pan percebeu que Wendy e seus irmãos haviam sido raptados pelo Capitão Gancho e correu para ajudá-los. Ele enfrentou o malvado bandido com valentia e conseguiu vencê-lo com um golpe de espada. O capitão Gancho caiu na água, onde ferozes crocodilos, os mesmos que já haviam devorado sua mão, esperavam-no para um banquete.

Os pais de Wendy estavam muito preocupados com seus filhos. Não conseguiam imaginar por que motivo haviam desaparecido. Eles eram pais maravilhosos e adoravam os filhos. Peter Pan sabia disso e resolveu levar seus amigos para casa. Quando chegaram, os meninos abraçaram os pais e prometeram nunca mais desaparecer. Peter Pan voltou para a Terra do Nunca, contente por ter feito uma boa ação, mas triste por deixar seus queridos amigos.

Bibliografia

Não impressa no livro. Livro da biblioteca da escola.

ANEXO 3 – Branca de Neve – conto ouvido

Um dia, em pleno inverno, os flocos de neve caíam do céu como uma suave penugem.

Uma rainha estava costurando, sentada a sua janela de ébano negro. Enquanto costurava, vendo os flocos de neve esvoaçarem, espetou o dedo com a agulha. Três gotas de sangue caíram na neve. E aquele vermelho na neve branca era tão bonito que a rainha formulou um desejo: “Eu gostaria que a criança de que estou grávida tivesse a pele tão branca quanto à neve, os lábios tão vermelhos quanto o sangue e os cabelos tão negros como a madeira da janela!”

Pouco depois, ela teve uma filhinha que era branca como a neve, vermelha como os sangue e de cabelos tão negros quanto o ébano. Chamaram-na Branca de Neve. Mas a rainha morreu ao trazê-la ao mundo.

Um ano depois, o rei se casou com uma mulher muito bonita, mas arrogante e orgulhosa, que não suportava que nenhuma outra fosse mais bonita do que ela. Ora, ela era um pouco bruxa e possuía um espelho mágico, ao qual costumava perguntar:

- Espelhinho, querido espelhinho responda só para mim, quem é a mulher mais bela de todo este reino?

E o espelho, que nunca mentia, assim respondia:

- A senhora minha rainha, é a mais bela de todo este reino!

Então ela ficava tranqüila, porque sabia que o espelho sempre dizia a verdade.

Enquanto isso, Branca de Neve crescia e ficava cada dia mais bonita. Ela era tão linda quanto à luz do dia e mais bela que a própria rainha.

Certa manhã, a rainha perguntou ao seu espelho:

- Espelhinho, querido espelhinho, responda só para mim, quem é a mulher mais bela de todo este reino?

E naquela manhã o espelho respondeu:

- A senhora, minha rainha, é muito bonita, mas Branca de Neve é mil vezes mais bela.

A rainha estremeceu. Ficou amarela, depois verde de inveja! E a partir daquele dia, cada vez que avistava branca de neve, seu coração se contorcia no

peito. Como uma erva daninha, sua inveja e seu orgulho não pararam mais de crescer, sem lhe dar sossego, nem de dia nem de noite.

Não agüentando mais, a rainha mandou chamar um caçador e lhe ordenou:

- Leve Branca de Neve para a floresta, não quero mais vê-la! Mate-a e, como prova, traga-me seu fígado e seus pulmões.

O caçador obedeceu e levou Branca de Neve para a floresta. Mas, quando sacou o punhal para matá-la, a pobre menina pôs-se a chorar e a suplicar:

- Bom caçador, deixe-me viver, eu me esconderei na floresta e nunca mais voltarei.

Como ela era tão linda, o caçador teve dó e lhe disse:

- Fuja, pobre menina!

Ele achava que os lobos não demorariam a devorá-la. Apesar disso, sentiu-se aliviado por não ter de matá-la com as próprias mãos.

Vendo um filhote de javali que vinha saltitando em sua direção, o caçador matou-o, tirou seus pulmões e seu fígado, e levou-os à rainha como prova. O cozinheiro preparou-os com água e sal e a malvada rainha os comeu, pensando que eram de Branca de Neve.

Ao ver-se sozinha na floresta, Branca de Neve ficou com tanto medo que espiava atrás de cada folha de árvore. Desesperada, saiu em desabalada carreira, machucando-se nas pedras e nos espinhos. Os animais selvagens corriam com ela, saltitando à sua volta, mas não lhe faziam nenhum mal.

Branca de Neve correu até o anoitecer, enquanto suas pernas agüentaram. Quando não podia mais, avistou uma casinha e entrou para descansar. Nessa cabana tudo era pequeno, mas perfeitamente limpo e arrumado.

Na mesinha coberta com uma toalha branca, contou sete pratinhos, sete colherinhas, sete faquinhas, sete garfinhos e sete canequinhas. Sete caminhas estavam enfileiradas contra a parede, cobertas com lençóis lindos e cheirosos.

Como estava morrendo de fome e de sede, ela comeu um pouco dos legumes de cada pratinho, partiu um pedacinho de cada pãozinho, bebeu uma gota de vinho de cada canequinha. Tão cansada estava que quis se deitar. Mas ela não cabia em nenhuma cama: uma era grande demais, outra estreita demais. A sétima era do seu tamanho. Branca de Neve adormeceu.

Já fazia noite escura quando os moradores da cabana voltaram para casa. Eram os sete anões da montanha. Eles trabalhavam na mina, manejando a pá e a

picareta o dia inteiro. Acenderam suas sete velinhas e logo perceberam que alguém havia entrado ali na ausência deles, porque nada mais estava na ordem em que haviam deixado.

Disse o primeiro: “Quem se sentou na minha cadeira?” O segundo: “Quem comeu no meu pratinho?” O terceiro; “Quem partiu o meu pãozinho?” O quarto: “Quem comeu meus legumezinhos?” O quinto: “Quem espetou com meu garfinho?” O sexto: “Quem cortou com a minha faquinha?” O sétimo: “Quem bebeu na minha canequinha?” depois o primeiro correu até sua cama e exclamou: “Quem entrou na minha caminha?” Os outros foram ver e exclamaram: “Alguém se deitou na minha também!”

Ao olhar para a dele, o sétimo anão percebeu Branca de Neve adormecida. Ele chamou os outros, que vieram correndo, dando gritos de surpresa. Então pegaram as sete velinhas, iluminando Branca de Neve. “Meu Deus!”, exclamaram. “Como esta menina é linda!” A alegria de todos foi tão grande que nem a acordaram: deixaram Branca de Neve dormir na caminha, e o sétimo anão dormiu na cama dos seus companheiros, uma hora em cada uma e assim se passou a noite.

De manhã, Branca de Neve acordou e ficou morrendo de medo ao ver os sete anões. Mas eles lhe perguntaram amavelmente: “Como você se chama?” “Branca de Neve”, ela respondeu. “Como chegou aqui?” então ela lhes contou que a sua madrasta tinha mandado matá-la, mas que o caçador a tinha deixado fugir e ela tinha corrido o dia todo, até finalmente encontrar a cabana deles.

Os anões lhe propuseram ficar morando com eles: “Se você cuidar da nossa casa, cozinhar, arrumar as camas, lavar, costurar e tricotar, nada lhe faltará”. “Aceito do fundo do meu coração”, respondeu Branca de Neve, e ficou morando com eles.

De manhã, os sete anões iam para a montanha trabalhar na mina. De noite, quando voltavam, Branca de Neve havia preparado o jantar. Como ficava sozinha o dia inteiro, os anões aconselharam-na a ser muito prudente: “Tome cuidado com sua madrasta, ela logo vai descobrir que você está aqui! Por isso não deixe entrar ninguém!”

A rainha, que pensava ter comido o fígado e os pulmões de Branca de Neve, acreditava ser de novo a mais bela de todas as mulheres. Ela pegou o espelho e perguntou:

_ Espelhinho, querido espelhinho, responda só para mim, quem é a mulher mais bela de todo esse reino?

E o espelho respondeu:

_ A senhora, minha rainha, é a mais bela daqui. Mil vezes mais bela porém é Branca de Neve, que está nas montanhas, na casa dos sete anõezinhos.

A rainha ficou furiosa, porque sabia que o espelho não podia mentir. Compreendeu que o caçador a enganara e que Branca de Neve continuava viva. Então, tornou a quebrar a cabeça para descobrir um meio de matá-la. Porque, enquanto não voltasse a ser a mais bela do reino, a inveja não lhe daria trégua.

Por fim encontrou um ardiu. Maquiou o rosto e se vestiu de velha vendedora ambulante. Ninguém seria capaz de reconhecê-la. Assim disfarçada, foi até a casa dos sete anões, além das sete montanhas.

Bateu na porta e gritou: “Tudo do bom e do melhor, comprem, comprem!” Branca de Neve chegou à janela e perguntou: “Bom dia, minha senhora, o que tem para vender?” “Tudo do bom e do melhor!” respondeu a velha. “Fitas de todas as cores”, e tirou do saco um belo cordão trançado com fitas multicores. “Porque eu não deixaria entrar essa boa senhora?”, pensou Branca de Neve. Puxou o ferrolho e comprou o lindo cordão para pôr no corpete. “Há, minha filha, como você é desajeitada!” exclamou a velha. “Venha cá, que eu amarro direito o cordão.” Branca de Neve deixou-a colocá-lo sem desconfiar de nada. Mas a velha o apertou tanto que a Branca de Neve não conseguiu mais respirar e caiu no chão, como que morta. “Agora acabou! Você não é a mais bela”, riu a velha fugindo.

Quando os sete anões voltaram para a casa, na hora do jantar, qual não foi seu susto ao ver a querida Branca de Neve caída no chão, imóvel, como se estivesse morta! Levantaram-na e perceberam que seu corpete estava apertado demais. Eles cortaram rapidamente o cordão. Branca de Neve voltou a respirar e pouco a pouco foi se recuperando. Ao saber o que tinha acontecido os sete anões exclamaram: “A velha vendedora era a maldita rainha! Não abra a porta para ninguém quando não estivermos em casa, entendeu?”

Assim que voltou ao castelo, a malvada rainha correu para interrogar seu espelho mágico:

_ Espelhinho, querido espelhinho, responda só para mim, quem é a mulher mais bela de todo este reino?

E o espelho respondeu novamente:

_ A senhora, minha rainha, é a mais bela daqui. Mil vezes mais bela porém é Branca de Neve, que está nas montanhas, na casa dos sete gentis anões.

Ouvindo essas palavras, a rainha sentiu seu sangue congelar, porque compreendeu que, mais uma vez, Branca de Neve escapara viva. “Mas desta vez”, exclamou, “vou inventar uma coisa de que ela não vai escapar!” E, com os truques de bruxaria que conhecia, fez um pente envenenado. Depois disfarçou-se novamente de velha, mais de aspecto diferente, e rumou para a casa dos sete anões, além das sete montanhas.

Bateu na porta e gritou: “Tudo do bom e do melhor, comprem, comprem!” Branca de Neve espiou pela janela e disse: “Siga seu caminho, não posso abrir para ninguém”. “Mas pode olhar”, replicou a velha, mostrando-lhe o lindo pente envenenado. Branca de Neve espiou pela janela e achou o pente tão bonito, que cedeu a tentação.

Quando acertaram o preço, a velha disse meigamente a Branca de Neve: “Venha cá, que eu lhe faço um lindo penteado”. A coitada da Branca de Neve que não desconfiava de nada, aceitou. Mal o pente lhe tocou os cabelos, o veneno fez efeito: Branca de Neve caiu desacordada. “O prodígio da beleza”, exclamou a malvada mulher, “Agora chegou o seu fim!” e foi-se embora satisfeita.

Ainda bem que já era quase hora de os sete anões voltarem. Quando eles viram Branca de Neve estirada no chão, como morta, logo desconfiaram da rainha e não demoraram a encontrar o pente envenenado. Assim que o tiraram dos seus cabelos, Branca de Neve abriu os olhos e contou o que tinha acontecido. E mais uma vez eles lhe suplicaram que não abrisse a porta para ninguém.

Mal entrou em casa, a rainha pegou o espelho mágico e lhe perguntou:

- Espelhinho, querido espelhinho, responda só para mim, quem é a mulher mais bela de todo reino?

Então, como antes, o espelho respondeu:

- A senhora, minha rainha, é a mais bela daqui. Mil vezes mais bela, porém é Branca de Neve, que está nas montanhas, na casa dos sete gentis anões.

Quando ouviu seu espelho, a rainha tremeu de cólera e gritou:

- Branca de Neve tem de morrer, nem que eu mesma venha a perder a vida para consegui-lo!

Ela se trancou num quarto secreto, em que ninguém nunca entrava, e preparou uma maçã envenenada. Na aparência, era uma linda maçã, branca e vermelha, tão apetitosa que dava água na boca de qualquer um. Mas era só comer um pedacinho para morrer na hora.

Quando tudo estava preparado, a rainha maquiou o rosto, vestiu-se de camponesa e, assim disfarçada, foi para a casa dos sete anões, além das sete montanhas. Ela bateu na porta, e Branca de Neve apareceu na janela: “Não posso deixar ninguém entrar, os sete anões proibiram”. “Que pena”, respondeu a camponesa, “eu contava lhe vender minhas lindas maçãs. Mas tome, vou lhe dar uma.” “Não”, recusou Branca de Neve, “Não devo aceitar nada”.

“Está com medo de ser envenenada?”, perguntou a velha. “Olhe, vou cortar a maçã ao meio, você come a metade vermelha e eu, a metade branca.” A fruta tinha sido envenenada tão habilmente que só o lado vermelho era mortal. A bonita maçã tentava tanto Branca de Neve que, quando viu a camponesa comê-la, ela não resistiu muito tempo. Estendeu a mão e pegou a metade envenenada. Mal a mordeu, caiu morta. A rainha olhou para ela com seus olhos malvados e disse com uma gargalhada pavorosa: “Branca como a neve, vermelha como o sangue, negra como o ébano! Desta vez, Os anões não poderão mais acordar você!”

Em seguida, interrogou seu espelho mágico:

- Espelhinho, querido espelhinho, responda só para mim, quem é a mulher mais bela de todo este reino?

E o espelho voltou a responder:

- A senhora, minha rainha, é a mais bela de todo este reino!

Então, o coração invejoso da rainha encontrou por fim a paz, quer dizer, tanta quanto um coração invejoso é capaz de encontrar.

Voltando para casa à noite, os sete anões encontraram Branca de Neve caída no chão. Nenhum sopro saía da sua boca. Branca de Neve estava morta.

Eles a levantaram, tentaram encontrar alguma coisa envenenada, afrouxaram-lhe a roupa, pentearam seus cabelos, lavaram-na com água e vinho. Mas nada adiantou. Branca de Neve estava morta.

Os sete anões a puseram numa maca, sentaram-se à sua volta e choraram três dias seguidos. Depois resolveram enterrá-la. Mas Branca de Neve parecia continuar tão viva e viçosa quanto antes, com aquelas suas lindas faces coradas. Não tiveram coragem de enterrá-la na terra negra. Fizeram, em vez disso, um caixão transparente, todo de vidro, em que era possível vê-la de todos os lados. Deitaram-na dentro dessa urna e gravaram na tampa seu nome em letras douradas, dizendo também que era filha de rei. Depois levaram a urna para a montanha e revezaram-

se para guardá-la dia e noite. Os animais da montanha também vieram chorar Branca de Neve: primeiro uma coruja, depois um corvo, por fim uma pombinha.

Branca de Neve ficou muito, muito tempo na urna, sempre tão linda, tão branca como a neve, a boca vermelha como o sangue e de cabelos negros como o ébano.

Um dia, um príncipe que atravessava a floresta parou na casa dos anões para passar a noite. No alto da montanha, viu a urna de vidro e a linda Branca de Neve deitada nela. Leu as inscrições em letras douradas e propôs então aos anões: “Cedam-me esse caixão, que eu lhes dou o que quiserem em troca”. Mas os sete anões responderam: “Nunca o venderemos, nem por todo o ouro do mundo”. O príncipe suplicou: “Então dêem-me o caixão de presente, porque não posso mais viver sem ver Branca de Neve. Eu irei venerá-la e guardá-la como meu mais precioso bem”. Ouvindo-o falar assim, os bons anõezinhos tiveram dó dele e lhe deram o caixão.

O príncipe mandou seus criados carregarem a urna no ombro. Assim iam, quando um deles tropeçou num arbusto. O solavanco fez Branca de Neve cuspir o pedaço de maçã envenenada que estava entalado na sua garganta. A moça abriu os olhos, levantou a tampa da urna e sentou-se, perguntando: “Onde estou?” Todo contente, o príncipe respondeu: “Ao meu lado”. Ele lhe contou o que havia acontecido e acrescentou: “Eu amo você mais que a tudo neste mundo. Venha comigo para o castelo do meu pai, você vai ser minha esposa”. Então Branca de Neve se apaixonou por ele e acompanhou-o. O casamento foi celebrado com muita pompa e circunstância.

A malvada rainha também foi convidada para o casamento. Quanto pôs suas mais lindas roupas, ela pegou o espelho e perguntou:

_ Espelhinho, querido espelhinho, responda só para mim, quem é a mulher mais bela de todo este reino?

E o espelho respondeu:

_ A senhora, minha rainha, é a mais bela daqui. Mil vezes mais bela porém é a jovem rainha.

A malvada mulher soltou um enorme palavrão e ficou tão fora de si que não sabia mais o que fazer. Primeiro, não quis ir ao casamento. Mas a curiosidade não lhe dava sossego; ela tinha de ver aquela jovem rainha de qualquer maneira. Quando reconheceu Branca de Neve, foi tomada de tamanha angústia e terror que

ficou paralisada. Mas já tinham posto um par de calçados de ferro para esquentar nas brasas, e puseram-no diante dela. Depois, obrigaram-na a calçar esses sapatos ardentes e a dançar até morrer.

BIBLIOGRAFIA

GRIMM, Jacob. Wilhelm. **Meu 1º Larousse dos Contos de fadas**. Tradução Eduardo Brandão. 2 ed. São Paulo: Larousse do Brasil, 2007.

Titulo original: Mon premier des contes

ISBN 978-85-7635-266-2

ANEXO 4 – João e Maria – conto ouvido

Era uma vez um pobre lenhador que vivia com sua segunda mulher e seus dois filhos na orla de uma grande floresta. Era tão pobre, que muitas vezes não havia jantar, nem mesmo uma sopa. Chegou um dia em que não havia nada no guarda comida, a não ser um pedaço de pão.

Aquela noite, a mulher disse:

- Não adianta marido. Você não consegue mesmo sustentar quatro pessoas com seu machado. Se fossemos só dois, ainda poderíamos dar um jeito.

- Ai de mim, é verdade – concordou o homem. – O que vamos fazer?

- Vou lhe dizer – disse a mulher. – Amanhã vamos levar as crianças para o meio da floresta e largá-las lá. Podemos acender uma fogueira e deixá-las perto dela com um pedaço de pão. Depois voltamos para casa, só nós dois.

- Nunca! – Gritou o homem. – Não podemos fazer uma coisa dessas!

A noite toda a mulher ficou falando e insistindo, até que finalmente o marido concordou com seu plano.

João e Maria estavam acordados no quarto ao lado, pois não conseguiam dormir, de tanta fome. Quando Maria ouviu o que o pai e a madrasta estavam planejando, começou a chorar amargamente, abafando seus soluços com o cobertor.

- Não chore, Maria – disse João, com voz firme. – Vou cuidar de você. Vamos voltar para casa em segurança, prometo.

Ele esperou até os adultos dormirem, levantou devagarzinho, abriu a porta e saiu. Era lua cheia, e as pedrinhas a seus pés brilhavam como uma luz branca, parecendo margaridas no campo. João se abaixou e as apanhou aos montes, enchendo os bolsos com elas.

No dia seguinte, ao amanhecer, toda a família saiu caminhando rumo à floresta, e João ficou para trás. Seu pai chamou por cima do ombro:

- Depressa, João por que está demorando?

- Estou me despedindo do gato branco, que está sentado no telhado – respondeu João.

- Não é gato – disse a madrasta. – É o sol brilhando no telhado molhado! Mesmo assim, João ficou para trás, pois na verdade estava jogando as pedrinhas ao

longo do caminho. Seus bolsos estavam quase vazios, quando finalmente o pai disse:

- Vamos parar aqui e acender uma fogueira.

Então a madrasta deu um pedaço de pão para cada um e disse:

- Esperem ao lado da fogueira. Seu pai e eu vamos trabalhar aqui por perto.

João e Maria não disseram nada, sentaram-se ao lado da fogueira e ficaram olhando um para o outro. Esperaram um tempão, e de vez em quando tinham a impressão de ouvir o barulho de uma machada. Mas na verdade era algum galho solto que balançava com o vento e batia no tronco de outra árvore.

Começou a escurecer, João e Maria comeram seu pão e puseram mais gravetos no fogo. Logo só havia um pedacinho iluminado em toda a floresta, e era em torno da fogueira deles. Os animais selvagens uivavam e meio à escuridão. Maria começou a chorar.

- Não chore – disse João, abraçando-a. – Logo a lua vai se levantar, e então você vai ver!

Devagarzinho a lua foi surgindo acima das árvores da floresta. João se levantou e mostrou as pedrinhas que tinha jogado.

- Veja como elas brilham! – exclamou Maria.

As pedrinhas cintilavam, mostrando-lhes o caminho de casa, como se fosse um trilho de prata à sua frente, brilhando como moedas novas.

- Onde vocês se meteram, crianças levadas? – gritou a madrasta quando eles chegaram em casa, ao amanhecer.

A mulher agiu como se a culpa fosse deles. João e Maria, muito prudentes, não disseram nada e perceberam que o pai ficou muito feliz ao vê-los de volta.

Durante muitos meses, as coisas continuaram como antes, até que a família voltou a enfrentar dificuldades. Mais uma vez, só havia um pedaço de pão seco no guarda-comida. Aquela noite, acordados no escuro, João e Maria ouviram a madrasta novamente fazendo seus planos. Primeiro o pai não quis ouvir, mas finalmente acabou cedendo e concordou em largar as crianças na floresta no dia seguinte. Assim que o casal adormeceu, João se levantou, mas dessa vez a porta estava trancada. Ele teve de voltar para a cama e pensar num outro plano.

- Não se preocupe – João disse à irmã. – Hei de ter alguma idéia.

No dia seguinte, antes de saírem para a floresta, a madrasta deu um pedaço de pão para cada um. Mais uma vez, João ficou para trás e o pai o chamou:

- Por que está demorando? Venha depressa!

João respondeu:

- Só estou olhando para a pomba branca que pousou no telhado para se despedir!

- Não é pomba! – gritou a madrastra. – É o sol brilhando no telhado molhado!

Na verdade, João estava jogando migalhas do seu pedaço de pão no chão para não perder o caminho, como tinha feito antes com as pedrinhas.

Agora João e Maria não estavam com tanto medo, pois já tinham encontrado o caminho de volta uma vez e achavam que poderiam fazer a mesma coisa de novo. Sentaram-se perto da fogueira e ficaram esperando a lua aparecer. Então João saiu em busca da sua trilha de migalhas. Só que os milhares de passarinhos famintos da floresta tinham comido todas, uma por uma. As marcas do caminho para casa tinham sumido.

Maria começou a chorar de novo, mas João, fingindo ser mais corajoso do que era, disse:

- Deite ao lado da fogueira e durma. Quando o dia clarear, vai ser fácil achar o caminho de casa.

Os dois deitaram e adormeceram. Ao amanhecer, saíram andando, e João tinha certeza de que estavam no caminho certo, pois se lembrava de uma moita de bétulas prateadas. Na verdade, João e Maria estavam se embrenhando cada vez mais na floresta, e logo se viram mais perdidos do que nunca. Enquanto caminhavam, catavam amoras silvestres para comer e cantavam para não desanimar. Ao anoitecer, os dois estavam bem no meio da floresta. Então foram obrigados a parar e acender uma fogueira para espantar os animais selvagens.

No dia seguinte os dois irmãos voltaram a caminhar corajosamente, mas estavam tão cansados e famintos, que mal conseguiam andar.

- Não adianta meu irmão! – disse Maria, finalmente. – Não agüento mais João não a ouviu. Estava apontando para a frente, mostrando alguma coisa que aparecia entre as árvores, e, puxando a irmã pela mão, saiu correndo naquela direção. Os dois pararam, espantados.

Era uma casinha com paredes de pão de mel, telhado de bolo e janelas de glacê. João se aproximou e arrancou um pedaço do bolo, provocando uma chuva de migalhas.

- Comida! – gritou, com as bochechas trêmulas.

Maria também encheu a boca com aquele bolo delicioso, cheio de uvas-passas. Estavam arrancando açúcar dos batentes das portas e lambendo o glacê das janelas quando uma voz veio de dentro da casinha:

- tip, tap, quem está ai fora?

As crianças responderam:

- É só o vento soprando, ora!

E continuaram comento, pois estavam famintas havia muito tempo e sentiam-se capazes de devorar aquela casa inteirinha. Então uma velhinha saiu mancando lá de dentro e gritou:

- Ah! Que criancinhas lindas! Estão com fome, meus amores? Entrem comigo vou lhes dar uma coisa gostosa!

A velha tinha feito a casa de pão-de-mel e de açúcar de propósito, para atrair as crianças que estivessem passeando pela floresta. Só que João e Maria não sabiam disso e entraram muito satisfeitos atrás dela, tropeçando num gato preto, que eriçou o pêlo e arqueou as costas.

A bruxa (pois ela era uma bruxa) preparou uma refeição com leite, panquecas, açúcar, maçãs e nozes. Depois mostrou às crianças duas caminhas brancas, nas quais elas se enfiaram sem acreditar sem sua sorte.

De manhã, a bruxa veio olhá-las enquanto ainda estavam dormindo. Lambeu os beiços ao notar suas bochechas coradas, murmurando:

- Que par de petiscos deliciosos! Vou comer primeiro o maior!

Agarrou João com sua mão ossuda e o enfiou numa pequena jaula que ficava num canto da cozinha. Trancou-o atrás das grades, gargalhando de satisfação, só de pensar na refeição maravilhosa que logo iria saborear. Então foi buscar Maria. Deu-lhe um chacoalhão e gritou:

- levante, preguiçosa, vá buscar água e cozinhe alguma coisa boa para seu irmão. Quero vê-lo gordo, o mais gordo possível, e assim que isso acontecer vou comê-lo no jantar.

- Maria começou a chorar ao ver o irmão enjaulado, mas foi obrigada a obedecer às ordens da bruxa má. Fez para ele um bom ensopado de batatas e macarrão.

- Gordo, cada vez mais gordo – disse a velha bruxa, observando-o enquanto ele comia.

Todos os dias João recebia três refeições enormes, enquanto Maria não comia quase nada, e logo estava magricela como o gato da bruxa. João ia engordando cada vez mais.

A bruxa não enxergava muito bem, pois todas as bruxas têm olhos vermelhos, que têm uma visão muito fraca. Assim, todos os dias ela ia até a jaula e ordenava:

- João mostre-me seu dedinho para eu ver se já está bem gordinho!

Mas João, em vez de mostrar o dedinho, punha entre as grades da jaula um osso velho de galinha.

- Que pena, que pena, ainda não está no ponto! – a velha reclamava, e dava um chute no gato.

Finalmente, certo dia, bruxa apalpou o osso pela quinquagésima vez e gritou de repente:

- É hoje! Vou comê-lo hoje, gordo ou magro! Acenda o fogo, menina, e ponha água na panela! Vou comer o João no jantar, com bastante molho para encharcar o pão!

A coitada da Maria ajoelhou-se para acender o fogo. João estava tremendo de medo dentro da jaula.

- Primeiro vamos assar o pão – disse a bruxa velha. – Vou preparar a massa enquanto você se abaixa e entra no forno para ver se está quente.

Ela empurrou Maria e ficou a seu lado. Assim, quando a menina entrasse no forno, ela fecharia a porta para assá-la junto com o pão.

- Não sei como se faz – disse Maria, que sabia muito bem o que aconteceria se ela entrasse no forno.

- Bobona – guinchou a bruxa. – idiota! Qualquer um sabe fazer isso! Veja, é assim!

A bruxa foi mancando até o forno e enfiou a cabeça e os ombros dentro dele. Maria veio por trás, deu-lhe um empurrão e, bum!, bateu a porta do forno! A bruxa estava lá dentro! Ela deu um tal berro, que o gato magricela se eriçou pela última vez, saiu voando da casa e entrou na floresta, com o rabo duro de medo. João batia o pé de alegria e sacudia as grades da jaula.

- Viva! – gritava. – Muito bem! A bruxa velha está morta e tostada! Sirva-a agora mesmo! E boa viagem para o gato também! Agora solte-me daqui! Solte-me!

Maria correu para destrancar a jaula e os dois irmãos saíram dançando, rindo e gritando ele gordo e ela magra, mas os dois felizes como passarinhos por finalmente estarem livres de novo.

Na casinha eles encontraram baús cheios de tesouros, e João encheu os bolsos de pérolas e pedras preciosas. Maria encheu o avental com peças de ouro e prata e depois tirou um pedaço de bolo do telhado, para se sustentarem até chegarem em casa.

Então saíram andando e, como num passe de mágica, dessa vez encontraram o caminho certo. Ao anoitecer, avistaram ao longe a casa do pai, com uma vela acesa na janela.

O pai ficou muito contente ao vê-los vivos e bem, e contou-lhes que a madrasta tinha morrido.

- No entanto, se vocês me perdoarem, nós três podemos morar juntos de novo, e vamos dividir tudo que tivermos, nem que seja só um pedaço de pão.

-Então vamos começar dividindo isto! – exclamou Maria, soltando o avental.

Uma chuva de ouro e prata caiu no chão de terra, diante dos olhos atônics do pai.

João virou os bolsos do avesso, e rubis e pérolas saíram rolando para os quatro cantos do casebre.

- Abençoado seja! – exclamou o bom lenhador. – Agora podemos ser felizes!

E foram mesmo para sempre.

Bibliografia

CRESSWEL, Carol. **Contos de Fadas Clássicos**. recontados por Helen Cresswel; ilustrados por Carol Lawson; tradução Monica Stahel – São Paulo: Martins Fontes, 1996.

Titulo Original: Classic Fairy Tales.

ANEXO 5 - O Gato de Botas ou o Mestre Gato – conto ouvido

Um moleiro deixou como únicos bens aos três filhos que tinha seu moinho, seu burro e seu gato. A partilha não demorou para ser feita. Não foram chamados nem tabelião nem advogados, que teriam devorado todo o patrimônio. O mais velho ficou com o moinho, o segundo com o burro, e ao mais moço só coube o gato.

Este último não podia se consolar com uma parte tão pobre. “Meus irmãos”, dizia, “poderão ganhar a vida decentemente, se trabalharem juntos; já eu, quando tiver comido meu gato e feito um boné com sua pele, vou morrer de fome”.

O gato ouviu-o falar assim, mas fez que não escutou e lhe disse num tom calmo e sério: “Não se preocupe, meu amo. É só me dar um saco e me fazer um par de botas para andar no mato, que vai ver que não saí tão prejudicado na herança quanto pensa”.

Embora não acreditasse muito, o dono do gato viu-o dar tantas demonstrações de agilidade para pegar ratos e camundongos, pendurando-se pelos pés ou escondendo-se na farinha para se fingir de morto, que não perdeu a esperança de ser socorrido em sua miséria.

Quando recebeu o que havia pedido, o gato enfiou as botas e, jogando o saco no pescoço, pegou as pontas do cordão que o fechava com as duas patas dianteiras e rumou para um lugar do bosque onde sabia haver muitos coelhos. Pôs dentro do saco farelo de trigo e umas folhas de serralha, uma planta que os coelhos adoram, e, estirando-se no chão como se estivesse morto, esperou que algum jovem coelhinho, ainda inexperiente nas artimanhas deste mundo, entrasse no saco para comer o que tinha posto ali.

Mal se deitou, viu seu ardil dar certo: um coelho boboca entrou no saco e Mestre Gato, puxando rapidamente as pontas do cordão, capturou-o e matou-o sem dó nem piedade.

Todo orgulhoso com sua presa, foi até o castelo e pediu para falar com o rei. Levaram-no aos aposentos de Sua Magestade, a que ele fez uma grande reverência e disse: “Majestade, o senhor marquês de Carabás” (foi o nome que inventou para o seu dono) “encarregou-me de lhe oferecer este presente”.

“Diga a seu dono”, respondeu o rei, “que fico muito grato e que ele me dá um grande prazer”.

Uma outra vez, foi se esconder num campo de trigo, sempre levando seu saco aberto. E, quando duas perdizes entraram, puxou o cordão e pegou ambas.

Depois foi dá-las de presente ao rei, como fizera com o coelho. O rei também recebeu com agrado as duas perdizes e mandou dar de beber ao gato.

Por dois ou três meses, continuou a levar de quando em quando ao rei alguma caça que dizia ser dos campos do seu amo.

Um dia, sabendo que o rei ia passear à beira do rio com sua filha, a mais linda princesa do mundo, disse ao seu dono: “Se o senhor seguir o meu conselho, sua fortuna estará feita: é só ir nadar no rio, no lugar que vou lhe mostrar, e deixar o resto comigo”.

O marquês de Carabás, sem saber direito para quê fez o que seu gato lhe aconselhou.

Enquanto nadava, o rei passou na sua carruagem, e o gato pôs-se a gritar a plenos pulmões: “Socorro! Socorro! O Marquês de Carabás está se afogando!”

Ouvindo o grito, o rei pôs a cabeça na portinhola do carro e, reconhecendo o gato que tantas vezes lhe levava caça, mandou seus guardas irem correndo socorrer o senhor marquês de Carabás.

Enquanto tiravam o coitado do marquês do rio, o gato, aproximando-se da carruagem, disse ao rei que, enquanto seu amo nadava, uns ladrões tinham levado sua roupa, apesar de ele ter berrado “pega ladrão!”o mais alto que pôde. (O espertalhão tinha escondido as roupas do dono debaixo de uma pedra!) O rei mandou imediatamente os encarregados do seu guarda-roupa irem buscar um dos seus mais bonitos trajes para o senhor marques de Carabás.

O rei lhe fez mil agradamentos e, como os belos trajes que acabava de lhe dar realçavam sua aparência (porque ele era bonito de rosto e bem-feito de corpo), a filha do rei achou-o bem a seu gosto, e foi só o marquês da Carabás lançar dois ou três olhares respeitosos e meigo, que ela ficou loucamente apaixonada por ele.

O rei quis que o marquês fosse passear com eles na carruagem real. O gato, todo satisfeito de ver que seu plano começava a dar certo, passou na frente e, encontrando uns camponeses que ceifavam o trigo, disse a eles: “Boa gente que trabalha na ceifa, se vocês não disserem ao rei que o campo que estão ceifando pertence ao senhor marquês de Carabás, serão moídos mais fino do que carne para Patê!”

O rei não deixou de perguntar aos ceifadores de quem era o campo que eles ceifavam.

“É do senhor marquês de Carabás”, disseram em coro, porque a ameaça do gato os amedrontara.

“Bela propriedade tem o senhor”, disse o rei ao marquês de Carabás.

“Como está vendo, majestade”, respondeu o marquês, “é um campo que produz com abundância todos os anos”.

Mestre Gato, que ia sempre na frente, encontrou uns colheiteiros e lhes disse: “Boa gente que trabalha na colheita, se vocês não disserem que todo esse trigo pertence ao senhor marques de Carabás, serão moídos mais fino do que carne de patê!”

O Rei, que passou logo em seguida, quis saber a quem pertencia todo aquele trigo que ele via.

“É do senhor marquês de Carabás”, responderam os colheiteiros. E o rei ficou ainda mais contente com o marquês.

O gato, que ia a frente da carruagem, dizia sempre a mesma coisa a todos os que encontrava, e o rei ficou espantado com as grandes posses do senhor marques de Carabás.

Mestre Gato chegou enfim a um lindo castelo, cujo o dono era um ogro, o mais rico que já se viu – porque todas as terras por onde o rei tinha passado pertenciam a este castelo. O gato tomou o cuidado de se informar sobre o ogro e sobre o que ele sabia fazer, e pediu para falar como ele, dizendo que não podia passar tão perto do seu castelo sem ter a honra de lhe apresentar seus propósitos a seus respeitos.

O ogro recebeu-o tão educadamente quanto é possível para um ogro, e convidou-o para descansar.

“Garantiram-me”, disse o gato, “que o senhor tinha o dom de se transformar em todo tipo de animais; que, por exemplo, o senhor era capaz de se transformar em leão, em elefante”.

“É verdade”, respondeu o ogro rudemente, “e, para lhe provar, você vai me ver virar leão.

O gato ficou tão assustado ao ver um leão na sua frente que chispou na hora para o telhado, não sem dificuldade e sem se arriscar, por causa das suas botas, que não eram nada boas para andar nas telhas.

Quando viu que o ogro tinha recuperado sua aparência normal, o gato desceu e confessou que ficara morrendo de medo. “Garantiram-me ainda”, disse, “mas nisto e não posso acreditar, que o senhor também tem o poder de tomar a forma de animais pequeninos, por exemplo, de se transformar em rato, em camundongo. Confesso que acho totalmente impossível”.

“Impossível?”, repetiu o ogro, “Pois você vai ver!” E na mesma hora transformou-se num camundongo, que saiu correndo pelo assoalho.

Assim que o viu, o gato pulou em cima dele e comeu-o.

Enquanto isso, o rei, ao ver o belo castelo do ogro, quis entrar. O gato, que ouviu o barulho da carruagem passando pela ponte levadiça, correu para recebê-lo e disse ao rei: “Seja bem-vindo, magestade, ao castelo do senhor marquês de Carabás!”

“Como, senhor marques, este castelo também lhe pertence?”, espantou-se o rei. “Não pode haver nada mais bonito do que este pátio e todas as alas que o rodeiam. Vejamos o interior, por favor.”

O marquês deu a mão à jovem princesa e, seguindo o rei, que ia na frente, entraram num grande salão, onde encontrara um magnífico lanche que o ogro tinha mandado preparar para os amigos que vinham visitá-lo naquele dia – mas que não tinham ousado entrar, ao saber que o rei lá estava.

Encantado com as qualidades do senhor marquês de Carabás, assim como sua filha, que estava perdidamente apaixonada por ele, e vendo os grandes bens que possuía, o rei lhe disse, depois de beber cinco ou seis goles: “Só depende do senhor, caro marquês, ser ou não meu genro.”

O marquês, fazendo grandes reverências, aceitou a honra que o rei lhe dava e, naquele mesmo dia, casou-se com a princesa. O gato tornou-se grão-senhor e nunca mais correu atrás dos ratos, a não ser para se divertir.

Bibliografia

ANDERSEN, Hans Christian. **Meu 1º Larousse dos Contos de Fadas**. tradução Eduardo Brandão. 2 ed. São Paulo: Larousse do Brasil, 2007.

ANEXO 6 - O Patinho Feio – conto ouvido

Imaginem um dia lindo no campo. Era verão. O trigo estava dourado, a aveia, verde. O feno amontoava-se nos prados, onde a cegonha andava com suas compridas patas vermelhas, falando egípcio, que era a língua que sua mãe lhe ensinara. Em torno das plantações e dos prados, havia grandes florestas e, dentro delas, lindos lagos azuis.

Sim, fazia um lindo dia no campo. O sol banhava o velho castelo, rodeado de fossos profundos. Pelas suas muralhas desciam até a água grandes plantas de largas falhas, tão grandes que as crianças podiam se esconder atrás delas.

Foi nesse lugar, tão selvagem quanto a mata mais densa, que uma pata vez seu ninho e agora chocava seus ovos. Mas, como os filhotes demoravam muito para sair, ela já começava a se chatear de estar ali parada sozinha. Raramente recebia visitas, porque os outros patos preferiam nadar e mergulhar nas águas do fosso do castelo a vir bater papo com ela debaixo das folhagens...

As cascas dos ovos finalmente começaram a se quebrar, uma depois da outra, crac, crac, e os patinhos botavam a cabecinha de fora.

“Quem, quem!”, dizia a pata, e os patinhos granavam o mais que podiam, olhando para todos os lados sob as folhas verdes. Sua mãe os deixava olhar quanto quisessem, porque o verde faz bem à vista.

“Como o mundo é grande!”, exclamavam os patinhos. De fato, eles tinham muito mais lugar ali do que quando estavam dentro dos ovos.

“Vocês acham que estas moitas são o mundo inteiro?”, riu a mãe. “Ele se estende muito além do jardim, até o pasto das ovelhas! Mas lá eu nunca fui... Bem, vamos ver, estão todos aqui? Ah, não, ainda falta um! O ovo grande continua intacto. Quanto tempo ainda vai demorar? Já estou ficando cheia.” E voltou a chocar o ovo.

“Olá, como vão as coisas?”, perguntou-lhe uma pata velha que de vez em quando vinha visitá-la.

“Ainda está faltando este ovão”, respondeu a pata. “Não abre de jeito nenhum! Mas olhe os outros. São os patinhos mais lindos que já vi! São a cara do pai, esse ingrato que nem veio me visitar!”

“Deixe-me ver esse ovo que não quer se abrir”, pediu a pata velha. “Aposto que é ovo de peru! Eu também fui enganada uma vez e foi um problemão, porque os peruzinhos tinham medo da água! Não havia meio de convendê-los a pular no fosso. Deixe ver esse ovo. É ovo de peru, sim! Deixe-o para lá e vá ensinar seus filhos a nadar!

“Nada disso, vou chocá-lo mais um pouco”, disse mãe pata. “Faz tanto tempo que estou chocando, que posso continuar enquanto for preciso!”

“Você é quem sabe!”, foi o que disse para velha, despedindo-se.

O ovo grande finalmente se quebrou. “Quem, quem”, fez o bebê saindo da casca. Era grande e feioso. A pata olhou bem para ele: “Que patinho enorme!”, pensou. “não se parece com nenhum dos outros! Mas não é filhote de peru, não. Amanhã vou levá-lo para a água, e ele vai entrar nem que eu tenha de empurrá-lo a patadas!”

No dia seguinte, o tempo estava delicioso. O sol brilhava nas folhas verdes. Mãe pata desceu para a beira do fosso com toda a família. Pulou na água. “Quem, quem”, fez ela, e os patinhos a seguiram, um depois do outro. Eles afundavam, Mas logo voltavam à tona e nadavam lindamente. As patinhas deles se agitavam em cadência. Todos estavam dentro da água, até o cinzento feioso e grandalhão, que nadava direitinho como os outros.

“Não, não é filhote de peru”, disse a pata. ‘Olhem como bate bem as patas, como se mantém ereto! É filho meu, sim! E, olhando bem, até que é bonitinho. Quem, Quem! Venham comigo, crianças, vou apresentar vocês aos patos do galinheiro. Mas não saiam de perto de mim, para que ninguém pise em vocês, e cuidado com o gato!”

Entraram todos no galinheiro. Reinava ali uma algazarra infernal, porque duas famílias disputavam uma cabeça de enguia. Mas foi o gato que afinal a pegou.

“Viram? O mundo é assim!”, disse a mãe pata coçando o bico, porque ela também teria gostado muito de comer aquela cabeça de enguia. “Mostrem que sabem usar essas patas”, disse ela. “Vamos, rapidinhos, e curvem o pescoço diante daquela pata velha ali! É a pessoa mais distinta daqui! É de raça espanhola, por isso é gorda assim. Estão vendo que ela tem uma fita vermelha na pata? Isso é chiquérrimo, é a maior distinção que uma pata pode ter. todos, bichos e gente, a respeitam muito... Vamos, andem! E parem de se meter entre as minhas patas! Um

patinho bem educado anda abrindo bem as dele, como sua mãe e seu pai! Isso, muito bem! Agora curvem o pescoço e digam ‘quem, quem!’”

Foi o que todos fizeram. Mas os outros patos olhavam para eles e diziam em voz alta: “Só faltava termos de agüentar mais toda essa gente! Como se já não fôssemos muitos! E olhem só que patinho mais esquisito! Ele, a gente não que aqui!” E logo uma pata veio num vôo rasante pinicar-lhe o pescoço.

“Deixem-no em paz!”, disse a mãe pata. “Ele não fez mal a ninguém!”

“Não fez, mas é grandalhão e esquisito”, rebateu a pata que o pinicara. “Vamos dar um jeito nele!”

“Que lindos filhos, mãe pata”, comentou a pata velha de fita na pata. “Todos são lindos, menos um.

Aquele francamente saiu errado! Seria bom se a senhora pudesse refazê-lo!”

“Só que não posso, minha senhora”, respondeu a mãe pata. “Ele talvez não seja bonito, mas tem ótimo caráter e nada tão bem quanto os outros, melhor até, quem sabe. Vai ficar bonito quando crescer e não será tão grande, daqui a algum tempo. É que ele demorou demais no ovo, por isso não é do tamanho normal.” Dito isso, limpou a nuca do patinho e alisou-lhe as penas. “Aliás, é um macho”, comentou, “logo não tem importância não ser bonito. O que importa é que se desenvolva bem e seja feliz”.

“Os outros patinhos são uma gracinha”, insistiu a pata velha. “Bem, sintam-se em casa e, se achar uma cabeça de enguia, pode trazer para mim!”

E todos sentiram-se em casa.

Mas o pobre patinho, que saíra por último do ovo e era tão feio, foi bicado, pinicado, empurado, todo mundo zombava dele, tanto os patos como as galinhas. “É grande demais!”, diziam todos. E o peruzinho, que nascera com esporões e por isso se achava um imperador, inchou-se todo, abriu o rabo em leque e correu para cima dele fazendo gluglu, a cabeça vermelha que nem um tomate. O coitado do patinho não sabia onde se meter, não sabia se ficava ou se ia embora.... Estava triste por ser tão feio e alvo da zombaria de todos os patos do galinheiro.

Assim se passou o primeiro dia. Depois, a coisa só piorou. Todos enxotavam o coitado do patinho, até seus irmãos e irmãs eram malvados com ele e lhe diziam: “Bem que o gato podia pegar você, feio do jeito que é!” Mesmo sua mãe acabou lhe dizendo: “Bem que eu gostaria de ver você longe!” Os patos o pinicavam, as

galinhas lhe davam bicadas e a menina que cuidava das aves vivia lhe acertando pontapés.

Um dia, ele levantou vôo por cima da cerca viva, assustando os passarinhos, que fugiram assustados. “Fugiram de mim porque sou feio”, pensou, fechando os olhos. Então chegou ao grande lago, onde moravam os patos selvagens. Passou ali a noite inteira, cansado e triste.

De manhã, os patos selvagens descobriram seu novo companheiro. “Que ave você é, estranho assim?”, perguntaram, e o patinho cinzento virou-se para todos, cumprimentando-os com maior educação.

“Você é feio mesmo!”, disseram os patos selvagens. “Mas, para nós, tudo bem, desde que não se case com ninguém da nossa família!” Coitadinho! Nem lhe passava pela cabeça casar, ele só queria licença para dormir entre os caniços e beber um pouco da água do lago.

Ficou ali dois dias inteiros. Depois chegaram os gansos selvagens, melhor dizendo, dois gansos machos selvagens. Não fazia muito tempo que tinham saído do ovo e eram muito insolentes.

“Escute aqui, companheiro”, disseram, “você é tão feio que achamos simpático! Quer viajar com a gente? Pertinho daqui há outro lago em que vivem umas gansas selvagens lindas de morrer, moças finas que sabem dizer: “quem, quem!” Você até poderia fazer sucesso, feio do jeito que é...”

Nesse instante, ouviram-se tiros e dois gansos selvagens caíram mortos perto deles. A água ficou tinta de sangue. Ouviram-se mais tiros, e um bando de gansos selvagens levantou vôo de entre os caniços. Mais tiros ecoaram. Os caçadores rodeavam o lago, alguns tinham até subido nas árvores para melhor enxergar. Uma fumaça azulada formava acima da água, enquanto os cães de caça patinhavam no lago.

O coitado do patinho ficou com tanto medo que escondeu a cabeça debaixo da asa. Nesse instante um enorme cachorrão surgiu diante dele, com a língua de fora e os olhos brilhando. Farejou o patinho, arreganhou os dentes pontudos e... seguiu em frente, sem fazer nada!

“Ufa, que sorte!”, suspirou o patinho. “sou tão feio que aquele cachorrão nem quis me morder!”

Ficou um tempão ali, sem se mexer, enquanto as balas assobiavam em volta dele nos caniços e os tiros espocavam sem parar.

No fim da tarde voltou a calma, mas o coitado do patinho continuava morrendo de medo de ser visto e esperou muitas horas mais, antes de erguer a cabeça e espiar em torno. Aí tomou coragem e tratou de fugir o mais depressa possível dali. Saiu campina afora, mas ventava tanto que estava difícil avançar.

De noitinha, chegou a uma cabana de camponeses. Era um casebre caindo aos pedaços, que só parecia continuar de pé por não saber para que lado desabar. O vento soprava com tanta força que o patinho teve de abaixar para resistir. E o mau tempo só piorava!

Percebeu então que a porta tinha perdido uma das suas dobradiças e estava tombada de través, dando espaço para ele entrar. E foi o que fez.

Morava lá uma velha, com seu gato e sua galinha. O gato, que ela chamava de Miau, arqueava as costas e ronronava. Seus olhos soltavam faíscas, se ela o acariciava a contrapelo. A galinha tinha patas curtas, por isso ela a chamava de Baixota. Era uma boa poedeira e a velha senhora gostava dela como se fosse sua filha.

Pela manhã, assim que perceberam o patinho desconhecido, o gato pôs-se a ronronar e a galinha a cacarejar.

“O que foi?”, perguntou a velhinha olhando em torno. Como enxergava muito mal, ela achou que o patinho era uma pata gorda que tinha se extraviado. “Que sorte!”, pensou. “Se não for um pato, vou ter ovos de pata!”

Guardou o patinho três semanas para experimentar, mas ele não pôs um só ovo.

O gato, que era o dono da casa, e a galinha, a dona, se chamavam superiores ao resto do mundo. Se o patinho discordava de alguma coisa, a galinha logo replicava:

“Por acaso você sabe botar ovo?”

“Não.”

“Então cale o bico!”

E o gato:

“Por acaso você sabe arquear o lombo, ronronar e soltar faíscas pelos olhos?”

“Não.”

‘Então não dê palpites quando as pessoas importantes falam!’

E o patinho ficava no seu canto, cabisbaixo, cada dia mais inquieto.

Começou então a sonhar com o ar livre e a luz do sol. Sentiu uma vontade danada de voltar para água. Tanto que, não se contendo mais, foi se abrir com a galinha.

“Que caraminholas são essas?”, ela se escandalizou. “Você fica pensando nessas coisas porque não tem o que fazer! Bote um ovo ou ronrone, que passa.”

“Mas nadar é uma delícia”, explicou o patinho. “É delicioso enfiar a cabeça na água e mergulhar até o fundo!”

“Que prazer mais bobo!”, exclamou a galinha. “Você está doido! Pergunte ao gato, o animal mais inteligente que conheço, se ele gosta de nadar ou mergulhar. De mim, nem vou falar... Pergunte até à nossa dona, a velhinha: não há no mundo pessoa mais inteligente que ela. Você acha que ela tem vontade de nadar e mergulhar até o fundo?”

“Vocês não me entendem!”, suspirou o patinho.

“Ora, se nós não entendemos você, quem vai entender? Não vá me dizer que se acha mais inteligente do que o gato e do que nossa dona, isso sem falar em mim! Deixe de bobagem, patinho, e agradeça todo o bem que lhe fizemos! Por acaso você não chegou a uma casa quente, não conheceu pessoas que o instruíram? Você é um pateta sem graça, ora se é! Eu gosto de você e, se digo essas coisas desagradáveis, é porque sou sua amiga. Trate de botar um ovo e de aprender a ronronar ou soltar faíscas pelos olhos!”

“Acho que vou embora por esse vasto mundo!”, disse o patinho.

“Pois então vá!, replicou a galinha.

E o patinho foi. Nadava na água, mergulhava, mas todos os bichos o desprezavam por causa da sua feiúra.

Chegou o outono. Na floresta, as folhas tornaram-se amarelas e marrons. O vento as arrancava das árvores, fazendo-as dançar para lá e para cá, e começava a fazer cada vez mais frio. As nuvens estavam carregadas de granizo e de neve. Nas cercas vivas, os corvos sentiam tanto frio que gritavam: “Cro, Cro!” E era para sentir frio mesmo! As coisas não iam nada bem para o coitado do patinho.

Uma tarde, quando o sol se punha em todo o seu esplendor, um bando de aves magníficas saiu do mato. O patinho nunca tinha visto aves tão lindas. Elas eram de um branco deslumbrante e tinham um longo e elegante pescoço: eram cisnes. Então soltaram um grito estranhíssimo, abriram suas asas esplêndidas e levantaram vôo rumo a terras mais quentes, além dos oceanos imensos! Subiram

tão alto, tão alto, que o patinho feio teve uma impressão esquisita, pôs-se a girar na água como uma roda, espichou bem o pescoço na direção das grandes aves e soltou um grito tão forte e esquisito que até ele ficou com medo.

Nunca mais poderia esquecer aquelas aves incomparáveis, aquelas aves felizes, e quando não as enxergou mais no céu mergulhou até o fundo do lago. Ao voltar à tona, estava como que fora de si. Não sabia o nome daquelas aves, não sabia aonde iam e, no entanto, gostava delas como nunca antes tinha gostado de ninguém. Não as invejava: nem podia lhe passar pela cabeça ser tão sublime quanto elas! Já teria ficado mais do que contente se tivesse sido aceito pelos patos. Pobre patinho feio!

O inverno foi tão frio, mas tão frio... O patinho teve de nadar sem parar para que a água não congelasse completamente. Mas a cada noite o buraco em que ele nadava encolhia mais. Fazia tanto frio que a crosta de gelo chegava a estalar. O patinho tinha de agitar suas patas sem parar para que a água não se fechasse. Acabou se cansando tanto que não conseguiu mais se mexer, e ficou preso no gelo.

De manhã cedinho, um camponês que passava por ali o viu. Quebrou o gelo com os tamancos, levou-o para casa e entregou-lhe à mulher, que o reanimou.

As crianças quiseram brincar com ele, mas o patinho achou que queriam maltratá-lo e, apavorado, pulou na tina de leite, que respingou pela casa inteira. A mulher deu um grito e bateu palmas. Assustado, ele voou para a batedeira de manteiga, depois entrou na barrica de farinha de trigo. Imaginem como estava quando saiu de lá! A camponesa gritava, queria bater nele com a tenaz da lareira. E as crianças corriam, se empurravam, para ver quem pegava o patinho, aos risos, aos berros... Ainda bem que a porta estava aberta. O coitado disparou para o mato coberto de neve recém-caída e lá ficou, todo doído.

Seria triste demais contar todas as desgraças e toda a miséria por que passou naquele rude inverno. Basta dizer que, quando o sol voltou a esquentar, encontrou o patinho caído no lago entre os caniços. As cotovias cantavam. Tinha chegado a primavera.

Então, de repente, ele abriu as asas. Elas eram mais fortes que antes e o levaram facilmente. Num instante, foi parar num grande pomar em que as macieiras estavam em flor e os lilases, com seus longos galhos, perfumavam o ar. Ah, que gostoso era ali, no frescor da primavera! Ao sair do mato, avistou três lindos cisnes

brancos que batiam as asas, boiando na água. O patinho reconheceu as magníficas aves que vira partir voando e sentiu uma estranha tristeza.

“Vou voar até aquelas aves majestosas! Se me maltratarem, por ser feio e ter ousado me aproximar delas, azar. Prefiro ser morto por elas do que pinicado pelos patos, bicado pelas galinhas, chutado pela menina do galinheiro e ficar congelado no inverno!” Assim voou até o lago e nadou para junto dos formosos batendo as asas. “Matem-me se quiserem”, disse o pobre patinho, curvando a cabeça para superfície do lago, à espera da morte. E o que viu na água cristalina? Sua própria imagem refletida, só que não era mais um patinho cinzento, desengonçado e feio. Era um cisne!

Que importava ter nascido numa criação de patos, se o ovo de que saiu era um ovo de cisne!

Ele se sentiu recompensado por todos os sofrimentos e por toda a miséria que havia passado. Agora sim podia apreciar toda beleza do mundo, agora sabia o que era ser feliz! Os cisnes mais velhos nadavam em torno dele, acariciando-o com o bico.

Apareceram umas crianças, que jogaram pedacinhos de pão e grãos de trigo na água. A menorzinha exclamou: “Vejam, um novo!” as outras crianças também ficaram todas contentes ao vê-lo. “É mesmo, apareceu um novo cisne!” Elas batiam palmas e pulavam de alegria. Foram correndo chamar o pai e a mãe. Jogaram mais pedaços de pão e de biscoitos na água, e todos concordavam: “O novo cisne!” E os cisnes velhos o cumprimentaram, curvando o longo pescoço.

Ele se sentia tão tímido que escondeu a cabeça debaixo da asa, sem saber mais o que fazer. Estava muito feliz, mas sem um pingo de arrogância, porque quem tem bom coração arrogante não é. Lembrava-se de como tinha sido rejeitado e ridicularizado, e agora ouvia todos dizerem que ele era a mais linda de todas aquelas lindas aves! Até os lilases inclinavam seus galhos diante dele! Ele então se endireitou e exultou do fundo do coração: “Quando eu era um patinho feio, nunca imaginei que pudesse existir tanta felicidade assim”.

Bibliografia

ANDERSEN, Christian Andersen. **Meu 1º Larousse dos Contos de fadas**. tradução Eduardo Brandão. 2 ed. São Paulo: Larousse do Brasil, 2007.

ANEXO 7 – A Princesa da Ervilha – conto ouvido

Imaginem um príncipe que queria se casar, mas queria ter certeza de se casar com uma princesa de verdade. Correu então o mundo inteiro para encontrar uma, mas nunca se dava por satisfeito. Princesas é que não deixou de encontrar, mas seriam princesas mesmo? Disso ele nunca conseguia se convencer. Sempre descobria alguma coisa que o deixava em dúvida.

Acabou voltando para casa, triste e desanimado, quase perdendo a esperança de casar um dia.

Uma noite em que fazia um tempo horrível, com o céu coberto de pesadas nuvens negras, rasgado por raios e trovões, bateram à porta do castelo. Como ninguém teve coragem de atender, o velho rei foi em pessoa ver quem era.

Era uma princesa que batia. Que triste aspecto ela tinha, por causa daquela chuva! Seus cabelos ensopados escorriam nos ombros, seu vestido encharcado pingava sem parar. Ela não parava de espirrar e seus sapatos faziam floc, floc, a cada passo. Mas ela dizia ser filha de rei, ser uma princesa de verdade!

“É o que veremos!”, pensou a velha rainha. Ela mandou preparar o quarto de hóspedes para a moça tirando o colchão e pondo no estrado uma minúscula ervilha. Depois mandou empilhar vinte colchões em cima da ervilha e pôr vinte acolchoados de pena de ganso em cima dos colchões.

Era ali que a princesa passaria a noite. Na manhã seguinte, o jovem príncipe e sua mãe perguntaram a ela se tinha dormido bem.

“Dormi mal, muito mal!”, respondeu a princesa. “A noite toda quase não preguei os olhos! Não sei o que havia na cama. Devia ser alguma coisa dura, porque acordei com o corpo todo roxo!”

Ela tinha sentido a ervilha através de vinte colchões e vinte acolchoados! Isso provava que ela era uma princesa de verdade, pois só uma verdadeira princesa podia ter uma pele tão delicada.

Para grande alegria dos seus pais, o príncipe quis imediatamente se casar com ela, porque agora tinha certeza de ter encontrado a esposa que lhe convinha. Quanto à ervilha, foi para o museu da cidade, onde todos os súditos do rei puderam vê-la.

Ainda deve estar lá, se ninguém a pegou...

BIBLIOGRAFIA

ANDERSEN, Christian Andersen. **Meu 1º Larousse dos Contos de fadas**. tradução Eduardo Brandão. 2 ed. São Paulo: Larousse do Brasil, 2007.

ANEXO 8 - A Raposa e os Gansos – conto ouvido

Um dia a raposa foi cair no meio de um bando de gansos bem gorduchos e rechonchudos que iam atravessando um campo. A raposa soltou uma risada e disse:

- Vejam só! Cheguei na hora certa! Até parece que vocês mandaram me chamar, meus lindos, e que ficaram aí bonitinhos esperando eu chegar para comer todos vocês, um por um!

O bando inteiro começou a grasnar de pavor, espichando a cabeça, e foi uma verdadeira sinfonia de queixas e súplicas para que a raposa tivesse pena deles, para que desistisse de comê-los. A raposa não se comoveu nem um pouco com a choradeira.

- Não tem jeito – disse ela. – A hora de vocês chegou.

No fim, um dos gansos juntou toda a coragem que tinha e falou à raposa:

- Bom, já que você está dizendo que nós todos vamos morrer na flor da idade, infelizes gansos que somos, pelo menos nos conceda a graça que ninguém teria coragem de recusar a um outro ser. Deixe que a gente reze um pouco para não morrer sem pedir perdão pelos nossos pecados! Depois de rezar a gente faz uma fila bem organizada para você poder ir escolhendo quem está mais gordinho, quem está mais apetitoso, e ir comento quem lhe der vontade.

- Está bem – concordou a raposa. – O pedido é justo, a intenção é boa. Façam essa oração que vocês tanto querem fazer. Eu espero.

Ouvindo isso, o primeiro ganso começou a soltar seus cá-cá-cá numa lengalenga muito cumprida, que não acabava mais. Foi tanto cá-cá-cá tanto cá-cá-cá, uma coisa que dava a impressão de que não ia acabar nunca mais, que o segundo ganso não conseguiu esperar e começou a rezar também. Com o segundo ganso foi o mesmo cá-cá-cá numa lengalenga infinita. Depois chegou a vez do terceiro ganso, que também começou a rezar sem esperar sua vez. Depois foi o quarto. Finalmente, todos os gansos do bando rezavam e cacacavam juntos a lengalenga dos gansos.

(E quando eles acabarem de rezar vamos poder contar a vocês o fim da história. Por enquanto não dá, eles ainda estão rezando.)

BIBLIOGRAFIA

GRIMM, Jacob. **Contos de Grimm**. Tradução Heloisa Jahn.
Campanhia das letrinhas

ANEXO 9 – O Rei Barba Horrenda – conto ouvido

Um poderoso rei tinha uma filha muito bela, mas tão orgulhosa, arrogante e presunçosa, que nenhum dos príncipes que vinham pedir sua mão em casamento era suficientemente bom para ela, que apenas zombava deles.

Certa vez, o rei realizou uma grande festa e convidou todos seus pretendentes que se sentaram alinhados de acordo com sua classe: reis, príncipes, duques e condes. Entrou, então a princesa e passou por todos eles, mas ela tinha sempre alguma coisa depreciativa pra dizer de cada um. O primeiro era gordo demais: “Ele é redondo como um barril”, disse ela. O seguinte era alto demais: “Parece um poste!”, disse ela. O seguinte era baixo demais: “Que tampinha!”, disse ela. O quarto era pálido demais e ela o chamou de “Cara de parede caiada”. O quinto era vermelho demais, por isso ela o chamou de “Crista de galo”. O sexto não ficava suficientemente ereto, por isso ela disse que ele parecia um ramo verde largado para secar num forno de padaria. E assim a princesa tinha uma ofensa para lançar sobre qualquer um: mas ela riu especialmente de um bondoso rei que ali estava. “Olhem para ele”, disse ela, “sua barba parece um esfregão velho; ele será chamado de Barba Horrenda”. Desta forma, o rei ganhou o apelido de Barba Horrenda.

O velho rei ficou muito aborrecido com o comportamento da filha e o modo como maltratava todos seus convidados e ordenou que, querendo ou não, ela se casaria com o primeiro mendigo que batesse à porta.

Dois dias depois, apareceu por ali um músico ambulante que começou a cantar debaixo da janela, pedindo donativos. Quando o rei ouviu falar dele, disse, “tragam-no”. fizeram, entrar, então um rapaz andrajoso que, depois de ter cantado diante do rei e da princesa, pediu um donativo. Mas o rei disse, “Cantasse tão bem que te darei minha filha como esposa”. A princesa rogou e implorou, mas o rei disse, “Jurei entregar-te ao primeiro mendigo e cumprirei minha palavra. Palavras e lágrimas de nada valerão”. O pároco foi chamado e ela foi casada com o músico. Quando tudo terminou, o rei disse, “Agora prepara-te para partir; não poderás ficar aqui; terás que viajar com seu marido”.

E o pedinte partiu, levando-a consigo. Não demorou muito, chegaram a um grande bosque. “por favor”. Disse ela, “a quem pertence este bosque?” “Pertence ao

rei Barba Horrenda”. Respondeu ele. “Se o tivesse escolhido, tudo isto seria seu.” “Ah! Desgraçada infeliz que sou!”, suspirou ela. “Gostaria de ter desposado o rei Barba Horrenda.

Eles chegaram então a uma grande cidade. “De quem é esta esplêndida cidade?”, perguntou ela. “Pertence ao rei Barba Horrenda; se o tivesse escolhido, toda ela seria sua.” “Ah! Desgraçada miserável que sou!”, suspirou ela. “Por que não desposei o rei Barba Horrenda?” “O problema não é meu”, disse o músico. “Por que desejaria um outro marido? Não sou bom o suficiente para você?”

Finalmente eles chegaram a um casebre. “Que lugar sórdido!” disse ela. “A quem pertence este buraco sujo?” O músico respondeu, “Esta é a sua e a minha casa, onde nós iremos viver”. “Onde estão os empregados?”, gritou ela. “Para que empregados?”, disse ele. “Você terá que fazer o que tiver que ser feito. Agora acenda o fogo, coloque a água sobre ele e cozinhe minha ceia que estou muito cansado.”

Mas a princesa não entendia nada de acender fogo e cozinhar, e o mendigo foi obrigado a ajudá-la. Depois de terem comido uma refeição bem frugal, foram para a cama; mas o músico a chamou muito cedo pela manhã para limpar a casa. Assim viveram eles por dois dias, e quando terminaram de comer tudo que havia no casebre, o homem disse, “mulher, não podemos continuar assim, gastando dinheiro sem ganhar nada. Você precisa aprender a tecer cestos”. Então ele saiu, cortou ramos de salgueiro, trouxe-os para casa e ela começou a tecer: mas isto deixou seus dedos muito doloridos. “Vejo que este trabalho não servirá”, disse ele, “tente fiar; talvez faça isto melhor.” Ela então sentou-se e tentou fiar, mas os fios cortaram seus dedos delicados até sangrar. “Está vendo”, disse o músico, “você não serve para nada, não sabe fazer nenhum trabalho; que belo negócio eu fiz! No entanto, tentarei montar um negócio de vasilhas e panelas, e você ficará no mercado para vendê-las.” “Ai de mim!”. Suspirou a moça. “Quando estiver no mercado e algum cortesão de meu pai passar e me ver por ali, como vão rir de mim! Mas o mendigo não se importou com isto dizendo que ela teria que trabalhar para não morrer de fome.

No início, o negócio foi bem, pois muitas pessoas, vendo uma mulher tão linda, iam comprar suas louças e pagavam sem pensar em levar os produtos. Eles viveram disso enquanto durou. Depois seu marido comprou um lote novo de louça e ela sentou-se com as mercadorias num canto do mercado, mas um soldado bêbado

apareceu pouco depois e jogou o cavalo contra sua tenda quebrando todos os produtos em milhares de pedaços. Ela pôs-se a chorar sem saber o que fazer. “Ah! O que será de mim!, dizia. “O que dirá meu marido?” ela correu, então, para casa e contou-lhe tudo. “Quem iria pensar que você seria tão estúpida”. Disse ele, “a ponto de colocar uma tenda de louça no canto do mercado, onde todo mundo passa? Mas chega de choradeira; estou vendo que você não serve para esse tipo de trabalho, por isso fui até o palácio do rei e perguntei se não estão precisando de uma ajudante de cozinha, e eles prometeram aceitá-la; e ali você terá comida abundante.”

Assim, a princesa se tornou ajudante de cozinha auxiliando a cozinheira no trabalho mais sujo: permitiam-lhe que levasse para casa algumas sobras de comida, e com isto viveram ela e o marido.

Algum tempo depois, ela ouviu dizer que o filho mais velho do rei estaria passando por ali, a caminho de seu casamento, e ela foi espiar por uma janela. Estava tudo preparado e ali se via toda a pompa e o esplendor da corte. Então ela pensou, com o coração apertado, em seu próprio e triste destino, lamentando amargamente o orgulho e a loucura que a tinham levado tão a baixo. Os criados deram-lhe então alguns alimentos saborosos que ela colocou em seu cesto para levar para casa. De repente quando estava saindo, deu com o filho do rei entrando com suas vestes douradas e este, ao ver uma linda mulher à porta, pegou-a pela mão e disse que ela seria seu par na dança. Mas a moça estremeceu de medo, pois percebeu que aquele era o rei Barba Horrenda que estava zombando dela. Entretanto, ele a segurou com firmeza e a conduziu para dentro; mas a tampa do cesto abriu, espalhando todas as guloseimas pelo chão. Então todos riram e zombaram dela. A moça ficou tão envergonhada que gostaria de estar enterrada a mil metros de profundidade. Ela atirou-se em direção à porta para fugir, mas quando ia chegando nos degraus, o rei Barba Horrenda a alcançou e a trouxe de volta, dizendo, “Não tenhas medo! Sou o músico que viveu contigo no casebre: levei-a para lá porque te amava. Sou também o soldado que derrubou tua tenda. Fiz isto apenas para curar-te do orgulho e punir-te por me haver maltratado. Agora tudo terminou; aprendeste a sabedoria, teus erros se foram e chegou a hora de celebrar nossas bodas!”

Entraram então, os camareiros trazendo-lhe os mais belos vestidos. Seu pai com toda a corte já estavam ali e a felicitaram por seu casamento. A satisfação

brilhava em todas as faces. A festa foi magnífica e todos estavam alegres. Gostaria que você e eu estivéssemos ali.

BIBLIOGRAFIA

GRIMM, Jacob. **Contos de Fadas / Irmãos Grimm: Iluminuras**. Tradução: Celso M. Pacionik. São Paulo, 2007.

ANEXO 10 - O Ganso Dourado – conto ouvido

Era uma vez um homem que tinha três filhos. O mais novo chamava-se Pateta e em todas as oportunidades era desprezado e maltratado pela família inteira. Aconteceu que o mais velho pôs na cabeça de ir certo dia à floresta cortar lenha; e sua mãe deu-lhe um delicioso pastel de carne e uma garrafa de vinho para se refrescar durante o trabalho. Quando chegou na floresta um velhinho desejou-lhe bom dia e disse, “Dê-me um pedacinho de carne de seu prato e um pouco de vinho de sua garrafa; estou com muita fome e muita sede”. Mas este jovem esperto disse, “Dar-lhe minha carne e meu vinho! Não obrigado; não sobraria o suficiente para mim”; e seguiu em frente. Logo depois ele começou a cortar uma árvore, mas ainda não havia trabalhado muito quando errou o golpe, cortou-se e foi obrigado a voltar para casa e tratar do ferimento. Ora, fora o velhinho que lhe causara este infortúnio.

Em seguida, o segundo filho foi trabalhar e sua mãe deu-lhe um pastel de carne e uma garrafa de vinho. E o mesmo velhinho o encontrou também e pediu-lhe algo pra comer e beber. Mas ele também se considerava terrivelmente esperto e disse, “Tudo que você receber eu perderei; por isso, caia fora! O homenzinho cuidou que ele tivesse sua recompensa, e o segundo golpe que ele deu na árvore acertou-lhe a perna, de modo que ele também foi forçado a voltar para casa.

Então Pateta disse, “Pai, eu gostaria de ir cortar lenha também”. Mas o pai respondeu, “Seus dois irmãos se feriram; é melhor você ficar em casa pois não entende nada desse assunto”. Pateta insistiu tanto ate que seu pai falou, “Pois vá; você ficará mais sábio quando tiver sofrido com sua loucura”. E sua mãe deu-lhe apenas um pedaço de pão seco e uma garrafa de cerveja amarga, mas quando ele chegou à floresta, encontrou o velhinho que lhe disse, “Dê-me um pouco de carne e de bebida pois estou com fome e muita sede”. Pateta disse, “Só tenho pão seco e cerveja amarga; se isto lhe convier, nos sentaremos e comeremos juntos”.

Então os dois se sentaram e, quando o rapaz tirou seu pão, vejam! Ele havia se transformado num excelente pastel e sua cerveja amarga, num delicioso vinho. Eles comeram e beberam animadamente e quando terminaram, o homenzinho disse, “Como você tem um coração bondoso e aceitou dividir tudo comigo, vou lhe conceder uma graça. Ali está uma velha árvore; corte-a e encontrará algo em sua raiz”. E tendo assim falado, ele se despediu e foi embora.

Pateta pôs-se a trabalhar e cortou a árvore; e quando ela caiu, descobriu num vazio embaixo das raízes um ganso com penas de ouro puro. Ele o pegou e o levou a uma hospedaria onde pretendia dormir durante a noite. O hospedeiro tinha três filhas, e quando elas viram o ganso, ficaram muito curiosas para descobrir que ave maravilhosa era aquela, desejando muito arrancar uma pena de sua cauda. A mais velha finalmente disse, “Eu quero e vou conseguir uma pena”. Ela esperou até ele virar-se de costas e agarrou o ganso pela asa, mas, para o seu grande espanto, ficou presa, pois nem sua mão nem seu dedo conseguiam se desprender. Em seguida veio a segunda Irma decidida a pegar uma pena também, mas, no momento em que ela encostou na irmã, ficou presa também. Enfim veio a terceira e quis uma pena, mas as outras gritaram, “afaste-se! Pelo amor de Deus, afaste-se!” ela, porém, não entendeu o que as irmãs queriam dizer. “Se elas estão ali, pensou, posso perfeitamente estar ali também”. Então no momento em que tocou nas irmãs, ficou grudada no ganso também. E assim as três fizeram companhia ao ganso durante a noite toda.

Na manhã seguinte, Pateta colocou o ganso debaixo do braço e não reparou nas três irmãs grudadas atrás dele; e por onde ele ia, elas eram obrigadas a segui-lo quisessem ou não, o mais rápido que suas pernas pudessem carregá-las.

No meio de um campo, o vigário os encontrou, e vendo o grupo disse, “Vocês não tem vergonha, suas garotas impudentes, de correr atrás de um jovem dessa maneira pelos campos? Isto é lá um comportamento decente?” Então ele pegou a mais nova pela mão para puxá-la, mas, no momento em que tocou nela, também ficou preso e seguiu o grupo. Em seguida foi a vez de um clérigo, que quando viu seu mestre, o vigário, correndo atrás de três moças, ficou muito cismado e disse, “Ei! Ei! Vossa Reverendíssima! Para onde ides vós com tanta pressa? Temos um batismo hoje”. Então ele correu e segurou o vigário pela batina, e num instante estava preso também. Iam os cinco assim se arrastando um atrás do outro, quando encontraram dois trabalhadores com seus enxadões voltando do trabalho. O vigário gritou para eles virem libertá-lo. Mal o tocaram, porém, entraram também na fila formando sete, todos correndo atrás de Pateta e seu ganso.

Finalmente eles chegaram a uma cidade onde governava um rei que tinha uma única filha. A princesa era tão séria e pensativa, que ninguém conseguia fazê-la rir; e o rei havia proclamado para o mundo todo que quem a fizesse rir a receberia por esposa. Quando o jovem ouviu isto, foi ao seu encontro com seu ganso e todo o

grupo. Mal ela viu os sete presos uns aos outros, tropeçando, atropelando-se, cada um pisando no calcanhar do outro, não conseguiu se conter e caiu numa prolongada e sono gargalhada. Pateta pediu-a pois em casamento, as bodas foram celebradas e ele se tornou herdeiro do reino, onde viveu alegremente com a esposa muito tempo.

BIBLIOGRAFIA

GRIMM, Jacob. **Contos de Fadas / Irmãos Grimm: Iluminuras**. Tradução: Celso M. Pacionik. São Paulo, 2007.